



Imperdível para os fãs de WHITE LOTUS.
"Um viciante *thriller* de costumes. Delicioso!"
The New York Times

O VERÃO EM QUE TUDO CORREU MAL



Emma Rosenblum

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Imediatamente após a morte de JFK.

"Um pouco antes de entrar no túnel."

The New York Times

O VERÃO EM QUE TUDO CORREU MAL

1963

1963

Emma Rosenblum

O VERÃO EM QUE TUDO CORREU MAL

Tradução

Paula Lima

Ficha Técnica

Título: O Verão em que Tudo Correu Mal

Título original: Bad Summer People

Autor: Emma Rosenblum

Edição: Carmen Serrano

Tradução: Rita Lavos

Revisão: Catarina Sacramento

ISBN: 9789892361949

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 471 77 37

© 2023, Emma Rosenblum

© 2024, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Ficha Técnica

Prólogo

PARTE I

- 1 *Lauren Parker*
- 2 *Robert Heyworth*
- 3 *Rachel Woolf*
- 4 *Micah Holt*
- 5 *Jason Parker*
- 6 *Silvia Mabini*

PARTE II

- 7 *Lauren Parker*
- 8 *Beth Ledbetter*
- 9 *Sam Weinstein*
- 10 *Robert Heyworth*
- 11 *Paul Grobel*
- 12 *Jen Weinstein*
- 13 *Micah Holt*

PARTE III

- 14 *Rachel Woolf*
- 15 *Jason Parker*
- 16 *Lisa Metzner*
- 17 *Robert Heyworth*
- 18 *Micah Holt*
- 19 *Susan Steinhagen*

PARTE IV

- 20 *Jen Weinstein*
- 21 *Robert Heyworth*
- 22 *Larry Higgins*
- 23 *A tempestade*

PARTE V

24 *Lauren Parker*

25 *Lisa Metzner e Emily Grobel*

26 *Rachel Woolf*

27 *Jen Weinstein*

28 *Brian Metzner*

29 *Sam Weinstein e Jason Parker*

30 *Micah Holt*

Epílogo

Agradecimentos

A Monty, Sandy e Charles,
os meus veraneantes preferidos

Prólogo



Quem descobrira o corpo fora Danny Leavitt, uma criança de oito anos, desengonçada, e com uma grave alergia a amendoins. Era cedo, talvez 7h30, e tinha andado a percorrer a vila, na sua bicicleta preta Schwinn, à procura de caracóis depois da grande tempestade da noite anterior. Os passadiços estavam húmidos e escorregadios, repletos de folhas e de pequenos ramos que os ventos fortes haviam deitado ao chão. Não tinha sido uma tempestade tropical, mas quase: um *microburst*_[1] intenso que fustigara a ilha inesperadamente, tendo feito voar as mobílias dos terraços e causado alguns estragos em vários telhados da vila. A casa de Danny, situada na zona da praia, estava intacta e com a energia elétrica a funcionar, mas a mãe avisara-o para ter cuidado com os cabos de eletricidade que pudessem estar pelo chão.

Tinha andado de bicicleta durante cerca de dez minutos, do mar até à baía, junto ao passeio onde vivia, Surf. Decidiu então ir ver em que estado ficara o parque infantil, em Neptune Walk. Vindo de Surf, virou em Harbour, passou por Atlantic, Marine e Broadway e depois virou à esquerda, em Neptune. Reparou em algo que brilhava em frente da casa dos Cahull, um casal simpático com um filho pequeno, Archie. Desceu da sua Schwinn e viu uma bicicleta quase escondida na área de arbustos e canaviais, a cerca de um metro abaixo dos passadiços. Todos os passeios da vila haviam sido levantados depois das inundações provocadas pelo furacão Sandy, e o pai de Danny, juntamente com outros habitantes de Salcombe, achavam que tinham exagerado. Lembrava-se de o pai ter dito a resmungar: «Alguém pode partir o pescoço».

Danny achou que a bicicleta tivesse voado com o vento, por isso agarrou-a pelas rodas e puxou-a para cima do passadiço. Não foi tarefa fácil, uma vez que era uma bicicleta de adulto e ele era pequeno para a idade. Mas foi nesse momento que viu que a bicicleta estava a tapar outra coisa: uma pessoa em cima dos canaviais e com a cabeça virada para baixo. O corpo estava posicionado num ângulo estranho e não se mexia. Danny sentiu a garganta a apertar, quase como se tivesse comido um amendoim. Mas não comera, pois não? Correu em direção à casa dos Cahull e bateu à porta com

força, assustado e a tremer. Marina veio rapidamente, de pijama vestido e os óculos em cima do nariz, com Archie ao colo e um ar preocupado. Estava na fase final da gravidez.

– Danny Leavitt? Estás bem?

Danny teve dificuldade em falar.

– Está alguém lá fora no chão, acho que deve ter caído da bicicleta quando ia no passadiço. Não se mexe.

Marina pousou o filho no chão e chamou o marido, Mike.

– Entra. Eu e o Mike tratamos disso. Fica aqui.

Mike, em calças de fato de treino e com uma *T-shirt* de dormir amarrotada, passou por eles e saiu para ir ver a descoberta. Marina sorriu a Danny. Estiveram em silêncio uns minutos. Mike voltou a casa. Parecia tenso, como quando o pai de Danny tinha um mau dia no trabalho.

– Acompanha o Danny até casa dele e leva o Archie contigo. Não olhes para o corpo. Vou chamar a polícia. Ou alguém que ande por aí a que se possa chamar polícia.

O corpo? Danny só tinha ouvido essa expressão nos programas de televisão que os pais viam. Marina agarrou no filho, que estava inquieto, e conduziu Danny pelo passadiço até à sua bicicleta, desviando-o *do corpo*, agora que Danny pensava nisso. Disse-lhe que fosse para casa, pôs o filho na cadeira de criança da sua bicicleta e arrancou atrás dele.

Depois de tudo isto, Danny já não participou na parte emocionante, mas, ainda assim, falou com dois polícias (eram mesmo polícias verdadeiros, não eram?), contando-lhes o que encontrara e como. Os pais pareciam perturbados; depois de os polícias saírem, foram para o quarto falar baixinho, mas Danny ouviu-os.

– Rico serviço, agora vai ser o miúdo do «corpo morto». Toda a gente vai andar a falar dele em Dalton – comentou a mãe, Jessica.

– Pergunto-me se haverá alguma forma de processar a vila – disse o pai, Max. – Não pago dois milhões de dólares por uma casa de praia, mais cinquenta mil de impostos, para o meu filho encontrar um cadáver. Alguém precisa de pagar por isto.

Mas, acima de tudo, Danny sentia-se muito bem por ter descoberto a primeira vítima de assassinio em Salcombe. Tipo, de sempre! Estava ansioso por contar aos amigos no acampamento. Não era tão fixe?

[1] *Microburst* – fenómeno de reduzida escala espacial que consiste numa rajada de vento com um intenso movimento vertical descendente. (*N. da T.*)

PARTE I



26 de junho

Lauren Parker

Lauren Parker precisava desesperadamente de ter um grande verão. Aquele inverno tinha sido horrível. Em primeiro lugar, porque desde dezembro que estava um gelo e Lauren detestava frio. Mudar-se-ia para Miami, se pudesse – parece que toda a gente o estava a fazer –, mas o trabalho de Jason era em Nova Iorque e ele precisava de ir ocasionalmente ao escritório. Era o patrão, apesar de tudo («Se és o patrão, porque é que simplesmente não *anuncias* que te mudaste para a Florida?», Lauren ia perguntando. «Não vais lá durante o verão!», concluía. Mas nunca obteve uma boa resposta.)

Em segundo lugar, o estabelecimento de ensino que os filhos de Lauren frequentavam, a Escola de Braeburn, no Upper East Side, estava envolvido num escândalo e, durante meses, toda a gente num raio de vinte quarteirões falara nisso.

Começara em fevereiro, quando o conselho escolar recebera um *e-mail* sobre Mr. Whitney, respeitado diretor da Braeburn durante vinte anos e uma lenda naquela instituição. Era britânico, tinha mais de sessenta e cinco anos, gostava de usar laços e canetas de tinta permanente, e fizera com que aquele estabelecimento escolar subisse de nível, tornando-o um verdadeiro concorrente na área do ensino. A Braeburn era a escola favorita dos pais mais exigentes de Nova Iorque, incluindo os Parker, que se vangloriavam perante os seus amigos de como Mr. Whitney não cedia aos ventos da mudança social.

Portanto, quando o conselho recebeu o *e-mail* acusador, foi como se uma bomba tivesse explodido na esquina da Ninety-third Street com a Madison. Mr. Whitney não era quem dizia ser. Era uma fraude. Segundo aquele texto, amplamente reencaminhado, era um desistente da universidade local que há duas décadas falsificara o currículo para ser contratado, enganando a direção da Braeburn. Todos haviam sido intrujados por um vigarista, um tipo de Nova Jérsia que dizia ser oriundo de Inglaterra e que criara uma personagem de

modo particularmente engenhoso cujas vítimas eram os lorpas do Upper East Side obcecados por *status*.

A notícia espalhara-se e fora capa da revista *New York* («Como Francis Whitney enganou a classe mais alta de Nova Iorque»). Lauren e as outras mães suas amigas estavam muito perturbadas. Tinham-se empenhado para que os filhos tivessem um lugar na Braeburn. Gastaram cinquenta mil dólares para terem o privilégio de frequentar a escola. Como tudo se revelou uma fraude, e com o circuito das escolas privadas a rir da situação, sentiram aquilo como um verdadeiro golpe.

– Ainda não acredito que isto nos aconteceu – disse a suspirar Mimi Golden, uma amiga de Lauren. Estavam a tomar um copo de vinho no Felice, na Eighty-third Street. Mimi tinha vindo de retocar o Botox e a testa estava repleta de pontos vermelhos feitos pela agulha. – Não quero falar disto nem mais um segundo. Para a semana, vamos escapulir-nos para os Hamptons. Quando é que vão para Fire Island?

– No sábado – respondeu, Lauren. – O Jason tem andado com tanto trabalho, por isso ainda não tivemos oportunidade de voltar.

– Como vão as coisas entre vocês? – perguntou Mimi, olhando para Lauren com o que esta imaginou ser um «olhar preocupado», pois as toxinas botulínicas não o deixavam transparecer. Numa angariação de fundos, após três copos de vinho com o estômago vazio, Lauren mencionara que Jason a andava a ignorar. Desde então, Mimi tinha-lhe feito perguntas sobre esse assunto.

Lauren baixou os olhos para o copo de Chardonnay. Esforçava-se por manter uma imagem de perfeição e elegância; a desordem e vulnerabilidade eram fraquezas que deveriam ser evitadas. Mas aquele ano estava a ser especialmente mau e, pela primeira vez na vida, estava com dificuldades em manter a fachada.

– Bem, bem. Está tudo bem – respondeu Lauren, mudando de assunto. Mimi era divertida, mas não se podia confiar nela. – Também estou farta deste ano – continuou Lauren. – Preciso de me sentar na praia, ler um livro e nunca mais voltar a ouvir o termo *impostor*.

Ela e Jason tinham considerado tirar Arlo, de sete anos, e Amelie, de cinco, da Braeburn, mas o conselho conseguira salvar a reputação da escola contratando o diretor da Collegiate, Mr. Wolf, um veterano que trouxera influência e legitimidade. Nenhum dos pais se importou que o valor das propinas ficasse mais alto para cobrir o salário extremamente elevado de Mr. Wolf. Pagariam o que fosse necessário para que o pesadelo acabasse. Os Parker depositaram os valores do ano seguinte na Braeburn para que Arlo e Amelie se mantivessem lá. Tudo voltava a ficar bem no Upper East Side.

Em Nova Iorque, a temperatura tinha começado a subir e as túlipas já tinham florescido e murchado na Park Avenue. Lauren estava ansiosa por ir para a sua casa de praia, em Salcombe, em Fire Island, que estava vazia desde o último feriado do Dia do Trabalhador. (Salcombe, nome proveniente de uma

vila à beira-mar britânica, pronunciava-se «Soul-com», com *b* e *e* mudos. Os habitantes da cidade gostavam de quão requintado o nome soava e zombavam quando pessoas de fora se lhe referiam como «Sal-com-BE».) Os Parker costumavam ir para lá no final de abril, mas devido ao excesso de festas de aniversário e à agenda lotada de Jason no trabalho, não tinham conseguido ir antes. Lauren requisitara um serviço de limpeza na semana anterior ao regresso para se livrar do pó acumulado durante o inverno, para se certificar de que os pneus das bicicletas tinham ar e para desembalar as várias entregas que tinha encomendado na FreshDirect e Amazon, além de produtos da Agata & Valentina, nomeadamente queijos, azeitonas e carne.

Ficaram todo o verão; Jason costumava ir e vir aos fins de semana, mas a nova ordem mundial permitia que todos trabalhassem remotamente, por isso os pais estavam sempre presentes (um desenvolvimento com o qual as mulheres fingiam estar felizes). As crianças iam para o acampamento e Lauren passava os dias com as amigas entre a praia e os *courts* de ténis – na verdade, não havia mais nada para fazer. Também levaram Silvia, uma mulher filipina que criara os seus três filhos. Durante o resto do ano, Silvia trabalhava das 8h00 às 19h00, deslocando-se de casa para o trabalho, entre Queens e Manhattan e vice-versa. Por vezes, Lauren perguntava-se se Silvia, que conjugava perfeitamente a autossuficiência e a discricção, odiaria estar em Salcombe. Mas tê-la lá significava que estariam à vontade para fazer o que quisessem com os amigos e ter os seus próprios horários, não se preocupando com os pequenos-almoços, almoços e jantares dos filhos, nem mesmo aos fins de semana.

Na verdade, não fora Lauren quem escolhera comprar uma casa em Fire Island. Era uma coisa de Jason, aquela ilha, aquela pequena vila: Salcombe. O seu melhor amigo de infância, Sam Weinstein, crescera a passar os verões em Salcombe e Jason ia com ele, uma vez que era uma pessoa muito próxima de Sam, um filho único cujos pais estavam constantemente a terminar e a recomeçar a relação. Os rapazes tinham um grupo de amigos em Salcombe, e Sam e Jason continuaram a usar a casa mesmo depois de os pais de Sam decidirem, finalmente, separar-se e comprarem, cada um, outra casa de férias, nomeadamente nos Hamptons (o pai) e em Nantucket (a mãe). Sam e Jason passaram juntos muitos verões da adolescência na casa de Salcombe, a trabalhar como monitores do acampamento, a beber na praia à noite, a velejar e a virar o barco *Sunfish* apenas por diversão. Lauren conhecia todas essas histórias.

Vinte anos depois, Sam ainda conservava aquele espaço. Uma casa muito bonita com telhado *shingle* azul virada para a baía Great South e com a melhor vista da vila ao pôr do sol. Ele, a mulher e os três filhos, Lilly, Ross e Dara, iam para lá em junho e iam-se embora em setembro, tal como Lauren e Jason. Sam e Jason ainda eram os melhores amigos, embora Sam vivesse em Westchester (Scarsdale, uma cidade composta por pessoas que lutam para subir na vida, mas com as melhores escolas das redondezas) e Jason e Lauren

vivessem em Nova Iorque. Mas Salcombe continuava a ser o seu lugar especial.

Quando os seus filhos eram mais pequenos, e o emprego de Jason começara a prosperar, ele começara a falar em procurar uma casa para comprar em Salcombe. Lauren passara a década dos seus vinte anos em festas nos Hamptons e todas as suas amigas começavam a assentar, comprando casas em frente ao mar em East Hampton, Amagansett e Sag Harbor. Ela resistira à ideia. Porque haveria de ficar presa todo o verão em Fire Island, onde não conhecia ninguém?

Na altura em que viviam numa casa modesta de três assoalhadas, na esquina da Eighty-eighth Street com a Third Avenue (depois disso, mudar-se-iam mais duas vezes, a última elevando a fasquia para cinco assoalhadas, em Park), haviam tido uma discussão sobre este assunto depois de os filhos terem ido dormir.

– Sinto que me estás a obrigar a fazer algo que não quero fazer – dissera-lhe Lauren.

– Lauren, ouve-te – dissera Jason, calmamente. Irritava-a quando ele reagia com calma à sua raiva. – Estou a dizer que podemos comprar uma casa de férias! O meu único pedido é que seja na vila onde cresci. Os miúdos vão adorar, tenho a certeza.

– Não foste *tu* que crescestes lá – ripostara. – Foi o Sam, tu eras apenas um convidado.

– Lauren, os Hamptons são um pesadelo. Sabes disso. As enchentes de gente, os preços dos restaurantes excessivamente altos, o trânsito até lá chegar. São como as piores partes do Upper East Side a uma distância de três horas para leste. Quatro, se se apanhar a autoestrada de Long Island.

– Sim, eu sei como são os Hamptons; já lá estive milhares de vezes. Também já passei verões contigo, com o Sam e com a Jen em Fire Island. É um lugar que me aborrece! O que é que tenho para fazer durante o dia?

– Vais descobrir – respondera Jason. – Podes jogar ténis, fazer amigos. As pessoas que têm casas em Salcombe são tão ricas e poderosas quanto os teus amigos dos Hamptons. Simplesmente não usam sapatos.

Lauren sabia que não ia conseguir argumentar, mesmo antes de começar. E sabia que estava a ter uma atitude de menina mimada. Mas finalmente tinha conseguido encontrar uma comunidade no local onde morava; naquela altura, Arlo estava no infantário, na Braeburn, e Amelie no jardim de infância, na escola da Brick Church. O pensamento de que todas as suas amigas mães iam estar juntas no verão sem ela deixava-a ansiosa e com inveja, e odiava que Jason a provocasse em relação a essa questão. «Tens de parar de fazer coisas só porque toda a gente as faz», dissera ele, depois de Lauren ter insistido em passar férias naquele lugar específico em St. Barts, ou por querer contratar o tutor mais procurado, ou por querer fazer parte do clube de golfe em Westchester ao qual pertencia a maioria dos pais de alunos da Braeburn. Jason não era propriamente um renegado. Crescera no Upper East Side e voltara

para Nova Iorque depois da universidade, trabalhava na área financeira e usava as mesmas camisas da Brooks Brothers, tal como os outros pais. Com que legitimidade ele dizia que ela era um carneirinho igual aos outros? Nesse ano, Jason recebera um prémio de valor muito elevado, por isso o assunto ficara encerrado. Tinham comprado uma casa esplendorosa à beira-mar, de estilo moderno invertido, em Salcombe. Lauren fingira estar feliz. E embora nunca o tivesse admitido em voz alta, Jason tinha razão: ela agora adorava estar lá.

Fire Island era apenas uma porção estreita de terra na costa sul de Long Island. Uma ilha-barreira flanqueada de um lado pela baía Great South e pelo oceano Atlântico, do outro. Tinha aproximadamente cinquenta quilómetros de extensão – o seu ponto mais largo, que por acaso era Salcombe, não chegava a um quilómetro. A ilha era composta por pequenas vilas, sendo as mais conhecidas Cherry Grove e Fire Island Pines. Caso não se fosse de Nova Iorque e se já se tivesse ouvido falar de Fire Island, seria com certeza pelo facto de a ilha ser considerada um local de festas *gay* masculinas, um refúgio de verão selvagem repleto de homossexuais em forma.

Cada comunidade em Fire Island tinha a sua própria linha de *ferry* a partir do continente – a única forma de chegar lá, uma vez que não eram permitidos carros na ilha – assim como a sua própria personalidade. Ocean Beach era uma vila fervilhante com restaurantes, bares e multidões de pessoas na casa dos vinte anos que vinham da cidade e que partilhavam casas. Point O’Woods era um lugarejo exclusivo com grandes casas que passavam de geração em geração (os judeus não eram permitidos). E depois havia Salcombe, um pequeno lugar familiar com uma mistura de judeus, WASP^[1] e católicos, pessoas comuns com sucesso e um estilo discreto estudado. Como o resto da ilha, Salcombe tinha 99% de pessoas brancas. (De facto, Lauren conhecia apenas numa única pessoa negra ali e que, como ela, também frequentava a vila por via do casamento.)

Salcombe era uma vila constituída por cerca de quatrocentas casas, algumas eram pequenas habitações de férias tradicionais construídas por volta de 1920; outras, como a de Lauren, casas de praia com uma construção nova, moderna, que tinham espaços amplos e terraços na parte de cima com vista para o mar. Todos se conheciam (e todos sabiam o que se passava uns com os outros). Havia pessoas com cerca de oitenta anos que iam para Salcombe há cinquenta, os seus filhos adultos que tinham ido para lá desde sempre e ainda os netos, que era quem agora usufruía das aulas de vela no acampamento. Fosse pela forma do nariz, fosse pela maneira como o cabelo caía na testa, conseguia-se logo identificar a que familiares pertencia a criança que brincava no parque infantil. Ou à família Rapner, ou à família Metzener, ou, Deus nos livre, ao clã Longeran. A vila tinha uma rede de passadiços que ligava os percursos entre a praia e a baía. Toda a gente andava de bicicleta – essas coisas enferrujadas, que cham – para se dirigir a algum sítio. Não havia mais nenhuma hipótese. Uma volta de bicicleta de um lado da baía da ilha até à

praia demorava menos de cinco minutos. Como não havia carros, apenas uma carrinha da vila que transportava mercadoria e recolhia lixo, crianças de sete e oito anos circulavam livremente e passeavam sozinhas, iam de bicicleta às casas umas das outras ou levavam canas de pesca para o cais, sempre sem os pais por perto.

Salcombe tinha uma loja generalista, referida como «a loja», com produtos básicos e alimentos preparados que cobrava o dobro do valor que se pagaria fora da ilha. Durante anos, a loja mantivera os habitantes reféns dos seus preços exorbitantes, mas agora os supermercados faziam entregas no *ferry* e, por isso, era possível abastecer a casa a um custo razoável, que foi o que Lauren e o seu grupo fizeram. Havia uma loja de bebidas ao lado, um pequeno espaço essencialmente com garrafas de vinho e de *vodka*, para aqueles que não tinham tido a clarividência de trazer da cidade álcool que chegasse. Down Broadway, a via do passadiço principal, tinha um pequeno edifício público branco, construído em madeira, e, ao lado, uma biblioteca que cheirava a carvalho e a pó, com livros de verão usados e livros infantis das décadas de setenta e oitenta. Um bocadinho mais afastado do caminho para a praia, havia um campo de beisebol que, aos fins de semana, recebia uma liga de *softball* de adultos entusiasmados e, durante a semana, o acampamento das crianças. Ao lado do campo ficava um pequeno parque infantil com um escorrega e barras titubeantes, que não estavam com certeza de acordo com as atuais normas de segurança, e uma instalação com baloiços que rangiam a cada empurrão.

A outra única área comum na vila, a verdadeira área comum, era o clube naval de Salcombe, que se situava na baía, muito próximo do cais do *ferry*. «Clube naval» era claramente um exagero. Consistia numa pequena marina com cerca de vinte lugares para atracar os barcos à vela e a motor, juntamente com uma pequena área de praia para caiaques e *Hobie Cats*. O edifício principal do clube naval situava-se do outro lado do passadiço e era parecido com uma grande casa de praia, com dois espaços no interior: um restaurante com um bar em frente e, nas traseiras, um amplo recinto aberto com um pequeno palco, uma mesa de bilhar e espaço suficiente para crianças pequenas andarem a correr enquanto os pais jantavam. Também havia um terraço no exterior, virado para a baía, perfeito para tomar uma bebida ao pôr do sol. Havia cinco *courts* de ténis de terra batida com relva sintética por detrás do edifício, quatro estavam alinhados em pares e o restante, mais isolado, ficava perto do clube. No geral, era um aparato muito pouco convincente para algo desse género, mas estava de acordo com a elegância pirosa de Salcombe. Todas as noites se juntava uma multidão para jantar e conviver e, durante o dia, para jogar ténis e trocar mexericos. E Lauren estava contente por contar às amigas da cidade que frequentara um «clube naval» durante todo o verão. Elas que pensassem o que quisessem.

Era agora final de junho, e Lauren estava finalmente sentada num banco de cor azul, na parte de cima do *ferry Fire Island Queen*, a caminho de

Salcombe. Tinha passado a semana anterior em Nova Iorque a tratar de assuntos relacionados com as mudanças do ano letivo dos filhos, a arranjar o cabelo no salão de Sally Hershberger, a fazer a depilação e a manicura, e também se tinha encontrado com as amigas para brindar a «até setembro». O sol brilhava sobre a baía Great South e o farol preto e branco de Fire Island erguia-se ao longe como se estivesse a dar as boas-vindas aos Parker pelo regresso à sua casa de praia. Arlo mexia no *iPad* junto de Lauren, e Amelie e Jason estavam sentados atrás deles. Amelie tinha encontrado uma amiguinha, Myrna, e pediu para que fizessem a viagem juntas. Lauren ouvia-as falar sobre os nomes das professoras e quais os animais preferidos, conversas habituais de crianças de cinco anos.

Lauren fechou os olhos atrás dos óculos de sol Tom Ford. Sentiu uma brisa a agitar-lhe o cabelo pelos ombros com madeixas loiras recentemente retocadas. Ouviu Jason dizer «olá» a Brian Metzner, pai de Myrna, que se sentou junto dele.

– Então, meu, como é que estás? – perguntou Brian, dando uma pancadinha em jeito de cumprimento nas costas de Jason.

– Tudo bem – respondeu Jason. – Como passaram o inverno? Sempre conseguiram ir a Aspen este ano?

Brian era um tipo corpulento que vestia camisas axadrezadas esticadas na zona da barriga. Rapara o cabelo quando começou a ficar careca, pelos seus vinte anos. Era um gestor de investimentos de sucesso e, independentemente do tema da conversa, conseguia introduzir sempre termos da área financeira.

– Bem, eh pá, arrasámos em Aspen – disse Brian. – Houve uma altura em que pensámos que estávamos aquém das expectativas, especialmente com a Myrna, mas fizemos com que ela subisse de nível e se preparasse. No final da viagem, já ia na pista do diamante negro numa alta execução, meu.

– Isso é espetacular – comentou Jason, categoricamente. Lauren sabia que ele temia as longas conversas da viagem de barco. Jason e Sam toleravam Brian, mas não gostavam dele. Perguntava-se onde estaria Lisa, a mulher de Brian. Lauren e Lisa eram amigas – todos viviam no Upper East Side –, mas os filhos deles andavam numa escola diferente (Horace Mann, a caminho do Bronx), por isso trocavam boatos por SMS ocasionalmente, ou enviavam mensagens privadas sobre fotografias do Instagram em que pessoas suas conhecidas pareciam mais gordas ou mais velhas. Lisa estava a «estudar» para ser *life coach*, uma carreira atualmente em voga para mães e donas de casa e que outrora teriam querido ser decoradoras de interiores ou *designers* de malas. Lauren achava ridículo – que conselhos Lisa poderia dar? Casar com homens ricos? Tirou da sua mala Celine os *AirPods* para «desligar» a conversa de Brian e Jason e ouvir um *podcast* sobre crimes reais. Sentiu um toque no ombro antes de os colocar nos ouvidos.

– Lauren, oh, meu Deus, olá! Adoro o teu cabelo!

Quem estava de pé ao seu lado era Rachel Woolf, uma residente de

Salcombe de longa data que se aproximara de Lauren à força quando esta chegou. A família de Rachel tinha uma casa junto do clube naval e ela herdara-a aquando da morte da mãe, há uns anos (o pai tinha morrido num acidente rodoviário quando ela acabara de fazer dez anos). Rachel era a detentora do título de rainha da vila no que dizia respeito a coscuvilhices. Desde ter um caso com alguém a ter um novo parceiro de ténis, não era possível fazer nada sem que ela não o soubesse. Tinha quarenta e dois anos e continuava solteira e infeliz, embora tivesse andado com metade da vila quando era jovem. Lauren achava que, a dada altura, ela dormira com Jason, mas se isso de facto acontecera, não queria saber.

Rachel era magra, quase demasiado magra, com cabelo castanho liso e olhos azuis esbugalhados. Alguns homens consideravam-na bonita, naquele sentido bonito de cachorrinho, eventualmente, mas Lauren não concordava. Mesmo que não quisesse ser sua amiga, que muitas vezes não queria, ela era uma pessoa impossível de evitar. Rachel organizava muitas festas e frequentava as restantes: era mesmo necessário parte do seu núcleo se se quisesse ter vida social, ou algo do género, em Salcombe. Lauren bateu levemente no assento do banco a seu lado num gesto para Rachel se sentar.

– Como passaste o inverno? – perguntou Lauren enquanto Rachel se acomodava e empurrava para debaixo do banco a mala de viagem com o monograma da L.L. Bean. Rachel estava embaraçosamente fora de moda. – Tens vindo cá com frequência?

Embora quase todos os moradores de Salcombe vivessem em Nova Iorque, raramente se viam fora dos seus limites. As relações entre as pessoas da vila aconteciam essencialmente entre junho e setembro, mantendo-se assim através de um pacto não verbalizado. Rachel vivia em Manhattan a cerca de dez quarteirões de Lauren e Jason, mas Lauren nunca socializava com ela na cidade. A sua amizade só existia nesta bolha específica.

– Bem! Quero dizer, mais ou menos. Namorei com um tipo durante cerca de seis meses. Divorciado, advogado, dois filhos. Mas terminámos o mês passado. Ele não se queria casar novamente e, bom, tu sabes o que penso acerca disso – disse Rachel.

Lauren sabia.

– E tu? – continuou Rachel. – Li aquele artigo sobre a escola dos vossos filhos, na revista *New York*. Que pesadelo.

Lauren encolheu-se perante o pensamento de que a nódoa da Braeburn já tinha chegado tão longe, até a Rachel Woolf, que nem sequer tinha filhos.

– E foi – disse Lauren. – Felizmente já passou. Já temos outro diretor, Mr. Wolf, que foi previamente escrutinado, e a escola está agora em boas mãos.

O barco prosseguia o seu caminho de forma compassada pela esteira das ondas. A viagem de *ferry* durava cerca de vinte minutos saindo de Bay Shore, em Long Island, até Salcombe, exatamente o tempo necessário para desligar da cidade e entrar no modo praia. Brian ainda estava a tagarelar sobre as férias

de esqui da família, Lauren virou-se para trás para observar Amelie e viu que ela exibia um ar satisfeito por estar em silêncio a ouvir Myrna a falar sobre nada. Tal pai, tal filha.

Rachel estava a olhar para o telefone; Lauren reparou que usava uma aplicação de encontros – caras sorridentes de homens – imediatamente antes de ela o guardar.

– Tens jogado ténis? – perguntou Rachel. Embora ela não fosse muito boa, levava o ténis a sério e era muito competitiva, e precisava sempre de saber quem é que andava a jogar ténis durante o inverno e durante quanto tempo. O clube naval tinha torneios de pares anuais para os seus membros, e Rachel estava determinada em ganhar todos os anos. Juntamente com a sua parceira, Emily Grobel, chegavam habitualmente até às semifinais ou finais, antes de serem destronadas por alguma equipa mais forte. Lauren não era uma jogadora excecional, mas também não era terrível. Fizera parte da equipa do liceu e tinha um *backhand* decente e um *lob* espantoso. Rachel, que jogava durante todo o ano, ficava ressentida por Lauren só pegar numa raqueta de vez em quando e conseguir jogar ao seu nível.

– Nem por isso – respondeu Lauren, com sinceridade. Este ano tinha-se dedicado totalmente ao método de Tracy Anderson, arrastando-se até um estúdio no centro da cidade para o praticar, deixando por isso de ter tempo para se juntar à sua liga habitual, na Ilha Roosevelt. – Mas pretendo fazer algumas aulas esta semana antes de começar mesmo a jogar.

– O clube tem um novo professor – comentou Rachel. – Tive uma aula com ele na semana passada. Chama-se Robert e é muito atraente.

– Quem é que é muito atraente? – perguntou Brian, depois de as ter ouvido durante uma breve pausa no seu monólogo.

– Tu, claro – respondeu Rachel com um risinho. Todas as mulheres odiavam o facto de Rachel namoriscar com os maridos delas, mas nunca ninguém o tinha expressado verbalmente.

– Sim, tenho treinado para maximizar os lucros do corpo e investir em mim – disse Brian. Lauren não teve a certeza se ele tinha percebido que Rachel estava a brincar. Voltou-se novamente na direção de Jason, encetando novo monólogo sobre a sua obsessão com a bicicleta ergométrica Peloton.

– O professor estava num clube privado de luxo na Florida antes de vir para aqui. Não estou muito certa do que cá vem fazer, mas vai ter sucesso garantido entre as mulheres – afirmou Rachel. – Além disso, já me ajudou a melhorar os serviços desajeitados – concluiu. Ela era conhecida pelos serviços desajeitados e invulgares.

– Estou ansiosa por conhecê-lo – disse Lauren, aborrecida com a conversa. Porque é que Rachel a aborrecia tanto? Se não tinha estômago sequer para uma viagem de barco, como é que ia aguentar o verão todo? Rachel pressentiu o desinteresse e lançou um pequeno mexerico para voltar a captar a sua atenção.

– Soubeste o que se passou com os Oberman? – Rachel inclinou-se para

mais perto de Lauren, baixando a voz.

Lauren abanou a cabeça.

– Vão separar-se. Aparentemente, a Jeanette apanhou o Greg a ter um caso com a pessoa que levava o cão a passear.

– A pessoa que contrataram para levar o cão a passear? Que estranho – comentou Lauren.

– Penso que ela também quer ser atriz – disse Rachel. – De qualquer modo, a Jeanette estará aqui com os miúdos, mas o Greg vai passar o verão no exílio. Está a tentar resolver as coisas, mas a Jeanette não quer nada com ele – afirmou. Lauren sempre achara que Jeanette e Greg se odiavam. Devia ter razão.

O barco deu uma guinada para atracar no cais de Salcombe que, com cem metros de comprimento, se estendia a partir da baía e fora construído com o mesmo material dos passadiços que ligavam a vila. Na extremidade do cais, estavam filas de carrinhos à moda antiga à espera de que os seus proprietários os enchessem com os abastecimentos para o verão. Lauren sentiu-se aliviada. Conseguiu chegar.

Tirou o *iPad* das mãos de Arlo. («Mãe! Ainda não acabei!») Jason ajudou com Amelie e com resto da bagagem. A vista da parte de cima do barco cobria toda a linha costeira de Salcombe, incluindo a área de praia da baía – um quadrado de areia e uma cadeira de nadador-salvador, um espaço perfeito para as crianças pequenas terem aulas de natação e apanharem caranguejos e algas marinhas – além do clube naval e das casas circundantes de frente para a baía. As pessoas puxavam os carrinhos e andavam de bicicleta, e uma pequena multidão juntou-se para dar as boas-vindas aos recém-chegados. Este cenário podia ter sido em 1960, 1990 ou 2022. Era o que Jason dizia ser aquilo de que mais gostava: a sensação de intemporalidade, de que nada mudara, de que o mundo moderno não existia. Estava tudo bem para Lauren, desde que tivessem internet rápida e boa transmissão de televisão por satélite.

– Esta noite vou receber algumas pessoas para tomarmos um copo – disse Rachel assim que desembarcaram. – Estão livres?

– Claro – assentiu Lauren. – Parece-me muito bem – rematou. Porque não arrancar logo na primeira noite o penso rápido de Salcombe? Silvia chegaria no barco seguinte e Lauren teria sempre de o fazer, de qualquer maneira. Assim que puseram os pés fora do cais, Rachel puxou com força o braço de Lauren.

– Olha! Está ali o professor, o Robert – disse num sussurro alto ao ouvido de Lauren. Rachel apoiou ligeiramente a mão na cabeça de Lauren e virou-a na direção de um homem que estava em frente, carregado com dois sacos de pano cheios de produtos de mercearia e vestido com um polo branco e calções caqui. Lauren só conseguia vê-lo de costas. Tinha mais ou menos a altura de Jason, talvez um metro e oitenta, e o cabelo castanho-claro cortado muito curto. Caminhava como um atleta, com controlo total sobre o próprio

corpo. Lauren reparou em como as suas pernas estavam bem bronzeadas. Alguém o chamou para lhe dizer olá – Rachel não conseguiu perceber quem – e ele virou-se para ver quem o estava a cumprimentar. Mas foi com Lauren que cruzou o olhar, com os seus olhos azuis profundos, um nariz reto e um sorriso com dentes perfeitamente brancos. Ela desviou logo os olhos, fazendo de conta que procurava algo na mala, e ele desceu pelo cais em direção ao clube naval.

– Vês, eu disse-te que era muito atraente – disse Rachel com um risinho.
– Ele vai a minha casa hoje à noite, podemos namoriscar com ele nessa altura.

Lauren sentiu-se a ruborizar. Na brincadeira, revirou os olhos para Rachel e começou a pensar no que haveria de levar vestido mais tarde.

^[1] Acrónimo para *white anglo-saxon protestants* – protestantes anglo-saxões brancos.
(N. da T.)

Robert Heyworth

Robert Heyworth não era tão rico como aparentava. Crescera em Tampa e era o último de uma família com três filhos muito atléticos. Mack, o irmão mais velho, tinha jogado beisebol numa liga secundária e Charlie, o irmão do meio, fizera atletismo na Universidade da Florida. Mack era agora empreiteiro, casado e com duas meninas, e Charlie, corretor hipotecário, casado, com um filho e uma bebé a caminho. Ainda viviam em Tampa, perto da mãe, uma professora reformada. O pai, tão bem-parecido quanto os filhos, tinha sido polícia. Todos os rapazes eram bonitos – altos, magros e com olhos brilhantes.

A casa de Robert era bem arranjada, o tipo de casas típicas dos ranchos, com tetos baixos, paredes brancas e palmeiras na parte da frente, e que tinha no final da rua campos públicos de ténis. Havia sido sempre esse o seu maior interesse e ia jogar todos os dias com quem lá estivesse. Quando tinha nove anos, um treinador que ensinava uma criança rica da zona reparara no talento de Robert e recrutara-o para sessões de aulas diárias depois de a escola terminar. Oferecera um grande desconto aos pais dele e a partir daí fora absorvido pelo circuito de ténis, competindo nos torneios da Associação de Ténis dos EUA por todo o estado, com a mãe sempre a acompanhá-lo. Todos os seus amigos tinham sido pessoas que conhecera no ténis, assim como todas as namoradas que teve enquanto andava na escola. Só pensava em ténis, às vezes pensava nos trabalhos da escola e pensava constantemente em sexo. No apogeu dos seus dezassete anos, ficara em terceiro lugar no grupo da sua idade, na Florida. Foi bom, sim, mas não o suficiente para se tornar profissional. Curiosamente, Robert estava otimista. Tinha ouvido muitas histórias acerca de atletas da Associação de Profissionais de Ténis que pagavam para perder torneios mundiais por não quererem aquele tipo de vida. Sempre vira o ténis como um meio para um fim, uma via para sair da sua vida de classe média. Achava que os irmãos eram estúpidos por terem escolhido as corridas e o beisebol (achava que eram estúpidos também por outros

motivos); as pessoas que jogavam ténis tinham *dinheiro*. Não lhe interessava ser polícia como o pai. Adorava os pais, mas sentia que estava num patamar acima em relação à família. Era tão bonito, um desportista muito talentoso, um jovem que caminhava com tanta graciosidade. Sempre pensou que estava destinado a uma vida melhor.

No entanto, depois de se ter graduado em Stanford com uma bolsa que lhe cobrira todas as despesas, sentira-se perdido. Com vários recordes mistos, posicionado em quinto lugar no *ranking* dos singulares e com a relação com Julie Depfee recentemente terminada, pensara: e agora? Não sabia fazer mais nada além de jogar ténis. Tinha amigos cujos pais ocupavam lugares de poder nas suas empresas e, se ele quisesse, podia trabalhar para eles. Caso contrário, a especialização em História era só uma piada no sentido de retirar daí algo lucrativo. Pensava que o facto de ter andado em Stanford lhe garantia um bilhete dourado, mas não o tinha capitalizado suficientemente, pois estava totalmente focado em jogar ténis, ténis, ténis. E depois tinha acabado. Aparentemente, era tão estúpido quanto os seus irmãos. Este pensamento causava-lhe uma dor física.

Conhecera Julie quando ambos frequentavam o segundo ano. Namoraram durante dois anos, tempo no qual Robert fora exposto a um tipo de riqueza desconhecido por pessoas cujo único destino de férias possível era a Disney World. O pai de Julie era um tipo que investira logo ao início na PayPal, LinkedIn, Uber, etc. Tinham casas em Atherton, nos Hamptons e Sun Valley, e apartamentos em Londres e Paris, voavam em jatos privados e tinham uma equipa a trabalhar para eles. Julie era bonita, loura e elegante. Robert era um íman para as raparigas – e para os homens – e nunca teve problemas em arranjar namoradas. Não era só a cara e o corpo, também era bem-disposto e de trato fácil. E sabia como olhar para as pessoas, realmente *olhar*, de forma a deixá-las derretidas. Mas até ele próprio ficara surpreendido pelo modo como Julie quis incluí-lo no seu mundo para garantir que lhe pertencia. Ela não estava ao alcance de todos.

Viram-se pela primeira vez numa festa privada, à qual Robert havia ido excecionalmente. Por não poder beber durante a temporada dos jogos de ténis, achava que não fazia sentido frequentar esses eventos; no entanto, tinha sido arrastado pelo colega de casa, Todd, que lhe prometera uma festa frequentada por gente exclusiva, os miúdos ricos. (Stanford estava repleta de estudantes ricos, mas estes eram os miúdos *ricos*.) Julie estava lá com o seu grupo de amigas, fotocópias umas das outras, mas não tão bonitas como ela, e quando eles começaram a falar, aliás, quando ela começou a falar, Robert ficara imediatamente encantado. Dormiram juntos nessa noite, numa casa fora do *campus* universitário muito melhor do que aquela onde Robert crescera. Desde esse momento que nunca mais se largaram. Julie ia assistir aos seus jogos e ele ia passar férias e fins de semana com ela. Passavam os verões de forma indolente na casa dos pais dela, nos Hamptons, na piscina e a jantar fora com o cartão de crédito do pai de Julie, até Robert ter de voltar para a

Califórnia, onde treinava antes das temporadas dos jogos.

Robert achava que iriam casar. Sabia que era uma ideia estúpida, pois só tinham vinte e um anos, mas ele adorava estar com ela e, mais importante, adorava a vida que ela tinha. Era tão fácil, adaptara-se tão bem aos amigos e à família. A maioria deles não conhecia as suas origens modestas. Era um garboso jogador de ténis em Stanford – as pessoas que pensassem o que quisessem. E Julie gostava do facto de ele pertencer à classe média, achava isso *interessante*; contudo, nunca conhecera a família de Robert, uma vez que ele nunca a levaria a sua casa de maneira nenhuma. Seria demasiado embaraçoso.

No final do último ano, quando se apercebera de que os amigos, ou já tinham um emprego garantido na banca, ou iam estudar Medicina ou Direito, ou iam trabalhar para a Google ou para a Apple, começou a pensar que deveria ter projetado a sua carreira além do ténis. Julie planeava mudar-se para Nova Iorque e estagiar numa galeria de arte, cujo dono era amigo da mãe. Achava que o pai talvez pudesse atribuir um cargo a Robert para executar alguma função na alta finança, embora ele fosse completamente desajustado para qualquer posição desse tipo.

– Durante um ano, podemos viver no apartamento dos meus pais – dissera Julie. Estavam a jantar *sushi* num bom restaurante fora do *campus*. Como habitualmente, seria ela a pagar a conta. Robert acabara de ter uma conversa tensa com o pai, que o tinha advertido de como estava a contar demasiado com a sua «namorada rica». Ele desligara a chamada com uma sensação esquisita na barriga. Em certa medida, estava consciente de que o pai tinha razão, mas não sabia fazer as coisas de outra forma.

– Não sei – respondera Robert, observando Julie enquanto ela levava uma peça inteira de atum picante à sua boca delicada. – O John Badner vai mudar-se para LA durante um ano para dar aulas de ténis num clube. Disse-me que, se eu quisesse, me arranjava trabalho lá. Parece que há muitas celebridades que frequentam esse clube e já agendou uma aula com o Ashton Kutcher.

Julie encarara-o com um rolinho de salmão suspenso entre o prato e a boca.

– O Ashton Kutcher? Credo. Mas porquê? Porque é que não vens comigo para Nova Iorque e arranjas um trabalho a sério?

– Isto é um trabalho a sério – respondera Robert, defensivo. – Se calhar, não preciso da ajuda do teu pai – afirmara. Não sabia porque dissera aquilo; não queria dizer aquilo, pois não? Mas assim que proferiu tais palavras, já não era possível voltar atrás.

Saíram do restaurante amuados, sem dar as mãos no caminho de regresso a casa de Julie. Abrira-se um fosso entre eles e Robert teve a certeza de que nada voltaria a ser como dantes.

Estava a pensar nessa conversa enquanto ia sentado na parte de cima do *ferry* a caminho de Salcombe, a vila adormecida com praia em Fire Island

onde ia trabalhar neste verão. Há onze anos que se separara de Julie e fora trabalhar com John Badner para Los Angeles como professor no clube privado de Brentwood. Ficara em LA durante oito anos, com clientes regulares que eram atores, realizadores de cinema e agentes importantes. Ganhara bom dinheiro em relação ao sítio de onde vinha, algumas centenas de milhares por ano. Os seus pais estavam muito longe de ter ganhado isso. E conseguira-o jogando em campos de ténis privados deslumbrantes, ensinando as crias das celebridades, crianças travessas que não faziam uma boa jogada nem que as suas vidas dependessem disso. As mulheres em LA eram bonitas e disponíveis, e passara os seus vinte anos a dormir com muitas. Eram filhas adultas de clientes seus, ou aspirantes a atrizes que trabalhavam como empregadas de mesa, ou mulheres de um certo estatuto que jogavam a pares e eram ignoradas pelos maridos.

Vivia num pequeno *bungalow* com John, na encosta, e passava os dias entre trabalho e festas. De vez em quando, Robert ficava ansioso quando lhe ocorria o pensamento de que não estava «à altura do seu potencial», como a mãe diria. Tinha saudades de Julie e da sua vida sofisticada de Nova Iorque, entre elitistas do mundo da arte e amigos da alta finança. Não queria ser professor de ténis para o resto da vida, pois não?

Quando tinha vinte e nove anos, o pai ficara doente. Por ter fumado Marlboro Reds durante todo o raio da sua vida, fora-lhe diagnosticado um cancro do pulmão, estágio iv. Tudo começara a perder a graça. LA era uma cidade muito competitiva e com demasiado trânsito. Tinha estado em Brentwood oito anos – basicamente chegara a um limite, a menos que quisesse realmente profissionalizar-se e lidar com toda a burocracia relacionada, o que ele não queria.

Assim, perante a insistência da mãe, e contrariamente àquilo que Robert achava ser o melhor para si, desistira repentinamente de Brentwood e voltara para a Florida. Os seus clientes ficaram devastados e imploraram-lhe para que ficasse, que poderia ganhar mais dinheiro se continuasse a ensiná-los a fazer serviços, o *volley* e a dominar os seus *backhands*. Mas Robert tinha voltado para casa. O pai morreu repentinamente umas semanas depois, e ele ficou com a mãe, ajudando-a a superar o luto.

Fartou-se uns meses depois. Aquela vida não era para ele. Costumava estar rodeado de pessoas tão bem-parecidas e ricas e só havia falhados em Tampa. Mack, o irmão mais velho, oferecera-lhe um lugar na sua empresa de construção, um trabalho de escritório em que tinha de tratar de papelada e lidar com situações de licenças complicadas e muitas vezes pouco honestas. A mãe pedira-lhe para aceitar a proposta e procurar uma casa nas proximidades, onde pudesse construir uma vida junto deles. Tinha feito trinta anos, precisava de assentar, encontrar uma mulher, ter filhos. Ele tinha estudado em Stanford, caramba! Tudo aquilo estava errado.

Mas Robert tentara, realmente tentara, principalmente por não ter melhores alternativas. Ia todos os dias para o escritório de Mack, preenchia

relatórios, atendia o telefone, enviava *e-mails*. Arrendara um apartamento num complexo de condomínios a dez minutos de casa dos pais. Não estava a aguentar. Sentia falta do ténis, de conversar com pessoas importantes e poderosas, dos olhares de todas aquelas mulheres.

Robert aguentara durante dois longos e deprimentes anos. Aos trinta e dois, fora-se abaixo. Tinha investido algum dinheiro, basicamente tudo o que conseguira poupar em Brentwood, numa empresa que o seu amigo de Stanford, Todd Anderson, lhe tinha recomendado, uma espécie de *startup* que vendia seguros de vida a *millennials*. «A Warby Parker dos seguros», tinha-lhe dito Todd, que vivia em São Francisco, trabalhava no Facebook e tinha muito dinheiro para gastar. As ações da empresa, que se chamava Lyfe, caíram rapidamente. O seu CEO estava a usar o capital que a empresa acumulara para financiar um vício muito dispendioso através da plataforma OnlyFans, no qual pagava largas quantias de dinheiro para que mulheres o agredissem verbalmente. Robert perdera tudo. Não tinha restado nada daqueles anos de trabalho, apenas o salário bissemanal que Mack lhe depositava na conta bancária e que só chegava para que não fosse despejado do apartamento. A mãe tinha proposto emprestar-lhe algum dinheiro, mas só essa ideia o fazia querer matar-se. Por isso, decidira esgotar os *plafonds* dos cartões de crédito para pagar as despesas mensais e dizer à mãe e a Mack que se despedia da empresa de construção para voltar a ser professor de ténis. Não pertencia àquele mundo.

Arranjara rapidamente um novo trabalho no clube privado Boca, em Boca Raton. Não era tão atrativo quanto o de Brentwood – mais velho, rico e influente do que recente, do estilo de Hollywood. Ficou lá durante um ano e meio e vivia num quarto no parque – era uma propriedade da Waldorf Astoria – e a equipa ficava em alojamentos bons. Robert voltava a sentir-se ele próprio. Começou a dormir com Taylor, uma das empregadas. Ela estava a tirar o curso de Direito e era *muito* atraente e aventureira na cama, mas ele perspetivava no horizonte uma vida melhor. De vez em quando pensava em Julie, que tinha casado com um tipo da alta finança e que vivia entre duas casas; uma, ao lado da casa de Sarah Jessica Parker, na West Village, e a outra, uma propriedade ao lado da de Tory Burch, em Southampton.

Criara uma ligação com um novo cliente, Morty Friedman, um investidor bancário reformado que enriquecera na década de 1980. Morty jogava pessimamente, mal conseguia acertar na bola, mas adorava ténis e, por isso, tinha aulas com Robert praticamente todos os dias. Tinham uma amizade descontraída e Morty era paternal com Robert, dando-lhe conselhos não solicitados durante as pausas para beber água nos treinos.

– Rapaz, se queres ser alguém na vida, tens de ir para a Costa Leste. Lá vais conhecer pessoas com contactos, descobrir coisas entusiasmantes para fazer na cidade. Andaste em Stanford! És talentoso, bonito, inteligente. A Florida é um deserto. Eu ajudo-te a procurar qualquer coisa que possas usar como rampa de lançamento.

Robert anuíra educadamente. Toda a gente lhe fazia promessas, mas ele já percebera que só alguns as punham em prática.

Duas semanas depois, antes de começar uma aula inútil sobre como fazer um *backhand*, Morty teve uma ideia, cumprindo com a sua palavra.

– Já ouviste falar de Fire Island? – perguntara. Morty tinha cabelo grisalho encaracolado e óculos com armação metálica e grandes olhos castanhos.

– Acho que sim, é uma ilha *gay* – dissera Robert.

– Não, não. Bom, tem algumas vilas *gay*, mas a maior parte são famílias que vêm de Nova Iorque. Tipo, pessoal dos Hamptons, mas mais bizarro. Há uma vila lá, Salcombe, onde um dos meus antigos sócios tem uma casa. Ele disse-me que estão à procura de um professor de ténis para dar aulas num pequeno clube naval. Não é nada de sofisticado, mas a comunidade de lá tem uma relação obsessiva e intensa com o ténis, estão dispostos a pagar bastante dinheiro a alguém que rejuvenesça o sistema. Penso que cerca de cem mil durante todo o verão, mais alguma percentagem por aulas particulares – afirmara Morty. Cem mil dólares durante três meses de trabalho? Ia conseguir pagar todas as suas dívidas e ainda restava dinheiro. Parecia-lhe muito bem. De facto, muito bem.

– Qual é a contrapartida? – perguntara Robert.

– Apanhaste-me – dissera Morty. – O Larry Higgins, o meu antigo sócio, é um tipo porreiro. Há décadas que toda a sua família vai para lá. Acho que tiveram um problema com o último professor, andava sempre bêbedo ou algo assim. De qualquer forma, eu ponho-te em contacto com o Larry, está bem?

Robert assentira.

– Vamos lá, camarada, ‘bora bater umas bolas – disse ele, avançando para o campo com o sol da Florida a incidir-lhe implacavelmente no pescoço.

Conseguira o trabalho. Conseguia sempre os trabalhos. Taylor queria ir com ele, mas Robert acabou a relação antes de se ir embora. Precisava de um novo começo em Nova Iorque e não ia levar uma namorada – uma *empregada de mesa* – para viver com ele durante o verão na casa de praia. A organização do clube naval alojara-o numa pequena casa perto do parque infantil, um *bungalow* miserável de dois quartos, com formigas na cozinha e uma ventoinha no teto que fazia vibrar tudo. Era o sítio onde os professores de ténis moravam e ainda havia vestígios do último ocupante, Dave, o ex-professor cujo problema com o álcool o afastara dessa posição confortável. Robert tinha encontrado uma toalha de praia com riscas amarelas, uns calções da Nike e uma garrafa antiga de *gin* debaixo do lava-louça.

Larry Higgins, o antigo sócio de Morty que dirigia o Comité de Ténis do Clube Naval de Salcombe – aparentemente, uma posição de prestígio na hierarquia de vila – tinha dito a Robert que Dave fora apanhado a beber *vodka* da sua garrafa de água durante uma aula de grupo para seniores. Alguém anónimo, possivelmente por vingança, denunciou-o a Susan Steinhagen, a mulher que supervisionava a escola de ténis frequentada pelos membros.

– Devias ver como a Susan ficou sem pinga de sangue – disse Larry, que tinha encontrado Robert na parte de cima do *ferry*. Robert já estava há uma semana em Salcombe e saía da ilha para ir à mercearia em Bay Shore. Os produtos «na loja», como os habitantes da vila lhe chamavam, estavam tão inflacionados que Robert ficou de boca aberta. *Dez dólares por meio litro de leite?* – Ela estava a ferver. Gritou com ele à frente de toda a gente no torneio de pares mistos. Um grande drama na vila – continuou. Larry tinha uma constituição esguia com sobrancelhas brancas, grossas e expressivas que pareciam o algodão que brota dos choupos americanos. Tinha sido ele quem contratou Robert e, por esse motivo, gostava muito dele. – O Dave teve de sair imediatamente – prosseguiu Larry – com a Susan a expulsá-lo em público como se fosse um criminoso da pior espécie.

Robert conhecera Susan nessa semana porque ela tinha ido aos *courts* apresentar-se e falar sobre o próximo torneio de amadores. Deveria ter cerca de setenta anos, achava Robert, e era uma professora de contabilidade aposentada que se empenhava em garantir que a escola de ténis corria na perfeição (garantindo também que toda a gente sabia quem mandava). Era baixa, com pouco mais de metro e meio, uma pele lisa e nariz adunco. Robert nunca conhecera ninguém cuja voz soasse tão alto. Tinha algum medo dela e a história de Dave comprovou esse receio.

– Pobre tipo – disse Robert. Conhecia alguns professores de ténis que se tornaram alcoólicos. Era uma carreira difícil, seguida por pessoas que, na sua maioria, tinham sonhos do ténis frustrados, e Robert sentia pena deste personagem, Dave.

– Também andava a circular o rumor de que ele andava a roubar o clube – disse Larry. – Mas nunca se confirmou. Acho que a Susan tinha as suas suspeitas, mas não encontrou nada em concreto, por isso usou o problema da bebida para o mandar embora.

Robert estava interessado nestas informações, e queria continuar a fazer perguntas a Larry, mas estava distraído com duas mulheres sentadas à sua esquerda, uma morena, chamada Rachel Woolf, e uma loura, eventualmente com cerca de trinta e cinco anos. Rachel, a quem ele já dera uma aula nessa semana, era uma pessoa estranha, mas Robert gostava da loura, com o seu corte de cabelo expressivo e ombros tonificados. Era claramente a mãe do miúdo que ia ao seu lado, e talvez também de uma das meninas sentadas atrás dela. Havia qualquer coisa nela que se assemelhava a Julie. O porte, pensou ele, o ar de quem sabia que era merecedora de tudo. Rachel tinha convidado Robert para ir a sua casa nessa noite beber um copo e ele aceitou provisoriamente, embora tivesse ficado tentado a declinar o convite. Seria uma estratégia inteligente socializar com clientes antes de começar o emprego? Não deixava de ser uma oportunidade com potencial para daí retirar bons proveitos. Era a sua última tentativa; não podia estragar tudo. Talvez fosse lá só beber uma cerveja. Fazia parte do seu papel adaptar-se às pessoas e encorajá-las a jogar. E quem sabe se a loura não ia lá estar.

O barco atracou e Robert apertou a mão de Larry, prometendo-lhe que o encontraria no clube naval ainda nessa semana para uma bebida de boas-vindas. Robert ouviu alguém chamá-lo assim que saiu do *ferry*. Olhou à volta para ver quem era, mas, em vez disso, fez contacto visual com a loura e ainda gostou mais dela vista de frente. Ela corou. Robert sentiu aquele poder que lhe era familiar. Iria vê-la mais tarde.

Rachel Woolf

Rachel Woolf sabia como deixar as pessoas alcoolizadas. Entretê-las era a sua especialidade, algo que gostava muito de fazer e em que era realmente boa. Não era boa a fazer muito mais. Tinha sido uma aluna média na universidade (Middlebury; na qual entrou não pelo exame de admissão, mas por contactos da família). Depois andou de emprego em emprego na área do *marketing*, sem nunca encontrar o seu caminho. Atualmente exercia funções médias de gestão, enquanto a maioria dos seus amigos eram vice-presidentes, vice-presidentes seniores ou até consultores, se tivessem sorte. Ou se fossem mais inteligentes do que Rachel.

Também não era muito boa a escolher namorados. Chegou a viver com uma pessoa, Benji Malin, num pequeno apartamento em Murray Hill, entre os vinte e oito e os trinta e um anos, aquela fração de tempo essencial em que o seu círculo social estava a casar, mas Benji acabou a relação quando ela insistiu para que ficassem noivos. Desde então, tinha andado sem destino por várias relações, algumas de seis meses, terminadas por eles não conseguirem (ou melhor, não quererem) comprometer-se. Tentara de tudo: arranjinhas, aplicações, uma casamenteira na qual gastou uma fortuna e que só a juntou a um tipo, um publicitário mal-humorado de um metro e sessenta. Agora, aos quarenta e dois anos, só encontrava homens duplamente divorciados que tinham problemas relacionados com a guarda dos filhos e/ou eram impotentes. Graças a Deus por existir Viagra.

Por isso, aqui estava ela – de meia-idade, solteira, sem filhos, ainda a viver em Manhattan num apartamento com um quarto, embora todos os seus amigos já se tivessem mudado com as famílias para os subúrbios há muito tempo. Mas, pelo menos, mantinha a sua casa em Fire Island, em Salcombe, a pequena cidade onde crescera a passar os verões a fazer disparates com as três irmãs. Lá, era alguém com uma vida. Ninguém em Salcombe sabia quão triste era a sua existência. Tinha sempre uma história para contar acerca disto e daquilo, com quem tinha namorado, ou que tinha este ou aquele emprego. Tinha imensos amigos, bem mais do que na cidade, e todos os anos esperava ansiosamente que o verão chegasse, como uma criança a contar os dias até ao Natal. No Dia do Trabalhador, entrava numa espiral de depressão que só

terminava no Dia do Memorial.

E depois havia o ténis. Rachel adorava jogar, ia para os *courts* pelo menos três vezes por semana, sobretudo no verão. Adorava tudo o que estivesse relacionado com o jogo, o equipamento giro, o exercício, a vitória (detestava perder). Ela e Emily Grobel, a sua parceira de jogo, chegavam frequentemente a uma última ronda de pares femininos em agosto, e Rachel esperava que esse fosse o ano. Ouvira dizer que Cici Maclean estava com uma lesão no pulso, que Lauren Parker não pegara numa raqueta durante todo o inverno e que Vicky Mulder tinha de ir buscar a filha ao acampamento durante o fim de semana do torneio, o que dava a Rachel e a Emily a hipótese de chegarem mais longe e, eventualmente, ganharem. Rachel estava muito motivada para que isso acontecesse. Já tivera uma aula com o novo professor, Robert, que era muito talentoso. Ajudou-a a aperfeiçoar o serviço, reconhecidamente esquisito, e percebia que esses ajustes faziam a diferença. Além do mais, era tremendamente bonito e charmoso. Fazia-a sentir-se uma estrela.

Estava a pensar nisto enquanto preparava a casa para a festa. Convidou quatro casais, além de Robert, para beber umas margaritas de melancia (uma receita da secção de culinária do *New York Times*) e petiscar uns aperitivos. Como toque festivo, tinha pedido a Micah Holt para servir as bebidas, embora não precisasse de ajuda. Micah, filho de Judy e Eric Holt, era *gay*, tinha idade para andar na universidade e vivia em Navy Walk. Trabalhava como empregado de bar no clube naval e Rachel conhecia-o desde bebé. Provavelmente tê-lo-ia feito gratuitamente – Micah contribuía sempre com a sua graça e fazia os adultos sentirem-se fantásticos com a sua presença otimista e cheia de estilo. Rachel ia pagar-lhe cem dólares para manter os copos cheios e ajudar a limpar quando a festa terminasse.

O encontro estava marcado para as 18h00, mas ela assumiu que começariam a chegar pelas 18h30. Às 17h45, apareceu Micah, vestido com calças brancas muito justas e uma camisola azul elétrico, muito Timothée Chalamet. Rachel lembrou-se da altura em que andou em Middlebury, em que havia rapazes de calças caqui folgadas e golas altas a beberem do barril com as pernas para cima. Os rapazes de agora eram de uma espécie diferente.

– Olá, Rachel. Obrigado por me receberes! Consegui que a Willa me substituísse no clube, por isso sou todo teu. Diz-me o que é preciso fazer – disse Micah, sorrindo amavelmente.

Já não faltava muito mais para fazer, por isso Rachel disse-lhe que fosse até à cozinha, procurar garrafas de álcool e taças bonitas e criasse um bar improvisado no alpendre. Ela foi ao quarto acabar de se arranjar, olhando-se ao espelho com atenção enquanto passava uma última pincelada de bronzeador na direção das maçãs do rosto, como lhe ensinara a fazer Trish McEvoy, uma maquilhadora na Saks.

Encontrou Micah empoleirado numa cadeira de vime no alpendre, tendo já disposto artisticamente as garrafas sobre uma mesa desdobrável encostada

num lado da sala. Quando ela entrou, endireitou-se.

– O que achas? Precisas de ajuda com a comida?

– Está ótimo, obrigada – comentou Rachel. – Como vai a faculdade?

Micah só tinha vinte anos, mas Rachel achava que era mais velho. Quando ele era pequeno, adorava estar perto dos adultos a ouvir as conversas, acrescentando por vezes alguns comentários adoráveis. Rachel sempre achou que ele era *gay*; era demasiado bonito e inteligente para não o ser. Quando acabou a escola secundária, Judy e Eric começaram, aos poucos, a contar aos amigos de Salcombe, mas ninguém parecia importar-se (importaram-se, sim, quando souberam que tinha sido aceite em Yale – para os habitantes de Salcombe, uma formação na Ivy League era muito mais importante do que a orientação sexual).

– Tudo bem – disse Micah, prendendo os polegares nos bolsos das calças. – Estou a tirar uma especialização em Inglês, como a maioria das pessoas. Vou para Madrid este ano, mal posso esperar. De qualquer forma, estou contente por estar aqui como empregado de bar. Talvez devesse passar o verão a fazer um estágio, mas não estou preocupado com isso. Estou a aproveitar um momento de cada vez, sabes?

Rachel não sabia, e isso fazia-a sentir-se velha.

Às 18h30 em ponto, chegaram os primeiros convidados. Sam e Jen Weinstein. Rachel conhecia Sam desde sempre, ele também tinha crescido a vir passar os verões a Salcombe. Era dois anos mais novo do que ela e frequentavam os mesmos círculos, o que quer dizer que tinham sido namorados há muito tempo, quando ela tinha vinte e um anos e ele dezanove. Sam era monitor no acampamento e Rachel trabalhava no clube naval, servindo às mesas e ajudando na organização dos eventos. Nessa altura, os pais de Sam estavam divorciados e ele e Jason Parker viviam sozinhos na casa de frente para a baía. Todos encenavam a vida adulta, bebiam vinho ao jantar e faziam máquinas de lavar roupa cheias de lençóis e toalhas de praia. Sam começara a sofrer com ansiedade no início da batalha judicial dos pais e Rachel ajudou-o a ultrapassar. Estava orgulhosa desse feito. Quando o verão acabou, achou que ficariam juntos – ele voltaria para Darmouth no início das aulas, e ela voltaria para o seu último ano, em Middlebury, mas ele acabou com ela civilizadamente, dizendo que precisava de ter tempo livre na universidade. Rachel reagira com tranquilidade, mas na verdade ficara devastada. Já na altura era algo que se lhe tornou característico.

No ano seguinte, depois de acabar o curso, tentara voltar para Sam. Estava mais velho, mais rodado, outro ano fora de casa tornara-o mais atraente aos olhos de Rachel. Tinha estado em Salcombe uma semana antes de iniciar o estágio numa firma de advogados quando foi a uma festa em casa de Ben Connolly, onde Rachel também estava. Quando se dirigiu à casa de banho, Rachel subiu as escadas atrás dele e, quando saiu, encostou-o à parede do corredor. Sam virou a cabeça quando ela o tentou beijar.

– Desculpa, mas não. Gosto de ti só como amiga – dissera. A cara de

Rachel contraiu-se com o embaraço e saiu a correr da festa sem se despedir de ninguém. Cada vez que o via, ainda sentia a mesma vergonha pelo beijo que lhe tinha dado ter ido parar ao cabelo, em vez da boca.

– Sam, Jen, olá! – disse Rachel, dando-lhes as boas-vindas. Sam continuava bonito, tinha cabelo grosso encaracolado que começava a ficar grisalho e usava óculos de massa preta da moda. Vestia uma camisa de linho branco leve e estava ligeiramente bronzado, embora ainda fosse julho. Jen entregou a Rachel uma garrafa de Sauvignon Blanc cara, que a passou a Micah para a colocar num balde de gelo, no bar. Sam cumprimentou Micah com um «dá cá mais cinco» e Jen aproximou-se para lhe dar um toque no ombro. Depois, Micah voltou para a cozinha.

– É ótimo ver-te novamente – disse Jen, enquanto envolvia Rachel num breve e incómodo abraço. – Espero que tenhas tido um inverno espetacular. É tão bom voltar para aqui novamente.

Era impossível odiar Jen, embora Rachel tivesse tentado. Era tão *boa*. Bonita, com cabelo castanho pelos ombros, olhos grandes cor de avelã e uma pele branca suave como porcelana, e também irritantemente amável para toda a gente. Era psicóloga e tinha um consultório particular instalado na sua casa grande, em Westchester, onde tratava donas de casa ricas e insatisfeitas. Sam e Jen eram um casal especial em Salcombe, adorado por todos. Até os seus filhos pequenos eram bonitos e bem-educados. Pelo menos Rachel era melhor jogadora de ténis do que Jen, que só tinha começado a jogar há pouco tempo, e isso proporcionava algum conforto a Rachel. Além de ter ido para a cama com o marido de Jen antes dela.

– Eu sei, estou tão entusiasmada com o verão – comentou Rachel. – Tens jogado ténis durante o ano?

– Na verdade, sim – respondeu Jen. Trazia um vestido do tipo camiseiro branco elegante e um colar simples em ouro. Estava sempre bem arranjada. Rachel sentia-se malvestida em relação a Jen, com o seu estilo J. Crew, fluido e floral. – Eu e algumas clientes começámos a frequentar um clube privado; eu sei, horrível, foi sobretudo pelos miúdos. Mas isso fez com que todos os dias jogasse ténis. Talvez tenhas pena de mim e me convides estes dias para um jogo com as melhores – disse ela. Rachel começou a ferver por dentro.

– Claro – disse Rachel. – Eu e a Emily queremos sempre jogar. Podes fazer par com a Lauren? Ela disse-me que estava enferrujada, por isso, pode funcionar como uma espécie de aquecimento para todas.

Micah trouxe um *whiskey* para Sam e um copo de vinho branco para Jen. A casa de Rachel era pequena e simples em comparação com a dos amigos, mas tinha na parte da frente uma área agradável com um alpendre fechado por vidros amplos, no qual os convidados podiam estar a conversar. Além de que tinha sempre à mão uma imensa variedade de bebidas especiais coloridas, juntamente com bastantes aperitivos. Rachel sabia que a chave para uma boa festa era manter os copos dos convidados cheios sem que eles se apercebessem de que tinham terminado a última bebida. Era aí que tudo

começava a ficar interessante.

Os restantes convidados chegaram em casais. Depois dos Weinstein, os Metzner (Brian e Lisa), de seguida os Grobel (Emily e Paul) e, por fim, os Parker (Jason e Lauren). Às 20h00 já todos tinham comido alguns *kebabs* e tomado pelo menos duas bebidas. Brian estava a receber todas as atenções com o seu polo da Lacoste manchado de suor nas axilas.

– Então, eu disse-lhe: «Sabes quem é que manda? Não és tu, sou *eu!*» – contou ele, expansivo. Rachel apanhou Sam e Jason a revirarem os olhos um para o outro. Paul Grobel estava a olhar para longe, provavelmente já estava bêbedo. Lauren, vestida com uma camisola de alcinhas de seda verde-escura deslumbrante, conversava a um canto com Emily e Jen. Rachel achava que ela estava particularmente bonita naquela noite. Tinha uma necessidade constante de divertir Lauren, de lhe agradar, mesmo que ela fosse cruel. Fazia-lhe lembrar as colegas populares da escola secundária que a ignoravam. A porta da casa de Rachel abriu-se e Robert entrou, com uns calções caqui e uma camisa azul-clara que lhe realçava os olhos. Toda a gente se virou para olhar para ele. Rachel sentiu um burburinho de agitação a percorrer aquele grupo pequeno e familiar. Foi imediatamente cumprimentá-lo.

– Robert! Conseguiu vir! Entre, entre. Deixe-me arranjar-lhe uma bebida e apresentá-lo – disse-lhe. Ele cheirava a uma fragrância almiscarada, a quantidade certa, nada de muito intenso, que Rachel associava ao cheiro do seu pai, falecido há trinta anos. Ela pegou-lhe no braço e levou-o até Micah, que estava à frente do bar, na esperança de que ninguém visse que tinha, para sua própria surpresa, começado a lacrimejar.

– Muito obrigado por me receber. Tem sido uma grande semana, a conhecer tanta gente – disse Robert. Micah, tão encantado como o resto do grupo, entregou-lhe a margarita de melancia adocicada, da qual Robert bebeu educadamente um gole enquanto fazia uma ligeira careta. – Tem sido interessante entrar numa comunidade onde não conheço ninguém. Mas todos me têm recebido muito bem. E há aqui grandes jogadores!

Rachel esperava que se estivesse a referir a ela.

Levou-o até ao grupo dos homens.

– Robert, este é o Jason, o Brian, o Sam e o Paul. São como os *Goodfellas* de Salcombe, embora não sejam criminosos. Acho eu – disse Rachel. Ninguém se riu.

– Prazer em conhecê-lo, Robert – disse Jason, estendendo-lhe a mão. Jason era alto, da altura de Robert, com olhos e cabelos escuros, lábios carnudos e uma presença intensa. – Espero estar consigo em breve. A minha mulher, Lauren – disse, enquanto gesticulava na direção das mulheres que olhavam para eles em silêncio – é a jogadora de ténis da família. Mas de vez em quando também dou uns toques.

Rachel reparou que Lauren ficou atenta quando ouviu o seu nome, virando para trás os ombros nus e endireitando-se.

Robert conversou com eles durante um pouco, cada um deles referindo

qual o nível de perícia no ténis (Sam era o melhor, Jason era mau, Brian achava que era muito bom, mas ainda não tinha chegado lá e Paul só jogava *softball*). Todos se estavam a exhibir, pegando no que cada um dizia para fazerem piadas constrangedoras, até mesmo Sam, que era normalmente o centro das atenções. Jason fez algumas perguntas a Robert sobre o que fazia anteriormente (todos ficaram impressionados com a classificação que obtivera quando era jovem, além de ter jogado em Stanford) e de como viera parar a Salcombe. Ele explicou que foi por causa da ligação Morty/Larry e que tinha sido aprovado pelo Comité de Ténis do Clube Naval de Salcombe. Todos saltaram um pequeno ruído perante a menção de Susan Steinhagen.

– A Susan costumava gritar connosco quando éramos miúdos – referiu Sam. – Ou por estarmos a andar de bicicleta muito depressa, ou por saltarmos do posto do nadador-salvador à noite, ou porque éramos jovens e estávamos a beber no clube naval... estava sempre lá. A ver-nos e a julgar-nos.

Robert assentiu, retendo estas informações sem acrescentar nenhum comentário. Achava que fazia sentido conviver socialmente com quem lhe pagava um salário, ou seja, rir-se com eles, mas não necessariamente para falar mal dos outros. Não lhe interessava o que tinha acontecido a estes adultos ricos quando eram crianças ou adolescentes. Além disso, toda a gente era um possível cliente e, como tal, não ia tomar partido de ninguém nem entrar em bisbilhotices.

Rachel tocou-lhe no ombro, entregando-lhe um copo de *whiskey*.

– Isto é mais a sua praia do que uma margarita cor-de-rosa? – perguntou ela. Gostava do toque da pele de Robert na mão, por isso deixou-a uns segundos mais. – Venha conhecer as meninas – disse, levando-o até ao outro lado do alpendre, onde estavam Lauren, Emily, Jen e Lisa, à volta da mesinha de vime que a mãe dela comprara na década de 1980.

– Pessoal, este é o Robert. O génio do ténis que vai ajudar-nos a jogar melhor este verão – anunciou.

Jen levantou-se da cadeira e estendeu-lhe a mão.

– Olá, Robert! – disse-lhe afetuosamente enquanto as outras se juntavam.

Lauren colocou-se logo à direita de Robert, que começou a dizer como tinha chegado ali e o que fazia antes. Elas estavam cativadas pela presença de um homem extremamente bem-parecido que não era nenhum dos seus maridos. Rachel foi ter com os homens, grupo no qual se sentia mais confortável. Não eram tão competitivos ou traiçoeiros como as mulheres, e davam-lhe a atenção que as mulheres não lhe davam.

Infelizmente, estavam a falar sobre impostos, o que aborrecia Rachel, por isso passou brevemente por eles e dirigiu-se à cozinha para repor as azeitonas. Micah estava a certificar-se de que os convidados tinham o copo cheio. A cozinha era um espaço pequeno, repleto de panelas de cobre, pratos e luvas de cozinha da mãe. Pensava em remodelá-la, mas não era uma prioridade, todo o dinheiro a mais que tinha era para as aulas de ténis. Esta

casa era o seu único bem – comprara-a às irmãs com o dinheiro que a mãe deixara como herança. Elas sabiam o significado que a casa tinha para Rachel. Além disso, estavam espalhadas por todo o país, casadas e com filhos. A única coisa que ela tinha era aquela casa.

Foi buscar à cozinha uma taça de azeitonas. Ainda escondida atrás da porta, viu que Jason se dirigia à casa de banho pelo pequeno corredor que ia da sala de estar ao seu quarto. Ele bateu à porta e apareceu Jen, com o batom retocado e, quando passaram um pelo outro, Rachel reparou que encostaram as mãos, apertando-as vigorosamente. Jason disse-lhe algo que Rachel não conseguiu ouvir. Eles não se aperceberam de que tinham sido vistos e ela voltou para a cozinha para garantir que estava longe.

O que é que acabara de testemunhar? Talvez fossem só dois amigos que estivessem trôpegos e se amparassem depois de muitas bebidas. Mas talvez fosse mais do que isso. A ideia de que se passava alguma coisa entre Jason e Jen – *Jason e Jen* – era quase insustentável. Jason e Sam eram como irmãos e Jason tinha Lauren, a bonita Lauren: não lhe conseguiria fazer aquilo. Ou conseguiria? Rachel suspeitava de que Jeanette e Greg viviam vidas separadas, por isso não se surpreendeu quando se tornou público de que se tinham, de facto, separado. Mas Jason e Lauren, e Sam e Jen pareciam tão unidos. De qualquer forma, ficou empolgada com o que quer que fosse que tivesse visto, não apenas pela tragédia que poderia estar ao virar da esquina, mas sobretudo pelo facto de as pessoas que ela considerava felizes revelarem, afinal, uma vida tão miserável como a sua.

Como estava afastada da festa há algum tempo, apareceu com as azeitonas, esperando que a sua cara não denunciase o desconforto. Robert estava a receber atenção de Lauren e Emily. Lisa foi até ao bar com Jason e Sam, para se meter com Micah com perguntas de como é ser um jovem desejado por todos. Jen estava a conversar com Paul e Brian.

Rachel foi para junto deles, ficando perto de Paul, que usava calções e uma *T-shirt* dos Strokes com ar *vintage*. O que caracterizava Paul era a atitude «fixe». Trabalhava no departamento de *marketing* de uma editora discográfica e achava que era a pessoa criativa do grupo, embora todos soubessem que era um fantoche como todos os outros. Estava sempre a falar de bandas novas, ou de programas de televisão de culto de Israel ou da Dinamarca de que ninguém tinha ouvido falar, ou a gabar-se de ainda morarem na East Village (num empreendimento novinho em folha perto da Union Square, embora esse ponto nunca tenha sido mencionado). Emily, que ficava em casa com os dois filhos a desempenhar o papel de «mãe da moda que vive na baixa», vinha de uma família cujo lado materno ganhara uma fortuna com o aço. Rachel fazia questão de ser muito amiga dela para cair nas suas boas graças, incluí-la no mundo do ténis e continuar a ser sua parceira no torneio de pares femininos. Mas achava-o insuportável e, sinceramente, era o único homem com quem não lhe apetecia namoriscar. Era baixo, com cerca de metro e meio de altura, e Rachel considerava isso uma falha de carácter.

– Tudo se tornou uma Disneylândia – disse Paul. – Detesto admitir isto, mas mesmo a East Village perdeu a sua identidade.

– Concorde contigo, mas isso não começou a acontecer já há vinte anos? Eu e o Sam estávamos preocupados com o facto de que se saíssemos da cidade, perderíamos a sua energia vibrante, mas parece que se tornou um lugar indistinguível dos subúrbios onde vivemos, só tem é menos espaço – comentou Jen.

– E mais pessoas sem-abrigo – disse Brian, a rir. – O De Blasio^[2] foi uma desgraça.

Brian e Lisa viviam numa casa geminada construída na década de 1990. Ela tinha sido dona de casa durante anos e agora estava a tirar um curso para ser *life coach*, o que quer que isso significasse. Rachel achava engraçado estar no meio de mulheres que nunca trabalharam para ganhar a vida e imaginava como isso seria.

– Não sejas insensível. A maioria desses sem-abrigo sofre de doenças mentais – retorquiu Jen.

– Oh, peço desculpa, Santa Jen, não queria ofender. Sei que te identificas porque tu e o Sam vivem sob condições duras em Scarsdale – disse Brian, em tom jocoso. Jen fez má cara. Quanto mais Brian bebia, mais rude e convencido ficava.

Sam aproximou-se e pôs o braço à volta da cintura de Jen, puxando-a para si. Rachel sentiu uma ponta de inveja.

– Brian, deixa de ser idiota para a minha mulher – disse de forma leve, a sorrir. Sam era exímio em acalmar a tensão.

– Pois, pois. Desculpa, lá, Jen. Esta semana perdi muito dinheiro e tenho andado chateado – justificou-se, enquanto limpava o suor da testa com um lenço.

– É verdade – disse Lisa, que se juntou ao grupo a fazer beicinho. Rachel começou a perscrutar o rosto de Lisa, pois pareceu-lhe que havia algo diferente nela. Lisa apanhou-a e franziu as sobrancelhas.

Rachel afastou-se deles, apanhou pelo caminho um pedaço de queijo gouda com trufas e foi ter com Lauren e Robert, que estavam a conversar sozinhos com as cabeças viradas um para o outro. Levantaram-nas ao mesmo tempo para ver quem chegava e ambos fizeram um subtil esgar de aborrecimento perante a sua aproximação. Robert converteu habilmente a irritação num sorriso, mas Lauren não.

– Que coscuvilhices é para aqui vão? – perguntou Rachel, olhando com um ar suspeito na direção de Lauren, que continuava a encará-la de forma gélida. – Aposto que são interessantes.

A imagem de Jason e Jen surgiu no pensamento de Rachel.

– Estamos a falar da estratégia a adotar para os jogos de pares – disse Robert com um riso abafado. – Um assunto aborrecido, na verdade – concluiu. Parecia ligeiramente corado. Talvez o *whiskey* de Rachel já lhe tivesse subido à cabeça.

– O Robert prometeu corrigir a minha *forehand* – referiu Lauren. A seda verde do seu *top* realçava as pequenas manchas da mesma cor nos olhos. Rachel reparou que Robert olhava para ela enquanto falava.

– Trago-vos mais uma bebida? – questionou Rachel, fitando o copo vazio de Lauren.

– Para mim, não – respondeu Robert. – Tenho de ir para casa descansar. Amanhã tenho aulas às oito. Mas muito obrigado por me receber. Foi muito bom conhecer toda a gente.

Robert sorriu a Lauren e foi até junto dos outros para se despedir, deixando Lauren de pé ao lado de Rachel. Esta aproximou-se e falou baixinho. Lauren cheirava a uma mistura apelativa de Chanel n.º 5 com inseticida natural.

– Então, de que é que estavam *realmente* a falar? Parecias confortável – disse Rachel no seu melhor tom conspirativo. Ela queria que Lauren confessasse para depois reagir como se fosse a confidente que não julga ninguém. Mas Lauren não mordeu o isco. Recuou um pouco e encostou-se de forma atraente a uma das paredes de ripas de madeira do alpendre.

– De pares. Já te dissemos – respondeu Lauren.

– Não é tão giro? – incitava Rachel. A porta envidraçada bateu quando Robert saiu e o burburinho da sala cessou de imediato.

– Claro que é, é estupidamente giro. Esteve a falar sobre a cidade da Florida onde nasceu, que o pai tinha morrido há uns anos, que tinha voltado para lá para ajudar a mãe e que a certa altura se começou a sentir oprimido – respondeu Lauren.

Jason aproximou-se. Notava-se que estava alcoolizado, com a cara reluzente.

– Bom, querida, vamos embora. Já bebi quatro copos e estou pronto para ir para a cama – disse ele.

Lauren acenou com a cabeça. Rachel odiava quando as pessoas começavam a ir embora.

Os casais misturaram-se entre si para dizer «obrigado» e «adeus», deixando Rachel com Micah, que tinha começado a arrumar tudo. Havia copos de vinho espalhados pelo alpendre e os recipientes com os restos dos aperitivos estavam à espera de ser limpos.

– Agradeço-te imenso por tudo. Podes ir para casa que eu faço o resto – disse Rachel, sem vontade de fazer conversa. – De certeza que já estás farto de adultos.

– Ah, não, tudo tranquilo. Eu posso ajudar – respondeu ele enquanto pegava na taça com os caroços de azeitonas. – De qualquer forma, é divertido estar com o teu grupo, posso ver e ouvir coisas que de outro modo não conseguiria – rematou. Olhou-a nos olhos enquanto dizia aquilo. O que é que ele queria dizer?

– A sério. Podes ir, vai divertir-te com os teus amigos. Eu fico bem!

Entregou-lhe cem dólares em notas de vinte. Ele assentiu cordialmente,

o serviço estava feito, e Rachel ficou sozinha. Estava sempre sozinha.

Não lhe apetecia arrumar mais nada, por isso serviu-se de um copo de Cabernet (começava a noite com branco e acabava com tinto) e foi até aos passadiços. Talvez se sentasse um pouco no cais.

Vivia num passeio chamado Marine, à frente dos campos de ténis junto do clube naval, mais perto da baía do que do mar. Via-se a lua e, como estava frio, ocorreu-lhe que deveria ter levado uma camisola. Ali, não havia candeeiros nos passadiços e a única luz elétrica provinha das casas particulares. Quanto mais escuro ficava, mais difícil seria andar sem lanterna. Conforme ia andando em direção à baía, ouvia pessoas a beber e a falar no terraço no exterior do clube naval. Não queria que ninguém a visse, pois teria de se juntar à festa e não estava com disposição.

Mudou de direção e caminhou no sentido do mar, com o trajeto a ficar cada vez menos visível por se afastar da luz do farol de Fire Island. Sentia-se segura, mesmo com o silêncio e a escuridão. Em quarenta e dois anos de Salcombe, nunca houvera um crime violento, provavelmente porque as pessoas não tinham objetos de valor nas suas casas de praia e, como só se conseguia sair e chegar de *ferry*, como é que um criminoso iria fugir? De vez em quando, eram roubadas bicicletas das casas e do clube naval, mas isso tinha a mão de jovens arruaceiros da zona (ou de adultos bêbedos confusos). As bicicletas eram normalmente encontradas numa vila vizinha depois de terminar a aventura de quem as levava.

Rachel foi pelo passadiço que cortava a vila a meio, Harbor, equidistante entre a baía e a praia, chegando a Neptune. Ficou a olhar para uma pequena casa, na esquina, onde vivera a sua antiga amiga Leah Thomas. Agora pertencia a uma família, de apelido Cahull, que tinha um bebé de cerca de dois anos e outro a caminho. Rachel passara tantas noites naquele lugar, no quarto de Leah; a amiga na parte de cima e Rachel na parte de baixo do beliche a conversarem sobre rapazes e a vida. Tinha saudades de ter uma melhor amiga em Salcombe. Das pessoas com quem se dava, só tinha restado Jason e Sam e, por esse motivo, Rachel teve de se tornar amiga das mulheres deles e de novos casais. Leah vivia agora na Califórnia com o marido e três filhos.

Conseguia ver os Cahull no sofá, a ver televisão. Mike estava a massajar os pés de Marina, que deveria estar grávida de sete meses. Rachel tinha ouvido dizer que Marina namorara com raparigas antes de Mike, mas, do que dava para ver agora, era um cenário muito tradicional. Continuou o seu caminho no sentido da praia, usufruindo do passeio solitário com o vento a sacudir-lhe o vestido. Sob o manto da noite de Salcombe, sentia que tinha menos de quarenta e dois anos, como uma adolescente a ir para casa depois de uma festa nas dunas. O ar estava fresco, as estrelas cintilavam e pôde avistar um veado a atravessar o passadiço mais à frente. Estavam por toda a ilha, com certeza a espalhar doença de Lyme (os miúdos referiam-se aos juncos que estão à volta dos passeios como «relva espessa»). Mas Rachel ficava

maravilhada por criaturas tão grandes, belas e selvagens viverem em tamanha proximidade com as pessoas. Tinha havido uma discussão política há uns anos acerca da legalidade de matar um veado para controlar a sua população, mas não se lembrava que lado tinha ganhado. Independentemente disso, lá estavam eles todos os verões, a mastigar ervas e a assustar cães pequenos.

A praia, à qual se chegava por um passadiço mais estreito que desembocava em escadas de madeira, estava deserta. A lua resplandecia na água cinzenta e pequenas ondas rebentavam à beira-mar. Rachel andou uns passos para a direita e sentou-se na areia fria perto das dunas, a acabar o vinho antes de pousar o copo ao seu lado. Abraçou as pernas e olhou para o telemóvel: 22h22. Era hora de regressar.

Foi então que ouviu passos a descer as escadas, uma batida leve, talvez duas pessoas. Esgueirou-se para trás das ervas que cresciam na parte de trás da praia para se esconder. Não por ter medo, mas pelo facto de se sentir humilhada se a apanhassem a beber na praia àquela hora. Não tinha a certeza de quem poderia ser, embora conhecesse toda a gente. Depois, conseguiu ver que era um casal, uma mulher e um homem. Sentiu um aperto no peito quando reconheceu as silhuetas: Jason e Jen. O vestido-camisa dela era inconfundível. Caminhavam em direção ao mar, olhando constantemente para trás para terem a certeza de que ninguém os via. Rachel encolheu-se ainda mais, tornando-se invisível e tentando não respirar, uma vez que eles estavam a cerca de dez metros à sua frente.

– Não posso passar o verão a fazer isto – disse Jen, segurando as mãos de Jason nas suas. Estavam de costas para Rachel, mas ela conseguia ouvi-los como se ainda estivessem na sua festa.

– Não consigo ver-te e não estar contigo – respondeu Jason. Acariciou o cabelo de Jen e beijou-a. Jen encostou-se a ele, abraçando-o. Rachel não sabia o que fazer. Deveria correr dali para fora? Talvez pudesse chegar até à vila seguinte, Kismet, e de lá ir para casa.

– Temos de ser discretos, por enquanto – comentou Jen. – Não podemos fazer isto enquanto aqui estamos. Pensa nos miúdos. Pensa no escândalo que seria aqui na vila. Temos de esperar até ao feriado do dia do Trabalhador e, depois disso, arranjam os planos.

– É uma grande chatice – lamentou Jason. – Ver-te e não poder tocar-te.

– Nem devíamos estar aqui, pode estar por aí malta jovem ou alguém andar a passear. Temos de ir para casa – reforçou Jen.

Jason, com um ar torturado, passou-lhe a mão pelos cabelos.

– OK, vamos embora. Disse à Lauren que ia beber um copo ao clube naval, mas vou dizer-lhe que mudei de ideias e que fui dar uma volta.

– O Sam já está a dormir ferrado, não me preocupa – disse Jen. – Vai primeiro, eu fico aqui à espera dez minutos e depois vou também, para o caso de alguém aqui andar.

Beijaram-se novamente. Rachel lembrou-se de quando ela e o namorado do liceu se beijavam apaixonadamente em frente da porta das traseiras. O que

é que se passava entre eles?

– Imagina se a Rachel descobre? – indagou Jen quando Jason começou a subir as escadas. O coração de Rachel bateu tão forte que tinha a certeza de que o tinham ouvido. Jason riu-se e desapareceu na escuridão.

Jen fez o que disse, ficou à beira-mar durante dez minutos a andar dum lado para o outro. Rachel pensou que ia explodir de tensão e, além disso, precisava de fazer chichi. Finalmente, Jen saiu da praia, ficando Rachel sozinha, novamente. Aguardou uns minutos antes de se dirigir para casa com o copo de vinho vazio na mão.

[2] Bill de Blasio foi presidente da Câmara de Nova Iorque, de 2014 a 2021. (*N. da T.*)

Micah Holt

Micah Holt sabia quem andava a dormir com quem. Em rapaz, fora um *gay* não assumido com um talento apurado para perceber as dinâmicas sociais antes dos outros, e usava isso como poder para se proteger de *bullies*. «Sei por quem é que estás apaixonado», dizia a alguém que o estava a ameaçar. «E sei de quem é que ela gosta». Ninguém bate numa pessoa que tem tais informações preciosas.

Agora que se assumira há muitos anos, bonito e adorado por homens e mulheres, não precisava de fazer jogos. Mas continuava a observar tudo, e isso era uma das razões pelas quais gostava de ser empregado de bar em Salcombe. Não é que precisasse de dinheiro, os pais davam-lhe bastante, mas adorava misturar bebidas e deixar as pessoas embriagadas para ouvir todos os seus segredos.

E toda a gente tinha muitos. Sabia que o fundo de Brian Metzner tinha colapsado e que estava prestes a entrar na bancarrota. Sabia que Lisa, a mulher de Brian, tomava drogas recreativas. Sabia que Jeanette Oberman disse a toda a gente que o seu marido, Greg, tinha um caso com a pessoa que lhes passeava o cão. Isso era verdade, mas não disse que essa pessoa era um homem. (Micah sabia que ele era *gay*, pois já se tinha atirado a ele inúmeras vezes.) E, pelo que tinha visto naquela noite, sabia que se passava alguma coisa entre Jason Parker e Jen Weinstein.

Reparara que estavam juntos quando andava a servir bebidas na festa organizada por Rachel Woolf. Jason seguira Jen quando ela foi à casa de banho, claramente com o objetivo de estar sozinho com ela, e Micah vira-o a sussurrar-lhe algo ao ouvido.

Jason e Jen! Micah conseguia imaginar quão escandaloso seria se fossem descobertos. Sam, Jason, Jen, Lauren, Rachel e o seu grupinho tinham cerca de menos dez anos do que os seus pais. Micah olhava com admiração para estas pessoas: os homens eram atraentes e aparentemente bem-sucedidos e as

mulheres bonitas e divertidas. Todos gostavam de ir para o clube e embebedar-se. Faziam parecer que a vida adulta não era assim tão má, ao contrário da mãe e do pai, que eram geracionalmente entediadas.

Micah achava que Jen e Jason tinham um caso. Tudo em Salcombe era sustentado por teias sociais delicadas e isto deslindaria muitas delas. Além disso, porque queria Jen ir para a cama com Jason, em vez de Sam? Ela era um mistério.

Estava a ir na direção da praia. Tinha terminado o seu trabalho em casa de Rachel (coitada de Rachel), passaria pelo clube para beber uma *vodka* com água gaseificada e às 22h45, nas dunas, encontrar-se-ia com Ronan, o nadador-salvador com quem andava. Ele era lindíssimo. Um corpo perfeito de um metro e noventa, bronzeado, cabelo com madeixas alouradas pelo sal do mar. Exatamente o tipo de rapaz que Micah sempre quis, para quem olhava de longe com o desejo apenas reconhecível a rapazes homossexuais.

A família de Ronan tinha uma casa em Kismet, a vila mais próxima. Moravam em Long Island e tinham muito menos dinheiro do que os pais de Micah. Ele e Ronan eram da mesma idade, vinte anos, e tinham-se conhecido no ano anterior, numa festa organizada por Willa Thomas, a melhor amiga de Micah, que vivia em Anchor Walk. Ela tinha convidado todos os nadadores-salvadores e Ronan aparecera vestido com um casaco azul de capuz e calças de ganga Levi's, a cumprimentar com o punho os outros rapazes heterossexuais. Cruzara o olhar com Micah, que pensara logo: «A-ah!». Ele gostava de quão *retro* aquilo era: dormir com um nadador-salvador que ainda não saíra do armário. Adorava que fosse algo que parecia típico da década de 1990. O seu grupo de amigos em Yale não tinha um género específico, não se identificavam com um pronome e eram confiantes. Ronan era adorável, confuso e frequentava a Universidade de Villanova. Coitado dele, que não era capaz de dizer à família que era *gay*. Era uma situação muito antiquada.

Micah estava feliz por praticar atos ilícitos com este homem lindo e solícito. Às vezes sentia-se mal, como se estivesse a aproveitar-se de um cordeirinho, mas não ao ponto de não lhe fazer sexo oral. Isso ia definitivamente acontecer.

Atravessou Harbor e continuou a subir por Marine. A noite estava enublada e tudo estava silencioso. Viu uma figura, um homem, que vinha de Lighthouse e tinha virado por Marine, indo na sua direção. Provavelmente alguém que teria ido beber um copo em Kismet ou noutra vila próxima, Fair Harbor, por exemplo. À medida que se aproximava, Micah reconheceu Jason, alto, forte, os braços a balançar com convicção conforme ia andando. Micah percebeu quando Jason o avistou, porque ele abrandou o passo e ficou com o corpo ficou tenso. Não havia para onde fugir. Encontraram-se uns segundos depois. A cara de Jason estava coberta por sombras, mas os seus olhos pretos brilhavam na escuridão.

– Viva, Micah. Estás a ir para casa? – perguntou-lhe Jason. Micah não se lembrava da última vez que tinha falado só com ele. Sam era uma pessoa

muito mais amigável, perguntava-lhe como ia a vida e fazia piadas. Jason estava simplesmente ali, absorto.

– Sim, por hoje está feito – mentiu Micah. – Espero que se tenha divertido em casa da Rachel. Ela dá sempre boas festas.

– Foi divertido, sem dúvida – disse Jason, movendo-se da sua esquerda para a direita.

Micah queria ir-se embora. Ronan esperava-o e Jason estava estranho; parecia-lhe que isso estaria relacionado com Jen.

– Vou andando, então. Até amanhã! – disse, e passou por Jason, mas ele pousou-lhe a mão sobre o ombro, fazendo-o parar.

– Olha, gostava de que não dissesse a ninguém que me encontraste aqui. Por vezes, gosto de andar a vaguear pelos passadiços quando a Lauren já está a dormir. É relaxante.

– Claro, não há problema. Compreendo perfeitamente – afirmou Micah. – Também gosto de passear sozinho à noite. Embora convenha ter cuidado com os veados. Pregam-nos um susto de morte.

– Não sei eu outra coisa – disse Jason com um sorriso tenso.

Os dois homens despediram-se com um aceno de cabeça e seguiram em sentidos opostos. Micah, aliviado por aquela conversa ter terminado, continuou em direção à praia.

Jason Parker

Jason Parker sempre odiara o seu melhor amigo, Sam. Se calhar *odiar* era uma palavra muito forte. Tinha ciúmes, talvez fosse o termo. Sentia inveja dele. Aborrecia-o. Não, *odiar* era mesmo a palavra certa.

Ninguém sabia disso, nem mesmo Lauren, a sua mulher, suspeitava. Jason e Sam eram amigos desde a primeira classe, em Dalton, e o que os unira tinha sido o amor de ambos pelo Super-homem. Jason era gordinho e tímido. Sam, não. Iam para casa um do outro jogar Nintendo depois da escola, enquanto as suas mães tomavam café e viam a *Oprah*. Os pais de ambos vivam desafoadamente – o pai de Sam era um advogado importante e o de Jason geria uma empresa de tapetes de alta qualidade. Os pais de Jason tinham um casamento feliz, mas em casa de Sam só se ouviam gritos, portas a bater e acusações de infidelidade. Quando um deles dormia em casa do amigo, era sempre Sam a ir para o apartamento de Jason e, como a situação dos pais dele se mantinha, tornara-se uma presença constante em sua casa, a almoçar, a jantar e a passar os fins de semana. Quando andavam no sexto ano, a mãe de Sam tivera uma depressão e o pai fora passar o inverno a Aspen. Nessa altura, os pais de Jason tornaram-se os tutores de Sam.

Acabara por se mudar definitivamente, partilhava o quarto com Jason, discutia com a irmã dele, passava o Dia de Ação de Graças com eles e juntava-se na viagem das férias do Natal. Jason sabia que o seu papel era ser um filho obediente e um bom amigo, por isso mantinha-se em silêncio, a sentir que Sam lhe tinha roubado a vida. Jason e Sam. Sam e Jason. Sempre, sempre, sempre.

Jason até achava que a mãe gostava mais de Sam do que dele. Por exemplo, Sam sentava-se junto dela quando estava a dobrar a roupa e fazia-lhe perguntas sobre as amigas ou sobre os jogos de ténis. À medida que Jason e Sam se tornavam uma só peça, ficara claro quem era o filho favorito. Mas Jason estava preso a ele.

A única característica pela qual Sam podia ser redimido – mais um benefício imobiliário do que uma característica – era a sua casa em Fire Island, em Salcombe, onde passavam o verão juntos, e onde gostava muito de estar. Adorava andar sozinho de bicicleta pela vila, nadar no mar agitado e aprender a andar de barco na baía. Quando ficou mais velho, conseguiu fazer os seus próprios amigos em Salcombe, ter as suas paixonetas de verão, ter uma vidinha própria enquanto morava gratuitamente na casa perfeita de Sam, virada para a baía. Sentia-se descontraído de uma maneira que nunca sentira em casa. Quando se tornou adolescente, Jason perdeu a barriga da infância e, embora não fosse tão bonito quanto Sam, estava quase. Ficou mais alto, mais magro, com olhos grandes e castanhos. As mulheres começaram a interessar-se por ele.

Naquela altura, eram eles quem tomava conta de si próprios. Quando os pais de Sam finalmente se divorciaram, ofereceram-lhe aquela casa como recompensa por lhe terem arruinado a vida, e ele e Jason tornam-se companheiros permanentes na casa de verão, desde a adolescência, pelos vinte e até aos trinta anos, mas também na escola secundária e na universidade. Jason integrou-se de tal modo na comunidade de Salcombe que ninguém se lembrava de nenhum momento em que lá não estivesse.

O último verão que Jason passara com Sam naquela casa, no número 6 da West Bay Promenade, foi quando ambos tinham, precisamente, trinta anos. O trabalho de Jason, relacionado com fundos de investimentos, corria bem e permitia-lhe dar azo à sua personalidade agressiva. E Sam estava quase a tornar-se sócio na sociedade de advogados Sullivan & Cromwell, onde tinha uma posição de relevo em que lidava com casos de crimes de colarinho branco. Ambos tinham conhecido raparigas de quem gostavam bastante. Sam namorava com Jen Paulson, uma morena muito gira, como ele a descrevia, e que tinha acabado de se formar em psicologia. E Jason namorava com Lauren Shapiro, uma snobe loura e atraente do norte da Califórnia que trabalhava como responsável de compras na Bloomingdale. Jason estava convicto de que ia casar com ela porque preenchia todos os requisitos: atraente, de uma boa família, conversadora e engraçada. Tinham sintonia na cama e ela parecia tolerar bem as suas mudanças de humor. Achava que estava feliz, tinha um bom emprego e uma namorada bonita: era novo e tinha o mundo pela frente.

E depois conheceu Jen. Quando Sam percebeu que o seu namoro não era meramente passageiro, levou-a a passar um fim de semana de praia já no fim do verão. Quando chegaram, no sábado de manhã, Jason estava a fazer ovos para o pequeno-almoço, no fogão Viking na casa de praia da mãe de Sam. Jason virou-se para dizer «olá» sem nenhuma expectativa em relação à nova namorada de Sam. Ele nunca tivera um namoro sério e Jason achava que isso estaria relacionado com o casamento terrível dos pais. Por isso, quando disse que andava com uma psicóloga, Jason ficara surpreendido.

– Jason! Esta é a Jen. Jen, este é o meu melhor amigo, Jason. Conheço-o desde os cinco anos e com certeza que já te falei dele.

– Muito prazer – dissera Jen. Ela era a pessoa mais deslumbrante que alguma vez vira. Tinha uma voz suave e madura, ligeiramente rouca, dentes que pareciam pérolas, olhos enormes cor de avelã, quase do tamanho dos olhos das princesas da Disney, e uma pele clara e luminosa. Vestia um *top* branco simples e calções, o seu corpo era elegante e emanava tranquilidade.

– Já ouvi falar de ti – dissera Jason, desligando o fogão. – De repente, sentia-se estúpido por estar a cozinhar ovos à frente de uma pessoa tão perfeita. – O Sam não traz raparigas para aqui, portanto deve gostar mesmo de ti – continuara, embaraçado. Jen corou. Enquanto Jason tentava evitar olhar para ela, sentiu que o olhar dela se reteve um pouco mais nele.

– E gosto! – dissera Sam, distraído. – Estou a pensar mostrar-lhe Salcombe e depois poderíamos ir todos à praia. O que achas?

Jason acenou com a cabeça. O casal feliz saiu e Jason ficou na cozinha com o sabor amargo de um pequeno-almoço queimado.

Nesse dia, foram os três à praia, estenderam as toalhas e ficaram a apanhar sol. Jen usava um biquíni branco e Jason estava com dificuldades em olhar para qualquer outra coisa que não ela. Porque é que Sam tinha tudo o que ele queria? Não pensara uma única vez em Lauren desde que Jen chegara. Mas também achava que Jen olhava para ele, sentia que lhe interessava. Pelo menos achava que sim.

Sam foi meter conversa com alguns nadadores-salvadores, vestidos com fatos de banho vermelhos que cobriam o corpo tonificado e bronzeado. Jen estava a ler a *New Yorker* e colocou-se de lado, de modo a ficar voltada para Jason, que estava deitado de costas com os olhos fechados.

– Estás a dormir? – perguntara, sabendo a resposta.

Jason sorriu.

– Não – respondera, sentindo a mão dela subir pela sua perna até à cintura. Manteve os olhos fechados.

– O Sam não me tinha dito que o melhor amigo era tão giro – dissera ela, encostando-se a ele. – Parece que vocês têm uma relação de codependência complicada.

– Não lhe chamaria codependência – dissera Jason, pousando as mãos sobre as dela, sentido o seu calor. – É como se o detestasse, mas estou preso a ele para sempre.

– Bom, se o odeias, então não te importarias de ir para a cama com a namorada dele – sussurrara Jen.

A respiração de Jason acelerou. Levantou a cabeça e olhou para o posto dos nadadores-salvadores para ter a certeza de que Sam estava suficientemente longe. E estava, a sorrir e a conversar, bonito, como era seu apanágio, e sem ter a mínima noção do que se estava a passar entre o amigo em quem mais confiava e a namorada com quem eventualmente viria a casar.

– Não me importaria, de certeza – respondera Jason.

Saíram da praia sem um plano. Jason não sabia o que esperar, mas assumiu que Jen trataria do assunto. Parecia saber o que estava a fazer.

Jantaram todos juntos: Sam grelhou bifés no grelhador Web que havia no exterior da casa e beberam bastante vinho tinto. De seguida, Jason foi para o seu quarto, que eram os aposentos de uma ex-empregada, no primeiro piso.

Não conseguia dormir, aquela pequena cama familiar parecia irregular e estranha. Às 2h00, ouviu a porta a abrir e sentiu Jen a deitar-se junto dele, só em cuecas e *top* branco *sexy*, mas desta vez sem sutiã.

Este era o verão em que fazia dez anos que aquela noite acontecera. Jason ia a recordá-la enquanto caminhava em direção a casa, amuado, depois do encontro que acabara de ter com Jen na escuridão da praia. Dez longos anos de espera por uma pessoa que não podia ter. Dez anos em que tinha de fingir toda uma vida, casado com alguém que não amava realmente.

Aquela fora a primeira e a última noite em que Jason e Jen dormiram juntos. Isto é, até este ano. Depois daquele fim de semana, Jason agira como se não se tivesse passado nada, e nem Jason nem Jen falaram sobre isso. Sentir-se-ia humilhado se puxasse o assunto, embora pensasse constantemente naquilo. Continuou o namoro com Lauren, e os quatro, Sam, Jen, Lauren e Jason, tornaram-se dois casais muito próximos. Saíam juntos, viajavam para Itália, passavam os verões em Fire Island. Sam pediu Jen em casamento um ano depois, e Jason fez o mesmo a Lauren passados alguns meses. Jason e Lauren casaram-se na Califórnia, perto de casa dos pais dela, enquanto Sam e Jen, muito chiques, fizeram uma cerimónia íntima na praia de Salcombe, seguida de uma festa barulhenta no clube naval.

À medida que os anos iam passando, havia momentos em que Jason achava que já a tinha esquecido. Ou estava numa fase relativamente boa com Lauren, ou andava entretido com os filhos a vê-los a crescer, ou estava a ganhar mais dinheiro no trabalho e, nessas alturas, pensava: «ela que se lixe, eu estou bem». Sam e Jen mudaram-se para Westchester para uma casa maior, e Jason e Lauren ficaram em Nova Iorque, com o salário cada vez mais alto de Jason a proporcionar-lhes uma vida rara por entre os demais. Assim que lhe foi possível, comprou a sua bonita casa em Salcombe. Sem dúvida que estava ligado à vila, mas o que era realmente importante era poder ver Jen constantemente. Adorava olhar para ela, falar com ela, cheirá-la. Adorava o modo como as pulseiras abanavam nos seus pulsos, e as histórias que contava e o modo como tocava com a língua nos lábios. Por vezes, quando Jen olhava para ele, sabia que também ela pensava naquela noite. Simplesmente *sabia*.

Parecera-lhe uma eternidade chegar onde chegou, por isso achava que tinha de encerrar o assunto. Ansiaria pela mulher do seu melhor amigo até morrer. Tinha de fazer as pazes com isso. Tinha sucesso, uma família e boas casas. Isso chegava. Lauren punha-lhe a cabeça em água, mas qual é a mulher que não deixa um homem com a cabeça em água?

Mas depois, numa noite do verão do ano anterior, tudo mudara. Rachel Woolf dera uma festa na sua casa para o grupo habitual. Era fim de agosto, quando a temporada de férias estava a terminar, e toda a gente exibia um ar descansado após meses de praia. Como habitualmente, Rachel não se coibia

de lhes servir *cocktails* e outras bebidas até todos ficarem embriagados, particularmente Lauren e Sam, que já tinham ido para as suas casas dormir, deixando os respetivos cônjuges a confraternizar. Jen e Jason já tinham estado sozinhos em muitas situações desse género, não era algo novo. O fim da noite estava a aproximar-se e os restantes convidados, incluindo Rachel, decidiram ir até ao clube naval tomar um último copo antes de irem para as suas casas. Jason, totalmente entorpecido, ficara no alpendre a acabar a bebida. Pensava que era o único que restava. Pensava que Jen já se tinha ido embora. Mas ela estava lá, e sentou-se perto dele, tão perto, demasiado perto, tocando-lhe a coxa com a dela e sussurrando-lhe ao ouvido: «Quero-te. Sempre te quis.» Jason sentiu-se profundamente aliviado.

Cambalearam até à praia de mãos dadas como adolescentes, evitando os passadiços com candeeiros e parando de vez em quando para se beijarem. Jason percorria-lhe avidamente o corpo com as mãos. Ela vestia umas calças brancas e um *top* de seda, e o que ela sentia por ele era o mesmo que sentira há muitos anos. Calor e suavidade. Exatamente o que ele queria.

Encontraram um refúgio debaixo de umas escadas que desciam para a praia; não a praia principal, em Broadway, mas outra a cerca de cem metros desta, cujo passeio para lá chegar tinha o nome de Pacific. Estavam sentados na areia. Estava escuro e fresco e o mar parecia negro.

– Porquê agora? – perguntara Jason.

– Porque estou farta – respondera Jen. – Acabei de fazer quarenta anos. Tenho três filhos. Passei estes anos todos a tentar convencer-me de que era feliz com o Sam. Ele é tão querido, e gosta verdadeiramente de mim. E é um excelente pai. É tudo o que eu sabia que ele viria a ser quando começámos a namorar. E tu... – a sua voz abrandara, virou-se para ele e pôs-lhe a mão na cabeça, mexendo-lhe no cabelo – ... tu és o seu amigo misterioso e intenso, a pessoa que ele mais adora. E tu atraís-me tanto. É em ti que penso quando estou na cama com o Sam. Imagino o teu corpo em vez do dele. Eu sabia que ia acabar por fazer isto, sabia que iria ceder. Toda a gente pensa que sou tão boa pessoa, e eu percebo isso – dissera ela, puxando-lhe o cabelo com força. Jason fechou os olhos, gostava daquela sensação. – Mas não sou.

Isto tinha acontecido há um ano. Desde essa altura que se encontravam todas as semanas, principalmente em hotéis em Nova Iorque, embora nalgumas vezes, por desespero, Jason tenha conduzido até aos subúrbios para fazerem sexo no carro. Ele sentia um desejo avassalador. Finalmente percebera o significado de *desejo avassalador*. Só pensava nela, dificilmente se conseguia concentrar no trabalho e não prestava atenção a Lauren quando ela comentava que uma amiga tinha feito um *lifting*, ou falava sobre a polémica que envolvia o diretor da escola dos filhos.

Ao início, Jason pensava que ela não suspeitava de nada. Ele dizia que tinha viagens de negócios, ou que tinha jantares relacionados com o trabalho e ela parecia nem reparar, a não ser que precisasse de saber os seus horários para poder planejar jantares ou para garantir que ele estaria presente em

eventos para angariação de fundos. Jason sentia que Lauren se tornara desinteressante aos longo dos anos, mergulhando cada vez mais num estilo dona de casa rica que o repelia. Era obcecada com os assuntos da escola dos filhos e com as amigas, sobretudo com o que elas andavam a fazer, a vestir ou a comprar. Na verdade, ele sabia que isso iria acontecer, mas como Sam pedira Jen em casamento, ele não tinha outra hipótese senão fazer o mesmo a Lauren, a sua bonita namorada cuja pior característica era não ser Jen.

Mas nesta primavera, Lauren parecia começar a desconfiar de algo, fazia-lhe perguntas sobre as viagens de trabalho e insistia na ideia de se mudarem para Miami. Jason nunca se mudaria para Miami; Jen vivia em Nova Iorque.

– Os Goldberg acabaram de comprar uma casa em South Beach, os Adler foram viver para Delray. Está toda a gente a ir para lá – dissera-lhe Lauren.

Estavam no quarto, no apartamento na Park Avenue. Ela tinha cortado e pintado o cabelo e aquele corte emoldurava-lhe o rosto. Jason tinha de admitir que ela estava a envelhecer muito bem, era ainda mais deslumbrante agora do que aos vinte e oito anos. Presumia que isso estivesse relacionado com os vários movimentos misteriosos nos extratos do seu cartão de crédito em dermatologistas e cirurgiões plásticos no Upper East Side.

– Lauren, eu sou o patrão, não posso simplesmente mudar de cidade – suspirara.

Andavam constantemente à volta deste tema, chegando sempre à mesma conclusão: não.

– Podemos continuar a ir passar os verões a Fire Island, se é isso que te preocupa – respondera ela, sentando-se com um ar irritado numa das suas poltronas amarelas de veludo da ABC Carpet & Home.

Jason abanara a cabeça.

– O que é que se passa contigo ultimamente? – perguntara Lauren, olhando-o de soslaio. – Andas mais desligado do que o normal, como se isso fosse possível. Não sou idiota, Jason.

Ele percebia que ela estava a ficar exasperada e queria acalmá-la para a conversa não se tornar uma discussão.

– Não se passa nada! Ando a mil no trabalho, sabes isso. Tudo vai melhorar quando vier o verão. Só preciso de aguentar mais uns meses.

E agora todos eles estavam ali. Lauren e Jason chegaram à sua casa de férias nesse dia. Lauren e Silvia, a ama da família, estavam num alvoroço a desembalar, arrumar e organizar. Jason sabia que Jen e Sam tinham chegado um dia antes e ele e Jen não se encontravam há quase duas semanas. Houvera muita agitação devido ao final do ano letivo e à preparação da ida de férias e, como tal, não tinha havido oportunidade para combinarem nada. Jason estava ansioso por vê-la.

Comunicavam através do Signal, uma aplicação de mensagens encriptadas. Os textos desapareciam uns minutos depois de serem lidos para

nunca mais serem vistos. A piada do Signal é que era uma aplicação para quem tem amantes, facto com o qual Jason não podia concordar mais. Estava sempre a ver se tinha mensagens e sentia um arrepio por todo o corpo a cada vez que o nome de Jen aparecia em letras pretas.

Umás horas antes, trocara mensagens com ela pelo Signal enquanto Lauren andava entretida na cozinha a arrumar os *snacks* importados da Trader Joe's nos armários certos. Jason fora até ao terraço, na parte de cima da casa, que dava para o mar. A vista impressionava-o sempre, custava-lhe acreditar que aquele lugar era seu. A praia estava quase vazia, apenas alguns casais com os filhos. O verão ainda estava muito no início para as praias se encherem de gente. Jason abriu o Signal no telemóvel.

Jen Weinstein: Tenho saudades tuas. Como foi a viagem?

Jason estremeceu.

Jason Parker: Bem, acho. Tive de vir ao lado do Brian no barco. Caramba, não fecha a matraca. Mas já cá estamos. Quando é que te posso ver?

Jen Weinstein: Vais hoje a casa da Rachel? De certeza que vos convidou.

Jason Parker: Sim, vamos. Mas como é que me vou conter para não te tocar?

Jen Weinstein: Terás de te controlar. Tu és bom a controlar-te.

Era verdade. Jason era temperamental, era evidente, inclusive tinha alturas em que tinha raiva a basicamente tudo. Mas nunca perdia a calma, e isso era uma das coisas que mais irritava Lauren: o facto de lidar com as explosões dela com uma serenidade inabalável.

Naquela noite, quando ele chegou com Lauren, Jen estava no bar. Usava um vestido tipo camiseiro e um colar em ouro em torno do seu pescoço delicado. O cabelo era brilhante, o batom era vermelho e Jason queria consumir o seu desejo já ali. Sentiu que um íman invisível o puxava para ela, dando um beijo rápido na bochecha de Rachel enquanto avançava na sua direção.

Não era a primeira vez que estavam juntos em público, já tinham ido a alguns jantares de grupo em Nova Iorque e, além disso, ele e a sua família já tinham ido a duas festas de anos em casa de Jen e Sam, em Scarsdale. Porém, o facto de estarem os dois novamente em Salcombe, onde haviam dormido juntos pela primeira vez, e onde ano no anterior tinham dado início àquilo que ficara em suspenso tantos anos, fazia com que Jason estivesse muito desassossegado. Não havia maneira de passarem esse verão sem serem apanhados. Como é que tudo se iria resolver? Andaram a evitar a questão durante meses. Honestamente, andavam a evitar uma série de questões.

– Olá, Jen, tudo bem? – disse Jason e ela esboçou um pequeno sorriso.

Antes de conseguir responder, apareceu Sam, que lhe deu um grande abraço. Jason ficou imóvel com Sam a esmagar-lhe os braços. Era o número deles.

– Cá estamos nós outra vez – disse Sam calorosamente, entregando-lhe uma margarita de melancia para a mão. – Conseguiram desembalar tudo?

– Sim, a maior parte – respondeu Jason. – A Lauren é que está a fazer tudo. Eu só estou a tentar não estorvar.

– História da minha vida – afirmou Sam, pousando a mão no braço de Jen. Ela deu-lhe uma pancadinha leve. Jason ficou com o estômago às voltas ao vê-los tão confortáveis e íntimos. Se ninguém soubesse o que se passava, e ele tinha quase cem por cento de certeza de que ninguém sabia, pareciam um casal feliz.

Lauren foi ter com eles. Vestia uma camisola de alcinhas verde cuja cor resplandecia nos olhos, e tinha-se maquilhado como se fosse ter um encontro. Jason perguntava-se por que motivo ela estava tão arranjada.

– Viva, pessoal. Bom verão! – disse Lauren, aproximando o copo de todos eles num brinde.

– Ouvi dizer que o novo professor de ténis é muito bom – comentou Jen. – Este ano tenho praticado muito, embora ache que continuo muito pior do que tu – disse ela, dirigindo-se a Lauren.

– Talvez seja este ano que joguemos em pares mistos – disse Sam.

Jason achava aquela ideia terrível.

A festa continuou como habitualmente, com toda a gente a incorporar a sua personalidade de férias. Jason tinha estado a conversar com outros convidados, mas falava por falar, nem sequer sabia bem o que dizia. Só estava focado em Jen, onde ela estava, com quem conversava. Queria comunicar com ela de alguma forma, mas não sabia como.

A dada altura chegou o professor de ténis, Robert. Foi apresentado a Jason e estiveram a conversar um pouco. Parecia um tipo porreiro. Muito bem-parecido, a deixar todas as mulheres entusiasmadas. E os homens também. Jason reparou que Paul Grobel se estava a pôr na ponta dos pés para parecer mais alto.

Passado algum tempo, Jason viu Jen ir à casa de banho, que era um pouco mais longe, no primeiro andar, perto da cozinha e longe da festa. Esperou dois minutos e depois foi atrás dela. A porta ainda estava fechada, por isso bateu; obviamente que ela sabia quem era. Abriu-a, saiu e olhou-o nos olhos, finalmente.

Sabia que era um risco, mas tinha de a tocar, simplesmente tinha de o fazer, por isso roçou o braço no dela quando Jen passou, dando-lhe um aperto suave.

– Vamos encontrar-nos na praia – sussurrou-lhe. Ela acenou um «sim» muito rápido e voltou para a festa, alisando o vestido enquanto caminhava.

Para Jason, o resto da noite foi uma longa jornada de conversas aborrecidas e risadas insossas. Aguardava que tudo terminasse, escapasse de Lauren e fosse ter com Jen. Paul encurralou-o durante meia hora com uma

conversa sobre um qualquer clube de jantares secretos de que ele e Emily faziam parte. Era mais alto do que Paul, por isso conseguia ver no topo da sua cabeça pontos pretos que denunciavam um processo em curso de transplante capilar. Paul *definitivamente* gastaria trinta mil dólares para salvar o seu cabelo.

– É organizado pelos tipos que gerem o Carbone – disse Paul. – Só tem de se preencher um formulário para a inscrição e pagar cinco mil dólares adiantados. Depois servem as refeições em locais itinerantes, como numas águas-furtadas vazias em Tribeca ou na cave de um qualquer restaurante em Queens.

– Parece o inferno na terra – comentou Sam, que os tinha surpreendido por se ter aproximado silenciosamente. E riu-se.

Paul encarou-o com um olhar furioso. Houve sempre tensão entre os dois. Sam era engraçado e atraente e Paul era um poço de insegurança. Não combinavam.

Jason deu um risinho. Adorava quando Sam se metia com Paul. Apesar de tudo, havia momentos em que Sam lhe lembrava a criança de cinco anos de quem se tornara amigo na escola, aquele que se vestia de super-herói e que estava sempre a jogar às escondidas. Nesses momentos, sentia-se mal por andar a dormir com a mulher dele. Sam era tão ingénuo, ali estava ele, com aquele estúpido fato de linho branco. Mas Jason fez um esforço para deixar essas recordações de lado. Paul foi-se embora, claramente chateado com Sam e Jason.

– O Paul consegue ser tão tolo – disse Sam. Ele e Jason ficaram sozinhos no bar. Jen estava com Emily e Rachel no sofá, Brian tinha ido à casa de banho, e Lauren e o professor de ténis estavam a falar há muito tempo. *Boa*, pensou Jason, *alguém que ouça a sua conversa da treta*.

Sam olhou para Jason com frontalidade, com o rosto bronzado a ficar sério.

Merda, pensou Jason. *Ele sabe*. Sentiu um aperto na garganta e a boca a ficar seca.

– Preciso de falar contigo sobre uma coisa – afirmou Sam, com voz suave.

– Queres ir lá para fora? – perguntou Jason.

– Não. Senão, eles pensam que se passa alguma coisa. Faz de conta que estamos a falar casualmente, sobre os Knicks ou assim – disse Sam.

Jason assentiu com a cabeça. *Foda-se, foda-se, foda-se*. O olhar de Sam voltou-se para Jason e ele esperou o pior.

– Aconteceu uma coisa no trabalho – comentou Sam. Ele ainda trabalhava na Sullivan & Cromwell, onde dirigia o departamento do contencioso. – Há uma rapariga, uma sócia – continuou.

Jason pôde respirar. Não era sobre ele e Jen; Sam ainda não sabia.

– E nunca aconteceu nada entre nós, juro. Só trabalhámos juntos em alguns casos. Eu gostava dela, mas só como colega. Tens de acreditar em

mim, Jason – disse ele, parecendo assustado.

Jason não estava habituado a ver Sam assim.

– Ela agora fez umas *acusações* – desabafou, praticamente a sussurrar. – Disse que me atirei a ela e a forcei a beijar-me. Não é verdade. Eu nunca faria isso, tu conheces-me. Agora andam a investigar-me, contrataram um conselho de advogados externos. Está a ficar complicado.

Jason estava chocado. Sam era tão certinho. Ou tão certinho quanto um advogado bonito poderia ser.

– A Jen não sabe – continuou Sam. – Não lhe vou contar se não tiver mesmo de ser. Mas eu tinha de contar a alguém. Acho que esta rapariga deve querer alguma indemnização da firma; caso contrário, teria ido à polícia. Mas não percebe que me está a arruinar a vida.

Jason não sabia o que responder e começou logo a pensar de que forma estas informações poderiam fazer descarrilar o casamento que ele tinha com Jen.

– E então, o que é que vai acontecer? – perguntou Jason.

– Não sei bem – respondeu Sam. – Ainda estão a refletir no caso. Mas há algumas pessoas que não gostam de mim no departamento de gestão e estou com receio de que me possam lixar. Se perder o emprego por causa disto, fico arruinado. Não contes a ninguém, por favor, incluindo à Lauren, mas principalmente à Jen.

Jen apareceu ao lado de Sam, dando-lhe o braço, como se tivesse adivinhado que estavam a falar no nome dela.

– Que segredinhos são esses? – inquiriu ela. Parecia resplandecer por entre a luz ténue do alpendre. Nesse momento, Jason decidiu que não lhe ia contar nada, achava que poderia abalar o caso que ele tinha com ela e não queria correr esse risco. Mais outro segredo a adicionar à pilha. Encontrar-se-ia com ela na praia daí a pouco e agiria como se nada se passasse.

Silvia Mabini

Silvia Mabini temia o verão. Não era por causa da temperatura, porque adorava calor. Crescera numa pequena aldeia a uma hora de Manila, e estava habituada àquela humidade densa e pegajosa. Quando estavam cerca de quarenta graus em Nova Iorque e caminhava pelo bairro onde vivia, Jamaica, em Queens, sentia-se em casa. O que temia, e lhe causava um calafrio na sua pele de cinquenta e dois anos de idade, era o facto de passar dois meses em Fire Island com a família para a qual trabalhava.

Mas lá estava ela, novamente, no seu pequeno quarto no primeiro piso da casa de praia dos Parker, aborrecida e sozinha, a ver telenovelas no YouTube. A casa era, obviamente, boa. Tudo na vida dos Parker era bom. Lauren era muito particular, incluindo na roupa que os filhos deveriam usar – vestidos de estilistas para Amelie, nada de calças de fato de treino para Arlo – e comer, apenas alimentos de produção biológica, muito pouco açúcar refinado e sumos, *nunca*. Silvia aprendera rapidamente as preferências de Lauren, tal como ela lhas tinha explicado. Lauren era uma boa patroa para Silvia: exigente, mas justa nas suas expectativas, generosa com o salário que lhe pagava, e estava muitas vezes ausente, algo que Silvia apreciava. Para as amas, era sempre melhor quando as mães estavam fora de casa.

No geral, Silvia estava satisfeita com esta situação. Como patroa, Lauren servia perfeitamente. Era bonita e chique e, Silvia sabia, profundamente infeliz. Todos eles eram.

Os Parker eram a sua quinta família e, se tudo corresse bem, a última antes de se reformar. Tinha uma pequena casa nas Filipinas que comprara com duas irmãs (tinha onze irmãos, dez ainda vivos) e planeava mudar-se para lá daí a alguns anos. Os seus filhos, que criara sozinha, já tinham saído de casa. Um filho era enfermeiro, uma filha era assistente médica e a outra filha, que era mãe da sua única neta, Molly, era ama em Manhattan, como ela. O marido de Silvia voltara para as Filipinas há uns anos e raramente tinha

contacto com ele. Só ligava aos filhos nos seus aniversários, mas Silvia estava bem com isso.

Antigamente, Silvia gostava de viajar com as famílias, era uma vantagem do seu trabalho. Aruba. Telluride. Londres. Ficava em hotéis sofisticados e até chegou a viajar em jatos privados com uma das famílias para quem trabalhou, os Jessep. Mas antes dos Parker, só tinha passado os verões nos Hamptons. Lá, as casas eram enormes e tinha uma ala praticamente só para ela. Podia ficar a ver televisão na sua própria sala, fazer chá na sua *kitchenette* e não precisava de ver ninguém até às 7h00 do dia seguinte.

Mas Fire Island era diferente. Mais... pequeno. Não podia fugir. E era um trabalho mais pesado. Nos Hamptons, ficava em casa na maior parte dos dias, a supervisionar as crianças na piscina, a tratar das refeições ou a tomar conta dos filhos dos patrões quando eles não estavam. Em Salcombe, estava sempre fora de casa com os miúdos, a deixá-los no acampamento (só iam até ao meio-dia – *porquê?*), a levá-los para o ténis e depois para a praia. Poderia, eventualmente, tornar-se amiga de alguma outra ama, mas muitos pais pagavam a jovens que moravam na zona para tomar conta dos filhos. Por isso, enquanto esperava que as crianças acabassem as atividades, ficava sozinha a mexer no telefone, sentada no seu triciclo de adulto, que tinha um cesto enorme na parte de trás para transportar toalhas e sacos de praia. Depois disso, ficava a ver Amelie a ziguezaguear para cima e para baixo nos passadiços na sua bicicleta com rodinhas. Estes passadiços eram uma fonte de *stress* para Silvia, uma vez que estavam demasiado afastados do chão e os miúdos percorriam-nos muito depressa. Alguém se magoava a sério e depois era culpa dela. Mas como é que podia impedir isto?

Por vezes, este pensamento não a deixava dormir. Noutras vezes, eram as melgas que andavam à volta dos seus ouvidos a boicotar a sua tão grande necessidade de descanso. As melgas de Nova Iorque gostavam mais dela do que as melgas das Filipinas. Perseguiam-na, picavam-na incessantemente e deixavam-lhe grandes marcas vermelhas na pele.

Silvia avistou uma num canto e levantou-se para a afastar com uma revista. Ouviu a portar a abrir e a fechar, e depois os passos de Lauren. Jason não estava com ela. Estes dois nunca estavam juntos. Silvia tinha a certeza de que Jason tinha um caso. Já lavara a roupa dele vezes suficientes para saber que andava a dormir com outra mulher. Não tinham o cheiro de Lauren, que só usava Chanel n.º 5, cheiravam ao champô de outra pessoa. E a sexo. A maioria dos maridos para quem trabalhou tinha um caso, mas Jason era o mais óbvio de todos. Ele nem fingia que gostava de Lauren, até Arlo e Amelie tinham essa consciência. Certa vez, Amelie dissera-lhe: «O papá odeia a mamã». Perguntou-se se Lauren lhe teria dito isso ou se fora ela a chegar sozinha a essa conclusão. Silvia adorava Amelie, que era bonita e parecia uma princesa, como a mãe. De Arlo, não gostava tanto, mas também não o detestava. Havia sempre uma criança como aquela numa família assim.

As pessoas ricas eram miseráveis, mas não sabiam quanta sorte tinham.

Pagavam-lhe mil quatrocentos e cinquenta dólares por semana, mais alojamento e alimentação, e ainda mais vinte dólares por hora extra quando precisavam de sair à noite e lhe pediam para fazer *babysitting*. Para eles, não era nada, mas era um salário de topo para uma ama. Pensava em como podia espremê-los ainda mais antes de se reformar.

Deitou-se na cama e aconchegou-se nos lençóis Frette. Uma melga zumbia-lhe nos ouvidos. Acertou na própria cabeça enquanto a tentava matar. Ainda faltavam dois meses para sair daquele sítio.

PARTE II



4 de julho

Lauren Parker

O 4 de Julho era o feriado de que Lauren menos gostava. Estava sempre calor, havia insetos por todo o lado e era uma confusão. Durante esse dia, a vila de Salcombe tinha um programa de atividades para os habitantes. Em teoria, parecia bem, mas na prática eram oito longas horas penosas que custavam a passar. De manhã, havia jogos e corridas para as crianças no campo da vila: lançamento de ovos, corridas com sacos de batatas e uma calamidade chamada corrida de três pernas. Inevitavelmente, alguma criança se magoava ou fazia uma birra e Lauren acabava transpirada e coberta de picadas. De seguida, havia um piquenique com cachorros-quentes, hambúrgueres e melancias, tudo disposto em mesas compridas junto do campo. Os bombeiros, ou «bombeiros» com aspas, na opinião de Lauren, eram os pais de Salcombe. Advogados, banqueiros ou diretores de meios de comunicação que, como apelo da meia-idade, achavam que era fixe ser bombeiro voluntário. Todos os anos, no início do verão, faziam um curso de formação que os habitantes da vila esperavam que não fosse posto em prática. Não se queria, de modo algum, que Brian Metzner fosse salvar alguém no meio de um incêndio. O quartel de bombeiros era uma estrutura pitoresca, de madeira, que parecia uma garagem com um camião minúsculo de combate a incêndios lá dentro e que servia, essencialmente, para estes pais irem para lá ao final do dia beber umas cervejas.

Lauren e Silvia levaram Arlo e Amelie para as atividades e para o almoço, mas Jason não foi. Disse que tinha «toneladas» de trabalho para fazer antes do jogo de ténis que ia disputar com Sam, ao meio-dia. Trabalho a um domingo que também era feriado? Lauren não caiu nessa, mas não o culpava por não se querer juntar à diversão forçada do resto da vila. Arlo e o amigo August ganharam a corrida de três pernas da sua faixa etária e por isso ele andava com uma medalha de plástico ao pescoço. Amelie, que tinha a cara pintada com fogos de artifício, estava com um vestido estampado com a

bandeira que Lauren comprara na Pink Chicken propositadamente para aquele dia. Lá por odiar o feriado não queria dizer que não quisesse fotografias giras para pôr no Instagram. As crianças tinham passado as manhãs da semana anterior no acampamento de Salcombe, onde tinham aulas de natação e de artes, e   tarde tinham outras atividades, nomeadamente velejar (Arlo), aulas de artesanato (Amelie) e t nis (ambos). Silvia acompanhava-os de um lado para o outro e, por isso, Lauren tinha tempo para jogar t nis todos os dias. Começava a sentir que estava a ficar com um jogo relativamente bom; a memória dos músculos estava a voltar e as batidas nas bolas iam ficando cada vez mais suaves.

No dia anterior, Lauren e Claire Laurell tinham jogado contra Rachel e Emily. Lauren estava em boa forma, a sua *backhand* resultava e o primeiro serviço estava a entrar. Claire Laurell tinha sessenta e poucos anos e tinha duas filhas adolescentes, Lila e Reb, que de vez em quando tomavam conta de Arlo e Amelie quando Lauren saía à noite. Claire fora uma jogadora extraordinária na sua juventude, mas abrandara bastante nos últimos dez anos, não conseguia correr em direção à rede tão depressa quanto Lauren gostaria. Mas as suas batidas na bola do fundo do *court* ainda estavam boas e Lauren conseguia correr pelo *court* para compensar os p s de chumbo de Claire. Venceram Rachel e Emily no primeiro *set* por 6-4 e estavam a ganhar 5-3 quando o jogo terminou.

– Foi divertido – dissera Rachel, suada e de faces rosadas enquanto apanhavam as bolas e arrumavam as raquetas. Rachel era a perdedora mais frustrada do mundo, e Lauren divertia-se sempre ao vê-la a tentar ser educada depois de ter perdido. – Preciso mesmo de trabalhar o meu acompanhamento, descer em vez de mover o ombro para cima – continuou. Rachel nunca conseguia dizer: «Jogaste bem, Lauren.» O comentário no final do jogo assentava sempre na ideia de que se ela tivesse jogado como habitualmente, o resultado seria a seu favor.

Claire, com o seu cabelo grisalho colado   testa e uma linha de suor por baixo dos seios proeminentes, foi para junto delas. Vestida com um equipamento de t nis composto por saia e *top* castanhos, juntamente com sapatilhas da mesma cor, lembrava a Lauren uma batata de Idaho.

– Excelente jogo, meninas – afirmara Claire. Lauren conhecia o boato acerca de Claire e Seth, o seu marido, terem sido *swingers*, e que há vinte anos tinha havido um grupo deles em Salcombe, em que trocavam regularmente de parceiros depois de uma noite louca no clube naval. Não conseguia imaginar Claire e, principalmente, Seth, agora gordo, careca e com pernas estranhamente sem pelos, a fazerem sexo um com o outro, muito menos que alguém se sentisse suficientemente atraído por eles para entrar nesse jogo. Mas como toda a gente dizia que tinha acontecido, quem sabe se não era verdade. Se sim, bom para eles. Lauren e Jason raramente faziam sexo, talvez uma ou duas vezes por mês. Ela não se importava com essa frequência porque nos últimos tempos Jason metia-lhe nojo. O seu hálito, que

anteriormente não a incomodava, tinha um cheiro rançoso. Se calhar fora sempre assim, mas por qualquer motivo, finalmente reparou. Nem o conseguia ver mastigar: o barulho da boca, o engolir da comida. Tudo aquilo lhe dava náuseas.

Quando eles começaram a namorar, ela achava-o *sexy*. Ele tinha-lhe dito que fora um miúdo gordinho, mas não havia vestígios dessa característica no seu corpo de adulto, bem definido. Tinha lábios grossos, quase inchados, e olhos profundamente escuros. O cabelo era bonito e forte, e havia nele uma intensidade que as mulheres, incluindo Lauren, achavam atraente. Mas isso era naquela altura. Talvez o tipo de homens pelo qual se sentisse atraída tivesse mudado depois de ficar mais velha. Ou talvez Jason tivesse ficado azedo.

Viu que Robert estava a dar uma aula de ténis a Larry Higgins, um membro do comité de ténis de Salcombe, no *court* de *singles*, atrás de onde ela tinha acabado de jogar.

– Vá mais para longe, Larry – disse Robert, enquanto o senhor de idade mandava novamente outra bola para a rede. – Está quase a chegar lá! Lembre-se de que tem de mover os pés e os ombros. De baixo para cima!

Robert usava uns calções pretos da Nike e uma *T-shirt* branca, também da Nike, que lhe envolvia o peito bem definido. Olhou para cima e reparou que Lauren o observava e, embora estivesse com a face quente pelo sol de julho, conseguiu perceber que ela corava. Acenou-lhe e ela acenou-lhe de volta.

Lauren recordava a primeira aula da temporada que tivera uns dias antes. Robert aproximara-se dela e ajudara-a a ajustar o punho da *forehand*, que nunca tinha sido muito bom. Ela trazia um vestido da Lacoste branco, a indumentária que considerava ser a mais gira para jogar ténis, e tinha aplicado rímel à prova de água. Sabia que estava bonita e queria que ele reparasse nela. Ele pegara-lhe no pulso fino com a sua grande mão, segurando-lhe a raqueta, depois fizera-lhe deslizar os dedos no cabo para se posicionarem corretamente. Lauren tinha perdido a força nas pernas e sentira uma onda de calor a subir-lhe pelo peito. Instintivamente, encostara-se subtilmente contra o corpo de Robert, tocando-lhe no braço e na perna fortes. Ele não resistira e Lauren sentira que ele estava com uma ereção. Robert continuara a dar-lhe indicações sobre como precisava de endireitar o braço para ter mais força e ela fingira estar interessada no que dizia, encostando-se ainda mais a ele. Robert, finalmente, recuara, encaminhando-a na direção do banco dos *courts* junto deles. Lauren saíra daquele transe, voltara à realidade e vira que Susan Steinhagen estava sentada lá perto, a olhar para eles de modo suspeito. Fizera-lhe um ligeiro cumprimento e não dera importância ao facto de ela estar ali. Susan não tinha visto nada porque não havia nada para ver, pensara. Provavelmente, estava com inveja do seu jogo, que tinha melhorado muito rapidamente. Ela fora uma das melhores jogadoras femininas no clube, mas agora estava velha, com um problema na anca, e fora relegada para o «torneio

de seniores», que ninguém via nem queria saber.

Lauren passou os dois últimos dias a fantasiar com Robert. Estava sempre a pensar nele, passava pelo clube para o ver o jogar e revolia na sua cabeça a ideia de fazer sexo com ele. Nunca tinha traído Jason e há muitos anos que não flirtava com um homem. Onde é que poderia conhecer alguém? Parara de trabalhar depois de ter o primeiro filho e estava sempre junto de outras mulheres, ou a tratar de assuntos relacionados com a escola, ou nas aulas de ginástica, ou em jantares. Quando havia homens presentes, tinham um ar entediado ao lado das respetivas mulheres. Não que Lauren achasse algum desses maridos atraentes. Ou tinham barrigas de cerveja, ou eram muito baixos, ou eram muito velhos. Jason era o mais bonito de todos. Portanto, esta sensação de *desejar* alguém, mesmo que esse alguém fosse um professor de ténis, era completamente nova e excitante. Voltava continuamente ao pensamento de como se sentira ao tocar em Robert. Honestamente, será que Jason se importaria se ela o traísse? Ele andava tão desligado, tão implicativo, sempre agarrado ao telemóvel. Talvez se limitasse a encolher os ombros e a deixasse continuar com a sua vida.

Procurou Robert no meio da multidão do 4 de Julho, esperando que ele tivesse tido um intervalo no seu horário de aulas para ir beber uma cerveja ao quartel dos bombeiros. Ainda não tinha agendado outra aula de ténis. Por um lado, queria estar perto dele, por outro, não queria que ele pensasse que era insistente. Ou pior, desesperada. E se não estivesse interessado nela?

Tinham conversado na festa de Rachel, com o rosto dele tão perto do dela, quase a beijá-la. Falaram sobre o seu pai – Robert dissera-lhe que tinha morrido há uns anos. Ela reagira com empatia, embora não pudesse sentir o mesmo, pois o seu pai estava vivo e bem de saúde, a jogar golfe com os amigos na Califórnia. Mas Lauren adorava o modo como a cara dele se mexia enquanto falava, com pequenas rugas à volta dos olhos azuis e um queixo quadrado e masculino. A conversa pausara brevemente e Lauren, ligeiramente embriagada, ousada e furiosa por Jason não querer saber dela há tanto tempo, dissera-lhe em voz baixa: «Quero estar sozinha consigo.» Arrependera-se logo assim que proferiu a frase. O que é que se passava com ela? O marido estava logo ali! Este homem era um professor de ténis! Mas Robert assentira com a cabeça e aproximara-se mais até, exatamente naquele segundo, Rachel ter aparecido a oferecer-lhes uma bebida, estragando-lhes o momento.

Depois, na aula, ele não a afastou. Tendo acontecido alguma coisa, foi ele encostar-se a ela ainda mais. Certamente que não estava a imaginar, Lauren não costumava ser insegura. Os homens sempre tinham olhado para si, e ainda se viravam na rua quando ela passava. Mas tinha perdido a prática.

Amelie veio a correr da festa do 4 de Julho com a pintura da cara esborratada e o vestido coberto de *ketchup*.

– Mamã, a Lucy Ledbetter empurrou-me e despejou o *ketchup* em cima de mim! E a mamã dela estava a rir! – anunciou, atirando-se para os braços de Lauren, a chorar.

Lauren foi à procura de Beth Ledbetter, cuja filha, Lucy, era igualzinha à mãe. Lá estava ela, ao lado da cerveja em copos de plástico dispostos numa mesa desdobrável. Beth Ledbetter, com o apelido de solteira Taubman, vivia em Salcombe desde sempre. Como Sam e Rachel, crescera a ir passar férias lá e, quando os pais se reformaram e foram para a Florida, ficou com a sua casa de campo vermelha, na esquina da Harbor com a Pacific. Embora tivesse sido uma presença constante na juventude deles, nunca se encaixou inteiramente. Na altura, como agora, era conflituosa, presunçosa e, acima de tudo, uma grande mentirosa. Inventava literalmente a partir do nada. (Jen, que era psicóloga, tinha dito a Lauren que Beth era uma mentirosa patológica – alguém que mente para manipular os outros – contrariamente aos mentirosos compulsivos, que mentem por hábito.) Ela negava categoricamente coisas que tinha feito: «Não, não fiquei com a tua aula das 9h00 de propósito; a agenda estava livre e eu ia a passar.» E arranjava conflitos quando não havia necessidade: «Ouvi dizer que a Lisa *odeia* a Rachel.»

Entre os seus dezoito e os trinta anos, andara desaparecida dos verões de Salcombe, aparecendo de repente na vila com um bebé e um marido bastante silencioso, Kevin Ledbetter. Deixara cair qualquer vestígio do apelido Tauben, automechear-se Beth Ledbetter (embora a maioria das pessoas que vivia na vila desde sempre tivesse mantido o apelido de solteiro; mesmo que não o usassem na vida real, ali mantinham-no) e tentara imiscuir-se nos novos casais que tinham chegado à vila na sua ausência e não conheciam a sua reputação. E funcionou relativamente: agora tinha um grupo de amigas mães, como Jeanette Oberman, Jessica Leavitt e Mollie Davidson, que Lauren considerava pertencerem à lista B.

Durante alguns anos, Lauren e as amigas ainda a toleravam, mas depois passaram a excluí-la ativamente de encontros e jantares no clube naval. Beth retaliara e espalhara o boato de que Lauren mandava os filhos para o acampamento com lanches proibidos, nomeadamente *pretzels* de manteiga de amendoim, o que fez com que Lauren recebesse uma chamada de Jessica Leavitt a reclamar furiosa porque o filho, Danny, tinha uma alergia mortal a frutos secos. Não era verdade! *Uma* vez, na praia, Lauren deixara que Arlo comesse um *bagel* com manteiga de amendoim, mas dissera-lhe para se afastar de todos e lavar as mãos a seguir.

Lauren dirigiu-se à mesa das cervejas, arrastando Amelie com ela. Beth estava com alguns bombeiros, todos a beber Coors e a comer cachorros-quentes. Sabe Deus o que aconteceria se houvesse algum incêndio. Estava vestida com calções cortados de calças de ganga por cima das suas pernas de galinha, com uma *T-shirt* preta rasgada e tinha o cabelo apanhado debaixo de uma pala de ténis. Em vez de andar com vestidos giros de marcas como La Ligne ou Gabriela Hearts, como todas as outras mulheres da vila, usava roupas largueironas para esconder o corpo esquelético. Era *estranha*. E Lauren odiava coisas estranhas.

Beth olhou para Lauren quando esta se aproximou. Amelie ainda vinha a

fungar e Lauren dobrou-se na sua direção e disse-lhe para ir ter com «a Silvia enquanto a mamã fala com Mrs. Ledbetter». Ela afastou-se, tristonha, no seu vestido Pink Chicken manchado e pronto para ser deitado fora.

Lauren estava furiosa. Quem é que se ri de uma criança que está a chorar? Lucy estava descontrolada e Beth encorajava-a. Lauren nunca tinha armado um escândalo, mas nesse momento sentia-se diferente. Mordeu o lábio de baixo: estava realmente *zangada*.

Beth sorria cinicamente. Mollie Davidson, uma das suas lacaías, estava ao seu lado como se fosse um estúpido guarda-costas.

– Viva, Beth, preciso de falar contigo – atirou Lauren, sentindo a boca a secar.

– O que é que se passa? – perguntou Beth, endireitando o corpo naquela indumentária ridícula, mais adequada a uma criança de sete anos do que a uma mulher adulta.

– Riste-te quando a Lucy despejou o *ketchup* em cima da Amelie?

Lauren não conseguia acreditar no que tinha acabado de dizer. A maioria dos conflitos entre as mães era resolvido com desculpas fingidas e a promessa de tomarem um copo de vinho depois. Uma pequena multidão reuniu-se à volta das duas mulheres. Lauren viu Rachel e Emily no círculo e ficou contente por ter duas pessoas do seu grupo para a ajudar a pôr os pontos nos is, se fosse necessário.

– Claro que não – respondeu Beth. – Os miúdos costumam discutir. Porque é que haveria de me rir dela? Embora aquele vestido *tivesse* piada.

Ouviu-se um suspiro por entre os observadores. O rosto de Lauren começou a arder e as mãos a tremer. Até Beth estava surpreendida por ter ido tão longe. Lauren não sabia se devia virar costas, ou se devia responder-lhe. *Raios*, pensou Lauren. Estava farta de ser maltratada. O grupo em redor duplicou, e Lisa e Brian estavam agora lá também. Onde estava Jason quando era preciso? Ele que fosse para o diabo.

– Oh, vai-te lixar, Beth. A minha filha está transtornada. És tão mentirosa. Que *cabra!* – gritou Lauren.

A cara feiosa de Beth ficou pálida. Deu um passo em direção a Lauren. Será que lhe ia bater? Brian aproximou-se desajeitadamente no seu fato de bombeiro pesado e colocou-se entre elas.

– Meninas, meninas, acalmem-se lá. Ninguém vai levar a melhor com isto – disse ele. *Que se foda o Brian Metzner*, pensou Lauren. *Que se fodam todos*.

Rachel precipitou-se para Lauren e segurou-a pelo braço, afastando-a de Beth e levando-a em direção ao campo onde as crianças ainda andavam a correr e a atirar balões de água umas às outras. Lauren viu Amelie e Arlo junto de Silvia a comerem melancia. Felizmente que não viram a mãe a ter a um colapso nervoso. Rachel continuou a andar até chegarem à bancada de madeira do campo de beisebol. Sentaram-se e Lauren só tinha vontade de vomitar.

– O que foi *aquilo*? – perguntou Rachel, a reprimir um sorriso, quase a explodir de euforia, e ainda com a roupa com que jogara ténis de manhã.

– Não sei – respondeu Lauren. – A Beth riu-se da Amelie quando a Lucy a maltratou e eu descontrolei-me.

– A Beth é do piorio – afirmou Rachel. De vez em quando, Lauren irritava-se com Rachel, mas em situações como aquela era muito útil. Rachel era-lhe leal e sabia que a seguir ia espalhar boatos «anti-Beth». Rachel encostou-se mais a Lauren. – Embora sem certezas, um passarinho disse-me que a Beth tem andado a fumar *imensa* erva. Mesmo durante o dia – acrescentou, com ar contente. – Se calhar estava drogada.

– Pode ser – comentou Lauren. Sentia-se abalada e fora de si. Lisa e Emily aproximaram-se. Vinham vestidas de modo idêntico, com macacões de linho e óculos de sol grandes.

– Oh, meu Deus – disse Emily quando chegou. Os seus braços eram magrinhos e tinha o cabelo louro penteado num rolo muito bem moldado. – Não acredito no que aconteceu. Estás bem?

– Sim, sim, estou bem. Perdi a cabeça momentaneamente – respondeu Lauren.

– Gostava muito de tentar perceber isso – disse Lisa, já a pôr em prática a formação em *life coaching*. Era mais baixa do que Emily, e mais bonita, com cabelo castanho pelos ombros e olhos estranhamente afastados, embora isso não lhe ficasse mal. Fora uma perita em relações públicas, mas parara de trabalhar quando teve os filhos, embora continuasse a aplicar aquela energia intensa em tudo o que fazia.

– Nunca te vi assim – continuou Lisa. – Aconteceu alguma coisa hoje que te tenha incomodado?

– Honestamente, não sei – respondeu Lauren, com sinceridade. – Ainda estou perturbada com aquele escândalo da Braeburn. E eu e o Jason temos tido discussões. Talvez esteja relacionado com isso? – indagou. Arrependeu-se imediatamente do comentário que fez. Sabia que era melhor não revelar nada importante à frente de Rachel. Lauren reparou que ela ficou animada com o que acabara de ouvir.

– Se te faz sentir melhor, o Brian também me anda a dar cabo da paciência – referiu Lisa. – Esqueço-me sempre de quão irritante é durante o resto do ano porque ele está a trabalhar e eu estou a fazer as minhas coisas, mas depois vimos para aqui nas férias, passamos tempo juntos e penso imediatamente: *Ah, sim: odeio o meu marido*. E porque é que ele anda por aí com um capacete de bombeiro na cabeça? É um gestor de investimentos.

Todas se riram, incluindo Lauren, que se começava a sentir um pouco melhor. Sabia que a sua posição na vila era superior à de Beth e que, no fim de tudo aquilo, seria ela quem ficaria por cima.

– Por falar em homens, lá vai o teu namorado – disse Emily, apontando na direção do passado. Robert estava com um grupo de mulheres mais velhas à sua volta, todas babadas, incluindo Claire Laurell.

– Oh, por favor – disse Lauren, olhando rapidamente. – Ele é uma criança – rematou. Sabia quão pouco convincente aquilo soara.

– Oh, vá lá! Todas vimos como ele olhava para ti no *court* – ripostou Emily.

Lauren encolheu os ombros.

– OK, meninas, vamos lá voltar às comidas e bebidas – sugeriu Lisa. – Parece que a Beth e o seu bando se foram embora. Por isso, temos de encontrar outras pessoas com quem gritar e praguejar.

Lauren riu-se. Talvez pudesse usufruir daquele poder recentemente descoberto. As quatro mulheres seguiram caminhos diferentes, indo cada uma ver onde estavam os filhos antes de voltarem para a festa. Amelie e Arlo estavam bem, a jogar à apanhada congela/descongela com outras crianças. Lauren decidiu ir para casa: tinha deixado lá a bicicleta, por isso foi pelo passadiço de Netpune, em direção à praia. Precisava de um momento sozinha antes de se juntar novamente à animação. Não sabia bem como explicar a Jason o incidente com Beth: ele detestava quando ela perdia a calma, mesmo que fosse uma discussão entre os dois. O passadiço estava deserto e sossegado. Toda a vila estava no campo. Lauren ouviu passos a aproximarem-se e, depois, sentiu um toque no ombro. Virou-se e viu Robert, sozinho. Usava uma indumentária do ténis acabada de vestir, com a pele bronzeada a refletir na *T-shirt* branca da Reebok.

– Como é que está? Percebi que teve uma discussão, ou algo do género. Quem era aquela mulher? Está bem?

Olhava para ela com uma preocupação genuína. Ninguém lhe dava aquele tipo de atenção há anos. Era maravilhoso.

– Oh, foi com a Beth Ledbetter, a cabra da vila. Acho que a filha dela tem aulas consigo.

Robert abanou a cabeça.

– Ainda sou novo aqui. Parece que todos têm histórias muito antigas uns com os outros – respondeu. Será que ele a tinha seguido?

– Quer vir a minha casa? – perguntou Lauren. Sentia-se brava e estranha. O incidente com Beth desbloqueara qualquer coisa, embora não tivesse a certeza de quê. – É logo ali – continuou, apontando. – A dois minutos de distância.

Robert hesitou.

– Ninguém lá está – justificou-se, tornando a situação ainda mais desconfortável. Já passava do meio-dia, Jason tinha o jogo de ténis e Silvia estava com os miúdos no campo.

– OK – respondeu Robert.

Ele não disse mais nada, simplesmente seguiu-a até à sua bonita casa de praia cinzenta, passou pelo suporte para bicicletas no qual estava arrumada a Cruiser cor-de-rosa clara de Lauren e subiu as escadas de madeira até à entrada. Era uma casa com uma arquitetura invertida, os quartos estavam no primeiro piso e a cozinha e a sala de estar no segundo, pois tinham melhor

vista para o mar. Lauren abriu a porta envidraçada e sentiu a mão de Robert a percorrer-lhe o pescoço, pousando com firmeza ao longo do percurso até à parte de trás das costas. Não se virou, apenas o conduziu pelo corredor repleto de molduras em fila, com fotografias de família de outros verões em Salcombe, até ao seu quarto, decorado ao estilo de praia com os tons de azul e branco dos Hamptons. Pararam junto à cama, e Lauren voltou-se para Robert. Ele pousou-lhe as mãos sobre os ombros e empurrou-a gentilmente para cima da cama. *Obrigada, Beth*, pensou Lauren enquanto Robert despiu a *T-shirt*.

– Fique aí – disse ele.

Beth Ledbetter

Beth Ledbetter era uma vítima. Pelo menos era assim que se via. As outras mulheres de Salcombe atacavam-na sem motivo aparente. Ela não lhes tinha feito nada! Tinha todo o direito de jogar ténis e ir ao clube naval. Estava lá há mais tempo do que todas elas, exceto Rachel, essa galdéria lambe-botas que vivia obcecada em fazer com que Lauren, Lisa e Emily gostassem dela.

Beth não iria incomodar-se a tentar conquistar aquelas cabras que não a faziam sentir-se bem-vinda. Tinha as suas próprias amigas, nomeadamente Mollie, Jeanette e Jessica, e não necessitava de mais ninguém. Não precisava de ser a pessoa mais popular da vila. Nunca fora popular. No entanto, talvez estupidamente, pensou que se passasse alguns anos fora de Salcombe, poderia regressar para começar de novo, que não olhariam para ela como «Beth Taubman». Agora era adulta, já não era a última rapariga a ser escolhida para os jogos de *kickball* e com a qual os rapazes troçavam por ter pernas que pareciam espetos.

Porém, quando voltou, encontrou uma vila onde quem mandava era Lauren Parker, a mulher glamorosa de Jason Parker, a rainha do gelo que nunca a deixaria fazer parte do seu grupo. Beth já tinha conhecido mulheres assim, que não gostavam do seu modo de estar na vida ou da forma como se vestia. Odiavam que Beth reagisse se alguém se aproveitasse dela, algo que Rachel não fazia, por exemplo. Ela simplesmente não comia e calava, e isso destruía pessoas como Lauren, que estava habituada a dizer e a fazer o que quisesse sem ser confrontada.

Beth pedalava, furiosa, a caminho de casa depois de sair dos jogos da festa do 4 de Julho. Lucy ficara a brincar com Hazel Davidson, a filha de Mollie, que estava a tomar conta das duas. Sentia-se enjoada por causa das cervejas e dos cachorros-quentes a meio do dia; quando chegasse a casa, ia dar um pequeno bafo no cachimbo de erva para acalmar o estômago. Ela e Lauren tinham discutido. Discutido a sério, e agora teria de lidar com as

consequências.

Pensou no que ia contar a Kevin. Ia negar tudo e dizer que fora Lauren quem tinha começado.

Viu Jeanette Oberman a pedalar em direção a si na sua bicicleta verde ferrugenta. Abrandou e acenou-lhe para ela parar. Jeanette, demasiado baixa para ficar com os pés no passadiço, saiu de cima da bicicleta e puxou o descanso. Trazia uns calções curtos e a parte de cima de um biquíni preto a alojar precariamente os seios.

Beth sabia que Jeanette estava numa fase difícil: a separação de Greg, um guarda-roupa vulgar e o problema com o álcool. Mas parecia gostar dela e isso era suficiente.

– Nem vais acreditar no que me aconteceu – anunciou Beth, ansiosa por contar a sua versão da história.

Jeanette acenou com a cabeça, feliz por poder ajudar.

– A Lauren passou-se comigo sem nenhum motivo. As miúdas tiveram uma pequena briga e a Lauren foi ao quartel dos bombeiros toda alterada e quase me bateu. Podes perguntar à Mollie. Gritou e chamou-me cabra.

– Não – respondeu Jeanette, abanando a cabeça dramaticamente. E os seios também abanaram.

– Pois é! – disse Beth. – Acho mesmo que se passa alguma coisa com ela. Tipo, eu podia ter chamado a segurança, imagina o nível de loucura. O Brian teve de intervir e impedi-la de me magoar a sério.

– Isso é de loucos. Por causa de uma discussão de crianças de cinco anos? Estou feliz por estares bem – comentou Jeanette. – Imagina que ela te tinha batido?

– Esteve perto disso – afirmou Beth. – Pronto, tenho de me ir acalmar. Vejo-te mais tarde no clube. Estou um bocadinho nervosa agora.

– Sim, compreendo – disse Jeanette, voltando a montar a bicicleta. – Alguém precisa de dar uma lição a essa senhora. Não pode passar incólume! Até logo – despediu-se. Jeanette seguiu para o campo e Beth continuou rumo a casa.

Kevin estaria provavelmente ao computador, no piso de cima. Detestava não ter o seu cenário de jogos preferido em Salcombe: aquela cadeira de couro preto feia e todos aqueles monitores irritantes. Ele não era assim quando se tinham conhecido, oito anos antes (no Tinder, um facto que Beth não revelou a ninguém). Adorava videojogos e era franco acerca disso. A maioria dos homens adora videojogos, certo? Mas ao longo dos anos tornara-se uma espécie de vício. Nem sequer brincava com Lucy, nem que lhe pagassem. Kevin era responsável pelo departamento de TI numa empresa de realidade virtual, que não era muito lucrativa, mas como o pai de Beth tinha dinheiro, estavam numa boa situação financeira. Ou estava a trabalhar ou a jogar, mal olhava para ela. Beth tinha de fazer tudo sozinha; não ia com ela ao clube beber um copo, não participava em nenhuma das atividades da vila e não se aproximava dos *courts* de ténis.

Beth sentia-se mãe solteira, embora nunca o tivesse manifestado às amigas. Era demasiado humilhante.

Entrou dentro da sua pequena casa de cor vermelha na esquina da Harbor com a Pacific, e olhou para cima para verificar se Kevin se encontrava em frente da janela do alpendre soalheiro do piso de cima, sentado e de olhos fixos no computador. Suspirou. Esperava ansiosamente por fumar. Deu um bafo, afundou-se no sofá e começou a arquitetar a vingança contra Lauren Parker.

Sam Weinstein

Sam Weinstein não assediava sexualmente ninguém. Era boa pessoa. Claro que gostava de flirtar com as colegas: quem é que não gosta de flirtar com mulheres no local de trabalho? Fê-lo ao longo de toda a sua carreira. As mulheres *adoravam-no*. Não era culpa dele. Bolas, toda a gente o adorava. Por isso, quando o departamento de recursos humanos entrou em contacto com ele, pensou que pudesse ser algo relacionado com qualquer roubo na sua equipa, ou que tivesse de fazer despedimentos na sequência da diminuição da receita. Contudo, depois de ser chamado ao gabinete de Mary Martin, ela e Henry Boro, o sócio administrador da firma, confrontaram-no com o choque da sua vida.

– Sam, não há uma maneira fácil de te dizer isto – começara Mary. Era uma mulher de meia-idade, cujo cabelo grisalho estava preso num puxo prático. – A Lydia Gross informou o departamento de recursos humanos de que, no dia 12 de abril, tu a obrigaste a beijar-te no teu gabinete. Não iríamos entrar em detalhes acerca da queixa, especialmente nomeando a pessoa, mas como isto é tão específico e demos início a uma investigação, estamos agora a informar-te.

Sam sentira o coração cair aos pés. Lydia? Ele nunca beijara Lydia.

– Até agora, ela não foi à polícia, e pediu para que a firma resolvesse isto internamente. Por isso, vamos contratar alguém que faça a investigação e depois nos apresente os resultados. Entretanto, podes continuar a trabalhar, e não vamos falar sobre esta situação aos teus clientes, mas se ganhar outras proporções, teremos de te suspender.

A polícia? Suspender? Era demasiado para Sam assimilar de uma só vez. Henry pigarreou de uma forma estranha. Raramente ia ao escritório, e provavelmente estava chateado por aquilo ter interferido no jogo de golfe que planeava para esse dia.

– Ouve, Sam. Isto é muito sério – dissera Henry. Vestia um fato, cuja

parte de cima era uma camisa bege com botões no colarinho, e o cabelo branco estava muito bem penteado para trás a cobrir-lhe a cabeça bronzeada. – Todos somos advogados aqui. Sabemos o que isto significa para a firma e para ti...

As axilas de Sam tinham começado a pingar. Interrompera-o.

– Henry, Mary, eu não fiz isso! Nunca toquei na Lydia. Ela está a mentir. A mentir! Pelo contrário, acho é que está furiosa por eu *não* ter a beijado.

Henry e Mary olharam para o chão. Sam sabia que parecia desesperado, mas estava a dizer a verdade.

A história resumida que contou a Henry e Mary era a seguinte: Lydia era uma advogada associada no seu primeiro ano, uma jovem ambiciosa que, como seria normal, subira na firma. Queria fazer parte da equipa do contencioso de Sam e, como tal, ele dera-lhe a oportunidade de trabalhar com eles em alguns casos e ela impressionara-o. Não havia problema em ser uma rapariga atraente. Sam era um tipo que gostava de mulheres com rabo e mamas generosas – com a notável exceção da sua mulher, Jen, que tinha tais atributos em menor escala – e Lydia preenchia esses requisitos. Usava saias-lápis e blusas com decote, ao ponto de outros homens da equipa lhe terem dado a alcunha de «Lydia-mamalhuda» (Sam não participava nas conversas que tinham na copa, não só por ser o chefe, mas também porque não achava a alcunha propriamente engenhosa). Mas obviamente que reparava e apreciava a fisionomia de Lydia. Era vistosa daquele modo que a geração mais nova é: ligeiramente em excesso, com lábios intumescidos, possivelmente injetados, e pestanas que nunca mais acabavam.

Uma noite, depois de jantarem no Polo Bar, foram beber copos ao Bill's Burgers. Todos se embebedaram, incluindo Sam, admitindo-o perante Mary, que o olhava com ar reprovador. Sam precisava de ir buscar uns documentos ao gabinete antes de apanhar um Uber de volta para Scarsdale e fora-se embora mais cedo. Ficaram seis pessoas, incluindo Lydia, ele despediu-se de todos e dirigiu-se ao seu gabinete, no décimo segundo andar da sede da Sullivan & Cromwell, no número 535 da Madison. Quando estava a juntar as coisas, com o Uber para Westchester à espera lá fora, Lydia surgira-lhe à porta do escritório. Era tarde, provavelmente 23h30, e Sam não tinha visto ninguém na sede. Ela entrara, fechara a porta e encostara-se à parede de maneira libidinosa.

– Lydia! Olá! Precisas de alguma coisa? – perguntara-lhe. Sam ficou propositadamente do outro lado da sala, afastado dela. Claro que ele tivera oportunidades de trair Jen ao longo dos anos – aquela mulher que conheceu num bar, em Londres, durante uma viagem de negócios, uma outra que conheceu numa conferência de advogados, em Miami –, mas acabou sempre por resistir. Como rapaz bonito e bem-parecido, tivera bastantes mulheres antes de conhecer Jen. Porque haveria de arriscar estragar o casamento? O seu pior pesadelo era ser igual aos pais. Reconhecia que se sentia bem em estar rodeado de mulheres bonitas no trabalho, e com as quais gostava de brincar,

mas de uma forma muito aberta. Nunca fez sexo com elas.

– Vim ter contigo – dissera ela, a arrastar um pouco a voz. E começou a desabotoar a blusa branca de seda.

Sam não se mexera.

– Lydia, acho que não é boa ideia – afirmara ele, o mais contido possível. – És uma rapariga muito bonita, mas sou teu chefe e sou casado.

A blusa ficara totalmente aberta, e expunha um sutiã preto de renda e uns seios jovens muito firmes. Era demasiado para Sam aguentar, e durante um segundo pensara: *Talvez?* (Não mencionou este facto enquanto contava). Mas, depois, ela desatara a correr antes que Sam dissesse mais alguma coisa. O seu Uber ainda estava à espera, por isso fora para casa, em Scarsdale, sozinho, a preparar-se mentalmente para a reunião constrangedora que teria com a sua equipa na segunda-feira.

A semana que se seguiu fora terrível. Lydia não conseguia olhar para ele e evitava-o. Além disso, alguns dos colegas mais novos pareciam saber que Lydia tinha uma paixoneta por ele. Sam não sabia como isso acontecera. Seria possível que ela lhes tivesse contado depois de ele sair do bar? Ouviu Jim Hagaen meter-se com ela antes de entrarem na sala de conferências.

– Ohhh, Lydia, lá vem o Sam. O teu velhote das quecas! – dissera Jim.

Sam entrou na sala e viu Lydia ruborizada a olhar para baixo, para as suas notas. No mês seguinte, ela foi falar com o departamento de recursos humanos para dizer que a equipa do contencioso liderada por Sam não era onde melhor se ajustava, e que preferia trabalhar na parte do direito das sociedades comerciais. Pouco tempo depois, foi-se embora da sua equipa. De vez em quando, Sam encontrava-a no elevador e tinham uma conversa rápida, simulada, e nada mais. Não pensava muito nesse assunto. Trabalhava naquela sociedade há dezoito anos e já tinha a sua dose de situações laborais constrangedoras, nomeadamente aquela vez em que entrara no gabinete de Henry Boro – o mesmo Henry Boro que estava à sua frente – e o encontrara a fazer uma massagem no pescoço à sua antiga secretária.

E agora estava ali, a ouvir Henry e Mary dizerem que Lydia o tinha acusado de assédio. Sam não podia acreditar.

– Ouçam. Eu sou totalmente a favor do #MeToo, sou feminista, *hashtag* acreditarnasmulheres, blá, blá, blá – proferiu Sam. – Trabalho aqui há quase vinte anos. Vocês conhecem-me. A Lydia está a inventar esta merda – concluíra. Sentia que lhe voava cuspo da boca enquanto falava.

– OK, Sam. Vou ter em conta a tua história, mas terás de repeti-la a quem vai fazer a investigação – comentara Mary, com um tom duro. Será que ela acreditava nele?

Henry levantou-se e apertou-lhe a mão.

– Sam, vamos resolver isto – dissera. Mary lançara um olhar a Henry. – Se não fizeste nada, não fizeste nada.

Sam perguntava-se se ele estaria a pensar no incidente da massagem.

Não contara a ninguém o que se passou, nem mesmo a Jen. Não queria

que se preocupasse sem necessidade, ou pelo menos foi isso que disse a si próprio. Ela não precisava de saber que tinha sido acusado no trabalho por uma jovem mulher de quem era colega, mesmo não tendo feito nada de mal. Durante o último mês, andava a falar com a inspetora, uma mulher com um rosto sem características marcantes chamada Erin, e a sentir que toda a sua vida de trabalho estava completamente acabada. Em parte, era por isso que estava ansioso que o verão chegasse para ir até Fire Island. Sabia que podia desabafar com Jason, que era o seu melhor amigo desde os cinco anos e que o tinha salvado da separação dos seus pais problemáticos. Jason conhecia-o melhor do que ninguém.

Era o 4 de Julho, e o encontro para o jogo de ténis entre Sam e Jason estava marcado para o meio-dia. Os *courts* estavam vazios porque toda a vila se encontrava a celebrar o feriado no campo, com jogos e comida, incluindo Jen e os seus três filhos: Lilly, de oito anos; Ross, de seis e Dara, de quatro. Estava calor e uma atmosfera húmida e Sam esperava que o jogo o fizesse suar bastante. Andava tão stressado. O comité de gestão tinha-o informado nessa semana de que iam tomar uma decisão em breve. Quão breve era breve?

Sentou-se num dos bancos em frente dos *courts* à espera de Jason. Contara-lhe assim que conseguira, naquela festa de Rachel na primeira noite que passaram em Salcombe. Ficou aliviado por ter descarregado um pouco o peso dos ombros, mas Jason reagira de forma estranha. Não tinha feito muitas perguntas e não voltara a tocar no assunto desde essa altura.

Na verdade, Jason andara estranho durante o resto do ano. Sam mal o tinha visto desde o verão anterior. Normalmente, encontravam-se uma vez por mês para tomar um copo antes de Sam apanhar o comboio para casa, e juntavam-se para jantar com as respetivas mulheres de três em três meses. Mas Sam podia contar pelos dedos das mãos as ocasiões em que tinha estado com ele durante os últimos doze meses. Estava tão focado em si que não reparou que se passava alguma coisa com Jason. Perguntava-se se estaria tudo bem entre ele e Lauren. Na casa de Rachel, parecia haver um ambiente frio entre eles, e nessa semana Sam ouvira, por acaso, uma conversa no clube entre Lisa e Emily, em que, já um pouco embriagadas, falavam acerca de Lauren e do seu «namorado professor de ténis». Ele não percebeu bem o que aquilo queria dizer, mas com certeza que Jason não era o professor de ténis ao qual se referiam.

Sam prometeu a si mesmo que ia perguntar a Jason o que se passava com ele. Se calhar estava a ser um mau amigo. Recentemente, o seu terapeuta dissera-lhe que precisava de parar de pensar que o mundo girava à sua volta. Sempre fora bem-sucedido em ser o centro das atenções. As pessoas sentiam-se atraídas por ele, e Sam aproveitava. Em criança, cultivava o seu charme: era engraçado, fazia perguntas, elogiava. Usava isso como ferramenta para cair nas boas graças de todos. Ligava todas as semanas para a casa de repouso onde vivia Ruth, a mãe de Jason, na Florida, para falar com ela. Questionava-se se Jason faria a mesma coisa. Haveria de lhe perguntar.

Foi ver o telemóvel. Jason estava três minutos atrasado e tinha-lhe enviado uma mensagem.

Desculpa, vamos ter de cancelar. Emergência de trabalho,
depois explico.
Vemo-nos no fogo de artifício.

Mas que raio... Naquele momento, Rachel passou de bicicleta a caminho da festa no campo e abrandou quando o viu.

– Olá! Com quem vais jogar?

Ela ainda estava vestida com a indumentária do jogo dessa manhã e tinha a raqueta no cesto.

– Com ninguém – respondeu Sam. – O Jason cancelou o nosso jogo do meio-dia.

O rosto de Rachel iluminou-se.

– Eu posso jogar contigo! Já joguei às 10h00 com as meninas, por isso já fiz o aquecimento.

Sinceramente, Sam não queria jogar com Rachel, mas agora não conseguia fugir. Acenou que sim.

Desde crianças que Sam e Rachel passavam todos os verões em Salcombe. Iam para casa um do outro, viam filmes no clube e tinham aulas de ténis e de vela juntos. Ele gostava dela como amiga: era divertida e alinhava em todas as aventuras. O tipo de rapariga de quem se é amigo, mas com a qual não se quer namorar. Sabia que ela estava apaixonada por ele, praticamente todas as raparigas da vila estavam, mas nunca a incentivou, inclusivamente falava com ela sobre os outros namoros que ia tendo, propositadamente para Rachel saber qual o lugar dela na sua vida.

No entanto, no verão dos seus dezanove anos, cederia. Tinha sido um erro, mas estava numa fase horrível. Os seus pais tinham-se finalmente divorciado, depois de uma longa e épica batalha judicial de décadas, em que até teve de testemunhar em tribunal. Pensou que ficaria aliviado, mas entrou numa espiral de depressão e ansiedade. Até então, toda a sua vida andara à volta do facto de os pais se odiarem, mas, apesar disso, continuarem juntos. Separarem-se efetivamente fê-lo sentir-se desestabilizado. Depois de o primeiro ano da universidade ter terminado, em junho, fora com Jason para a sua casa em Fire Island, e nessa altura, começou a ter ataques de pânico. Estava a jogar ténis, a fazer um bom jogo, e de repente ficava sem conseguir respirar. Ou estava a nadar no mar, num dia tranquilo, e sem aviso prévio deixava de conseguir mexer as pernas durante minutos. Contara a Jason, que fora compreensivo, mas a única ideia que ele tinha era telefonar à sua mãe, algo que Sam não queria. Não tencionava preocupar Ruth com o facto de estar a sucumbir mentalmente. Por isso, virou-se para Rachel, que era um pouco mais velha do que eles, quase a terminar a licenciatura em Middlebury.

Certo dia, quando estavam os dois na praia, Rachel perguntara-lhe como estava e Sam contou-lhe a verdade. Ela ouvira-o e dera-lhe conselhos que ele considerava maduros e sensatos («Vai fazer terapia»; «Fala com os teus pais sobre isso»; «Tenta fazer respirações profundas»). Em troca, Sam fora para a cama com ela. Quase que a deixou ir morar com ele e Jason, partilhando com ela o seu quarto. Como bónus, ela lavava-lhe a roupa e cozinhava para ele e Jason. Era um acordo agradável, em particular porque continuava a ter encontros com outras raparigas nas noites em que Rachel ia sair com os amigos.

Às vezes, sentia-se mal com aquela situação, nomeadamente quando, no final do verão, ela lhe dissera que o amava e que queria que ficassem juntos. Sam realmente *gostava* de Rachel, fora atraído por ela de uma forma complexa, reconfortante. Ela não o julgava e ensinara-lhe coisas no sexo que um rapaz de dezanove anos se sentia agradecido por experimentar. Pensava que ela sabia que era apenas um amor de verão. Mas não poderia namorar com Rachel, de todo. Não poderia apresentá-la aos seus amigos mais próximos que usavam coletes acolchoados na Universidade de Darmouth. Acabara com ela, explicando-lhe gentilmente que não podiam ter uma relação, que seria muito difícil voltar para a universidade preso a uma só rapariga. Ficaram amigos, embora de vez em quando ela se atirasse a ele, momentos dos quais ele se afastava (simpaticamente! Sam era sempre simpático).

Tinha pena de que ela nunca tivesse encontrado um marido ou tivesse filhos. Era patético, de alguma forma, mas também previsível. Ela estava... sempre *lá*... à espera de que alguém – Sam ou seja quem fosse – se aproveitasse dela. Interrogava-se se a sua dificuldade em ter uma relação estável estaria relacionada com o facto de ter perdido o pai subitamente quando era nova. Isso deve destruir uma rapariga. Sam gostava dela, ao contrário de Jen, que a achava uma coscuvilheira (Jen tinha razão). E que nunca tinha boas intenções em relação aos outros (Jen estava sempre certa). E que criava problemas. Sam não se importava. Contudo, isso não queria dizer que lhe apetecesse jogar ténis com ela na tarde quente do 4 de Julho.

Jogaram durante trinta minutos. Rachel, para mulher, jogava bem, com um serviço circular e uma boa *forehand*. Sam desvalorizou-a e acabou por se divertir mais do que pensava. Acabaram o *set* (Sam ganhou, 6-2) e voltaram para o banco. Ela estava vermelha como um tomate, ofegante e a transpirar por cima do lábio superior. Durante um breve segundo, Sam lembrou-se de como era fazer sexo com ela.

– Estou acabada – comentou ela. – Queres ir até lá a casa beber um *bloody mary*?

Sam não tinha nada melhor para fazer e não lhe apetecia juntar-se à família e entrar em jogos caóticos no campo com tanto calor. Sentaram-se no alpendre de Rachel, com uma ventoinha no teto a refrescá-los. Ela foi para a cozinha preparar as bebidas e Sam enviou uma mensagem a Jen, que andava estranha desde que tinham chegado à ilha. Distante, de algum modo. Talvez

se estivesse a adaptar à vida em férias, pensou Sam. Rachel trouxe as bebidas, que estavam fortes e picantes. Sam não tinha tomado o pequeno-almoço.

– Então, como é que estás? – perguntou Rachel. E recostou-se no seu sofá branco da Pottery Barn.

Parecia contente, e Sam achou que tivesse que ver com o facto de o ter só para ela. Já se conheciam há tanto tempo. Até o sinal que ela tinha no pescoço lhe era familiar.

– Está tudo bem – respondeu, encolhendo os ombros, dando depois um grande gole na bebida. – A Jen e os miúdos estão bem, estão todos contentes por estarem aqui. O trabalho: igual. E como foi o teu ano? Não andavas com uma pessoa?

Abateu-se momentaneamente uma sombra sobre Rachel.

– Sim. Durante mais ou menos seis meses. Conheci-o em setembro e estivemos juntos até quase ao verão. É divorciado, com dois filhos de oito e onze anos. É advogado, como tu, mas especializado em direito comercial, na Skadden.

– O que é que aconteceu?

– Aquilo que me acontece sempre. A relação começou a ficar séria e depois ele deixou-me. Não gostou de que eu me quisesse casar, e definitivamente não gostou quando eu disse que queria ter um filho.

– Ter um filho? Isso ainda é possível?

– Não seas parvo. Só tenho quarenta e dois anos, e congelei os meus óvulos há uns anos. A ciência é uma coisa bonita.

– Estou a brincar! De qualquer forma, parece-me que é ele o parvo, não eu.

Rachel suspirou e Sam começava a sentir a *vodka*.

– Sim, era péssimo. Mas teria casado com ele. Preciso de me casar com *alguém*, pelo amor de Deus. Estou pronta para pôr um ponto final nesta história de ficar para tia.

– Serás sempre a minha tia favorita – comentou Sam.

Acabou a bebida, e num piscar de olhos ela trouxe-lhe outra. Sentou-se perto dele, com a coxa a sobressair da saia branca de ténis quase a tocar-lhe.

– Já que estamos a ser sinceros: como é que vai a tua ansiedade? Pareces stressado. Está tudo bem contigo e com a Jen?

Sam deu outro grande e delicioso gole. Rachel fazia as melhores bebidas. Decidiu que lhe ia contar o que se passara no trabalho, mesmo sabendo que era uma jogada arriscada pelo facto de ela não saber guardar segredos. Mas tinha de falar com alguém, uma vez que Jason andava a evitá-lo.

– Na verdade, nada bem – respondeu. – Vou contar-te uma coisa, mas não podes dizer a ninguém. Nem mesmo a Jen sabe. – Ele viu os olhos de Rachel a iluminarem-se.

– Claro! Juro – disse, com o polegar e o indicador a percorrer os lábios.

Sam contou detalhadamente o que acontecera com Lydia, enfatizando a

sua inocência e desencadeando expressões de simpatia por parte de Rachel, como «oh, meu Deus» e «só podes estar a brincar». Era mesmo daquilo que precisava. Alguém que o ouvisse e estivesse do seu lado.

– Sam, toda a vida te conheci e sei que nunca obrigarias ninguém a nada. Sabia-lhe muito bem ouvir aquilo.

– Obrigado, Rachel. Agradeço o teu apoio.

Ela parou uns segundos e moveu a perna para mais perto dele.

– Pelo contrário, as mulheres é que são impelidas para *ti*. Eu sei, porque foi o que se passou comigo – disse. Ela sorriu-lhe da forma mais sedutora que conseguia.

O que é que Sam deveria fazer com aquilo?

– Queres outra bebida? – perguntou Rachel.

– Estou bem – respondeu Sam. – Ainda nem é bem hora de almoço e já estou meio tocado.

Rachel também tinha tomado duas bebidas. Quão fortes ela as fizera? A sua cara transformou-se subtilmente num ar aborrecido. *Lá vamos nós*.

– Tu és o homem mais *sexy* de sempre – disse ela. Ainda brincalhona, mas havia um tom na sua voz de que Sam não gostou totalmente.

– Oh, vá lá, Rachel, vamos manter a coisa amigável. Acabei de te expor a minha alma, não é suficiente? – afirmou. Ele tentou dar-lhe uma palmadinha nas costas, mas ela afastou-se.

– Não fazes ideia do que eu passo – disse ela. Estava a falar mais alto. Devia estar bêbeda. – Estou completamente sozinha. Toda a gente tem alguém. A Jen tem-te a ti. A Jen tem *todos*! – exclamou. Pôs a mão na boca assim que disse aquilo, e depois saiu abruptamente do alpendre em direção ao quarto. Sam não sabia o que se estava a passar. O que é que ela queria dizer com «a Jen tem todos»?

Seguiu-a pelo corredor e encontrou-a no quarto, deitada na cama com a cabeça para baixo e a pernas a mexerem-se furiosas, fazendo balançar a saia de ténis.

– Rachel, por favor, levanta-te. O que é que se passa? – inquiriu Sam. Achou que ela parecia uma adolescente. Ou um dos filhos.

Ela virou-se, mas não se levantou.

– Sam, lamento a tua situação no trabalho. E lamento que mo tenhas contado em vez de o contares à tua mulher. Já pensaste no que é que isso quer dizer?

Sam sentou-se ao seu lado.

– Tu conheces a Jen – respondeu. – Não a quero incomodar com esse assunto se não for absolutamente necessário.

– Tu *conheces* a Jen? – perguntou ela, num tom maldoso.

– OK, é a minha mulher. Aonde é que queres chegar? – Sam estava com um mau pressentimento e a barriga começou-lhe às voltas.

Rachel respirou fundo e sentou-se com as pernas suspensas do chão.

– Acho que a Jen te anda a trair.

Sam sentiu uma tontura.

– Ela não me anda a trair. Que estás para aí a dizer?

– Tenho quase a certeza – aferiu Rachel. Olhou para a parede e continuou: – Vi-a com uma pessoa. Tenho a certeza de que vi.

– Quem?

– Não posso dizer.

Sam agarrou-lhe no pulso fino, puxando-o para ele. Nunca tocara assim numa mulher e isso dava-lhe um prazer estranho, como se pudesse partir-lhe o braço.

– Rachel. Quem?

Ouviu-se o som de uma pancada na porta. Ambos congelaram.

– Rachel, Rachel! Estás aí? – ouviram. Era a voz estridente de Susan Steinhagen. Ela tinha abanado a porta envidraçada e Sam percebeu que a tinha aberto.

– Rachel, estás aí? Preciso da tua ajuda com o empate do torneio de pares. Rachel? Disseste que estarias aqui às 13h30. Estás nas traseiras?

Sam levantou-se depressa, mas não suficientemente depressa. A cabeça de Susan, acompanhada pelo nariz proeminente, espreitou para o quarto de Rachel, captou o cenário, e retirou-se rapidamente.

– Oh, desculpa! Volto amanhã – disse, enquanto se apressava para se ir embora.

Sam ouviu a porta fechar. Rachel ainda estava sentada na cama, com o rosto pálido. Se alguém soubesse que os dois estavam sentados na cama de Rachel, sozinhos e a meio do dia, Sam estaria lixado. Sem dizer nada, saiu. Passou pelo alpendre, pelos copos vazios de *bloody mary* (que Susan teria visto) e seguiu pelos passadiços, sob o sol escaldante. Ainda estava um bocadinho tocado. Precisava de encontrar Jen.

Robert Heyworth

Robert Heyworth acabara de fazer sexo com uma mulher casada, uma cliente do seu novo trabalho altamente lucrativo. Por isso, tinha sido uma jogada estúpida da sua parte, mas também inevitável. Lauren queria-o, ele queria-a e ambos sabiam disso. Ninguém tinha culpa. E tinha sido bom e ele teria de o repetir.

Robert passara a manhã do 4 de Julho a dar aulas. Começou às 9h00 com os fedelhos Longeran, Milly e Milo, de oito e nove anos, que o torturaram o tempo todo, entoando frases como «O Robert é um grande cocó!», e ignorando as suas chamadas de atenção sobre os acompanhamentos, as batidas e a indicação para irem apanhar as bolas. Os pais, como era habitual, não estavam presentes. Depois, às 10h00, teve uma sessão para treinar a estratégia do jogo de pares com Rachel Woolf e Emily Grobel, que tinham esperança de vencer o torneio de pares desse ano (era provável que não acontecesse, mas ele não deixaria de aceitar os seus pagamentos para as ajudar). Das 10h30 às 11h00 foi a vez de Larry Higgins. Robert gostava de lhe dar aulas porque ele não queria saber, simplesmente gostava de jogar e não queria passar a velhice parado. Andava a coxear pelo *court*, por causa de uma lesão antiga que fizera quando praticava esqui, mas divertia-se por estar ali, a contar piadas a Robert nos intervalos. Depois de a aula terminar, sentaram-se no banco e conversaram um pouco.

– Então, estás a gostar do trabalho? E da casa? – perguntou Larry, enquanto limpava a cara à toalha.

– Estou a gostar muito – respondeu Robert, e era verdade. – E a casa é excelente – continuou; mas não era.

– Estás a gozar comigo – disse Larry, num riso abafado. – A casa é uma porcaria.

Robert riu-se. Havia algo em Larry que lhe lembrava o pai. Era uma pessoa cativante e sem tretas.

– Sim, não é perfeita. Mas faz parte do trabalho e estou feliz por morar lá. Só preciso de descobrir como me livrar das formigas.

– Posso pedir ao Pete, o exterminador, que vá lá, não te preocupes – disse Larry. Toda a gente que trabalhava na vila e que não vivia lá, e ia de *ferry* para fazer o seu trabalho, era tratada por um único nome. Pete, o exterminador; John, o das bicicletas; Anthony, o empreiteiro; Luigi, o canalizador (sim, o canalizador chamava-se mesmo Luigi).

– Obrigado, Larry. Agradeço muito. Mas, pronto, além disso, tenho a agenda cheia, mal tenho tempo para almoçar e as pessoas são, de um modo geral, simpáticas. Mais simpáticas do que noutros sítios onde trabalhei – afirmou. O que Robert não acrescentou foi: mas também são malucas.

– Ora, toda a gente aqui é louca. Ambos sabemos disso – comentou Larry.

Robert riu-se novamente. Nem de propósito, e vinda do outro lado do *court*, apareceu Susan Steinhagen. Larry chamou a atenção de Robert e fez uma careta.

– Olá aos dois. Mesmo as pessoas com quem precisava de falar – anunciou na sua voz com dois decibéis acima, como de costume.

– Preciso da vossa ajuda para organizar os torneios. Têm cada vez mais gente e é preciso apoio extra. Larry, já que faz parte do comité do ténis, delego-o como responsável das inscrições e o Robert pode tratar de tarefas administrativas, como alertar as pessoas para os horários dos jogos. Eu definirei os cabeças de série.

– Claro que definirá – disse Larry, piscando o olho a Robert.

Susan percebeu.

– Larry, isto é um assunto sério, sabe como as pessoas ficam fora de si com estes torneios.

Robert podia imaginar. Uma vila cheia de jogadores de ténis medíocres que se levam demasiado a sério.

– Tenho todo o gosto em ajudar – disse Robert. – Diga-me só qual é a maneira de o fazer.

Susan assentiu.

– Também vou envolver a Rachel Woolf, que conhece melhor as jogadoras – disse ela. – Mas não vou permitir de maneira nenhuma que ela influencie quem vai jogar com quem.

– Oh, não, claro que nunca vai permitir isso – comentou Larry, continuando a picá-la.

Susan abanou a cabeça na direção dele.

– Larry Higgins, vai receber as minhas instruções a qualquer momento – informou. Depois virou costas e voltou ao seu jogo de senhoras idosas.

– Sim, meu general! – gritou Larry, num riso abafado. – Que bela peça – comentou com Robert, sem que ela já conseguisse ouvir. Robert tinha medo de Susan, em particular depois de ela o ter visto tão perto de Lauren quando estavam os dois no *court*, e divertia-se com Larry a troçar dela.

– Não acabou de me contar aquela história acerca do antigo professor, o tal Dave. Disse-me que a Susan pensava que ele tinha roubado o clube.

– Ah, sim. A história do álcool foi um pretexto que a Susan arranjou para o expulsar – comentou Larry. Ele pegou na raqueta e saiu da zona dos *courts* em direção ao clube. Robert foi atrás dele, acenando um «olá» quando passou por Sam Weinstein, que estava a fazer o aquecimento para o seu jogo do meio-dia. Robert tinha um intervalo até às 14h00.

– Aparentemente, ela reparou que as aulas não estavam a ser cobradas corretamente. Ou melhor, que estavam a ser cobradas em duplicado. O Dave disse que foi um erro administrativo, mas tudo aquilo parecia suspeito.

Que erro tão estúpido, pensou Robert. Após umas semanas, percebeu logo que havia uma forma mais fácil de roubar. Bastava não registar «oficialmente» uma aula e cobrar o cartão do membro numa conta diferente do clube. Ninguém ia verificar quem estava no *court*, nem quando, ele era o único a fazer esse acompanhamento. Por que motivo Dave não fez isso? Se calhar tinha o cérebro toldado pelo álcool.

Robert tinha duas horas livres, por isso foi até ao quartel dos bombeiros, onde estavam a servir cachorros-quentes e cerveja, e onde também andavam os bombeiros voluntários vestidos com os uniformes. Eram ridículos, pareciam adultos a usar fatos de Halloween. Robert viu Brian, com os suspensórios prestes a rebentar e também viu Lisa, a mulher de Brian, que estava junto de Emily. Andavam vestidas como se fossem gémeas, com macacões brancos. Robert confundia as mulheres em Salcombe e ele nunca confundia as mulheres. Será que elas gostavam umas das outras? Ele estava sempre a ouvi-las coscuvilhar, acerca de como determinado filho de alguém se estava a portar mal, ou de como o jogo de ténis de uma delas não era assim tão bom. Henrietta, a mulher de Larry, não tinha convidado Claire para o jantar que organizara; Emily achava que podia encontrar uma parceira melhor do que Rachel para o jogo de pares; Lauren era vaidosa. Mas, por outro lado, todas eram inseparáveis. Todas as noites iam tomar um copo, passavam horas na praia, iam ver os filhos jogar *corkball* no campo durante a tarde. Como Lisa e Emily, que se vestiam de forma idêntica com as mesmas marcas de roupa. Ele nunca tinha trabalhado ou, aliás, vivido, numa comunidade tão pequena. Percebia que podia ser facilmente engolido por ela.

Viu Lauren no meio da multidão com um vestido esvoaçante e floral e as tiras de um biquíni cor-de-rosa visíveis na parte de cima. Sem querer, ficou momentaneamente com uma ereção. *Controla-te, idiota*, pensou.

Claire Laurell foi até junto dele a dar as últimas dentadas num cachorro-quente. Destruição instantânea da ereção. *Obrigado, Claire*.

– Robert! Tudo bem? Ainda não se foi embora, por isso ainda não se assustou com os habitantes de Salcombe.

Entre repetições de serviços, Rachel contara-lhe que Claire e o marido, Seth, tinham sido *swingers*. Aparentemente, todos tinham alguns segredos.

– Está tudo bem, Claire, obrigado por perguntar. Vi-a jogar no outro dia

e parece estar a ir muito bem.

– Gosto de me manter entre a malta mais nova – disse ela. – Não consigo correr como corria, mas é simpático da parte delas incluírem-me.

Robert apercebeu-se de uma confusão à volta de uma das mesas de cerveja. Virou-se e viu Lauren de pé no meio de um círculo de pessoas. «Oh, vai à merda, Beth», ouviu-a gritar. Claire deu-lhe uma cotovelada, a apreciar o espetáculo enquanto divagava acerca do seu jogo («Já tenho dificuldade em mexer as pernas»), tendo-se juntado aos dois algumas mulheres da idade de Claire. Ele ouviu-as pacientemente a apresentarem-se, cada uma a explicar em que nível de ténis estavam e qual o seu historial de jogos. Mas ele só estava atento a Lauren, que viu ir embora por Neptune em direção à praia.

«Quero estar sozinha contigo», dissera-lhe na outra noite. Primeiro, pareceu-lhe que tinha ouvido mal. Estivera tão focado nela, mesmo quando estava a conversar com outros, e achava que ela também estava focada nele. Mas o marido estava logo ali. Uns dias depois, agendara uma aula com ele. Levara vestido um fato de ténis justo, as pernas compridas à mostra. Robert passara o tempo todo a querer tocá-la, e encontrara finalmente uma desculpa quando ela lhe pedira para corrigir o punho da *forehand*. Ele avançara até ao outro lado do *court* e pegara no seu pulso delicado, fazendo-o deslizar pela raqueta para o acomodar convenientemente.

Enquanto dizia um disparate qualquer sobre força e preensão, ela encostara-se a ele, aconchegando o corpo quente contra a sua virilha. Lauren sabia o que estava a fazer e Robert deixou-a instalar-se, desfrutando da sensação de ter o rabo dela contra o seu corpo – não tinha dormido com ninguém desde que deixara Taylor, na Florida, há algumas semanas. Uns segundos depois, percebera que a velha Susan Steinhagen estava sentada no banco oposto do *court* a olhar para eles. Lauren afastara-se rapidamente e ambos fingiram continuar normalmente durante o resto da aula. Robert tinha de descobrir uma maneira de encontrar Lauren sozinha. E agora era a sua oportunidade.

– Desculpem, meninas, tenho de ir andando. Espero ver-vos nos *courts*! – disse ele.

Todas fizeram o seu sorriso idoso mais sedutor.

Robert atravessou o campo, contornando crianças transpiradas vestidas de vermelho, branco e azul a brincar com pistolas de água. Passou pelas bancadas e virou para cima, por Neptune. Conseguia ver Lauren a afastar-se, uma figura solitária circundada por um arco de árvores. Correu para a apanhar, não sabia o que aconteceria quando chegasse perto dela, mas sabia que tinha de continuar.

E depois ela convidou-o para sua casa. Seguiu-a, impressionado pela atmosfera irreal daquele espaço. Tão imaculado, com decoração estival, mas também luxuosa, sem vestígios das duas crianças que ali viviam. Robert pensou na sua pequena barraca com uma cozinha cheia de formigas e uma cama desengonçada. Sempre achou que, um dia, teria uma casa assim.

Decorada, pura, como as casas e os apartamentos em que ficara com Julie.

Mais tarde, enquanto ia de sua casa para o clube naval, onde no terraço exterior havia a festa anual do 4 de Julho, pensava no corpo de Lauren. Na sua barriga lisa, nos seus seios pequenos e atrevidos. Depois de terem feito sexo, fora-se embora, deixando-a nua e satisfeita. Esgueirara-se pela porta, certificando-se de que ninguém via de que casa saía, e passara o resto da tarde a dar aulas, distraído e esgotado. Já tinha dormido com outras clientes, mas com esta era diferente. A vila era tão pequena, toda a gente comentava tudo sobre todos, se se descobrisse, perderia o emprego. E, depois, para onde é que iria? Voltava para Tampa? Pediria dinheiro à mãe? Estes pensamentos deixavam-no maldisposto. Imagens de Lauren continuavam a surgir-lhe na mente. A língua dela na sua barriga, o topo da cabeça com os seus belos cabelos louros enquanto lhe fazia sexo oral. Sabia que a iria ver nessa noite, na festa. E Jason também estaria lá.

A temperatura tornou-se amena e vinha uma brisa do mar. Robert virou por Bay Promenade, passou por Broadway para ir para o clube naval, que era em Marine. Nas suas bicicletas enferrujadas, iam passando outras pessoas na mesma direção; homens de calças caqui e camisas, mulheres de vestidos. Robert levava um polo branco e uns calções Seersucker. Sabia como se adaptar a esta gente.

Quando chegou, o terraço já se encontrava repleto de pessoas. Eram 19h00 e o sol ainda estava alto no céu. Os empregados circulavam com aperitivos – miniaturas de quiches, *cocktails* de camarão, salmão fumado em tostinhas – que as mulheres recusavam. Entregaram a Robert uma taça de champanhe. Enfeitaram o clube para a festa, colocaram toalhas nas mesas de madeira, juntamente com arranjos florais para dar alguma classe. Robert sentia-se sempre esquisito nestas coisas. Era um convidado ou era um funcionário? Parecia-se com estas pessoas, mas não era uma delas. Na universidade, era bom a fingir, especialmente se estivesse ao lado de Julie, mas ali sentia-se enferrujado, provavelmente devido à sua recente e prolongada estadia na «Shitsville», Florida.

– Robert! Que bom vê-lo! – Era Emily. Tinha-o encontrado nessa manhã, mas cumprimentou-o como se não o visse há um ano. Vestia uma blusa com folhos que parecia um naperon caro, usava grandes brincos verdes e o cabelo louro estava penteado para trás num puxo elegante. Não era bonita, mas arranjava-se de uma maneira atraente. *É o que o dinheiro pode fazer*, pensou Robert.

– Venha conversar connosco – disse ela, agarrando-o pelo braço e levando-o até um grupo onde estavam o seu marido, Paul, e também Jen e Sam Weinstein. Jen tinha uma postura normal e amigável, usava um vestido tipo quimono azul-claro. Robert achava que Sam rivalizava com ele no que dizia respeito à beleza, com os caracóis grisalhos e pele bronzeada de Sam ao estilo de George Clooney, em contraponto com o estilo Brad Pitt de Robert. Sam estava estranhamente carrancudo, parecia nem ter reparado em Robert e

estava afastado da mulher. Paul ia a meio de um monólogo, que continuou.

– Nós vivemos na baixa essencialmente para usufruir da diversidade da cidade. Os nossos miúdos experimentam o mundo, estão a ver? Se se viver na zona residencial, como a Lauren e o Jason, as crianças só convivem com pessoas ricas e brancas. Além disso, eu trabalho na indústria musical, e isso ajuda a que os meus filhos possam seguir outras carreiras que os façam felizes e que sejam diferentes das carreiras na área financeira. Acho que isto é importante.

Para um tipo baixo, Paul tinha um ego surpreendentemente grande. Robert percebia que ele estava a irritar Jen.

– É difícil perceber como é que viver num bonito apartamento perto da Union Square e matricular os filhos numa escola privada é fazer com que eles usufruam da diversidade da cidade – comentou Jen, a sorrir.

– A nossa escola é muito modesta – disse Emily.

Robert ficou com a impressão de que Emily não era a mais inteligente do grupo.

– Não há notas: os professores avaliam os alunos com base noutros critérios. Chama-se «filosofia orientada por emoções».

Jen olhou para ela com apreensão.

– Tem muitos pais que são celebridades – continuou Emily. – Mas são artistas, autores e cineastas famosos, não são atores de televisão nem nada disso.

– Não tinhas dito que os filhos dos Gyllenhaal andavam lá? – perguntou Jen.

– Ah, tens razão, mas isso é diferente – respondeu Emily. – A escola é tão boa que os filhos deles vão de Brooklyn para a frequentar.

– Eu já dei aulas ao Jake Gyllenhaal – lançou Robert.

Todos se voltaram para ele. Até Sam pareceu impressionado.

– Quando estive em Brentwood, era um cliente habitual. Costumávamos ir tomar um copo depois das aulas. Era um tipo simpático – continuou Robert, descontraidamente.

Paul, em particular, olhou para Robert com admiração. Robert reconhecia um lambe-botas de gente famosa quando encontrava um.

Um empregado aproximou-se e ofereceu a todos uma miniatura *gourmet*. Robert pegou numa. Estava cheio de fome.

– Também fiquei contente com a forma como a nossa escola lidou com o Black Lives Matter – referiu Paul. Ele vestia uma camisa havaiana amarela e cor-de-rosa, embora Robert achasse que era mais um «toque» numa camisa havaiana do que aquelas verdadeiras que o pai dele gostava de usar quando recebia convidados para um churrasco. Era provável que aquela fosse Valentino, ou algo assim.

Sam ia bebendo a sua bebida em silêncio, mas arrebitou com aquele comentário.

– Estou farto desses assuntos do racismo, do #MeToo – afirmou Sam. –

As pessoas deviam deixar de se queixar e continuar com as suas vidas.

Jen olhou para ele, surpreendida. Toda a gente estava espantada: Sam era sempre positivo e leve.

– Não discordo de ti – comentou Paul.

Lá vamos nós, pensou Robert. Já tinha ouvido milhares de vezes estes comentários dos clientes. Os ricos adoravam queixar-se de pessoas que tentavam tirar-lhes o seu poder.

– Este ano, a minha empresa só promoveu empregados negros. Foi completamente para atrair a atenção do público. Enviávamos um bom comunicado de imprensa, que a *Variety* destacava, e conseguíamos boas relações públicas pelo facto de estarmos a aumentar o número de pessoas racializadas nas chefias. Mas, honestamente, não foi uma grande estratégia de negócio. Precisamos de promover as melhores pessoas, ponto final. Até as mulheres brancas agora são tratadas injustamente! – comentou Paul, rindo-se.

– Paul, não deverias ser tu a pessoa *woke*? – desdenhou Sam.

Naquele momento, Theo Burch, o único homem negro em Salcombe, passou pelo grupo. Estava com a mulher, Erica Todd, cuja família tinha uma casa em Atlantic Walk. Houve um segundo tenso no qual ninguém sabia se Theo tinha ouvido o discurso inflamado de Paul. Theo, que estava sempre vestido como se fosse jogar golfe em Augusta, tinha sido promovido a diretor de operações de uma grande empresa de seguros. Robert ouvira uns mexericos no *court* sobre como Theo era «beneficiado pela atualidade», mas daquilo que Robert conseguia depreender, Theo não era menos merecedor do que qualquer outro executivo rico daquela vila.

– De mulheres brancas, não sei – continuou Sam, sorumbático. – No meu mundo ainda têm muito poder.

Robert tinha acabado de comer o aperitivo e de beber a taça de champanhe. Como é que podia sair dali? Passou os olhos pela festa: nada de Lauren. E também não viu Jason.

– Bem, esta conversa deu uma volta estranha – disse Jen.

Robert sentia más vibrações de todos.

– Robert, porque é que não vamos os dois buscar umas bebidas mais fortes? – perguntou ela.

Sam encarou-o.

– Até já, pessoal – disse Robert, seguindo Jen para a área do bar e deixando Sam, Emily e Paul a sentirem-se desconfortáveis.

Jen sentou-se num dos bancos de madeira vermelha e deu uma pancadinha no que estava ao lado dela. Ele sentou-se.

– Peço desculpa por aquilo – disse ela, enquanto acenava ao *barman*, Micah Hold. – Micah, dois *whiskeys*, por favor.

O cabelo de Micah estava dramaticamente virado para o lado, e ele sorria abertamente a gozar o poder de agradar aos amigos dos pais. Robert sentiu uma ponta de inveja da posição de Micah: jovem, com uma família rica e um emprego de verão divertido. Lembrava-lhe os rapazes que conheceu em

Stanford.

– Como já deve ter ouvido falar, o Paul consegue ser um cretino, e não sei o que se passa com o Sam. Não acho que ele pense assim. Ignore-o – pediu-lhe Jen, claramente envergonhada. – Acho que as pessoas aqui se esquecem de que nem toda a gente tem dinheiro para comprar uma segunda casa esplendorosa e viver neste sítio privilegiado.

– Oh, não se preocupe. Já ouvi pior – comentou Robert. E era verdade.

A porta abriu-se e Lauren entrou, com Jason atrás dela. Robert sentiu uma tontura e virou-se completamente para Jen, não queria que Lauren o visse. Ela trazia um vestido azul-marinho elegante que lhe chegava a meio da perna e lhe envolvia o resto do corpo. Parecia refrescada, com o rosto corado e o cabelo louro perfeitamente inclinado. Acenou a alguém no fundo da sala e encaminhou-se para lá, passando por Robert e Jen sem os ver. Jason, entretanto, foi ter diretamente com os dois. Robert percebeu que Jen ficou tensa.

– Jen, Robert, olá – cumprimentou ele. – Como foi o vosso 4 de Julho? Foram assistir à confusão que havia no campo?

– Sim, eu estive lá – respondeu Robert. – Que grande festa que a vila organizou. – Sentia a garganta a apertar. Porque é que Jason fora falar com ele?

– Então, se calhar viu a minha mulher a ter uma discussão. Ouvi dizer que foi cá uma cena – comentou ele.

Robert não estava a perceber aonde aquilo ia chegar.

– Sim, vi qualquer coisa – respondeu.

– Ela está bem? – interveio Jen.

– Sim, sabes como é a Lauren – respondeu Jason. Parecia ter perdido todo o interesse em Robert e estava completamente de frente para Jen, a olhar para ela. – Acaba por ficar sempre bem – continuou, acenando depois a Micah. – Um *vodka* Martini sem gelo com uma rodela de limão.

Micah assentiu e foi preparar a bebida.

Jen sorriu a Jason. Robert percebeu que havia qualquer coisa entre eles, não sabia o quê, mas estava contente por Jason não focar a atenção nele, a pessoa que penetrara a sua mulher, na sua cama, no início da tarde daquele dia. Ninguém dizia nada. Era suposto Robert fazer conversa?

– Jason, como vai o jogo de ténis? Tenho visto a Lauren nos *courts*, mas o Jason não.

Micah entregou-lhe o Martini e ele limpou a condensação dos lados do copo. Vestia uma camisa de riscas azuis e brancas e os olhos estavam ainda mais escuros do que o habitual.

– Na verdade, era para ter ido jogar hoje com o Sam, mas tive uma urgência de trabalho – respondeu ele. – Mas de certeza que vou lá para a semana. Talvez me possa dar uma aula?

Como é que Robert não adivinhou que era isso que aí vinha?

– Claro, parece-me bem. Tenho o horário cheio, mas de certeza que

consigo encaixá-lo numa destas manhãs.

Jen mudou de posição e Robert aproveitou a oportunidade para fugir.

– Agradeço a bebida, Jen – disse ele, levantando-se. – Vou cumprimentar os outros jogadores.

Deixou os dois no bar, Jen sentada e Jason em pé, e foi até ao fundo da sala. Levou a bebida consigo, saiu pela porta de trás perto dos *courts* e dirigiu-se à sua cabana, que era de madeira e pequena, talvez com um metro e meio por dois, e onde guardava baldes com bolas, uma pequena máquina de encordar e algumas raquetas adicionais para alguém que as esquecesse ou partisse. Era para onde ia descansar durante as aulas. Tinha uma pequena cadeira e uma mesa improvisada, com a papelada das aulas e o horário. Felizmente, o espaço tinha uma porta que costumava fechar para que os clientes não o fossem incomodar na sua pausa, querendo discutir detalhes dos jogos. Fechou-a nesse momento, também, e sentou-se à secretária, apreciando o silêncio. Acabou de beber o *whiskey*. Sabia que devia voltar para a festa, mostrar a cara e publicitar as suas capacidades, mas sentia-se ansioso. Queria ver Lauren e queria não a ver.

Mas não era ele quem ia decidir. Ouviu uma batida rápida na porta e Lauren apareceu, entrando logo. Segurava um copo de vinho branco e o seu olhar estava um pouco enlouquecido.

– Que fazes aqui? Alguém vai dar pela nossa falta – disse Robert.

O seu coração batia mais depressa do que ele gostaria. Ela pôs o copo de vinho na secretária, salpicando o tampo, e empurrou-o contra a máquina de encordar, com o metal frio a pressionar-lhe desconfortavelmente as costas. Lauren beijou-o com intensidade e pôs-lhe a mão por dentro dos calções.

– Segui-te – disse ela. – Ninguém me viu.

– Lauren, o Jason está logo ali, alguém pode encontrar-nos – sussurrou.

– Não quero saber – disse ela, encostando-se a ele.

O vestido azul-marinho subia-lhe pelas pernas e Robert levantou-o acima da cintura. Contornou-a e puxou-lhe as cuecas para baixo. Os calções dele caíram-lhe sobre os tornozelos: dobrou-se sobre ela em cima da secretária e penetrou-a por detrás até ambos terem um orgasmo, rápida e facilmente.

Num instante, ela puxou o vestido para baixo a ajeitou o cabelo. Beijou-o suavemente na boca, agarrou no copo e saiu pela porta, fechando-a atrás de si. Robert puxou os calções e sentou-se. Tudo aquilo devia ter durado cerca de seis minutos.

Sabia que deveria estar feliz, mas sentia-se amargo e usado. Decidiu que não ia voltar para a festa, não conseguiria aguentar uma conversa depois daquilo. Por isso, abriu o pequeno caderno com o registo das aulas e analisou a agenda do dia seguinte.

Lisa Metzner – 10h00-11h00
Claire Laurell – 11h00-11h30
Prática de pares – 11h30-13h00
Almoço
Larry Higgins – 14h00-15h00
Lauren Parker – 15h30-16h30

Veria Lauren em breve. Estava abafado na cabana e cheirava a uma mistura de sexo com o odor metálico das latas das bolas. O pequeno cesto do lixo estava repleto de garrafas de água vazias e embalagens de barritas energéticas. Pensou em Dave, o antigo professor, e na sua tentativa fracassada de ficar com a melhor parte dos conjuntos de aulas. Devia estar desesperado. Como pudera ter sido tão descuidado?

Robert já andava no ramo há tempo suficiente para saber que era mais inteligente do que a maioria dos professores de ténis, pensamento que por vezes lhe ocorria. A duzentos dólares por aula, Dave só teria de ter desviado uma ou duas aulas por dia para uma conta à sua escolha e assim ficaria com vinte mil dólares adicionais a juntar ao salário. Duzentos mil dólares, sem impostos, seria o suficiente para Robert pagar meses de renda enquanto procurava trabalho em Nova Iorque.

Levantou-se e começou a mexer na máquina de encordar. Seth Laurell, marido de Claire, tinha deixado a sua raqueta Wilson nessa tarde para ser arranjada, atribuindo a culpa às cordas soltas por ter perdido no jogo com Tom Schiller (perdeu porque não era bom a jogar, as cordas não tiveram nada que ver com o assunto). Robert disse que a arranjava por cinquenta dólares. Pegou nela e começou a separar os fios com a tesoura, um a um.

A cada fio que separava, ficava mais e mais furioso. O que é que Lauren queria? Um brinquedo sexual para deitar fora quando o verão terminasse?

Pensou no pai e em como ele esperava que Robert fosse mais do que um mero professor de ténis. Pensou em Julie e na vida glamorosa que tinha com ela. Pensou em todas as oportunidades que tivera. Atirou a raqueta de Seth contra a parede de madeira, que voltou para trás e quase lhe acertou na cara, aterrando na secretária e espalhando todos os papéis.

Suspirou e voltou a pegar no caderno de registo das aulas. Sentou-se e olhou para ele. Se Dave não fez bem a marosca, talvez ele a conseguisse fazer. Ninguém suspeitaria de si, principalmente porque ninguém ia pensar que ele era suficientemente doido para tentar fazer o mesmo que Dave, o alcoólico, fizera no ano anterior. Ele ia simplesmente *reorganizar* o dinheiro. No final de cada semana, cobrava as aulas nos cartões dos membros; no Dia do Trabalhador, o clube pagar-lhe-ia vinte por cento do que se tinha acumulado. Enviaria cópias dos recibos ao Comité de Ténis do Clube Naval de Salcombe para registos e impostos. Assim, de agora em diante, deixaria de fora uma ou duas aulas por dia no caderno de registo. *Daria* essas aulas, mas iria cobrar esses cartões noutra conta diferente que iria criar nessa noite. Porque é que *não haveria* de ficar com cem por cento do que os clientes

pagavam pelo seu talento? Olhou novamente para o alinhamento das aulas do dia seguinte.

5 de julho – Horário de aulas

Susan Steinhagen – 9h00-10h00

Lisa Metzner – 10h00-11h00

Claire Laurell – 11h00-11h30

Prática de pares – 11h30-13h00

Almoço

Larry Higgins – 14h00-15h00

Lauren Parker – 15h30-16h30

Rasgou essa página, fez uma bola com ela e enfiou-a no bolso para a deitar fora mais tarde. Estreou uma folha nova e escreveu:

5 de julho – Horário de aulas

Susan Steinhagen – 9h00-10h00

Claire Laurell – 11h00-11h30

Prática de pares – 11h30-13h00

Almoço

Larry Higgins – 14h00-15h00

Lauren Parker – 15h30-16h30

Daria a aula a Lisa na mesma, cobraria o seu cartão (para ele) e ninguém ia saber de nada. Nenhuma pessoa acompanhava os seus movimentos, até Susan Steinhagen ia para a praia jogar *bridge*. Com mais vinte mil dólares, podia ir descansado para Nova Iorque no outono, mesmo sem ter emprego.

Robert fechou o caderno de registos e saiu da cabana, afastando-se do clube antes de virar em Harbor para voltar para casa. Estava mais escuro e já se ouviam os estouros do fogo de artifício sobre a baía. Passou pela casa de Rachel: a luz do alpendre da frente estava acesa, embora achasse que não estaria em casa. Odiava aquela gente. Robert sentia-se mais leve enquanto caminhava pelo passeio silencioso. *Que se fodam todos*, pensou. Estava entusiasmado com o facto de ficar com o dinheiro deles. A seguir, voltou para a sua cozinha com formigas.

Paul Grobel

Paul Grobel tinha pena dos outros homens de Salcombe. Eram tão deprimentes. Na festa de *cocktails* do 4 de Julho, ouviu um tipo cheio de si a descrever-se como sendo «apaixonado pela área financeira». Paixão pela área financeira! Ah! «Sim, chamo-me Idiota e adoro movimentar dinheiro de uma conta para a outra, e de ficar com algum para mim.» Paul não acreditava como é que havia alguém tão desinteressante.

O seu emprego era na área musical, no departamento de *marketing* da Atlantic Records, onde ajudava a promover artistas e projetos nas plataformas. Na verdade, parecia mais interessante do que era. Ele era basicamente um publicitário vulgar que nem sequer era diretor do departamento (só ganhava pouco mais de cem mil dólares por ano e deixava que Emily pensasse que ganhava pelo menos meio milhão, o que era aceitável, dada a natureza criativa do seu trabalho). Mas gostava de como soava quando dizia que trabalhava «na música», e era a família de Emily que pagava tudo, de qualquer forma.

Tinham-se conhecido dez anos antes, na inauguração de uma galeria de arte, e ele impressionara-a com o seu conhecimento sobre o artista. Embora Paul fosse baixo, nunca teve problemas em arranjar namoradas. Emily também era baixa e não parecia importar-se. O pénis dele era grande para a sua altura: Paul tinha a certeza de que era isso que o salvava. E, na verdade, amava Emily. Achava-a encantadora, bonita e com bom gosto. (A prova disso é que, de entre tantos homens em Manhattan, foi com ele que escolheu casar.) Gostava do cheiro do cabelo dela e do modo como dava um beijinho no nariz aos filhos antes de dormirem.

Sabia que ela era rica, mas não tinha noção de quanto, até assinarem os documentos pré-nupciais. Ele, que provinha de uma família de Long Island de classe média/alta com posses, mas sem recursos financeiros para o resto da vida, com o casamento ficou com recursos financeiros para o resto da vida. Achavam piada a isto. Decidiram morar na baixa a pedido de Paul, por causa

«da cultura» e Emily fez um grupo simpático de amigas mães parecidas – pessoas criativas que viviam com apoio dos pais.

Construíram a casa de Salcombe depois. Paul não quis ir para os Hamptons – como seria de esperar – e escolheram Fire Island pela sua peculiaridade e encanto. Nenhuma das casas à venda lhes agradava, então decidiram comprar uma casa numa das entradas da baía, Clam Pond, deitá-la abaixo e reconstruí-la de acordo com as suas preferências. Foi um processo complicado devido aos trâmites envolvidos e ao problema por parte do conselho relativamente à divisão de zonas da vila. Mas agora os Grobel viviam na casa mais chique e maior de Salcombe. A vista para o pôr do sol era incrível. Paul comprara um barco a motor no ano anterior, que atracava no seu próprio cais.

Emily adorava ir para lá todos os verões. Dizia que Salcombe era «normal» em comparação com a vida que tinha na cidade. Paul assumia que isso significava que ela gostava de jogar ténis com as amigas e ir para a praia com os miúdos (Hayden, de quatro anos, e Dash, de seis anos). Por ele, tudo bem. Gostava de algumas coisas: da casa, da vida descontraída, do facto de todas as noites as pessoas começarem a beber às 17h00, mas não tinha criado uma ligação com os outros homens da vila. Eram muito machões, muito desportistas, muito altos. Eram advogados e trabalhavam na alta finança, o tipo de pessoas que diz ter uma «paixão pela área financeira». Não eram o género de Paul. Achava que olhavam de lado para as suas roupas, que por acaso tinham sido muito caras. Gostava de falar de arte, cinema, música, sentia que isso fazia dele uma pessoa mais interessante. Queria ouvir Brian falar sobre como pedalou a Peloton? Não, não queria. Mas ia estar ali apenas alguns meses, por isso conseguia aguentar.

Estava sentado no terraço das traseiras de sua casa, a servir-se de um copo de Pinot caro. Emily chegou e sentou-se de frente para ele. Os miúdos estavam a dormir: Lucia, a ama, tinha-os deitado quando eles estavam na festa de *cocktails* no clube.

A noite estava quente, pequenas ondas da baía batiam no cais e as luzes de outros barcos pontilhavam o horizonte.

– Acho que todas as minhas amigas odeiam os maridos – comentou Emily.

Estava bonita sob a luz ténue e Paul esperava que fizessem sexo nessa noite.

– Tu odeias-me? – perguntou ele.

Ela sorriu.

– Às vezes – respondeu gentilmente. – Não devias dizer que os negros são promovidos no trabalho. É ofensivo.

– Eu sei. Desculpa – lamentou Paul.

Ela tinha razão. Foi uma situação em que estava a fazer conversa e tentava criar um elo de ligação com Sam.

– Passa-se alguma coisa com a Lauren – disse Emily. – A forma como

olha para o Robert... não sei. Pergunto-me se anda a trair o Jason.

– Eu trairia o Jason – afirmou Paul. – É um sacana.

Emily riu.

– Sem dúvida que é um sacana.

Levantou-se, foi para trás dele e fez-lhe uma massagem no pescoço. Soube-lhe incrivelmente bem. Amava a sua mulher.

– Querida, vamos para a cama – disse ele, levantando-se e pegando-lhe na mão. Ao passarem pelas portas deslizantes, reparou no seu reflexo. Lembrou-se do quanto gostava da sua camisa havaiana. Era Valentino.

Jen Weinstein

Jen Weinstein era uma batoteira. Quando andava na escola, fazia batota nos testes, escrevia cábulas nas mãos; fazia batota no ténis, reclamava por bolas que tinham entrado; fazia batota a jogar às cartas, olhava para as cartas dos adversários quando eles não estavam a ver. E traía homens, todos os homens com quem tinha namorado, incluindo o seu marido, Sam, que estava muito longe de suspeitar de alguma coisa.

Atualmente traía-o com o melhor amigo dele, Jason Parker, embora Jason fosse apenas um numa longa linha de traições. Até traía a pessoa com quem estava a trair. Desde o verão anterior que ia para a cama com Jason, mas no inverno tinha estado uma vez com Tyler Brand, o marido da sua amiga Natalie Brand. Fizeram sexo no carro dele, um BMW SUV, no exterior do Clube de Ténis de Scarsdale, enquanto os filhos de ambos estavam a ter uma aula. Quando acabaram, ela foi ao clube buscar Lilly.

Tanto Sam como Jason ficariam devastados se soubessem, um facto que a divertia. Como é que os homens eram tão ingénuos? Tinha casado com o mais ingénuo de todos. Ela realmente amava Sam. Era caloroso, engraçado, mimava-a com dinheiro e atenção. Era bonito, fantástico nas festas e um pai excelente que se envolvia na vida dos filhos. Ainda faziam sexo, talvez uma ou duas vezes por semana, e Sam era agradavelmente enérgico e interessante na cama. Resumindo, era o marido ideal, todas as suas amigas lhe diziam isso. Mas não significava que ela tivesse de lhe ser fiel. Oh, não, não tinha nada que ver com ele.

A questão da traição era um assunto seu. Como psicóloga, Jen sabia que estava viciada na novidade que a traição trazia à sua vida, fervilhava com a adrenalina do segredo. Não era o sexo que a movia, embora gostasse de sexo, mas, como mãe de três filhos pequenos, isso permitia que não desse em doida. Não queria deixar Sam e começar do zero: a ideia dava-lhe urticária. Só queria sentir-se viva.

E, portanto, o que tinha com Jason começou a tornar-se um problema. Ele havia sido a primeira pessoa com quem traiu Sam, muitos anos antes. Durante os primeiros meses de namoro, tinha-lhe sido fiel, o que era um recorde para ela, mas depois conheceu Jason em Fire Island e ele parecia desejá-la tanto, que não conseguiu resistir. O facto de ser o melhor amigo de Sam excitou-a ainda mais (na verdade, Sam adorava Jason, mas Jason dificilmente o suportava, algo que ela percebeu logo). Para ela, tinha sido uma exceção de uma única vez, mas sabia que Jason estava encantado ao ponto de não parar de olhar para ela no próprio casamento com Lauren. Ao longo dos anos, ele foi mostrando sinais de que estava apaixonado – olhares demorados, desculpas para estar perto dela –, mas ela afastava-o discretamente, achando que se poderia tornar demasiado complicado e que ele se pudesse afeiçoar muito. Contudo, no verão anterior, com quarenta anos acabados de fazer, foi-se abaixo. Ninguém soube, pois Jen era sempre calma e contida. Começou a sentir-se sufocada pela sua vida, sufocada pelos filhos e pela casa bonita e o marido perfeito. Mesmo os casos que tinha não a ajudavam (na altura, andava a dormir com a dentista, Dr.^a Ada).

Por isso, quando Jason, já bem bebido, lhe tocara na perna, na festa de *cocktails* da Rachel, ela deixara-se ir e não o afastara. Já tinha passado um ano e o caso deles ia a todo o vapor, pelo menos do lado de Jason. Estava completamente caído por ela, o que era perigoso. Ela tinha medo de que ele fizesse alguma loucura, como contar a Sam ou a Lauren, e estragar tudo. Ela não queria *estar* com Jason. Estava a ficar tudo muito confuso, principalmente agora, que co-habitavam numa vila pequena.

Por exemplo, nessa tarde, 4 de julho, tinham dado uma rapidinha em casa de Jen e Sam. Jason estava desesperado por estar sozinho com ela, e não tinham tido ainda essa oportunidade, exceto quando se encontraram mais tarde na praia, depois da festa em casa de Rachel, na primeira noite de todos eles na vila. Mas Jen estava agitada com tudo o que tinha de coordenar, além do risco associado.

Jason combinara jogar ténis com Sam ao meio-dia, quando os miúdos estivessem no campo da festa do 4 de Julho com Luana, a *babysitter*. Jason enviara uma mensagem a Sam às 12h01 a cancelar o jogo, enquanto corria para casa de Jen. A ideia era que Sam fosse para o campo, ou para a loja, ou encontrasse outra pessoa para jogar enquanto Jason e Jen tinham praticamente dez minutos para fazerem sexo. E fizeram, no quarto de Ross, filho de Jen, em cima da colcha da Patrulha Pata. Jason esgueirara-se pela porta das traseiras, não por alguém desconfiar de alguma coisa se o visse – apesar de tudo, era o melhor amigo de Sam. Toda aquela situação tinha sido insatisfatória, mesmo para Jen, porque algo podia correr mal. E se alguma das crianças precisasse de ir fazer chichi? E se Sam decidisse ir a casa e encontrasse Jason quando este estava a ir embora?

Jen pensava numa forma de se libertar da relação que tinha com Jason. Estava sentada no sofá de riscas azuis e brancas que havia no seu magnífico

alpendre na parte da frente da casa, bebendo um chá gelado. Muitas mulheres, ou melhor, o tipo de mulheres que ela conhecia, teria preferido comprar uma casa em vez de ficar com a dos sogros, mas ela adorava a casa dos pais de Sam. Era a mistura perfeita de chique piroso, decoração de praia – pinturas de barcos, almofadas com âncoras – com toques de luxo, como eletrodomésticos Viking e armários personalizados. E era arejada, cheia de luz e acolhedora. Talvez a mãe de Sam tenha tentado criar o tipo de ambiente que desejava para o filho, em oposição aos problemas pelos quais ele teve de passar. Sam tinha sofrido com ansiedade quando era mais novo, mas agora era feliz ali. Jen também adorava estar em Fire Island. Antes de Jason, não tinha ido para a cama com ninguém naquela vila além de Sam. Achava que era uma traição demasiado grande. Este era o lugar dele.

Ele lá estava ele à frente dela, com a roupa do ténis encharcada, o cabelo encaracolado transpirado colado à testa e com uma cara estranha. Eram 14h00, bastante depois da hora combinada com Jason, mas Jen teve de fazer de conta que não sabia do cancelamento.

– Como foi o jogo? Ganhaste? – perguntou ela, descontraidamente. Depois de Jason sair, vestira um biquíni preto de bom gosto e, por cima, uma camisa branca larga. Sam mexeu-se, mas não disse nada. Parecia bêbedo.

– O Jason não apareceu – respondeu Sam, estranhamente desligado. – Por isso, joguei com a Rachel.

Jen sentiu o corpo tenso, embora soubesse que não havia motivos para entrar em pânico.

– Ah, boa. E como correu?

Jen sabia que Rachel sempre estivera apaixonada por Sam. Havia tido um namoro de verão vinte anos antes, sobre o qual Sam lhe contou tudo e do qual Rachel parecia não se esquecer. Ela não se importava, toda a gente o adorava. As mulheres atiravam-se a ele constantemente, às vezes à frente dela. Sam era o tipo de pessoa que atraía *flirts* e Jen achava que ele já teria dormido com algumas mulheres depois de ser casado. Quem nunca? Mas em nenhum momento se preocupara com a possibilidade de Sam a deixar.

– Foi normal, era a Rachel. E tu, o que é que tens andado a fazer? – Olhou para Jen, mas ela não lhe retribuiu o olhar.

– A ler e a relaxar. A Luana vai tratar do jantar dos miúdos e depois deitá-los. Logo à noite, temos a festa de *cocktails* no clube.

– Foi só isso que fizeste? Ler? – A voz dele tinha um tom de que Jen não gostava. Tê-la-ia visto com Jason? Alguém teria visto?

– Não, também fui à loja buscar leite – respondeu ela. E, nesse instante, levantou-se, atravessou a sala, passou pela lareira de pedra e foi até à cozinha de campo nas traseiras da casa. Queria acabar com aquela conversa o mais depressa possível. Sam aproveitou a deixa, e ela ouviu os seus passos a subir as escadas de madeira e, depois, a porta do quarto a fechar. Jen pegou no telemóvel e abriu a aplicação Signal que usava para comunicar com Jason, além de muitas, muitas, outras.

Jen Weinstein: Sabes alguma coisa do Sam? Ele está estranho.

Jason Parker: Não. Não me respondeu quando lhe disse que o nosso jogo ficava cancelado. Tenho estado na praia desde que me vim embora de tua casa.

Jen Weinstein: OK. Diz-me se ele entrar em contacto contigo. Passa-se alguma coisa.

Sam só saiu do quarto ao final da tarde, durante a balbúrdia da hora de jantar. Os miúdos gritavam e lutavam uns com os outros e Jen estava desesperada por sair de casa. Não percebia a atitude de Sam, mas não lhe agradava ele ter estado com Rachel. Aquela mulher gostava de inventar histórias e Jen estava preocupada com a possibilidade de ter lhe posto macaquinhos na cabeça. Ela já tinha tomado banho e arranjara-se no quarto de hóspedes, colocando um vestido azul de que Sam gostava e que estava pendurado no armário errado. Sam desceu, bonito e de barba feita, a usar uma camisa verde. Ainda não olhava para ela. *Merda*, pensou Jen. *É agora?* Sam nunca tinha sido assim frio.

Despediram-se dos filhos, que ficaram a sugar fios de esparguete, beijando-os na cabeça e saindo para o clube. Sam ia à frente de Jen, que tinha dificuldade em acompanhá-lo. A noite estava quente e na baía havia rebuliço. Os veleiros voltavam para o porto de Salcombe e o *ferry* das 18h00 estava a atracar no cais, despejando convidados de fim de semana.

Caminhavam em silêncio, acenando às pessoas que passavam de bicicleta. Jen tentava parecer o mais normal possível, mas sentia-se inquieta.

Quando chegaram, o clube já estava composto por um mar de polos transpirados, vestidos de verão e joias de afirmação de *status*. Juntaram-se a uma conversa particularmente dolorosa com Paul e Emily, e também com Robert, o professor de ténis, onde Paul foi racista e Sam, de modo chocante, pareceu desprezar o movimento #MeToo.

Jen ficava continuamente horrorizada com a falta de consciência da riqueza e privilégio por parte de muita gente em Salcombe. Não conhecia as origens de Robert, mas imaginava que não viesse de uma família com muito dinheiro. Ela também não. Crescera no Ohio e os pais eram professores da escola secundária: o pai, de Biologia e a mãe, de Inglês. Tinham uma vida *razoável*, não eram pobres, especialmente para os padrões do Ohio, mas não tinham mais nada além disso. Jen era filha única e a mãe teve-a aos quarenta e três anos, depois de muito tempo a tentar engravidar. Jen era bonita e inteligente. Uma chefe de claque, pelo amor de Deus. Se tivesse deixado que os seus impulsos mais obscuros florescessem na juventude, será que hoje em dia ainda estaria tão agarrada a eles? Nunca poderia saber. Foi para a Universidade da Pensilvânia, a primeira pessoa da sua família a frequentar uma universidade fora do estado, e lá integrou-se num grupo de amigas *socialites* de Nova Iorque, que a adotaram por ser bonita e divertida. Depois de acabar o curso, foi com elas para Nova Iorque e fez uma pós-graduação em

Psicologia na NYU, esperando compreender-se a si mesma e aos outros. Pediu um crédito para pagar a pós-graduação, confiando que o conseguiria pagar depois. Quando conheceu Sam, percebeu que sim.

Ele era encantador, bonito e tinha dinheiro. Vinha de um lar desfeito e adorava que os pais dela estivessem juntos há quarenta anos. Ele admirava a sua ética de trabalho e o facto de ter conseguido vencer na vida sozinha, pois o tipo de raparigas com as quais namorara vivia às custas do cartão de crédito dos pais. Jen também gostava verdadeiramente dele. Gostava de ter sido ela a eleita quando ele podia ter casado com qualquer outra rapariga de Nova Iorque. Gostava de que fosse Sam a pagar os jantares e gostava de que ele tivesse uma bonita casa de praia em Fire Island.

Mas depois foi a Salcombe, conheceu Jason e, inevitavelmente, voltou a ser ela própria. Havia um certo tipo de homens, melancólicos, temperamentais, que pareciam ficar enfeitiçados por Jen. Talvez por causa da sua voz profunda, ou dos olhos meigos ou da pele delicada... ela própria não sabia bem. Mas Jason era um caso perdido. Assim que foram apresentados, ela percebeu que ficaria obcecado. Só tinha dormido com ele uma vez, e fora ela a ter a iniciativa, mas depois continuou a relação com Sam como se nada tivesse acontecido. Só voltou a trair Sam depois de estarem casados. Mas então traiu, traiu e continuou a trair.

Jen estava farta daquela conversa. Tanto Sam como Paul estavam a ser idiotas. Teve pena de Robert e levou-o até ao bar. Naquele momento, Jason entrou no clube e dirigiu-se a ela, apesar de ambos terem combinado não estarem juntos em público. Robert fez conversa fiada e depois arranjou uma desculpa para se ir embora, provavelmente a pressentir a estranheza de Jason. Jen estava lixada. Viu Robert desaparecer por entre a multidão e depois voltou-se para Jason, que se sentara ao seu lado.

– Eu tinha-te dito para não olhares fixamente para mim à frente das pessoas – sussurrou. – Aqui, toda a gente controla toda a gente. Estamos a correr muitos riscos.

Micah aproximou-se para reabastecer os copos, mas Jen abanou a cabeça.

Jason olhou-a com ar de cachorrinho. Os seus olhos estavam tão escuros.

– Mas eu *gosto* de falar contigo – disse ele. – E gosto de te tocar – disse. E encostou as suas mãos às dela, mas Jen afastou-se.

– Jason, para. Precisamos de falar mais tarde, agora não.

Jen levantou-se, chateada, e foi até à sala principal do clube, que estava decorada para a ocasião num estilo *kitsch* americano, com minibandeiras vermelhas e brancas e bandeirolas azuis, e na qual havia duas mesas grandes com patés, queijos e pratos de ostras e camarões.

Jessica Leavitt passou e agarrou no braço de Jen.

– Está tudo bem? Ainda não te tinha visto.

– Oh, sim, tudo bem. Tudo na mesma. Como está a família? – perguntou Jen. Jessica tinha dois filhos, Danny e Rose, ambos sofriam com alergias

alimentares e ela adorava falar sobre isso.

– Estamos bem. Felizes por irmos para a praia. Embora seja difícil para a Rose controlar o glúten e o Danny manter-se longe de frutos secos. Está tudo muito descontraído e nem todas as mães são vigilantes como eu gostaria que fossem.

Jen tinha ideia de Lauren lhe ter dito que Jessica tinha gritado com ela por causa de um *bagel* de manteiga de amendoim. *Aqui, todas as mulheres são malucas*, pensava Jen, acenando com a cabeça enquanto ouvia Jessica a contar uma história relacionada com a escola de Danny.

– Quando era mais novo, passou nos testes de admissão para o Programa para Sobredotados e Talentosos, mas a escola mais perto de nós era no Harlem, por isso a hipótese ficou de lado. Era muito longe para ir e vir todos os dias e também porque... não é um bairro muito bem frequentado – disse a última frase baixinho. – E nem sequer sei se a escola tem uma política de abolição de frutos secos.

Jen reprimiu um bocejo. Jessica continuou:

– Por isso, pusemo-lo em Dalton, que é onde anda a Rose. No entanto, considerámos a escola pública! O Danny é tão bom aluno que se daria bem em qualquer lado, mas temos bastante sorte em ter muitas opções.

– Sim, todos temos muita sorte – disse Jen. O comentário saiu-lhe mais áspero do que previa, mas Jessica pareceu não ter reparado. Beth Ledbetter, vestida com uns calções *cargo* e uma *T-shirt* amarrotada aproximou-se delas a sorrir. Jen soubera que ela tinha discutido com Lauren, mas não queria abordar o assunto.

Jen flutuava por entre as mulheres de Salcombe, preferindo ser amigável com todas sem criar laços com nenhuma. Gostava de que ninguém soubesse das suas infidelidades. Também era assim em Scarsdale. As pessoas admiravam-na, mas não sabiam nada sobre ela.

– Viva, meninas – disse Beth, usando a sua garrafa de cerveja para fazer tchim-tchim no copo de *whiskey* de Jen e no copo de vinho de Jessica. – Estão a ter um bom 4 de Julho? Jen, não sei se soubeste, mas eu e a Lauren tivemos uma pequena desavença no campo.

– Sim, eu soube. Espero que já tenha passado – respondeu Jen, com uma cara neutra.

– Ela está *descontrolada* – comentou Jessica, solidária. – Não tinha feito nada, e de repente ela aparece a dizer: «Vai à merda». Que coisa de doidos.

Beth encolheu os ombros.

– Só estou a tentar ser adulta. Acho que ambas devemos seguir em frente – afirmou.

Jen quase bufou, mas conseguiu conter-se.

Jeanette bamboleou até junto delas. Usava um vestido cor-de-rosa, curto e apertado, e tinha o cabelo todo frisado. Ia passar o verão com os filhos, Mason e Luke, mas sem o marido, Greg. Jen soube que ele tinha sido apanhado na cama com a pessoa que lhes levava o cão a passear. Jeanette era

baixa, talvez com um metro e meio, mas era robusta. Jen imaginava-a a entrar em casa e encontrar Greg a dar uma queca àquela pessoa enquanto o *poodle Doobie*, o amor da vida de Jeanette, assistia.

– Meninas, meninas! Como estão? – disse ela, a arrastar a voz, já bêbeda.

– Estamos ótimas – respondeu Jessica. – A Beth estava a falar sobre a discussão que teve com a Lauren. Está tudo bem?

– O melhor possível. Sozinha com crianças que são dois monstros e sem marido para ajudar – respondeu. Jen achou melhor não lembrar a Jeanette que trouxera a ama para passar o verão com eles. Deixou-a ter o seu momento.

– Deve ser tão difícil – afirmou Jessica.

– É tão imbecil – comentou Beth. – O Kevin nunca, mas nunca, me faria isso. – Jeanette fez má cara enquanto Beth desdenhava. – Jen, tu que és psicóloga: porque é que os homens traem tanto?

Não são só os homens, pensou Jen.

– Oh, por uma série de razões. Problemas de autoestima, dificuldade em gerir a raiva, necessidade de variar. E também há a resposta mais simples: um deles não está apaixonado pelo outro.

Aquilo calou-as.

Jen aproveitou o momento de silêncio para lhes dizer adeus e ir embora. Olhou pelas grandes janelas na direção do terraço, para ver se Sam ainda se encontrava lá. E estava, junto de Paul e Emily. Jason também estava com eles e Lauren não estava à vista. Acenou a Theo Burch e Erica Todd quando eles passaram para irem buscar outra bebida. Não queria ir lá para fora por causa de Sam, mas também não queria conversar com ninguém. Estava cansada e irritada com os dois homens da sua vida. Jason, por ser tão apegado, e Sam por possivelmente saber de mais. Dirigiu-se para os campos de ténis para apanhar ar, sentando-se num banco virado para o «*court principal*», o único *court* que tinha espaço para espectadores e onde eram disputadas as finais dos torneios. Os aspersores estavam ligados, molhando a terra batida com relva sintética, e Jen sentiu uns segundos de calma antes de terem acontecido duas coisas estranhas. Primeiro, viu Lauren regressar da pequena cabana de ténis que os professores usavam para armazenamento. Vinha a alisar o vestido azul-escuro e reparou imediatamente que Jen estava ali. Em vez de lhe dizer «olá», sorriu de uma maneira distante, como se Jen fosse uma mera conhecida em vez de uma boa amiga. Depois, voltou-se e continuou a andar para o terraço no exterior do clube.

Uns minutos depois, Jen ouviu um estrondo sonoro no interior da cabana, como se alguém tivesse atirado alguma coisa à parede. O que – ou quem – seria? Mas, ciente dos seus próprios esqueletos no armário, decidiu não ir investigar. Levantou-se sem fazer ruído e voltou para o clube, preparando-se para mais conversas tolas e um marido que provavelmente a odiava.

Micah Holt

Micah Holt estava bêbedo. Depois de o turno acabar, exagerou nos *shots* que emborcara com amigos até as luzes se acenderem, à uma da manhã. Estava agora deitado na sua cama da casa dos pais, em Navy Walk, e tinha a cabeça à roda. Tentou focar-se num ponto no teto, mas continuava às voltas, às voltas. Sabia que poderia forçar o vômito, até porque no dia seguinte ia estar ressecado, de qualquer forma, mas não lhe apetecia arrastar-se até à casa de banho e correr o risco de os pais o ouvirem a fazer um esforço para vomitar. Era demasiado velho para a mãe o repreender por ter bebido muito.

Puxou o seu edredão confortável, inalando o aroma fresco e familiar de Fire Island. Desde bebé que passava ali todos os verões. Era onde se sentia mais feliz, e sobre este facto tinha opiniões ambíguas. Na faculdade, protestara contra a desigualdade salarial e, com os seus amigos, passava horas a debater o quanto eles eram cúmplices dos males da sociedade. Ser *gay* não o libertava da responsabilidade, especialmente por ter crescido sob o bastião da aceitação homossexual. Era rico e branco e, por isso, sentia-se culpado.

E, no entanto, ali estava ele, entusiasmado por estar de volta ao seu ninho de pessoa privilegiada. Quase não havia outros *gays*! Apenas um casal lésbico, Karen e Shannon Travis, que tinham ficado com a casa dos pais de Shannon, em East Walk. Mas, bom! Não era assim a vida? Aproveitar as coisas que não era suposto aproveitar?

Micah pensava no que tinha visto na festa do 4 de Julho. Estava agora totalmente convencido de que Jen Weinstein e Jason Parker tinham um caso. No início da noite, Jen estivera no bar com o garboso professor de ténis, Robert, cujo olhar Micah andava há vários dias a tentar decifrar. Será que ele poderia gostar de homens? Era tão atraente e tão difícil de ler, nem Micah sabia o que ele escondia. Jason aproximara-se deles, Robert fora-se embora e Micah viu que Jason tentara tocar na mão de Jen. Depois ela afastara-se rapidamente, deixando Jason sozinho com uma expressão carregada no rosto

bem esculpido e a dar goles furiosos no Martini.

Micah andara ocupado: as festas no clube naval eram um caos absoluto para os funcionários, com o bar cheio de pessoas a pedir atenção. «Micah, arranja-me três copos de Chardonnay, duas Stellas e uma *vodka* com gelo!», «Micah, precisamos de uma rodada de Casamingos!», «Oh, rapaz, onde está o *whiskey* que tinha pedido?» E assim sucessivamente. Em vez de se sentir assoberbado, adorava receber atenção. Tinha frequentado aulas de teatro musical na escola secundária e aquilo era o mais próximo da exaltação que sentia por estar em cima do palco.

Jason ficara sentado no banco durante uma boa meia hora, de olhos fixos nele. Micah reparara, mas tentara ignorar. Finalmente, durante uns breves segundos de calma, Jason fizera-lhe um sinal.

– Outro Martini, Jason? – questionara Micah, alegre.

– Claro, Micah. E também... – respondera Jason, suavizando a voz. – Queria agradecer-te pela tua descrição, por não teres contado a ninguém sobre o meu passeio da outra noite. Sempre foste um bom miúdo.

Micah, um pouco assustado, enrubescera. Assentira e voltara para a sua estação de preparação de bebidas, determinado a evitar Jason o mais possível (o que, tendo em conta a natureza da vila, sabia que era uma batalha perdida).

Um pouco mais tarde, Micah vira Sam Weinstein sair em passos pesados pela porta da frente, seguido depois por Jen, com um sorriso neutro, como sempre.

Deitado na cama, a sentir o calor da *vodka* a subir pela garganta, ocorreu-lhe que não era só a questão de *se* as pessoas eram mentirosas, mas sim de quão mentirosas seriam. Depois de terminar o turno, Micah enviara uma mensagem a Ronan para se encontrarem na praia. Já andavam a sair há alguns dias, e ele começava a sentir a sua falta quando não estavam juntos. Sabia que era um sentimento perigoso que acabaria num desgosto amoroso, mas não conseguia controlar-se. Adorava a vulnerabilidade doce de Ronan, tão diferente da autoconsciência sagaz dos seus amigos. Mas Ronan não respondera à mensagem. Foi a primeira vez que aconteceu e Micah sentiu-se confuso e magoado. Então, como é típico dos jovens na casa dos vinte anos, afogou as mágoas na bebida. Ele e Willa foram aos tropeções para casa, Willa virou em Anchor Walk e Micah continuou por Navy, com sorte por não ter caído para fora do passadiço. Alguém podia matar-se assim.

PARTE III



24 de julho

Rachel Woolf

Para Rachel Woolf, o seu dia preferido do verão era o do Piquenique da Baía. Era sempre no último sábado de julho e nesse ano estava um tempo perfeito: 27 graus, sol e sem um pinga de humidade na brisa marítima. Naquela noite, toda a gente se juntava na orla da baía no lado oeste da vila, numa área de areia entre Bay Promenade e a antepara. Às 16h00 em ponto, a segurança da vila dava instruções para as pessoas começarem a instalar-se, com toda a gente a correr para colocar as cadeiras de praia nos seus sítios preferidos para o piquenique. Um ritual que, mais do que uma vez, terminava em pequenos atos de violência (designados como «cotoveladas acidentais»). Às 18h00, as pessoas levavam a comida para o piquenique, quanto mais elaborada, melhor: bife grelhado; pequenos hambúrgueres *gourmet* com carne importada da Pat LaFried; grandes torres com marisco cru, repletas de toneladas de camarões. As famílias eram constituídas por grupos que já tinham sido organizados para este fim há muito tempo, mesmo que não falassem uns com os outros (ou que se odiassem ativamente). No meio do evento, havia uma banda de *covers* dos Beatles, com quatro tipos de cabelo branco comprido a cantar a «Hey Jude» enquanto os habitantes de Salcombe comiam, confraternizavam, provavam a comida uns dos outros e bebiam quantidades copiosas de vinho e margaritas pré-preparadas. E os miúdos corriam à vontade. Tudo enquanto o Sol se punha.

Rachel considerava que o Piquenique da Baía anual representava o melhor que uma vila como aquela poderia oferecer: diversão à moda antiga, uma sensação de espírito de comunidade e grandes quantidades de álcool. Além disso, havia sempre muito para revelar e coscuvilhar no dia seguinte.

Nesse ano, e tal como nos últimos dez, fazia o piquenique com os Weinstein, os Parker, os Grobel e os Metzner. A tradição do seu pequeno grupo era a cozinha mexicana, e era atribuído um prato a cada casal (Rachel era a única pessoa solteira no grupo, mas isso não era mencionado). Este ano

iria tratar das entradas e tinha planeado fazer *nachos*, vários molhos e *guacamole* caseiro – sem cebola roxa, a pedido de Lauren.

Jen, Emily e Lisa dividiam o prato principal: *quesadillas*, milho grelhado com queijo *cotija* e tacos de peixe. E Lauren trazia a sobremesa. Tinha encomendado churros da Boqueria, em Nova Iorque, que deveriam chegar no barco dessa tarde. Uma das suas amigas mães era relações públicas desse restaurante e Lauren pedira-lhe esse favor.

Rachel tinha passado a manhã a preparar tudo: a montar os *nachos*, que pôs no forno às 17h00; a escolher as melhores taças para a variedade de molhos que tinha encomendado de uma loja da especialidade em Los Angeles, sobre a qual tinha lido na *Condé Nast Traveler*. A última coisa que fez antes de sair foi o *guacamole*, senão ficaria castanho. E não havia nada pior do que *guacamole* castanho, pois não?

Às 11h00, tivera um jogo de ténis. Rachel e Emily contra Lauren e Jen. Esta última não fazia parte do seu grupo de ténis, mas tinha perguntado várias vezes a Rachel se podia juntar-se a elas. Era a oportunidade de Jen. Rachel tinha-a visto ter aulas com Robert e também em partidas com jogadoras do nível abaixo, como Beth e Jeanette. Não tinha a certeza se ela estaria ao nível das jogadoras deste grupo, mas não se importava de lhe dar uma hipótese. Para Rachel e Emily, qualquer partida de ténis era uma boa partida. Além disso, a ideia de Lauren e Jen serem parceiras de jogo divertia-a de um modo maquiavélico. Ela era a única pessoa que sabia sobre Jen e Jason, e tinha contado a Sam que Jen andava a traí-lo com *alguém* (ele tinha o direito de saber, certo?). Mas ainda não deixara cair a bomba de que era com o seu melhor amigo.

Há algumas semanas que Sam andava a persegui-la para obter mais informações, puxava-a para um canto nas festas, estendia a toalha na praia ao seu lado, pressionava-a. Mas Rachel mantinha-se firme e dizia que não lhe competia dar mais pormenores. Tinha de admitir que estava a gostar da atenção, bem como da forma tumultuosa como ele falava com ela acerca de Jen.

Rachel chegara aos *courts* às 10h55, com um vestido Adidas e óculos de sol Oakley. Não eram os que lhe ficavam melhor, mas não conseguia ver nada no sol do meio-dia sem eles, e a mãe sempre lhe ensinara que quando se trata de desporto, é melhor ser-se prático do que estar na moda. Mas Lauren não tinha recebido esse memorando: chegara depois, com um vestido branco justo a descair na parte da frente. Será que elevara os seios no sutiã desportivo para evidenciar mais o decote? Rachel percebeu que se maquilhara, mas era um tipo de «maquilhagem sem maquilhagem» que só pessoas como Lauren conseguiam fazer. Era mais bonita do que qualquer outra mulher na vila, exceto talvez Jen, dependendo do gosto. Rachel não usava uma ponta de maquilhagem, apenas o batom de cieiro com SPF. Como habitualmente, sentira-se intimidada pelo ar e aparência de Lauren. Só se sentia mais poderosa do que ela no *court* quando, por vezes, o seu bom serviço não a

abandonava. Dizia a si mesma que, apesar da beleza e estilo de Lauren, o seu marido fazia sexo com outra mulher. De alguma forma, isso fazia-a sentir-se melhor.

Emily e Jen completaram os dois pares e as quatro foram para o *court* principal fazer o aquecimento, lançando bolas na linha de serviço e dando oportunidade umas às outras para fazer o *volley* e servir. Jen e Lauren formavam um bonito par, do tipo Betty e Veronica da banda desenhada, a loura e a morena. Rachel, que jogava do lado do *backhand*, fazia o aquecimento com Jen, que jogava *forehand*. As suas batidas eram muito melhores do que Rachel previra: o seu *forehand* tinha um bom *topsin* e tinha um *slice* de *backhand* que Rachel teria de atentar. Tinha inveja de que Jen tivesse tanto tempo e dinheiro para dedicar ao desporto – que intercalava com escapulir-se para ir ter com o melhor amigo do marido. Que cabra sortuda.

A partida ia começar e as mulheres juntaram-se em torno do bebedouro de água para se hidratarem. Rachel pensava que ela e Emily podiam ganhar facilmente, em particular porque Jen era uma novata na estratégia de pares, não sabia como se posicionar no *court* e Rachel aproveitar-se-ia disso.

– OK, meninas, divirtam-se! – dissera Emily, numa alegria fingida. As mulheres elogiavam sempre as batidas das bolas das outras, apoiavam-se entre si e comentavam quão bonita a outra estava com a sua roupa. Mas só à superfície porque, lá no fundo, só queriam matar-se.

Os primeiros jogos passaram num instante e, antes de Rachel dar por isso, ela e Emily perderam o primeiro *set* por 3-6. Jen jogava muito bem, os seus primeiros serviços entraram e também teve um jogo de rede inesperadamente bem feito. *Que merda é esta?*, pensara Rachel, batendo nas sapatilhas com a raqueta para sacudir a terra batida com relva sintética que estava presa. Lauren também estava a ganhar o *backhand*, fazendo habilmente um arco sobre as cabeças de Rachel e Emily quando ambas estavam na rede.

Rachel e Emily foram para o fundo do *court* falar sobre a estratégia a adotar antes de começar o segundo *set*. Lauren e Jen conversavam junto ao bebedouro. Rachel vira Robert sentado no banco oposto do *court*, através da vedação verde, a vê-las jogar. Estava encostado, com os braços dobrados sobre o peito e as pernas afastadas de uma maneira descontraída, mas imponente. Rachel sentira-se entusiasmada por o ver ali. Tinha andado a treinar com ele nas últimas semanas, quase todos os dias, tentando subir de nível antes do torneio. Queria que ele estivesse orgulhoso por a ver chegar tão longe.

– Precisamos de tirar os *lobs* da Lauren do ar – dissera Emily, enquanto limpava os óculos de sol à camisola. O seu rosto não tinha rugas. Rachel sabia que ela tinha posto Botox, mas questionava-se se haveria algo mais. Mas o que é que há mais além de Botox?

– Concorde – respondera Rachel. – Temos de as juntar na rede e ser mais agressivas.

Emily assentira. O plano estava montado. Mas, enquanto Robert

observava, não funcionou de todo. Lauren e Jen ganharam o segundo *set* por 6-2. Rachel e Emily, derrotadas, falharam golpes fáceis e mandaram *volleys* para a rede. As parceiras encontraram-se ao pé do bebedouro para darem um aperto de mão e dizerem «Bom jogo». Lauren e Jen estavam radiantes, o que deixava Rachel ainda mais furiosa.

– Bem, pessoal, fizeram um grande jogo – comentara Emily, graciosamente. – Castigaram-nos bem. Jen, não sabia que eras tão boa!

– Oh, obrigada – respondera Jen. – Já tinha comentado com a Rachel que tenho praticado este ano. Estou feliz por estar finalmente a ver os resultados. É fácil quando se tem uma parceira tão boa.

Lauren sorria.

– Lauren, espera, já tens parceira para o torneio de pares feminino? – perguntara Emily.

– Não, não tenho. Eu não jogo no torneio. Fico muito nervosa e esta vila fica fora de si – respondera Lauren.

– Tu e a Jen deviam jogar juntas! – sugerira Emily.

Rachel esperava que Emily não dissesse aquilo. Às vezes era tão imbecil.

– Oh, não, não – ripostara Jen. – Não sou suficientemente boa para jogar num torneio. Estou só a começar.

– Bem, já nos derrotaste e nós chegámos às finais o ano passado – dissera Emily. Tinham perdido contra Vicky Mulder e Janet Braun em três *sets* dolorosos; 6-2, 4-6, 5-7. Rachel pensava quase todos os dias no que corraera mal.

Ela permanecera em silêncio, não ia encorajar aquilo. Lauren olhou para Jen e ergueu as sobranceiras por baixo dos óculos de sol.

– Eu entraria, Jen, se tu quisesses – dissera Lauren.

Jen encolhera os ombros.

– OK, conta comigo – respondera Jen.

Não, pensara Rachel. Não.

Abandonaram o *court*. Robert ainda estava no banco e Rachel aproximara-se dele depois de as outras mulheres se despedirem, pegarem nas bicicletas e irem para casa preparar o piquenique.

– Viu o jogo? O que é que eu fiz mal? – perguntara Rachel, sentando-se junto dele a admirar-lhe o maxilar quadrado e os lábios perfeitos.

– Bem, primeiro, batia na bola na direção da jogadora que estava na rede – comentara, a sorrir de forma doce. Estaria a namoriscar com ela? – Em segundo lugar, estavam ambas a correr muito rápido para a frente e por isso a Lauren continuava a fazer *lobs* sobre as vossas cabeças. Uma de vocês tem de ficar atrás.

Rachel ouvira com atenção, interiorizando tudo de modo a pôr em prática essas indicações quando fosse jogar com Jen e Lauren no torneio.

– Percebido. Tem razão – comentara ela. E tivera uma ideia. – Vem ao Piquenique da Baía hoje à noite?

– O que é o Piquenique da Baía?

– Tem de vir! – dissera Rachel. – Todos trazem jantar para a orla da baía, em West Walk. Há uma banda, pessoas a dançar e montes de comida. Tem de vir e juntar-se a nós. Começa às 18h00. No nosso grupo estou eu, os Parker, os Metzner, os Grobel e os Weinstein. Todos os seus favoritos.

Robert rira.

– OK, claro – respondeu. Levantara-se e ficara em pé diante dela com as suas pernas fortes e bronzeadas. – Vou dar uma aula agora, mas vejo-a mais tarde.

O resto do dia demorou a passar. Rachel tinha sempre essa sensação antes de um evento que ela aguardava com entusiasmo. Por volta das 14h00, fora de bicicleta para a praia e estivera lá algumas horas a relaxar, com a toalha ao pé de Lisa, que estava a tomar conta dos filhos que tinham ido ao banho. Rachel levava um livro para o caso de toda a gente estar ocupada com os respetivos filhos. Sentia muitas vezes que não fazia parte dessa vida de Salcombe – os assuntos do acampamento, os dramas relacionados com *babysitting* e as aulas de natação. As outras mulheres faziam os possíveis para a incluir, mas havia eventos inevitáveis – e, mais importante, coscuvilhices – que ela perdia por não ter filhos. Isto deixava-a deprimida, mas fazia um esforço para não pensar nisso.

– Acreditas que a Lauren e a Jen vão jogar juntas no torneio de pares? – comentara com Lisa. Rachel estava sentada na sua cadeira de praia Tommy Bahama a contemplar o mar.

Estava um dia calmo, praticamente sem ondas. Os nadadores-salvadores, atléticos e muito bronzeados, ocupavam o seu posto de vigia branco, à esquerda de Rachel.

– Oh, a sério? Pensava que a Lauren detestava jogar nessas competições. E a Jen não é uma principiante?

Maryloo, uma das filhas de Lisa, aproximara-se. Só tinha nove anos, mas estava vestida com um biquíni vermelho cavado mais apropriado para adultos.

– Mamã, o Rhenn está só a encher baldes com água e a despejá-los na minha cabeça.

Rhenn Davidson era filho de Molly e Jeremy e era um terror.

– Querida, se ele está a fazer isso, afasta-te dele. Vai brincar com os teus amigos na areia quente.

Os miúdos referiam-se à área mais perto das dunas como «areia quente», porque nos dias de calor aquela areia parecia queimar os pés. Maryloo obedecera, indo para as dunas, deixando-se cair perto de onde Rachel estava sentada e onde ela tinha visto Jen e Jason beijarem-se no início do verão.

– Sim, a Jen é uma principiante – continuara Rachel. – Mas ela apanhou o jeito rapidamente e, com a Lauren, podem ser uma verdadeira ameaça.

Lisa jogava ténis, mas não com a mesma motivação ou intensidade de Rachel e Emily. Estava lá mais por causa das saias e da conversa fiada.

– Elas têm uma relação tão engraçada, não têm? – dissera Lisa.

Rachel ainda não tinha percebido o que Lisa tinha feito à cara durante o inverno. Enchimento, talvez. Rachel já aplicara uma vez Botox na testa, mas não era nada em comparação com o que as amigas andavam a fazer. Precisava de se inteirar.

– Sempre me questioneei se elas gostam realmente uma da outra, ou se fingem gostar por os maridos serem amigos – continuara Lisa. – São tão diferentes.

– Completamente. São as duas assim... misteriosas – dissera Rachel, que sabia mais do que deixava transparecer.

– Especialmente a Jen – comentara Lisa. – Já a conheço... não sei, há quase uma década? E continuo a sentir que não a *conheço*. O Sam é um tipo tão fácil, tão simpático, mas a Jen tem qualquer coisa estranha.

– Percebo o que queres dizer – dissera Rachel. Ela desejava com todo o seu ser contar-lhe sobre Jason e Jen. Tinha aquilo na ponta da língua, mas, por uma vez na vida, conteve-se. Se calhar era isso que queria dizer «crescimento pessoal», pensou Rachel.

– Bom, espero que elas não te esmaguem no torneio de pares – dissera Lisa, a rir por entre os dentes. – Ou morres de vergonha ou mata-las. Qualquer uma dessas hipóteses não é um bom resultado.

– Não sejam parva – dissera Rachel, a rir. Mas Lisa tinha alguma razão.

Passara mais uma hora e a praia esvaziara-se. Rachel fora para casa pôr os *nachos* no forno e preparar o *guacamole*. Às 17h00, tinha marcado um encontro rápido com Susan Steinhagen para a ajudar a elaborar o esquema do torneio de pares femininos. Rachel fora até aos *courts* e entrou na pequena cabana de Robert. Susan já se encontrava lá, vestindo um fato de treino de cor elétrica que parecia de 1985. Ela comentara que tinha encontrado Sam no quarto de Rachel no 4 de Julho. Era o pior dos dois mundos – provavelmente Susan pensava que Rachel e Sam tinham um caso, mas não tinham. Rachel sentiu uma ponta de autocomiseração.

Susan tinha uma lista de vinte pares de jogadoras, todas as que se tinham inscrito no torneio. Ela não estava familiarizada com as novas jogadoras e com as mulheres mais novas, por isso Rachel pegara numa caneta e acrescentara notas junto de cada par.

Laura June e Hailey Milotic: A Laura faz um bom jogo na rede, mas é inconsistente nos golpes de solo. A Hailey pode fazer um backhand forte, mas é basicamente a sua única jogada.

Trisha Spencer e Jane Rosen: A Trisha é fortíssima no serviço, que tem um excelente spin e acerta fundo no campo. A Jane é como uma tabela, recupera tudo, mas depois faz um amorti.

Jenny Jamison e Paula Rudnick: A Jenny não se pode movimentar – fez uma cirurgia

de substituição da anca no inverno passado e ainda está em recuperação. No entanto, tem um bom forehand se a bola for diretamente para ela. A Paula nunca vai à rede.

E assim sucessivamente. Susan observava e acenava com a cabeça em aprovação enquanto Rachel escrevia.

– Bom trabalho, Rachel. Agradeço muito – disse Susan quando ela terminou. Mesmo quando era simpática tinha um ar intimidante.

Rachel pensava que o encontro tinha terminado, mas, quando ia para sair da cabana, Susan segurou-lhe no braço, puxou-a suavemente para dentro e fechou a porta. Encarou Rachel, estreitando o olhar e franzindo os lábios.

– Rachel, preciso de falar contigo sobre um assunto confidencial.

Rachel achou imediatamente que seria uma pergunta relacionada com o facto de Sam ter estado no seu quarto. Já tinha preparado a história de como não se estava a sentir bem no *court* e ele a acompanhara a casa para garantir que ela ficava bem.

Mas, em vez disso, Susan perguntara:

– Já reparaste que algo se passa entre a Lauren Parker e o Robert? Eu sei que és amiga dela.

Rachel abanou a cabeça. Ela não reparara, pois não? Robert tinha sido olhado atentamente por todas elas naquele verão, o único ponto é que Lauren era a única suficientemente bonita para ser olhada de volta por ele.

– Não, não creio que se passe nada – respondera Rachel, com sinceridade. – A Lauren gosta de namoriscar com ele, mas isso todas as mulheres fazem.

– Eu sei – afirmara Susan, num bufo reprovador. – Vi os dois demasiado íntimos durante uma aula. O motivo pelo qual estou a dizer isto é que não quero que o Robert siga o mesmo caminho do Dave, se é que me entendes.

Rachel entendia. Não era seu hábito perder pitada de nada, mas se calhar estava muito focada em Sam e Jen e aquilo passara-lhe ao lado. Teria de perguntar a Lauren. Ela sabia que Lisa e Emily estavam sempre aos risinhos a respeito da obsessão que Lauren tinha com Robert, e era verdade que Lauren nesse ano andava a jogar mais (e a usar equipamento de ténis mais ousado). Sinceramente, se Lauren andava a fazer sexo com Robert, quem é que podia culpá-la? Mas Lauren devia ser mais discreta. Rachel sabia que ela não queria ser vista como uma mulher vulgar casada que dormia com o professor.

– Percebi, Susan – dissera Rachel. – Vou falar com ela. Obrigada por me dizeres.

Susan abrira a porta para deixar sair Rachel, aliviada por sair daquele espaço atolado e asfixiante. Estava atrasada para os preparativos. Precisava de terminar o *guacamole*, derreter o queijo nos *nachos*, tomar banho, vestir-se e juntar tudo no carrinho antes das 18h00. Falaria com Lauren no piquenique. Percebeu que provavelmente tinha cometido um erro ao convidar Robert para se juntar ao grupo. No entanto, pensando bem, era uma boa oportunidade para observar os dois em ação. Tinha sido assim que apanhara Jason e Jen.

Entrou pelo alpendre da frente a sentir-se abalada com aquilo tudo. Toda a gente parecia estar envolvida num caso escaldante potencialmente transformador, menos ela. Sentia-se de parte. Foi então que viu Sam sentado no sofá branco, à espera de que ela chegasse.

– O que estás aqui a fazer? Preciso de acabar de arranjar tudo para o piquenique. Vamos atrasar-nos – disse-lhe.

Sam ainda estava vestido com os calções de banho e uma velha *T-shirt* cinzenta que lhe assentava bem no peito. Os caracóis estavam despenteados da praia e tinha um ar transtornado.

– Rachel, acabei de receber más notícias – comentou ele.

Iria chorar? Rachel só o tinha visto chorar uma vez, quando eram mais novos e ele lhe contou que tinha visto o pai a dar uma bofetada à mãe quando estavam a ter uma discussão.

– O que é que se passa? – perguntou ela. E sentou-se junto dele, com a coxa encostada à sua perna quente. Ele não a desviou, desta vez.

– Acabei de receber uma chamada do Henry, o nosso sócio-gerente. Disse-me que vão de ter me suspender enquanto decorre a investigação de assédio sexual. Não sei o que fazer. Esta cabra louca está a arruinar-me a vida. Não posso contar à Jen. De qualquer modo, de acordo contigo – quase cuspiu as palavras na direção de Rachel –, a Jen tem um caso. Por isso, mesmo que eu lhe *quisesse* dizer, não podia. Isto é tudo uma tragédia – disse, pondo as mãos na cabeça. Rachel reparou que o seu pescoço tinha areia. Devia ter estado na praia com os miúdos.

– Lamento, Sam. É terrível. Disseram-te durante quanto tempo vais estar suspenso?

– Não, é verão. Está toda a gente na porra dos Hamptons, por isso a investigação vai a passo de caracol. – Deslizou pelo sofá, derrotado, fazendo escorregar a sua perna pela dela. Rachel pressentiu uma abertura. Estava numa fase má, a mulher andava a traí-lo e o trabalho estava por um fio. Mas ela queria que ele a desejasse, não que estivesse deprimido e com necessidade de dar uma queca misericordiosa. Rachel levantou-se. Eram quase 17h30 e ela não tinha tempo para sexo. Era o dia do Piquenique da Baía, o seu dia preferido do verão.

– Sam, podemos falar disto amanhã? Podes vir cá almoçar e beber uns *bloody marys*. Podes dizer à Jen que foste correr. É só que estou mesmo atrasada e preciso de ter tudo pronto antes das 18h00.

– Quem é que quer saber do estúpido piquenique? – lançou Sam. – O que é que isso interessa? Não tens mais nada para fazer na vida?

O rosto de Rachel fechou-se. Ele agora estava a ser cruel.

– Não descarregues em mim, Sam. Não tenho culpa de que estejas no fundo do poço.

– Vá lá. Foste tu que sentiste necessidade de me dizer que a Jen andava a dormir com outra pessoa. E agora calas-te. Disseste-me o suficiente para isso ficar na minha cabeça, mas não me disseste o suficiente para eu poder fazer

alguma coisa. Por isso, *é* um bocado tua a culpa, sim.

Sam estava sentado com as costas muito direitas e tinha levantado a voz. Era um tom que Rachel nunca lhe ouvira – sombrio e ameaçador. Precisava de que ele se acalmasse, não podia correr o risco de alguém ouvir Sam Weinstein gritar-lhe na sua própria casa.

– Preciso de que te vás embora agora. Vemo-nos no piquenique.

Ele levantou-se e praticamente colou a cara à dela, com os narizes quase a tocarem-se. Ela podia sentir o cheiro do seu hálito, que era doce, exatamente como se lembrava de há anos. Depois, Sam virou as costas e saiu, fechando gentilmente a porta atrás de si e deixando Rachel assustada e confusa. E, além disso, tinha de terminar o *guacamole*.

Jason Parker

Jason e Lauren tinham passado o dia a discutir. Lauren estava à espera de que os churros para o piquenique viessem no *ferry* – a sua amiga Abby, que era relações públicas na Boqueria, tinha tratado de tudo. Jason achava que era um pouco exagerado para o Piquenique da Baía. O que é que Lauren estava a tentar provar? Agora era um assunto causador de *stress*. Os churros foram parar ao *ferry* errado e chegaram a Fair Harbor, a vila ao lado de Salcombe. Lauren tinha passado a maior parte da tarde atrás dos malditos churros chiques. Ligara para a empresa dos *ferries*, fora esperar cada um dos *ferries* que iam chegando, até finalmente descobrir que tinham sido, de facto, entregues em Fire Island, mas na vila ao lado.

Pedira a Jason para ir de bicicleta buscá-los a Fair Harbor, o que ele fez, contrariado, daí a gritaria. Arlo e Amelie estavam na baía com Silvia, por isso pelo menos não tiveram de assistir aos pais a discutirem sobre uma coisa tão ridícula.

Jason estava farto de Lauren. Até então, o verão tinha sido horrível. Mal conseguia ver Jen – logisticamente, era muito difícil estar sozinho com ela. Lauren andava a comportar-se como uma lunática. Jogava ténis obsessivamente, duas ou três vezes por dia, depois desaparecia durante períodos de tempo sabe Deus para fazer o quê, e deixava Jason sozinho com os miúdos (bom, Jason e Silvia). Além de que havia tido uma discussão com Beth no 4 de Julho, e desde então que andava ligeiramente fora de si. As alterações entre eles tinham-se intensificado de tal forma nas últimas semanas que Jason deu por si a gritar: «Quero que a porra dos churros se fodam!»

Entretanto, Sam andava depressivo e procurava Jason para apoio moral devido ao seu problema da acusação de assédio sexual. Lembrava-lhe aquele verão de quando eram miúdos e os pais de Sam tinham acabado de se divorciar. O amigo andava infeliz e carente, muito longe da sua maneira de

ser, que era normalmente jovial. Jason começava a ficar preocupado com a ideia de que pudesse haver algo mais, talvez relacionado com Jen. Não lhe tinha contado nada sobre ela, mas Sam tinha qualquer coisa no olhar de que Jason não gostava.

Tendo em conta o verão que estava a ter com Lauren, Jason estava preparado para contar a verdade a toda a gente. Ele e Jen estavam apaixonados e iam ficar juntos. Seria o maior escândalo de Salcombe desde Dottie Hart e Mery Haggerty, as campeãs do torneio de pares femininos que, na década de 1990, anunciaram que iam abandonar os respetivos maridos para irem viver juntas. Lauren Parker, a rainha de Salcombe, ser alvo de escárnio? Sam Weinstein, o homem mais bonito de Salcombe, trocado pelo amigo de longa data, que inclusive não era tão bonito quanto ele? Jason imaginava o boato enquanto caminhava para a baía, situada em frente de West Walk, para o começo da noite do Piquenique da Baía.

Já tinha feito uma viagem até lá com o carrinho para transportar os churros perdidos e achados, bem como com alguns jarros de *palomas* para acompanhar o tema mexicano. Agora ia sozinho. Os miúdos já tinham ido com Lauren, todos aperaltados, como habitualmente: Amelie com um conjunto completo da Stella McCartney Kids que Lauren fizera questão de comprar por cem dólares.

Estava uma noite bonita, límpida. Soprava uma brisa leve. A água da baía cintilava à medida que Jason se aproximava da multidão de cerca de duzentas pessoas. Estavam todos reunidos à volta de carrinhos e mesas pequenas, a beber, a conversar e a abanarem-se desajeitadamente ao som da banda de *covers* dos Beatles que se encontrava no meio do espaço, a tocar uma versão pouco convincente de «Paperback Writer».

Jason encontrou o grupo com facilidade, pois Rachel escolhia sempre o mesmo lugar, à esquerda, na parte de trás e perto da água. Lauren reclamava todos os anos daquele sítio («Ela põe sempre as nossas coisas demasiado perto da baía! Se alguma das crianças espirra para o lado errado, cai à água e afoga-se. A Rachel não tem filhos, por isso não pensa nessas coisas.»).

Lauren estava junto de Arlo e Amelie, a deitar-lhes água em copos de plástico. Usava um vestido plissado azul até aos joelhos com um corte em V na parte de cima que lhe sobressaía o decote, apesar de tudo, muito bonito. Atrás dela, o Sol, pendente sobre a baía, como uma grande bola cor de laranja que ameaçava descer a qualquer minuto. Ele sempre gostara mais de Lauren à distância.

Viu Rachel ao seu lado, ocupada com a disposição da comida, e o professor de ténis, sentado numa das cadeiras de praia perto delas. Jason assumiu que Rachel o tinha convidado, pois andava sempre à procura de homens solteiros na ilha, mas raramente encontrava algum. Jason não achava que Robert, com a sua aparência esbelta de modelo e o pavoneio atlético, fosse um alvo voluntário para mulheres desesperadas na casa dos quarenta anos. Brian e Lisa também lá estavam, a tirar *selfies* em frente à baía. Um

grande grupo de miúdos circundava o palco da banda, e Jason viu Lauren encaminhar Arlo e Amelie para lá, enxotando-os com o instinto maternal de um inseto.

Jason procurou Jen e Sam na multidão, mas não os viu. Já tinham passado duas semanas desde a última vez que estivera com Jen – depois do breve encontro do 4 de Julho, conseguiram reencontrar-se uma vez para fazerem sexo, no seu quarto e de Lauren, enquanto esta fazia um treino intensivo de ténis de duas horas e Silvia estava com os filhos de ambos na praia. Jen tinha dito a Sam que ia dar uma volta de bicicleta a Fair Harbor. Fora rápido e não fora bom. Jen não parecia estar para aí virada e Jason teve um orgasmo em milissegundos.

Enquanto se dirigia para o piquenique, foi contornando outros grupos, acenando com a cabeça em jeito de cumprimento. Passou pelos Laurell e respetivos amigos de meia-idade, todos de calções chinos; Susan Steinhagen e outra malta mais velha, com as mulheres de vestidos soltos coloridos; Micah Holt e o seu grupo de miúdos cheios de pinta, com *crop tops* da moda (Jason percebia que Micah andava a evitá-lo depois daquela primeira noite em Salcombe; desde que mantivesse a boca fechada, que claramente mantinha, ele também não estava desesperado por ir ao bar do clube tomar um Martini). E depois estavam os Ledbetter, os Leavitt e Jeanette Oberman, sozinha este verão sem Greg, que tinha sido apanhado a dar uma queca à pessoa que lhe ia passear o cão. Jason imaginava como Lauren iria reagir se soubesse o que se passava entre ele e Jen. Expulsá-lo-ia de casa, como Jeanette fez a Greg? Ou iria gritar, berrar e chorar? Ou iria ser fria e pedir-lhe calmamente que se fosse embora e nunca mais visse os filhos?

– Viva, Jas, como foi essa semana? Eu tive umas vitórias *fantásticas* – disse Brian, assim que terminou a sessão forçada de fotografias para o Instagram. Estava a beber uma *paloma*. Jason baixou-se para ir buscar uma para si, saboreando aquela bebida doce num copo descartável vermelho.

– Tudo bem. Ocupado com trabalho, mas consegui dar umas corridas até ao farol – respondeu Jason, já aborrecido com a conversa. Lauren apareceu e, pelo menos uma vez, ficou contente de a ver.

– Como estás, Brian? Tu e a Lisa conseguiram fotos *instagramáveis*? Querem que eu vos tire uma?

Ela era realmente bonita, caramba, pensava Jason, enquanto olhava para a mulher. Gostava de conseguir gostar mais dela.

– Sim, por favor – respondeu Brian, entregando-lhe o telemóvel. Agarrou em Lisa, que estava a comer um *nacho*. Quando ele lhe tocou, ela irritou-se por uns segundos antes de encenar o ar que usara para as fotografias do Instagram, a sorrir com o marido e com a bonita paisagem do mar em fundo. Lauren tirou fotografias de todos os ângulos. Jason conseguia ver um lastro de suor a escorrer da testa de Brian em direção à cara.

Perguntava-se onde estaria Jen; já passava das 18h30 e a festa ia a todo o vapor. Foi então que viu Sam a vir pelo passadiço e a entrar no recinto da

feita, passando por entre carrinhos e mesas e a cambalear à medida que andava. Porque é que ainda estava com a roupa da praia? Quando estava mais perto, Jason percebeu que vinha bêbedo. O que é que acontecera? Onde estava Jen?

– Aquele é o Sam? – perguntou Brian, enquanto mastigava um grande *taco* de peixe. – Porque é que ainda está com os calções de banho? – Sam parecia que tinha saído de uma *rave* na praia que durara toda a noite, com areia nas pernas, o cabelo a ir em todas as direções e a cara bronzada com um olhar vidrado. Aproximou-se em câmara lenta, com todas as cabeças a virarem-se na sua direção à medida que ia passando. Jason conseguia ouvir as pessoas cochicharem.

– É o Sam Weinstein? O que é que se passa com ele?

– O Sam está vestido com aquilo porquê?

– Onde está a Jen?

– Estará bêbedo?

Jason estava petrificado. Em qualquer outro ano, iria logo ter com ele, mas agora estava preocupado que o estado de Sam estivesse relacionado consigo. Viu Lauren a olhar para ele, confusa. Robert foi o único que tomou a iniciativa: levantou-se da cadeira e ajudou Sam a ir até à área onde o seu grupo estava, fazendo-o sentar-se gentilmente na cadeira que ocupava. Robert agachou-se junto dele e começou a falar com Sam, mas Jason não conseguiu ouvir o que ele dizia.

Lauren colocou-se ao lado de Jason.

– Vai ver o que é que se passa. Ele não está bem. Jason, vai – sibilou, empurrando-o na direção da cadeira.

Foi até junto de Sam e Robert, ficando de pé, sem saber bem o que fazer. Sam estava claramente mal.

– O que é que *tu* queres? – perguntou Sam, olhando na direção de Jason, mas não completamente. – Tens passado todo o verão sem falar comigo. O que é que andas a fazer? *Trabalho*? O quê? – reforçou. A voz de Sam subia num tom de raiva, e as pessoas começavam a aproximar-se para ver o que estava a acontecer. Jason viu os Ledbetter e os Leavitt a chegarem aos poucos, salivando perante a perspectiva de espetáculo.

Rachel juntou-se a Jason com as mãos na boca, a roer as unhas, nervosa.

– Vá lá, não faças uma cena – disse Rachel, calmamente.

Sam levantou-se de forma periclitante, encarando os dois. Robert também se levantou. Ninguém disse nada durante uns momentos, e Jason esperava que Sam seguisse o conselho de Rachel.

– Porque é que te vou dar ouvidos? – perguntou Sam. – Foste tu quem me disse que a minha mulher andava a foder outra pessoa. Mas talvez estejas só a mentir. Talvez estejas só a tentar destruir o meu casamento porque és tão miserável.

Rachel recuou, como se alguém lhe tivesse dado um murro no estômago. Jason sentia que estava prestes a vomitar.

– E sabes que mais? – continuou Sam. Um grupo de vinte pessoas juntou-se perto deles, fazendo de conta de que não estavam interessados, mas a ouvir tudo. – Perdi o meu emprego! Porque uma cabra me acusou falsamente de a ter beijado!

Jason não sabia o que fazer. Deveria arrastá-lo dali para fora? Havia crianças por todo o lado.

Lauren puxou-lhe a manga da camisa e disse-lhe baixinho ao ouvido:

– Liguei à Jen. Vem a caminho.

De seguida, Sam saiu disparado a caminho da baía Great South. Atirou-se à água como um miúdo empolgado num parque de diversões, fazendo um grande chape como se fosse uma bola de canhão.

– O Sam Weinstein saltou para a baía! – Jason ouviu alguém gritar, fazendo com que toda a vila de Salcombe fosse a correr para a antepara para ter um vislumbre do rapaz de ouro da vila a ter um colapso provocado pelo álcool. Sam estava a boiar a cerca de três metros de distância. Parecia estar com uma cara tranquila e tinha os olhos fechados. Jason sentiu uma mão no braço e, quando se voltou, viu Jen, em pânico. Ainda estava de biquíni, com uma camisa por cima, de cabelo apanhado e sem maquilhagem.

– Tens de ir buscá-lo. Agora! Tira-o de lá! – ordenou Jen, quase a chorar.

Jason reparou que Rachel olhava friamente para a mão de Jen no braço dele.

Foda-se, pensou Jason. *A Rachel sabe*. Mas não teve tempo de se alongar no pensamento, porque tinha de salvar Sam como se fossem novamente adolescentes. Uma vez, quando tinham dezassete anos, eles e alguns dos seus amigos foram nadar à noite, bêbedos. As ondas não eram grandes, mas havia uma corrente a puxar que Jason não previra. De repente, dera por si longe da costa, na escuridão da água fria e cinzenta. Uma onda obrigara-o a mergulhar, não sabendo se estava a subir ou a descer. Finalmente viera à tona, ofegante e assustado, e não conseguia ver os amigos, embora ouvisse as suas vozes. Pensara em como reagiriam os pais se recebessem um telefonema a dizer que o filho se tinha afogado depois de beber oito cervejas e saltar para o mar gelado. «Jason! Jason!», ouvira Sam chamá-lo, sentindo depois a mão dele no seu tronco, que era robusto para a idade que tinha. «Vamos tirar-te daqui. Vá, vá», repetira Sam, arrastando-o até chegarem os dois à areia e aterrarem juntos no chão.

Agora era a vez dele de o ajudar, embora não parecesse que Sam corresse o risco de se afogar. Estava apenas a fazer ainda mais figura de parvo. Foi até à antepara, encostando o corpo nela e, a balançá-lo, disse:

– Vou aí buscar-te!

Jason saltou para a baía. O choque da água atingiu o seu corpo vestido. Mergulhou a cabeça no líquido escuro, voltando à superfície já perto do amigo. Sam ainda estava a boiar e Jason foi a nadar à cão até junto dele. Com toda a gente a assistir.

– Vamos embora, sai da merda da água. Estás a fazer uma cena e a assustar a Jen.

– Oh, vai-te foder – disse Sam, sem abrir os olhos.

– Vá lá, pá, é a tua mulher – afirmou. As palavras prenderam-se-lhe na garganta quando as disse. A água estava gelada e Jason sentia o peso da roupa. Mexia as pernas para se manter à superfície. Não queria estar muito mais tempo ali.

– Ela anda a trair-me. A Rachel disse-me. Queria ter-te dito, mas andas a evitar-me. Porquê?

– Já te disse, tenho estado atolado com trabalho – respondeu Jason. Não conseguia pensar rápido naquela situação: precisava de sair da baía e esclarecer tudo. Olhou para a costa e viu os foliões a beberem metodicamente dos seus copos de vinho.

– Quem poderá ser? – perguntou Sam. – O Max Leavitt? Vi-os falar uma vez, com alguma proximidade, numa festa em casa dos Grobel. Não pode ser o Paul, pois não?! Não, é demasiado baixo para ela, além de o detestar – disse Sam, e depois fez uma pausa. – Achas que anda a foder com o professor de ténis? Ele é bonito. Mas seria um cliché tão grande. Isso não é o estilo da Jen. E de qualquer forma, esse tipo só parece ter olhos para a Lauren.

– Oh, não me parece – comentou Jason. Embora pudesse ser verdade. Ela andava estranha ultimamente, certo? Sentia o coração a bater nos ouvidos e os seus sapatos pareciam pedras. – O que é que aconteceu no trabalho? – perguntou Jason. – A investigação já terminou?

– O Henry ligou-me hoje de manhã a informar-me de que estou suspenso até terminarem a investigação. Não me despediram; estou só «em pausa», como disse esse cara de cu.

– E a tal rapariga? Sabe-se alguma coisa dela?

– Não faço ideia. Acho que ainda está na firma, na parte empresarial. Não sei mais nada.

– O que é que vais fazer?

– Bom, agora que toda a gente na vila sabe, incluindo a Jen, acho que me vou suicidar.

– Isso não tem piada – disse Jason. – Ouve, eu ajudo-te. Encontramos os melhores advogados para te representar. Mesmo que percas o trabalho, a firma terá de te pagar milhares por difamação.

Sam estava em silêncio. Tinham vogado para mais longe, e estavam quase em perigo por estarem muito perto do local da passagem dos barcos. Jason viu Jen de pé encostada à antepara. Parecia jovem. Estava a tremer, alguém lhe tinha dado uma camisola que ela colocou sobre os seus ombros estreitos.

Jason sentia-se estranho, como se toda a sua vida tivesse conduzido àquele momento desconfortável.

– Anda, vamos embora. A Lauren mata-me se não comer uma porra de um churro *gourmet*.

Sam riu suavemente. Finalmente, virou-se e começou a nadar em direção a umas escadinhas que iam ter à praia. Jason seguiu-o, feliz por ver um fim à vista. Saíram um a seguir ao outro, como quando eram miúdos nas aulas de natação. Primeiro Sam, depois Jason.

As pessoas começaram a dispersar assim que eles saíram da água, todos demasiados embaraçados para lhes perguntarem se estavam bem, e regressaram às respetivas áreas de piquenique para falarem entusiasmados uns com os outros sobre o que tinha acabado de acontecer.

Jen e Rachel entregaram-lhes toalhas, não se sabendo onde as tinham ido buscar, e Lauren apareceu à frente de Jason com, pelo menos uma vez na vida, um ar preocupado. O grupo voltou para o seu espaço, todos em pé à frente dos *nachos* frios e do *guacamole* castanho. Brian e Lisa tinham ido para outro grupo, provavelmente envergonhados por serem associados aos disparates de Sam. O Sol estava suspenso sobre o horizonte, uma esfera vermelha gigante prestes a pôr-se. Jason precisava de despir as roupas molhadas, mas não tinha a certeza de que protocolo seguir nestas situações. Estavam Sam, Jason, Lauren, Jen, Rachel e Robert, de mãos nos bolsos, com um ar distraído. Sam quebrou o gelo.

– Bom, pessoal, pode dizer-se que tive um dia mau. Estou com um problema no trabalho: uma pessoa acusou-me de algo que não fiz e, por isso, agora vou ficar suspenso. Isto realmente perturbou-me muito. Peço desculpa a todos pelo meu comportamento e peço especialmente desculpa ao *guacamole* da Rachel. Sei que o desiludi.

Todos se riram. Depois de tantos anos, Jason ainda ficava surpreso pela capacidade de Sam em desarmar e encantar as pessoas.

Jen dirigiu-se a Sam e enlaçou os braços nos dele. Olharam um para o outro e sorriram, e depois Jen disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. Jason sentiu-se atordoado. O que se passava ali? Começou a tremer, ou do frio, ou dos nervos.

– Lauren, tenho de ir a casa despir estas roupas – disse Jason. – Ficas bem com os miúdos?

Lauren acenou com a cabeça. Jason não se despediu de ninguém. As pessoas olhavam para ele conforme ia passando, mas não queria saber. Não tinha sido ele a descontrolar-se e humilhar-se à frente de toda a vila. O céu estava a começar a escurecer e Jason apressou o passo, quase em corrida, ao longo do passadiço. Conseguia ouvir «Hey Jude» e, depois, uma versão vacilante de «When I’m Sixty-Four». Perguntou-se se estaria com Lauren nessa altura. Faltavam mais de vinte anos.

Quando chegou, foi para o quarto, que tinha uma decoração estival charmosa e estava pintado num azul esmaecido, e fechou a porta. Pegou no telefone e abriu o Signal.

Jason Parker: Jen, o que foi aquilo? O que se passa com o Sam? Ele sabe de alguma coisa?

Manteve a aplicação aberta para ver se ela estava a escrever. Nenhuma resposta.

Jason Parker: Jen, eu amo-te.

Nada.

Lisa Metzner

A vida de Lisa Metzner mudou por causa dos cogumelos. De três em três dias, engolia um bocadinho de pó cinzento, apenas a dose certa de psicadélicos para a fazer sentir-se viva. No ano anterior descobrira a microdosagem através de uma amiga do grupo de mães da Horace Mann, uma mulher apaixonada por granola e com o estilo Gwyneth Paltrow. Ela garantira-lhe que essa microdosagem ia curá-la das dores de cabeça e da leve depressão, tendo-lhe passado o contacto do seu fornecedor. Lisa, curiosa e a precisar de um abanão na vida, experimentara imediatamente e havia sido um sucesso.

Os cogumelos davam-lhe uma sensação de alerta. Conseguia concentrar-se no curso de *life coach* de uma maneira que não imaginaria ser possível. Amava ainda mais Brian e adorava ser mãe.

Estava particularmente agradecida por estar a ter uma *trip* quando Brian lhe contara, há um mês, que o seu fundo tinha corrido mal. Tinham feito alguma má aposta e agora Brian estava a pagar por isso, de tal modo que Lisa estava preocupada com a possibilidade de terem de vender a casa de Salcombe. Ainda não tinham chegado a esse ponto, mas Brian, por detrás de toda aquela fanfarronice, estava em pânico. Lisa tentava que tudo aparentasse normalidade, mantendo o otimismo por causa de Maryloo e Myrna, mas era difícil e os cogumelos davam-lhe uma ajuda.

Portanto, quando viu Sam saltar para a baía, achou que se tinha enganado e tomado demasiado. Estaria a alucinar? Mas não, Sam estava mesmo na água, a boiar, enquanto toda a gente olhava surpreendida para o que estava a acontecer. Jason tinha ido atrás dele e viam-se duas cabeças a flutuar na água enquanto o Sol desaparecia. Se calhar não era só ela e Brian que tinham coisas a esconder.

Lisa era, de modo geral, uma pessoa franca. Tivera sucesso no mundo das relações públicas das celebridades, nos seus vinte e trinta anos, e ganhara experiência em lidar com as dificuldades das personalidades, em afagar os

seus egos e em fazer com que pensassem que eram eles que mandavam.

Brian gostava de que Lisa não se importasse com o facto de ser ele o centro das atenções, desde que fosse ela a comandar o navio. Tratava-o como se ele fosse um cliente, animando-o, virando a cara para o lado quando fazia figura de parvo e, em última análise, fazendo as pazes com a ideia de que era ele quem sustentava a família.

Parara de trabalhar quando as miúdas eram pequenas, mas quando Myrna fora para a escola a tempo inteiro, Lisa precisava de fazer outra coisa. Era demasiado tarde para voltar ao jogo das relações públicas, uma indústria à qual é impossível regressar quando se salta fora. Tinha ouvido dizer que uma amiga de uma amiga se tinha tornado *life coach* e, após uma pesquisa *online* acompanhada por vários copos de vinho, inscrevera-se num curso.

«Os *life coaches* são os novos agentes imobiliários», ouvira alguém dizer numa festa de *cocktails* algum tempo depois. Lisa não se importava de que associassem essa atividade a donas de casas entediadas. Ela adorava falar com pessoas e ter outra coisa na qual se focar, além das miúdas e do ginásio.

Quando o verão chegou, Lisa sentia-se melhor do que nunca. Com a microdose, a nova carreira e o novo retoque proporcionado pelo Dr. Liotta, o cirurgião plástico mais talentoso da Park Avenue, agora parecia mais nova do que nunca. Mas depois Brian tinha-lhe contado aquilo do fundo.

Uma jogada que não tinha corrido bem, dissera ele. Não era culpa dele, dissera Brian. Lisa não compreendia os pormenores, mas sabia que era mau. No mês seguinte, afastara-se dela. Agia normalmente em público – com o seu comportamento típico, a falar demasiado, a entreter as pessoas. Mas, em casa, andava calado e Lisa não conseguia que ele lhe dissesse mais nada, por muito que tentasse. Estava preocupada com o impacto que aquilo teria na relação deles porque, de facto, amava Brian. Fazia troça dele, com certeza, revirava os olhos com as suas piadas e encolhia-se quando ele dizia algo grosseiro, mas era o seu pateta grandalhão que cuidava dela e das filhas. Brian fazia-lhe lembrar o seu pai, que morrera com um AVC quando ela tinha vinte e dois anos. Uma primeira geração de italo-americanos que tinha o seu próprio negócio de canalização, em Fairfield, Nova Jérсия, onde Lisa crescera. Eram ambos calorosos, generosos e ligeiramente ridículos.

Lisa pensou no pai quando viu Jason e Sam saírem da baía, vestidos e a pingar como dois bebés grandes. O que é que ele diria deles? Estes tipos ricos com mãos macias e os seus terapeutas e as suas camisas de linho caras.

Ela e Brian foram conversar com Jessica e Max Leavitt, que se tinham separado do seu grupo do piquenique. Todos estavam a recriar o drama.

– Que raio foi aquilo? – perguntou Jessica.

Lisa reparou que ela parecia cinco anos mais nova em relação ao ano passado. Tinha de se lembrar de lhe perguntar que médico era o dela.

– Oh, sabe-se lá. Coisas de rapazes – respondeu Brian, diplomaticamente.

Brian gostava muito de Sam e Jason, o que deixava Lisa triste, porque

sabia que o que ele sentia por eles não era correspondido na mesma medida.

– Ouviram o Sam a dizer que tinha sido despedido por causa uma acusação de assédio sexual? – comentou Max. – E que a Jen andava a traí-lo? Afinal, o Sam Weinstein perfeito não é assim tão perfeito. Ah! – exclamou. Max tinha um pescoço comprido e uma maçã de Adão proeminente; quando se entusiasmava, andava para cima e para baixo como uma bola saltitante.

Lisa pensou em como seria se todos descobrissem o que se passara com o fundo de Brian. Nas línguas viperinas em jantares e no clube naval. Colocou a sua melhor voz de relações públicas e ripostou:

– Sabes que mais, Max? Toda a gente tem problemas. Tenho a certeza de que tu e a Jessica têm problemas. Eu e o Brian temos problemas. Tem a merda de alguma empatia pelas pessoas.

Os olhos de Jessica quase lhe saltaram das órbitas. Max olhou para baixo, envergonhado, com o pescoço de ave a arquear, embaraçado.

Brian pegou na mão de Lisa e apertou-lha com apreço. Foram-se embora, indo ao encontro dos seus verdadeiros amigos. Lisa estava ansiosa por chegar a casa. Os cogumelos estavam à sua espera.

Robert Heyworth

Robert Heyworth já tinha roubado cinco mil dólares do Clube Naval de Salcombe. Não era muito – apenas cerca de dois meses de renda de um estúdio básico em Manhattan. Mas era o suficiente para que se sentisse um criminoso. Seria um criminoso? Tentava não pensar nisso, distraíndo-se com trabalho e sexo.

Talvez demasiado sexo. Nos últimos tempos, ele e Lauren tinham perdido o controlo. Agiam imprudentemente. Nessa manhã, tinham estado juntos no espaço de manutenção do clube naval, onde eram guardados os produtos de limpeza. A manhã ia avançada, e não estava ninguém no clube, mas mesmo assim tinha sido arriscado. Alguém podia ir à casa de banho e ver um deles sair, ou Micah aparecer para ir buscar algum produto para limpar o bar.

O espaço era apertado e cheirava a cloro. Robert empurrara Lauren contra uma prateleira de toalhas de papel e de papel higiénico. Ela vestia uma saia de ténis preta, que ele tinha levantado, percebendo depois que teria de a baixar até aos joelhos, uma vez que era um conjunto com calções integrados.

Eram agora 20h30 e ainda havia um ligeiro brilho no céu. Robert ia a caminho de casa, de mãos nos bolsos e a olhar para as ripas de madeira inclinadas. O piquenique tinha sido um desastre. Se ele fosse rico, manter-se-ia longe de cenas como aquelas. Gostava do modo como Julie e a respetiva família eram: discretos, privados. Não se incomodavam em competir com os outros porque sabiam que eram superiores a eles. Julie teria odiado Salcombe – a forma como todos contabilizavam as vitórias uns dos outros, como os homens se mediam a si próprios pelo património líquido e as mulheres pelos jogos de ténis.

Robert ficou surpreendido por ouvir Sam dizer que achava que Jen o andava a trair. Jen parecia tão simpática. Não querendo dizer que ser simpática não signifique que não tenha também um caso. Veja-se, por

exemplo, a situação de Robert: a mentir, a roubar e a dormir com uma mulher casada.

Robert passou pelos *courts* de ténis, vazios e limpos pela manutenção que fizera ao final da tarde, deixando-os preparados para os jogos do dia seguinte. Começava a detestar olhar para eles.

– Robert! Robert!

Ouviu um murmúrio enrouquecido atrás dele, voltou-se e viu Rachel Woolf a vir apressada ao seu encontro, com um vestido demasiado justo que fazia um ruído roçagado conforme se mexia. Robert tinha saído do piquenique há cerca de dez minutos, mesmo antes de encontrar Lauren sozinha e lhe ter dito, discretamente, que aparecesse depois de os miúdos irem dormir. Jason já se tinha ido embora para mudar de roupa e não voltara. Sam, ainda encharcado, fora para casa com Jen logo depois do «incidente», como a vila já se lhe referia. Rachel, sempre sem par, estava a conversar com Emily e Lisa e os maridos de ambas quando ele se despediu.

Parou e esperou, embora não lhe apetecesse falar com ela. Rachel vinha ofegante e parecia levemente embriagada. Ainda trazia um copo vermelho descartável com uma margarita a meio. Estavam quase à frente de casa dela quando chegou perto dele.

– Posso conversar com o Robert? Quer vir até minha casa? Não lhe tomo muito tempo.

– Sim, claro – respondeu, desconfiado, seguindo-a pelo alpendre envidraçado.

Rachel acendeu as luzes e disse-lhe para se sentar no sofá branco, deixando-se cair depois ao lado dele. Desviou-se de modo a ficar afastado dela, mas ela reparou e lançou-lhe um olhar irritado.

– Não vou tentar nada, não se preocupe – disse. – Quer beber alguma coisa?

– Não, estou bem, obrigado – respondeu Robert, querendo sair dali o mais rápido possível. – E então?

– Foi mesmo de loucos, aquele piquenique – comentou ela, bebendo pequenos goles da margarita. A iluminação evidenciava-lhe as rugas, Robert achou-a velha, com a maquilhagem a solidificar nos vincos. – Custa a acreditar que o Sam tenha saltado para a baía. Está claramente com algum problema – continuou.

– Pois, parece que sim – aferiu Robert, sem saber aonde ela queria chegar.

– E aquele assunto de a Jen ter um caso...

Percebia que ela estava atenta à reação dele, e ansiava que a sua cara permanecesse impávida.

– Parece complicado – disse ele. – Mas acho que os casamentos têm altos e baixos. Embora eu não tenha experiência. Nunca foi casada, pois não?

Ela abanou a cabeça e acabou a bebida num trago.

– É precisamente sobre isso que queria falar com o Robert – disse ela.

Ele ouvia os grilos lá fora. Começou a ficar com muito calor, de repente.

– Conhece a Susan Steinhagen, certo? Claro que sim.

Robert acenou com a cabeça. Teria Susan descoberto que ele roubava? Como teria conseguido? Sentia o sangue a bater nos pulsos.

– Eu sei que ela é uma intrometida, por isso interprete isto com alguma desconfiança. Ela disse-me que tinha visto o Robert e a Lauren Parker a ficarem íntimos. E, bom, a Lauren é minha amiga e eu gosto verdadeiramente de si, e não quero que as pessoas comecem a falar de vocês. Já conhece a vila, por esta altura... e eles vão começar *definitivamente* a falar.

Robert deu um suspiro profundo. Porra, graças a Deus que o assunto era a Lauren e não o dinheiro. Com aquilo podia lidar, ninguém tinha provas de nada.

– Bem, agradeço ter-me contado. Foi realmente importante para mim saber disso: eu adoro este trabalho e não quero pô-lo em risco. Só para que conste: não se passa absolutamente nada entre mim e a Lauren. É uma cliente que valorizo muito, como a Rachel, mas nada mais. Se estou a dar a impressão errada, é culpa minha, mas vou resolver isso – declarou. Tinha dito aquilo da forma mais honesta possível, olhando diretamente para os olhos esbugalhados de Rachel. Moveu-se para mais perto dela. Era uma presa tão fácil. – Acredita em mim, certo?

– Acredito! – exclamou ela. – Eu reparo em tudo e nunca pensei que andassem por aí às escondidas. No entanto, já não posso dizer o mesmo de outras pessoas.

Pronto, lá vai ela, pensou Robert. Era a oportunidade para a desviar daquele assunto:

– Ah, sim? Quem? – perguntou.

Os olhos de Rachel reluziram ébrios.

– Então, *ouviu* o Sam a falar da Jen, certo? Bom, eu sei com quem ela tem um caso, e o Robert nunca vai adivinhar.

Robert entrou no jogo.

– Hum... – disse ele. – O Paul Grobel?

– Ah! – exclamou Rachel. – A Jen nem sequer olha para o Paul.

– OK, OK – disse ele. – Hum... O Theo Burch? – indagou. Só estava a atirar nomes para o ar. Como é que ele podia saber com quem Jen andava a ir para a cama?

– Não, não – respondeu Rachel. – É bem mais chocante. Só lhe conto porque sei que vai guardar segredo e eu preciso de o partilhar com alguém. Dou-lhe uma pista: se o Sam alguma vez descobrir, pode nunca vir a recuperar.

Merda, pensou Robert. *É o Jason*.

Lauren morreria se aquilo se tornasse público. O marido dela a dormir com a mulher do seu melhor amigo? Ele sabia que Jason tinha qualquer coisa de detestável.

– Não sei bem, mas talvez deva guardar esse segredo para si. Não quero

carregar o fardo dessa informação! – disse Robert, com leveza, embora estivesse a falar a sério. Ela tinha de ficar calada, ninguém precisava de saber.

– OK, o Robert é que sabe – respondeu, desapontada.

Ele percebeu que a deixou magoada. Sorriu-lhe com um ar charmoso e pousou-lhe a mão no braço, sentindo a sua pele húmida.

– Tento não saber muito da vida dos meus clientes, pelas razões óbvias – disse ele.

Agora que pensava nisso, fazia todo o sentido Jason estar com Jen. Jason, que parecia tão ameaçado por Sam. Jason, que não queria nada com a sua mulher atraente. Robert apertou o braço de Rachel e deixou lá os dedos uns segundos a mais, fazendo com que a cara de Rachel corasse.

– Mas agradeço-lhe novamente pelo alerta sobre a Susan. A partir de agora, vou manter-me bem longe das minhas clientes – disse ele. Piscou-lhe o olho, levantou-se e foi-se embora.

Já era completamente de noite e o ar estava fresco. Robert gostava de ter um plano para a sua vida. Porque é que andava a complicar tudo ao andar com uma mulher casada? Não havia futuro ali, nem na sua área de trabalho. Havia um tipo com quem trabalhara, em Los Angeles, que se chamava Rick, outro antigo jogador da faculdade, e que tinha economizado enquanto dava aulas para criar uma escola de Direito. Era agora advogado na indústria do entretenimento; Robert via as suas atualizações nas redes sociais. Devia ter feito o mesmo também, mas sempre pensou que eventualmente alguma coisa boa surgiria pelo caminho. Ele conseguia infiltrar-se – deveria ter-lhe caído qualquer coisa ao colo.

Virou em Harbor, que dividia a vila ao meio, e depois continuou por Neptune, onde vivia.

A maioria das casas tinha as luzes acesas, e ele conseguia vislumbrar os moradores nas suas rotinas diárias, a ver televisão ou a ler. O piquenique tinha terminado e ele achava que àquela hora todos se mantivessem tranquilos nas suas casas e já não saíssem, uma vez que tinham começado a beber às 18h00. Considerou enviar uma mensagem a Lauren a perguntar-lhe se queria aparecer em casa dele, mas depois decidiu que não e abriu a aplicação do Citibank para verificar o saldo da sua «nova» conta: cinco mil e duzentos dólares. Eram vinte e seis aulas que tinha cobrado para si mesmo. Vinte e seis vezes em que escolhera o caminho errado.

Enquanto olhava para aquele número, foi surpreendido por um ruído muito alto que fez com que quase deixasse cair o telemóvel. Ergueu a cabeça e viu no passadiço um veado enorme, um macho com chifres que podiam enfeitar uma sala de troféus, estático e a olhar diretamente para ele sem se mexer. Robert sabia que o animal que não ia atacar – certo? –, mas de qualquer forma ficou profundamente assustado. Deveria mexer-se? Deveria correr? Um segundo depois, o veado juntou-se a outro, mais pequeno, que Robert pensou poder ser uma fêmea.

Estava petrificado. Viu o telemóvel a iluminar-se com a chegada de uma

mensagem, mas não queria lê-la antes de os dois veados saírem do caminho. Aqueles chifres eram realmente intimidantes e os animais são incertos. Nunca tinha ouvido dizer que alguém tivesse sido atacado por um veado em Fire Island, mas há uma primeira vez para tudo. E aquele verão estava a desenrolar-se de uma forma imprevisível.

Pouco depois, os dois veados voltaram para o meio das ervas, um atrás do outro. Robert continuou em direção a casa, a alguns quarteirões de distância. Estava aliviado por a noite ter terminado, mesmo que isso significasse ficar sozinho com os insetos.

Entrou, com a porta envidraçada a ranger, e encarou o seu pequeno e triste cenário: um sofá de dois lugares esfarrapado e um tapete de junco quebradiço que deveria ter sido pisado pelos últimos três professores de ténis. Antes de ligar a luz, sentiu uns braços em torno da cintura e uma mão na parte de cima dos calções. Virou-se e, de uma maneira brincalhona, empurrou Lauren contra a porta.

– E se fosses um intruso? Podia ter-te matado – disse ele, beijando Lauren, que ainda trazia o vestido azul-claro do piquenique, e no qual ele enterrou a cara, na zona do peito.

– Não me irias matar – respondeu ela. – Pelo menos, de propósito.

Fizeram sexo em pé, uma posição de que ambos gostavam, depois, Lauren foi à sua casa de banho imunda e sentou-se no sofá. Ele ficava sempre envergonhado quando ela lá estava.

– O que é que disseste ao Jason? – perguntou Robert, vendo uma formiga a rastejar pelo chão junto ao pé dela, mas não reagindo. Não queria que ela soubesse.

– Apenas que ia beber um copo com algumas amigas. Não perguntou quem, nem onde. Está tudo bem. Acho que toda aquela coisa do Sam o deixou em choque. Estava sentado no terraço como se fosse um *zombie*. Não é tão estranho?

Robert não gostava de esconder de Lauren informações sobre Jason. Dever-lhe-ia contar o que Rachel disse? Ela parecia detestar o marido, mas não conseguiria prever como iria reagir. Por enquanto, não ia dizer nada.

– Foi muito bizarro – comentou ele. – E tu sabes que eu acho esta vila muito estranha, mas o que aconteceu atingiu outro patamar.

– Acho que o Sam deve estar com um esgotamento ou algo do género – disse Lauren. – A Jen deveria ajudá-lo: é psicóloga! Estão numa fase má, obviamente. Quer dizer, o Sam foi acusado de assédio sexual. Depois, ele diz que ela o anda a trair. É uma confusão.

– Pois, nada disso me parece fazer bem a um casamento – afirmou Robert, sentando-se junto de Lauren e colocando-lhe as mãos nos seios. – E isto também não deve fazer bem a um casamento.

Beijou-lhe a barriga, levantou-lhe o vestido e fez-lhe sexo oral até Lauren atingir o orgasmo. A seguir, ela puxou o vestido para baixo e deixou-se cair no sofá de um modo encantador.

– E se alguém nos descobrir? – questionou ela, de forma pensativa. – Voltavam muitas vezes a este assunto, mas só o abordavam à superfície. – A Jen viu-me sair da tua cabana na noite do 4 de Julho. Ou pelo menos acho que viu, embora não tenha comentado nada.

– O teu marido ficaria furioso e eu seria despedido – respondeu Robert, encolhendo os ombros. – A Rachel fez-me ir até casa dela, há pouco. – Robert estava a guardar este tema para depois de terem sexo, não queria que estragasse o ambiente.

– Porquê? Anda a atirar-se a ti? – perguntou Lauren, com um risinho.

– No início, pensei que sim – respondeu Robert. – Mas depois percebi que me estava a avisar.

– Avisar de quê?

– De nós.

Lauren endireitou-se no sofá e afastou o cabelo da cara.

– O que é que ela disse? – perguntou.

– Disse que a Susan Steinhagen reparou que nós «estávamos a ficar íntimos» – disse Jason, gesticulando a forma das aspas. – A Rachel disse-me para me refrear, basicamente. Estava a tentar ser simpática, acho. Neguei absolutamente tudo e ela acreditou. É uma tonta.

Lauren coçou a cara, com um ar insatisfeito.

– Isso não é bom – comentou. – A Susan pode fazer com que sejas despedido. Além disso, a Rachel vai contar a outras pessoas. Ela não aguenta.

Robert sabia que Lauren tinha razão.

– Então, o que fazemos? Devemos parar com isto?

Lauren olhou para ele e franziu o sobrolho.

– Não, não quero parar – disse.

Parecia que ia dizer algo mais sobre o assunto, mas não continuou. Ficaram em silêncio uns segundos. Depois, ela levantou-se, alisou o vestido azul e pôs o cabelo atrás das orelhas.

– Tenho de ir. A Silvia deitou os miúdos, mas o Jason eventualmente perguntar-se-á onde eu ando. Talvez – rematou. E saiu pela porta envidraçada que rangia.

– Cuidado com os veados! – exclamou Robert.

Estendeu-se no sofá e pegou no telemóvel. Verificou novamente a aplicação do Citibank. Iria adicionar mais duzentos dólares no dia seguinte. Tinha agendado uma aula com Seth Laurell, às 14h00, e que não tinha juntado ao caderno de registos oficial. Desde que aquela conta continuasse a crescer, sentia que tinha algum controlo sobre a sua vida estúpida. Fechou os olhos. Que dia estranho tinha sido aquele. Estava preocupado com Susan Steinhagen. Ele e Lauren precisariam de ter mais cuidado. Mas era difícil para ele pensar que, naquele lugar, as suas ações poderiam ter consequências na vida real. Porque nada ali era como na vida real.

Micah Holt

Micah Holt estava mal-humorado. Ronan andava a evitá-lo desde o 4 de Julho e, após semanas a resistir com orgulho, decidira enviar-lhe uma mensagem suplicante há uma hora. Ronan continuava sem responder e ele sentia-se um tolo.

Umás horas antes, estivera com os amigos no Piquenique da Baía, a beber vinho morno de um copo de plástico e a tolerar a banda patética de *covers* dos Beatles composta por uns tipos velhos. Depois, Sam Weinstein passara-se. Em voz alta, acusara Jen de o andar a trair (que Micah sabia ser verdade) e dissera que tinha sido acusado de assédio sexual. Que cliché tão grande. O bonito e espertalhão do Sam a usar o poder para conseguir que mulheres mais novas fossem para a cama com ele? Por um lado, Micah aprendera que isso poderia acontecer num local de trabalho. Por outro: a sério? *O Sam*? Era a última pessoa que ele diria que fizesse uma coisa daquelas.

Micah usara essa história como desculpa para enviar uma mensagem a Ronan, resumindo o que acontecera de um modo sarcástico. E depois concluía-a com uma linha triste:

Tenho saudades tuas. Podemos encontrar-nos?

Micah soube logo que era uma péssima ideia assim que carregou no botão de enviar, mas não aguentou. Tinha saudades dele. Não compreendia por que motivo Ronan deixara de falar com ele. Desesperado por ter uma resposta, Micah fora até à praia nessa tarde. Vestira os seus calções de banho Jacquemus favoritos, aqueles que lhe assentavam mesmo no começo das coxas, e deitara-se na toalha, sob o sol quente, lendo uma edição usada de *O*

Quarto de Giovanni. Olhara por vezes na direção do posto dos nadadores-salvadores para ver Ronan, musculado, concentrado nos seus Ray-Ban e vestido com os calções vermelhos típicos. Ronan não se apercebera de que ele o observava, pois estava a encarar o mar, atento a banhistas que precisassem de socorro.

Micah olhou novamente para o telemóvel. Sem mensagens novas. Caminhava pela Bay Promenade. O piquenique tinha terminado há algum tempo, e Micah ia sozinho pelos passadiços, com os auscultadores postos e a ouvir distraidamente um *podcast* sobre economia. Todos tinham ido para casa, cansados, bêbedos e sobre-estimulados com o espetáculo de Sam (Micah tinha ficado surpreendido por Jason ter saltado para a baía para o ir buscar; se a malta soubesse o que se passava realmente...).

Virou em Neptune, pensando que talvez pudesse ir andar um pouco no baloço no parque infantil, antes de ir para casa. Parecia uma coisa suficientemente aborrecida para fazer, dado o seu presente estado. Os pais ainda estariam acordados a ver televisão e não lhe apetecia conversar com eles. Embora tecnicamente fosse um adulto, em Fire Island tinha para sempre doze anos. A mãe lavava-lhe a roupa e preparava-lhe as refeições, e o pai obrigava-o a ir andar à vela todas as tardes de domingo. Para pais, eram bons. Liberais, fáceis, orgulhosos dele. Mas estar sempre com eles era demasiado.

Enquanto ia em direção ao parque infantil, ouviu o ranger de uma porta envidraçada e o som subsequente do fecho. Andou até à ponta do passadiço, escondendo-se por entre os grandes canaviais. Viu Lauren Parker, ainda de vestido azul-claro, a sair de casa de Robert. Micah sempre a achara muito glamorosa, com o seu cabelo perfeito e roupas caras. Ela espreitou para ver se estava ali alguém, e depois esgueirou-se por Neptune, presumivelmente em direção à sua casa, pela praia.

Micah quase teve de conter um riso alto. Pelo menos agora sabia que Robert não era *gay*. Era isto que acontecia quando se ficava mais velho? Destruir o casamento e perder a cabeça? Ou era algo que só acontecia em Salcombe? Micah olhou para o telemóvel. Uma nova mensagem, uma resposta de Ronan. Com as mãos a tremer, abriu-a.

Engraçado, isso do piquenique. Essas pessoas parecem malucas.

Micah viu três pontos a aparecerem e depois a desaparecerem. Voltou a ver os pontos, seguidos de uma nova mensagem.

Desculpa, mas não é a altura certa para mim. Nem tenho a certeza de que é que gosto. Espero que compreendas. Vemo-nos por aí.

Micah fechou rapidamente a mensagem e enfiou o telemóvel no bolso. Sentiu lágrimas a formarem-se nos olhos, tendo uma delas descido pela cara. Limpou-a logo, irritado com a sua própria fraqueza. O tempo estava a arrefecer, por isso decidiu não ir andar de baloiço e ir diretamente para casa. Talvez ver televisão com os pais não fosse assim tão mau.

Susan Steinhagen

Susan Steinhagen estava sempre a descobrir coisas que não queria descobrir. Numa ocasião, vinte anos antes, tinha entrado em casa de Claire e Seth Laurell e apanhara-os a fazer cenas de sexo horríveis com Nat e Carol Jacobs. Fora devolver um liquidificador que Claire lhe tinha emprestado; estava tudo escuro – eram apenas 20h00! – e Susan achou que os Laurell tinham ido jantar fora. Quando acendeu as luzes, deu de caras com aquele espetáculo nojento. «Susan, sai daqui!», gritara Claire, nua, de rosto corado, enrolada em Nat, magro e curvado sobre ela. Susan deixou o liquidificador na mesa da cozinha e saiu lentamente, traumatizada. Nunca falara sobre aquilo, nem ao seu agora falecido marido, Garry. Honestamente, nem sequer sabia o que tinha visto.

Em 2002, também houve o escândalo dos Battles. Fora descoberto que Jack Battles, um dos tipos mais ricos em Fire Island na altura, tinha duas famílias: uma, com quem passava os verões em Salcombe e outra, que mantinha secreta em Palm Beach. Susan estava atrás dele na praia quando ele recebeu uma chamada da mulher secreta, Eileen, tendo-o ouvido dizer «amote». Mais tarde, Susan encontrou a outra mulher de Jack, Marlene Battles, quando ia pelo passadiço a caminho de casa. «Quem é a Eileen?», perguntara inocentemente, fazendo espoletar um escândalo que terminara, por fim, numa história do *New York Post* («Batalha jurídica entre o financeiro Jack Battles e a ex-mulher no processo da família secreta»).

E no ano anterior, tinha sido a saga de Dave, o professor de ténis. Susan nunca gostara dele. Era demasiado próximo dos visitantes, já para não falar daquela vez em que ele lhe dissera que ela deveria ter sido uma grande jogadora «quando era mais nova». Hum. Além de que também achava que havia algo suspeito nas finanças do clube de ténis. Não tinha provas, era só um palpite – tinha frequentemente a sensação de que algo não estava bem. Um dia, no final do verão, fora à cabana à procura de um outro *grip*. Dave estava no *court*, a dar uma aula a Arlo Parker. O caderno de registos estava aberto com o

alinhamento de aulas do dia. Ela espreitara – podia fazê-lo, uma vez que integrava o comité do clube de ténis –, mas não detetou nada de errado. E encontrara, por baixo de pilhas de papéis e cordas, o *grip*, que guardara no bolso, mas também um frasco pequeno com *vodka*. Dave tinha estado a beber durante o horário de trabalho. Um delito que merecia despedimento.

Esse era o fim de semana do torneio que, em tempos idos, era o preferido de Susan. Ela e Garry faziam sempre grandes jogos, tendo vencido duas vezes, em 1988 e 1993. Mas agora estava no torneio de seniores, que detestava. (Garry morrera há três anos, e desde então que jogava com o jovial Richie Trimble, de oitenta e dois anos, que tinha apenas uma jogada, um *backhand slice*.) Dave andara a tropeçar pelo campo, a tentar manter a ordem, e Susan perdera a cabeça e gritara com ele à frente de um pequeno grupo de pessoas, acusando-o de estar bêbedo. Susan tinha de admitir que não havia sido o seu melhor momento, mas estava chateada com tudo. Ter de jogar com outros idosos, o comportamento de Dave e o facto de Garry continuar morto. Em última análise, tinha de se livrar dele. Depois de Dave ir embora, fizera uma auditoria ao seu registo contabilístico e percebera que ele andava a cobrar certos clientes em duplicado, ficando com um desses pagamentos para si. Não tornara esta informação pública, só a contara a alguns membros importantes do conselho, que a seguir a espalharam pela vila.

No presente ano, tinham contratado de forma deliberada um rapaz formado em Stanford com cadastro limpo e que nos últimos anos tinha cuidado da sua mãe viúva. Robert parecia um craque. Era amável, bonito, ótimo com crianças. Toda a gente lho elogiava.

Mas ela tinha visto o que outros não viram ou não queriam ver. Robert e Lauren estavam sempre juntos, a toda a hora. Susan simplesmente *sabia* que alguma coisa se passava. Nesse dia, umas horas antes, tinha dito a Rachel Woolf, a rainha das bisbilhotices da vila, que falasse com Lauren e a aconselhasse a afastar-se. Susan não queria despedir outro professor a meio do verão, particularmente porque este era uma estrela. Esperava que a intervenção de Rachel ajudasse.

Susan identificava-se de algum modo com Rachel: adorava ténis, preocupava-se com a vila e também estava sempre sozinha. (Susan era grata por ter tido Garry durante muitos anos; imagine-se viver a vida sem ninguém ao lado?) Susan sabia que Rachel ficara devastada com a morte precoce do pai, que era um homem bondoso. Também sabia que ela tinha sido sempre apaixonada por Sam, e compreendia porquê. Sam era um jovem especial, tão bem-parecido e triste. Os seus pais faziam um péssimo casal, uma praga em Salcombe, e Susan ficara contente por se terem separado e deixado aquela bonita casa para o filho.

Susan lembrava-se de um verão, há muitos anos, em que Sam e Rachel eram um casal jovem feliz que ia à praia e andava de mãos dadas no clube naval. As pessoas da vila tinham realmente uma grande história em comum. E foi por isso que ela não se surpreendera ao ver Sam em casa de Rachel, na

outra semana, quando lá tinha ido pedir-lhe ajuda com o torneio. Não mencionara esse assunto a Rachel – nem a ninguém, já agora. Aqueles dois tinham muita bagagem. Ela percebia que Sam era dedicado à mulher, Jen, e ao seu pequeno bando de crianças adoráveis. Jen, por sua vez, era um mistério para ela. Era simpática, amável e dizia sempre a palavra certa, mas Susan achava que talvez tivesse um lado obscuro, que Sam, ingénuo, não via.

Nesse momento, Susan ia a caminho do Piquenique da Baía, a arrastar um saco cheio de queijos artesanais, para se juntar ao seu grupo de sempre de veteranos. Eram os Pond, os Trimble e os Todd. A filha dos Todd, Erica e o marido, Theo, também se juntavam a eles, assim como os seus dois filhos, que eram os netos dos Todd.

Ela era a única pessoa no grupo que não tinha companheiro. Garry morrera repentinamente há três anos, com um ataque cardíaco. Estavam a jantar num dos restaurantes favoritos de ambos, o Paola, no Upper East Side, quando ele levava a mão ao peito e caíra para o lado. A ambulância chegara uns minutos depois, mas Susan sabia que já não havia nada a fazer. De qualquer forma, levaram-no para o hospital Mount Sinai e Susan chorara durante todo o caminho até à Ninety-sixth Street. Tinham sido casados durante quarenta e um anos, e não tiveram filhos. Ela dava aulas na Universidade de Columbia e Garry tinha uma vida profissional muito preenchida como advogado. Quando começaram a tentar, Susan tinha quase quarenta anos, e não aconteceu. Antigamente não era como agora, com fertilização *in vitro* e maternidade por substituição, ou o que quer que seja que estes miúdos hoje dia fazem para ter filhos. Na altura, se não resultava, não resultava. Susan arrependeu-se sempre de não ter tentado mais cedo. Agora tinha setenta e três anos e arrastava sozinha um saco de queijo *fontina* do Murray's Cheese para Salcombe.

Ela e Garry tinham comprado a sua casa no cruzamento entre Lighthouse e Neptune em 1985, sempre com a ideia de a encher de bebés. Mas, em vez disso, envolveram-se na vida da vila, com Susan a dirigir a escola de ténis no clube, e Garry a integrar a administração local. Tinha sido presidente da Câmara de Salcombe entre 1994 e 2002, facto sobre o qual tinha tanto orgulho que mandara fazer *T-shirts* para ele e para a mulher, onde aparecia escrito «o presidente» e «a mulher do presidente». Susan tinha saudades dele. Garry fazia-a rir.

Susan sabia que a sua função era manter a escola de ténis em atividade, mas tinha receio de se tornar uma velha maldisposta com toda aquela vigilância. Porque é que haveria de se importar com o facto de Robert, o jovem e bonito professor de ténis, andar a dormir com Lauren Parker, que claramente se sentia infeliz no casamento com aquele desagradável do Jason? Susan conhecera Jason quando ele era jovem e vinha visitar a vila, mas sempre desconfiara dele. Era uma pessoa carrancuda e sorumbática, que não a cumprimentava quando ela passava de bicicleta.

A verdade era que Susan não era tão assustadora, ou má, como toda a

gente fazia parecer. Era engraçada – ou pelo menos achava que era – e preocupava-se com o bem-estar dos outros. Sim, podia ser teimosa e não gostava quando alguém pisava o risco. Era a professora que havia dentro dela. Sentia que o mundo era a sua sala de aula e o seu papel era garantir que tudo funcionasse convenientemente. Desde a morte de Garry, tornara-se mais incisiva, ela sabia isso e era algo que queria melhorar. Uma amiga sugerira-lhe que fosse a um terapeuta para a ajudar a lidar com o luto, e Susan assentira educadamente com intenção de ignorar o conselho. Não precisava de um psicólogo. Só precisava de alguém que a ajudasse a transportar todo aquele queijo.

Quando chegou, o piquenique já estava animado. O seu grupo instalara-se na parte da frente, mais perto das casas do que da baía. Havia dois carrinhos cheios de comida, e os amigos Bonnie e Richie Trimble, Mary e Steve Pond e Betsy e Mike Todd estavam à volta deles. Susan cumprimentou-os a todos e dispôs o que tinha trazido num prato. A especialidade do grupo era sempre uma tábua de queijos artesanais, que incluía presunto envelhecido, azeitonas e *pickles*, pão com côdea estaladiça, bolachas *cream crackers*, pastas de figo, uvas e todo o tipo de produtos relacionados. Susan adorava o quão sofisticada era aquela noite, com os pés descalços na areia enquanto bebericava um champanhe *brut* francês delicioso.

O Piquenique da Baía tinha sido criado por Garry; o primeiro fora em 1994, quando ele se tornara presidente da Câmara. Num fim de tarde, quando o Sol se estava a pôr e se dirigiam para casa depois de um serão de festa em casa de Marie e Steve, Garry tivera a ideia de um final de dia em que todos se pudessem divertir. Tornara-se uma consistente tradição anual que Susan acarinhava ainda mais pela sua origem.

– Susan! Toma um copo de champanhe, petisca qualquer coisa. Vamos confraternizar – disse Bonnie Trimble, mais velha do que Susan sete anos, perto dos oitenta, uma verdadeira «enta» sempre pronta para um copo e para conversar. Usava um vestido largo e solto vermelho, acompanhado por grandes brincos de ouro e um batom a combinar com o vestido. Em Nova Iorque, Bonnie andava a tentar que Susan se encontrasse com alguns dos seus amigos viúvos, mas ela resistia. Para que é que precisava de um namorado?

Fizeram um brinde com Marie e Steve Pond, ambos nos seus setenta anos. Mary era uma especialista em exercício físico: aos setenta, quando estava na praia, parecia ter cinquenta, com a barriga lisa e os braços tonificados. Dava aulas de ioga no coreto da vila aos domingos de manhã, que Susan frequentava ocasionalmente por ser amiga dela, embora não conseguisse fazer as posturas. Steve era um falinhas-mansas, um tipo da área financeira reformado há muito tempo e que tivera sucesso na década de 1990. Atualmente, era comodoro do clube naval, uma posição de que gostava e através da qual dominava as pessoas. Tinham três filhos espalhados pelo país e seis netos.

– Susan, estás a fazer um excelente trabalho este ano na escola de ténis –

comentou Marie. Ela trazia um vestido preto e branco justo e o cabelo grisalho elegantemente preso num puxo.

– Obrigada – respondeu Susan, ficando de repente consciente dos seus calções chinos verdes e camisa branca. Sentia-se mais confortável em roupas de ténis; as mulheres ali sabiam vestir-se melhor do que ela alguma vez soubera. Garry costumava dizer-lhe que ela ficava melhor em fato de treino e Susan levava aquilo à letra.

– Aquele professor, o Robert, é um amor – continuou Marie. – Ajudou-me a melhorar a estratégia de pares e fez com que eu conseguisse chegar à rede depois de todos estes anos – disse ela.

– É verdade, ele é o máximo – afirmou Susan.

– Vi-o ali, com os Parker e a Lisa e o Brian Metzner – comentou Bonnie.

– Foi simpático terem-no acolhido no grupo deles.

Susan olhou, viu Robert sentado numa cadeira de praia e Lauren Parker a pavonear-se num vestido *sexy*. Pensou se Rachel já teria falado com ela. Provavelmente não.

Naquele momento, houve uma confusão que abafou o som da banda de *covers* dos Beatles (*outra ideia de Garry*, pensou Susan, com orgulho). Susan viu Sam Weinstein, ainda em calções de praia, a cambalear em direção aos amigos. Toda a gente parou de falar e olhou para ele enquanto passava. Ele não estava bem. Parecia bêbedo e zangado, e Susan estava preocupada com a possibilidade de acontecer alguma coisa má. Onde estava Jen? As mulheres não deveriam deixar os maridos chegar àquele estado.

Robert levantou-se e deu-lhe o lugar e, durante uns segundos, Susan pensou que ia ficar tudo bem e o piquenique não seria perturbado. Mas Salcombe tinha sempre um truque na manga. Ela e os outros começaram a ouvir Sam levantar a voz, a gritar que Jen andava a ter um caso e qualquer coisa sobre como poder vir a perder o emprego. Susan, horrorizada, viu Sam correr para a baía e atirar-se à água.

– O Sam Weinstein saltou para a baía! – Susan ouviu alguém gritar, juntando-se depois à multidão para ir ver o herói caído. Com o champanhe na mão e a sentir-se ligeiramente agoniada, foi até à antepara juntamente com os restantes espectadores.

Jason foi atrás do amigo, graças a Deus. Sam estava a boiar, de olhos fechados e Jason chegou junto dele. Quem lhe dera que Garry estivesse ali – fariam sobre aquilo mais tarde enquanto tomavam um copo de bom vinho tinto, esmiuçando todos os pequenos pormenores. Jan Weinstein apareceu em biquíni, desvairada; Rachel Woolf comportava-se como se a sua casa tivesse pegado fogo, e Brian e Lisa Metzner afastaram-se, envergonhados.

Depois de alguns minutos com toda a gente a falar daquilo, Sam e Jason nadaram até às escadas e saíram da água. Susan estava aliviada por o incidente ter terminado. Ela e os amigos voltaram para a sua tábua de queijos, com Bonnie a fazer-lhe sinais enquanto se dirigiam para lá.

– O que foi *aquilo*? – perguntou Bonnie em voz baixa, pegando depois

num pedaço de presunto, que enrolou, dando-lhe a seguir uma dentada.

– Parecia ser um homem desrespeitado – disse Steve Pond, de camisa de manga curta, evidenciando antebraços peludos muito bronzeados e, no pulso, um Rolex. Mike Todd anuiu. Susan perguntou-se se ele e Betsy teriam ficado desiludidos por Erica ter casado com um negro. Eles faziam sempre questão de afirmar o quão felizes eram por terem uma família com tanta diversidade, mas Susan não engolia isso. Eram tão betinhos – devia ter sido uma surpresa.

– Sempre soube que havia qualquer coisa de errado com a Jen – afirmou Marie. – É demasiado perfeita para ser real. O Sam é mesmo amoroso, merecia melhor.

– Sim, pobre Sam – lamentou Bonnie. – É um homem tão simpático. Espero que esteja bem.

– Não sou necessariamente a melhor pessoa para emitir opiniões, porque realmente não o conheço – comentou Theo Burch, vestido de modo exímio com roupa de golfe. – Mas porque é que estamos com pena do Sam, quando foi ele quem fez esta cena? Talvez a culpa não seja da Jen. O Sam não disse que tinha perdido o emprego por ter sido acusado de assédio sexual?

– Oh, sim, claro, mas isso não pode ser verdade. Ele não faria isso – respondeu Marie. – Conheço-o desde miúdo.

– Isso não quer dizer nada – afirmou Theo. – Na minha empresa, havia um tipo que parecia ótima pessoa, e depois descobriu-se que andava às escondidas a tirar fotografias a mulheres nas casas de banho delas.

Houve um silêncio confrangedor.

Susan aproveitou a oportunidade para se ir embora. Viu Rachel sozinha e aproveitou para lhe ir dizer «olá». Sam e Jen tinham ido embora juntos, assim como Jason. Rachel estava à parte, segurava um copo de plástico vermelho qualquer com tequila, ou algo do género.

– Rachel, o que é que se passou? – perguntou Susan, tendo soado mais determinada do que pretendia.

– Não sei bem – respondeu Rachel. Ela não olhou para Susan, o que a fez pensar que deveria saber exatamente o que se tinha passado. – Viu o Sam a perder as estribeiras, como todos os outros. Acho que deve estar a ter um mau verão.

– Parecia ser mais do que isso – respondeu Susan. Ela normalmente conseguia fazer com que Rachel falasse, e achou que aquele era o momento certo, dada a sua condição ébria. – Não quero que...

– Claro que não quer – disse Rachel, num suspiro.

– Rachel Woolf, conheço-te desde que eras menina. Não me fales nesse tom.

Rachel levantou a cabeça e Susan viu que ela estava com lágrimas nos olhos. Ai, senhor, será que Susan fora longe de mais? Talvez um terapeuta não fosse má ideia. Rachel apoiou a mão na manga de Susan e encaminhou-a para o passadiço, longe do ajuntamento de pessoas. Susan não sabia qual era a sua intenção. Andaram um pouco por Surf Walk, onde não estava gente. A

banda tocava «Blackbird» e Susan sentiu uma pontada no peito – era uma das canções preferidas de Garry.

– Susan, preciso de ajuda – disse Rachel, um pouco ofegante.

Ela consegue ser bastante dramática, pensou Susan.

– Vi a Jen Weinstein com o Jason Parker – continuou Rachel. – É com quem ele tem um caso – desabafou, com os olhos molhados visíveis na luz tênue.

Susan não estava à espera de ouvir tal coisa: achou que Rachel estivesse com algum problema financeiro, ou que tinha finalmente conseguido que Sam cedesse. Não era aquilo.

– Caramba – disse Susan, falando a sério. – Tens a certeza?

– Tenho. Vi-os a beijarem-se na praia. Não sei se deva contar ao Sam. Disse-lhe que a Jen o andava a trair, mas não entrei em pormenores. Já está numa fase tão delicada por causa do trabalho, tenho receio de que isto o faça perder a cabeça.

– Porque é que *me* estás a contar? – perguntou Susan. Será que não era possível passar um verão sem que um escândalo de grandes proporções lhe caísse aos pés?

– Não tenho mais ninguém a quem contar! – respondeu Rachel. – Não sei o que hei de fazer.

– Rachel, tenho a sensação de que queres que toda a gente descubra a verdade, mas não vinda de ti – afirmou Susan, com franqueza. – Sempre estiveste apaixonada pelo Sam, e esta história iria destruir-lhe o casamento e a amizade com o Jason. Provavelmente, depois, serias tu a única pessoa a quem ele iria buscar consolo – continuou. Rachel não conseguiria enganá-la; já tinha muita experiência de vida. – Estás a pedir-me para espalhar a notícia? Porque acho que não quero fazer isso.

– Não, não lhe estou a pedir nada. Mas... – Rachel parou de falar para beber um gole da sua bebida cor-de-rosa.

– Mas o quê?

– Poderia, talvez, apanhá-los em flagrante? Acidentalmente? E a Jen seria obrigada a contar ao Sam.

Susan abanou a cabeça.

– Porque é que eu iria fazer parte disso?

Rachel começou a chorar com lágrimas de crocodilo a escorrem-lhe pela face. Nesse momento, Beth Ledger passou, provavelmente a caminho de casa para ir à casa de banho. (Era algo que Garry não fora a tempo de resolver: a falta de instalações sanitárias que obrigava as pessoas a terem de se deslocar a casa durante o piquenique.) Quando se aproximou, Rachel limpou rapidamente as lágrimas.

– Que tal vai tudo, malta? – perguntou Beth. – Estava vestida com o seu uniforme típico, calções de ganga rasgados e uma *T-shirt* branca gasta. – O Sam armou cá um espetáculo.

– Pois foi. Estava mesmo a falar com a Rachel sobre as cabeças de série

no torneio de pares femininos. Vais jogar com a Jessica este ano? – perguntou Susan. Rachel olhou agradecida para ela.

– Vamos, com certeza – respondeu Beth. – E espero que passemos a primeira eliminatória. No ano passado, o sorteio não nos correu bem: jogar contra a Claire Laurell e a Erica Todd. Pareceu uma afronta!

– Oh, sabes como é – disse Susan. – Tudo de forma justa, sempre.

Beth revirou os olhos.

– Estou aflita para ir à casa de banho. Até logo! – rematou. E foi-se embora.

Rachel deixou sair um grande suspiro. Susan olhou para ela com empatia. Sentia-se mal por Rachel e queria ajudá-la. Sabia como era estar desesperadamente só.

– Eu recuso-me a apanhá-los no ato. Mas sabes que podes contar a outras pessoas, certo? Quanto mais gente souber, mais depressa se espalha. Mas sê astuta. Não deixes transparecer que estás a esforçar-te demasiado. Porque é que não comesças com o professor de ténis? Eventualmente, pode dizer à namorada, a Lauren, que o marido anda a dormir com a Jen – sugeriu Susan, bufando de raiva. Tudo aquilo era um absurdo, estes miúdos e os seus casos sórdidos. Porque é que se estava a deixar arrastar para este disparate? Devia estar entediada. Agora que Garry desaparecera, precisava de outro passatempo além do ténis. Talvez se metesse no *bridge*.

Nem de propósito: Susan e Rachel viram Robert a sair do piquenique e a dirigir-se para casa. Rachel sorriu para Susan e apressou-se a ir ao seu encontro, com o vestido a chiar enquanto corria. *Boa sorte, miúda*, pensou Susan.

Voltou para junto dos amigos, ainda reunidos à volta dos carrinhos. Havia uma luz cor de laranja no céu e o mar estava particularmente brilhante e bonito. O piquenique estava com uma atmosfera eletrizante, com toda a gente a falar sobre o que tinha acontecido, e Susan ouvia cochichos de todos os cantos.

– O Sam Weinstein foi alvo do #MeToo!

– O Sam e a Jen estão por um fio.

– A Jen é uma falsa.

– O Jason Parker é sinistro.

E assim por diante. Como as pessoas da vila adoravam coscuvilhar! Garry divertia-se com as fases boas e más das vidas das pessoas. Talvez por nunca terem tido filhos e as únicas conversas serem acerca do trabalho de cada um. Ela gostaria de que Garry estivesse à sua espera na casa da Lighthouse Road, no pequeno terraço das traseiras, sentado na sua cadeira Adirondack a tomar uma *vodka* com água gaseificada com uma rodela de limão e a usar a *T-shirt* onde se lia «o presidente». Fariam um brinde, ela com Chardonnay, e sentar-se-ia junto dele a entretê-lo com as histórias dramáticas do torneio de ténis. Ele rir-se-ia e segurar-lhe-ia na mão, e ela contar-lhe-ia tudo o que se tinha passado: como Sam saltara como um louco para a baía

durante o piquenique – o piquenique do Garry! – e como a mulher de Sam, Jen, andava a dormir com Jason Parker e como achava que a mulher de Jason, Lauren, tinha um caso com Robert, o novo professor de ténis. E comentaria o facto de Rachel Woolf se sentir sozinha e que ela tinha muita sorte por ter Garry Steinhagen na sua vida.

PARTE IV



21 de agosto

Jen Weinstein

Jen Weinstein estava em maré de sorte. Não só conseguira terminar a relação com Jason – e ao mesmo tempo voltara a cair nas boas graças de Sam – como estava a fazer excelentes jogos de ténis, o que era importante, uma vez que nesse fim de semana era o torneio de pares femininos. Ela e a sua parceira, Lauren, já tinham chegado às meias-finais para surpresa de todos, inclusive delas próprias.

Na manhã do dia anterior, tinham eliminado três equipas. Primeiro, derrotaram Laura Jen e Hailey Milotic, vencendo 6-4 (as primeiras rondas foram apenas jogos de um *set*). A seguir, arrasaram Jenny Jamison e Paula Rudnick por 6-0. Jenny fizera uma cirurgia para substituição de anca e mexia-se com dificuldade. Não fora agradável, uma vez que Lauren e Jen bateram praticamente todas as bolas curtas e ela não conseguia chegar a nenhuma. É o que os vencedores têm de fazer.

Depois, nos quartos de final, à tarde, tiveram um jogo difícil com uma equipa forte; Trisha Spencer e Jane Rosen. Trisha tinha um bom serviço, colocando efeito na bola, mas Jen recuperava tudo. Rachel Woolf, que estava a ajudar com dicas de tática, tinha-se reunido com elas antes para lhes dizer que batessem o mais perto possível da linha. Depressa chegaram a 0-3 (Jen não gostou de perder o jogo de serviço). Mas depois conseguiram recuperar o ritmo, vencendo os três jogos seguintes e ganhando o jogo de serviço de Trisha. Jen aguentara o seu serviço durante uma maratona de jogo em que esteve quatro vezes em vantagem nula. Jogaram um *tie-break* após chegarem a um 6-6 e conseguiram ganhá-lo por 7-5. Uma pequena multidão juntara-se para ver os jogos finais e Jen ficou muito entusiasmada com os aplausos, após ter conseguido a jogada decisiva com uma bola junto à linha. Trisha e Jane foram atenciosas, mas Jen sabia que estavam chateadas: não era suposto terem sido derrotadas por ela e Lauren.

Todos os anos, o torneio de pares femininos se disputava na última

semana de agosto. Era o culminar da temporada do programa do clube de ténis. O torneio de pares masculinos decorrera em julho – este ano, Theo Burch e Jerry Braun tinham vencido um conjunto de três *sets* impressionantes – e o torneio de pares mistos era disputado no início de agosto (os Mulder castigaram os Roman na final, 6-2, 6-1).

O torneio feminino, ao contrário do que seria de esperar, era o mais aguardado e também o que atraía mais espectadores. No ano anterior, a bancada do *court* principal enchera-se de pessoas a beber cerveja e a comer pipocas para ver Rachel Woolf e Emily Grobel perderem contra Vicky Mulder e Janet Braun. Nessa altura, Jen estava a ver o jogo na linha lateral, mas este ano sentia-se bem por fazer parte da ação.

O torneio durou a semana toda. No sábado, foram disputadas as primeiras rondas e no domingo as meias-finais e finais. Nesse ano jogaram vinte e cinco pares, uma mistura de jogadores antigos com jogadores novos. O dia anterior tinha sido um sucesso. Susan Steinhagen patrulhava os *courts* como uma imperatriz, garantindo que os jogos começavam a horas – irritava-se quando os aquecimentos levavam mais tempo. Jen ouvira-a gritar: «Vamos lá a despachar!» em várias partidas entre equipas de pares. As equipas que chegaram à final foram Jen e Lauren, Rachel e Emily, Erica Todd e Claire Laurell, e Vichy Mulder e Janet Braun, sendo estas últimas as campeãs do ano passado. (Para frustração de Rachel, Vicky não faltou ao torneio porque pedira ao marido, Aaron, para ir buscar a filha a um acampamento no Maine).

Jen estava agora nos *courts*, a circular entre as pessoas antes do começo do seu jogo, às 10h00. Ela e Lauren preparavam-se para jogar contra Emily e Rachel na meia-final, e todos estavam a confirmar a lista com o sorteio, plastificada e pendurada numa das laterais da cabana de ténis de Robert. As mulheres conversavam, cumprimentavam-se e falavam baixinho entre si sobre os favoritos e possíveis surpresas. Jen estava contente por ela e Lauren estarem em desvantagem. Ela viu Rachel chegar, afastada de tudo e todos, tentando manter a compostura. Jen acenou, mas não se aproximou. Amizades fingidas era o mote do dia.

Para Rachel, era como se fosse o fim de semana do Super Bowl e ela aguardava-o ansiosamente durante todo o verão. No ano anterior estivera tão perto de ganhar. Do ponto de vista da sua profissão, Jen considerava que não era saudável ela estar tão focada numa competição de um clube de uma vila pequena, embora também soubesse que tinha pouco com que se entreter. Além do mais, estar tão concentrada no ténis significava que não andava a falar sobre a vida privada dela.

Jen estava verdadeiramente entusiasmada por estar ali, não era habitual ter uma alegria assim tão genuína. Tinha acordado bem-disposta, fizera sexo com Sam de manhã, algo que nunca acontecia, e estava contente por ter escolhido a roupa que ia usar naquele dia (tudo Lacoste; tinha combinado com Lauren irem as duas vestidas de branco).

Sentiu um toque no braço. Era Lauren, a sorrir, com uma roupa idêntica

à sua, e o cabelo louro puxado para trás num rabo de cavalo bem feito. Jen achava que aquela experiência tinha sido boa para as duas, que as unira de uma forma que só a atividade física consegue unir. Ela gostava do modo como Lauren corria para os *amorti* e achava graça ela dizer «Ih!» quando perdia uma bola, como se fosse uma criança em vez de uma mulher adulta.

– Está um dia lindo para jogar ténis! – comentou Lauren, radiante.

Jen achava que nunca tinha visto Lauren tão feliz. Parecia que este verão a tinha mudado. Chegara no seu estilo típico snobe do Upper East Side, mas agora Jen sentia que ela estava mais simpática, menos crítica e mais divertida. Praticamente nunca mais a ouviu falar do escândalo que acontecera na escola dos filhos, que era um assunto sobre o qual falava constantemente em junho. Jen não tinha a certeza do que acontecera – talvez a discussão com Beth Ledbetter a tivesse libertado? Mas sabia que não estava relacionado com Jason, que ainda estava deprimido por causa dela. O que Jason não sabia – nunca soube – era que o caso deles não tinha nada que ver com ele. Nunca teve.

Estava um dia belíssimo. Límpido, com cerca de vinte e sete graus e uma ligeira brisa vinda do mar. Nas últimas semanas, houvera uma praga de moscas-verdes, mas pareciam ter desaparecido totalmente em honra do torneio.

– Vi que hoje à noite vai haver uma tempestade, mas só deverá começar muito tarde, por isso vai ser um dia em cheio, incluindo as finais. Se lá chegarmos! – disse Jen, a rir-se, embora comesse a pensar que seria possível.

– Cá estão as parceiras de que toda a gente fala – disse Brian Metzner, apoiando os braços nos ombros de cada uma e a emanar um cheiro acre das axilas. Jen tinha-o visto umas horas antes a jogar com o seu grupo de tipos fortes da finança. Ela afastou-se dele, educadamente. Estavam em frente do *court* principal, ocupado naquele momento por várias pessoas com cerca de oitenta anos, e Lisa foi ter com eles.

– Campeãs! Como é estarem tão perto de chegar à final do torneio de pares femininos? Estão a dois jogos de verem o vosso nome gravado para sempre numa placa do celebrado Clube Naval de Salcombe. Nem consigo imaginar a pressão – disse Lisa, de modo provocador. – Estou a torcer por vocês, mas não contem à Rachel ou à Emily; elas morreriam, se soubessem.

– Vai ser um jogo difícil – comentou Lauren. – Elas são muito consistentes e jogam desde sempre.

– Vá lá. A Rachel tem aquele serviço esquisito e a Emily não consegue fazer o *volley* por nada deste mundo – interveio Brian, aparentemente um especialista nos jogos femininos. Nesse fim de semana em particular, toda a gente percebia magicamente as regras dos jogos de senhoras. – Vocês conseguem – concluiu.

Jen viu Sam descer da bicicleta e colocá-la no suporte para bicicletas do clube naval, que já estava cheio com as dos outros espectadores. Ele tinha-lhe

dito que iria ver o jogo. Tinham sido longas semanas para os dois. Naquela tarde do Piquenique da Baía, ele regressara da praia enfurecido, a gritar que ela andava a ir para a cama com outro. Jen levava imediatamente os miúdos para o piso de cima para verem televisão e depois fora tentar acalmá-lo, inutilmente. Ele ia bebendo goladas de uma garrafa de Grey Goose à frente dela, em silêncio, até ao momento em que começara a dizer que Rachel Woolf lhe tinha contado que ela andava a traí-lo. Juntamente a isso, dissera-lhe que tinha perdido o emprego, talvez temporariamente, talvez definitivamente, porque uma mulher o acusara de a ter obrigado a beijá-lo. Jen ficara abalada com a informação, mas iria pensar naquilo mais tarde – o que tinha sido premente naquele momento era convencer Sam de que Rachel estava a mentir.

Dissera-lhe que Rachel estava equivocada, que ela não andava a dormir com ninguém.

– A Rachel só tem ciúmes; ela está apaixonada por ti, sempre estive – proferira Jen, incessantemente. – Ela está a mentir. É uma mentirosa! É aquilo que a define.

Sam saíra de casa a correr para o piquenique e ela não o conseguira impedir. Não sabia o que se passou enquanto ele estava dentro da baía com Jason – estava apavorada com a possibilidade de Jason lhe contar a verdade –, mas Sam saíra da água mais calmo. Sentira uma aberta do lado dele e Jen acompanhara-o a casa, fazendo sexo com ele logo a seguir. Os filhos ainda estavam a ver uma porcaria qualquer na televisão.

Agora andavam numa fase boa; haviam tido muitas conversas francas sobre os perigos de esconderem as coisas um do outro. Sam pedira desculpa por não lhe ter contado acerca da acusação de assédio sexual. Ela perdoara-lhe – e acreditava que ele estava a dizer a verdade. Mas efetivamente estava preocupada. E se Sam acabasse por perder o emprego? O que é que as pessoas iriam pensar? Sam encobria-a; toda a gente achava que ela era muito boa pessoa porque era o que o Sam moralmente imaculado merecia. Se a fachada dele caísse, Jen tinha medo de que as suas transgressões ficassem expostas. Claro que não admitira que tinha casos, muito menos com Jason, mas dissera-lhe que nos últimos tempos se sentia infeliz. Isso fora o suficiente para o despistar. O problema era Rachel, pois sabia que não ia ficar calada.

Desde essa noite que ela andava a evitar Jason, usando o incidente de Sam como desculpa para acalmar a situação. Durante a primeira semana, ele fora persistente, enviando-lhe mensagens pelo Signal a toda a hora, a ir obsessivamente de bicicleta até sua casa, ao ponto de uma noite, Sam, que estava sentado no alpendre, ter ido lá fora perguntar-lhe o que é que ele andava ali a fazer («Estou a fazer exercício, meu. Devias experimentar», respondera Jason).

Parecera entender a dica à medida que o tempo ia passando. Olhava para Jen com um ar aborrecido na praia e no clube naval, e parecia estar sempre no *court* de ténis quando ela lá estava, mas pelo menos deixara de entrar em contacto com ela. Estava surpreendida por não sentir saudades dele, mesmo

tendo conversado com ele todos os dias durante um ano. Mas isso era o superpoder de Jen.

Não estar com Jason permitiu-lhe dedicar-se a outras prioridades, como o ténis. E também fez com que pudesse ser parceira de Lauren sem se sentir desconfortável. Claro que *tinha* dormido com o marido dela, mas isso acabara. Não que Lauren se importasse com Jason, tendo em conta os olhares que trocava com o professor Robert. Jen vira-a sair da cabana dele no 4 de Julho, e tinha agora a certeza do que isso significava. Ainda bem para Lauren. Aquele tipo era lindíssimo.

Sam apareceu e colocou-lhe o braço à volta da cintura, dando-lhe um pequeno beliscão. Estava particularmente bronzeado e atraente, com a camisa de linho cor de laranja que ela lhe comprara há uns anos. De vez em quando, o seu coração encolhia-se com a ideia de que o seu casamento se destruiria muito facilmente e que seria culpa dela. Mas depois afastava esse pensamento. Ou punha-o numa caixa. Ou deixava-o atrás da porta. Tinha estudado terapia cognitiva na faculdade, e isso tornara-se útil na organização da sua mente.

– Lauren, o Jason vem ver esta ronda? – perguntou Sam. – Ele ainda estava à espera de saber como seria o seu futuro profissional e, à exceção do salto para a baía com toda a vila a ver, Jen achava que ele estava a fazer um trabalho admirável na gestão do *stress*.

– Não sei – respondeu Lauren. – A Silvia está a tomar conta dos miúdos, por isso, a menos que esteja com trabalho, deve vir. – Pelo que Jen percebia, para ela era-lhe indiferente.

Susan Steinhagen interrompeu a conversa, aparecendo por cima do ombro de Lisa com uma cara séria. Estava com um ar profissional, vestida com uma saia de ténis com pregas e um casaco de fato de treino da Adidas.

– Parker e Weinstein, para o *court*, já! – ordenou, incisiva como um sargento militar.

Brian levantou o sobrolho, horrorizado, e Lisa riu-se para ele.

Rachel e Emily já estavam a fazer o aquecimento, com alongamentos e pequenos saltos no seu lado do *court*. Lauren e Jen foram juntas para o fundo do campo.

– Vamos ganhar isto – sussurrou Lauren. – As suas maçãs do rosto estavam rosadas e os lábios pareciam inchados. Durante uns segundos, Jen imaginou que seria assim que ela ficava enquanto fazia sexo. – Bate no *backhand* da Emily: vai sempre longo. E faz com que a Rachel mexa aquele rabo descaído.

Jen riu-se e acenou com a cabeça. Lauren era tão travessa. Bateram as palmas das mãos no ar e foram para as suas posições. Jen começou a bater bolas para trás e para a frente com Emily a correr junto à linha para aquecer. Sentia-se nervosa e sem agilidade. Tinha tido um professor de ténis em Scarsdale, Chuck, e tentava ouvir a sua voz enquanto batia na bola. «Faz o acompanhamento, Jenny», dizia ele. Começara a chamar-lhe «Jenny» desde a

primeira aula e ela não o tinha corrigido. Agora pensava na Jen jogadora de ténis como «Jenny». «Dobra os joelhos, rapariga», gritava-lhe ele.

Jen bateu uma bola num movimento longo, o que obrigou Emily a correr para a apanhar. Ainda nem tinham começado e já estava a estragar tudo. *Concentra-te, Jenny*, pensou ela. *Tu consegues, Jenny*.

– Hora de jogar! – gritou Susan num tom agudo por detrás das vedações verdes que circundavam o *court*. As bancadas estavam cheias. Jen viu Sam sentado ao lado do marido de Emily, Paul Grobel, a fingir que o estrangulava (Paul usava uma *T-shirt* preta onde se podia ler cancelem a cultura de cancelamento). Não encontrou Jason no meio das pessoas e estava feliz por isso. Não precisava de que estivesse a olhar para ela de soslaio e de modo sinistro enquanto ela jogava.

O jogo começou. Jen e Lauren ganharam o lançamento de moeda ao ar e por isso Lauren serviu primeiro, fazendo uma exibição fortíssima e ganhando o jogo por quatro pontos rápidos. Depois de Jen atirar boas bolas, as pessoas aplaudiram. Ela fez um *overhead smash* no sentido de Emily, ouvindo-se depois o entusiasmo do público. Foi fantástico.

Os dois pares estavam equilibrados. Cada uma ganhou o seu próprio serviço, até o primeiro *set* ficar empatado 6-6, levando-as para um *tie-break*. Jen nunca tinha estado tão concentrada. Podia ouvir o coração a pulsar nos ouvidos.

– Tu! – gritou-lhe Lauren da rede.

Rachel fez um *lob* que passou por cima da cabeça de Lauren e Jen correu para o outro lado do *court* para o devolver também com um *lob*. Emily recuou para o apanhar com um *overhead*, em *swing*, e acabou por atirar a bola para a rede. O público gritou. Lauren e Jen tinham ganhado o primeiro *set*.

Fizeram um intervalo no meio do *court*, bebendo água de copos de papel que estavam empilhados junto do bebedouro. Rachel, vestida com a sua saia preta preferida do ténis da Nike, parecia pálida. Não dizia nada enquanto bebia água, apenas fitava o vazio.

– Excelente *set*, malta – disse Emily, educadamente.

O seu cabelo louro estava preso num rabo de cavalo que abanava. Jen apreciava a sua estrutura óssea proeminente na zona do peito. Havia algo na voz de Emily – débil, suave – que imbuía Jen de confiança. Elas iam ganhar, sabia-o agora. Olhou para Lauren, que claramente pensava o mesmo. Lauren piscou-lhe o olho. Iam consegui-lo juntas.

O *set* seguinte passou num instante e a surpresa concretizou-se. Parker/Weinstein derrotaram Woolf/Grobel por 6-6 (7-3), 6-2.

– Sim! – gritou Lauren, depois do *match point*, uma longa série de jogadas que terminou com a sua batida para um *forehand* vencedor na linha de fundo. Aquele «Sim!» foi um som gutural, animal, muito pouco típico de Lauren. Ela correu até Jen, deu-lhe um grande abraço, com as raquetas a tilintarem uma na outra e disse-lhe ao ouvido: «Foda-se, sim». Jen não conseguia parar de sorrir. As bochechas começavam a doer-lhe.

Foram ambas até ao meio da rede e deram um aperto de mão frouxo a Rachel e Emily. Rachel estava a morder o lábio de baixo e Jen pensou que fosse começar a chorar. Parecia estar a tremelicar, com os olhos a reboarem para a esquerda quando Jen lhe foi agradecer a oportunidade que ela lhe deu para jogar. Quando todas saíram do *court* de terra batida, Rachel vinha atrás delas. Sam estava à porta e, assim que viu Jen, envolveu-a num abraço gigante que a levantou do chão.

Paul Grobel também lá estava, com ar tristonho por causa de Emily. Quando ela apareceu, deu-lhe uma pancadinha nas costas.

– Lamento, querida – disse-lhe. Ela encolheu os ombros.

– Inacreditável! – exclamou Sam, com orgulho. – Jogaste tão bem! A minha Jen, a campeã de ténis de Salcombe.

Lauren também se encontrava junto deles, a receber felicitações de vários amigos. Jason não estava à vista.

Jen sentia-se muito bem por ter ganhado. Só tinha esta sensação quando fazia sexo com alguém diferente de Sam. De todas, foi a Rachel que elas ganharam. Rachel! A vida dela era o ténis! Jen viu-a sentada num banco, sozinha, derrotada, com a parte de cima da indumentária do ténis a pender-lhe do peito. Quase se sentia mal por ela – uma mulher triste, sozinha, de quarenta e dois anos – até se lembrar novamente de que ela tentara destruir-lhe o casamento.

Susan Steinhagen aproximou-se de Jen e deu-lhe um aperto de mão com os seus dedos magros e frios. Era a maior honra de Salcombe.

– Jen Weinstein, não sabia que tinha essa capacidade guardada dentro de si – comentou Susan. – Estou impressionada.

Jen enrubescceu, levando a mão ao rosto quente e húmido.

– Obrigada pela organização deste magnífico torneio, Susan – disse ela. – Espero ansiosamente pela final desta tarde. Como está a correr o outro jogo?

– A Vicki e a Janet estão à frente. A Jen e a Lauren vão ter um trabalho muito difícil.

– Elas conseguem – afirmou Sam.

Susan sorriu-lhe gentilmente. Desde o piquenique que a vila andava a tratá-lo com paninhos quentes. Na verdade, ainda havia uns rumores ocasionais, alguns olhares apreensivos na praia e no clube naval quando ele e Jen jantavam juntos. Mas, sobretudo, as pessoas apoiavam-no, perguntavam-lhe como ele estava e enviavam mensagens de apoio por *e-mail* ou SMS. Jen gostava deste cuidado. Estava um pouco surpreendida com o facto de as pessoas não se terem propriamente divertido com a humilhação a que ela e Sam se submeteram. Jen achava que seria diferente se Sam fosse uma mulher. Mas era um homem adorado naquela pequena vila, ninguém queria que ele chegasse ao fundo do poço.

Lisa aproximou-se de Jen e deu-lhe um abraço de comemoração. Sam foi conversar com Paul, muito alto perante ele, quase duas espécies diferentes.

– Fizeram um jogo extraordinário – disse Lisa, a enrugar os olhos com

malandrice. À medida que o verão ia avançando, os enchementos e os injetáveis das mulheres iam desaparecendo; quando chegavam ao Dia do Trabalhador, ficavam todas com uma aproximação real às suas verdadeiras fisionomias. Mais velhas, mais bronzeadas, na verdade, corpos com mais vida acumulada. Jen preferia esta Lisa em vez daquela que chegara em junho, congelada e insuflada.

– Olha para a Rachel – sussurrou, aproximando-se de Jen. – Este é o pior momento da vida dela – disse Lisa, num sorriso afetado.

Rachel olhou para elas como se as tivesse ouvido.

– Sê simpática – respondeu Jen, embora não sentisse o que acabara de dizer. – Devias ir oferecer-lhe os teus serviços de *life coach*. Vê-se que está a precisar.

Lisa deu um risinho conspiratório.

– O que é que se passa contigo? É suposto seres tu a pessoa simpática.

Elas viram Rachel levantar-se para ir ter com Sam e Paul, que lhe manifestaram os seus lamentos. Lisa foi dar os parabéns a Lauren, que ainda andava a circular a receber felicitações. Jen ficou sozinha, a sentir-se fantástica, revigorada e orgulhosa.

Viu Rachel pegar no braço de Sam, afastando-o de Paul. Depois, foi com ele para a cabana de Robert e fechou a porta atrás de si. O que é que ela estava a fazer? Jen começou a sentir o coração a acelerar e foi atrás deles. Tentou empurrar a porta, mas estava presa. Rachel devia tê-la trancado. Bateu suavemente, tentando não atrair atenções. Quando Brian Metzner passou, sorriu-lhe, e depois ficou ali de pé durante pelo menos um minuto a sentir-se impotente.

– Sam – sussurrou com voz rouca na direção da porta. – *Sam!*

A porta abriu-se e lá estavam eles. Sam estava junto da máquina de encordar e Rachel encostada à secretária de Robert, perto do seu caderno de registos das aulas aberto. Sam parecia estranho, pálido, abatido e com a boca ligeiramente entreaberta. Rachel fitou o chão com um ar comprometido, em vez de olhar para Jen, depois passou por ela e saiu.

– Sam – disse Jen.

Ele encarava-a como se não a reconhecesse.

– O que é que ela te disse? Lembra-te de que é uma mentirosa. E está chateada por ter perdido o jogo.

Sam abanou a cabeça, os caracóis caíram pesadamente. De seguida, saiu da cabana em silêncio. Jen tentou agarrar-lhe o braço enquanto passava por ela, mas ele sacudiu-o. Continuou em frente, sem ver por onde passava, até esbarrar violentamente no pobre do Micah Holt, que estava perto de Lauren, junto ao suporte das bicicletas. Surpreso, Micah caiu para o passadiço. Sam acudiu-o e levantou-o como ele fosse uma criança pequena, colocando-o gentilmente de pé. Depois, virou-se para Lauren e pegou-lhe na cabeça com as mãos, sussurrando-lhe qualquer coisa ao ouvido. Lauren voltou-se para Jen: o choque espalhado pela sua bonita cara como água a encher a uma banheira.

Sam agarrou na sua bicicleta, afastando-a das outras com um puxão forte e foi-se embora, subindo por Marine, longe dos *courts*, longe de Jen. Ela ficou onde estava a vê-lo ir-se embora, sem ter a certeza do que ia fazer a seguir. *A cabra da Rachel Woolf*, pensou. Ia matá-la. Depois foi para junto da sua bicicleta e tirou o telemóvel do saco de ténis que estava no cesto. Lauren continuava no mesmo sítio, imóvel. Jen abriu o Signal e escreveu uma mensagem:

Jen Weinstein: Acho que ele sabe. Tem cuidado.

Robert Heyworth

Robert Heyworth estava extremamente bem-disposto: antevia um outono fantástico. Porém, naquele momento, custava-lhe acreditar no modo como estas pessoas levavam tão a sério aquele torneio de ténis. Era anedótico. Um grupo de mulheres de meia-idade, nenhuma com um nível de ténis acima de 3,5 na classificação de ténis da Associação de Ténis dos Estados Unidos, a jogarem entre elas como se estivessem em Roland Garros. Já era professor há tempo suficiente para saber que as pessoas ricas adoravam exagerar nas suas capacidades atléticas, mas isto era toda uma outra dimensão. Poder-se-ia pensar que Rachel Woolf era a próxima Serena Williams pela forma como se sentiu depois de ser derrotada nas meias-finais por Lauren e Jen.

Robert tinha estado a assistir ao jogo, admirando as pernas de Lauren por baixo da saia branca. Tinha-a treinado antes, inclusive em sua casa na noite anterior, depois de terem feito sexo. Ela estava deitada na cama, nua.

– Tens de estar atenta à Rachel. Se ela for para o meio, conclui o ponto no fundo da linha – dissera ele, traçando com o dedo uma linha que lhe começava nos seios e terminava na barriga.

Ela tinha ouvido e executado, e Robert estava orgulhoso dela. Por mais tolo que tudo aquilo fosse, queria que ela ganhasse. Estavam agora no intervalo entre a meia-final e a final, que começava às 16h00. A sua função era organizar os *courts* de modo a que mais pessoas pudessem assistir à final: trazendo mais cadeiras do clube naval e regulando a bancada para que toda a gente conseguisse ver. Willa Thomas e Micah Holt andavam animados a ajudar, transportando jarros de plástico com Stella e cartuchos de pipocas acabadas de fazer. A equipa de funcionários do clube naval era uma mistura de habitantes locais, como Willa e Micah, e miúdos de origens humildes que viviam no outro lado da baía, em Long Island, e que faziam viagens de ida e volta de *ferry* porque, de facto, precisavam de ganhar dinheiro.

– Viva, Micah – disse Robert, sentando-se para uma pausa rápida e

apontando para um banco ao seu lado para ele se sentar.

Micah, vestido com roupa de ténis branca para a ocasião, aproximou-se dele e empoleirou-se do outro lado do banco.

– Por quem estás a torcer? – perguntou Robert, querendo fazer conversa. Ele achava que Micah andava um pouco reservado, embora não soubesse porquê. Não era como se eles interagissem além de eventos como este.

– Acho que estou a torcer pela Lauren e pela Jen, respondeu Micah, olhando-o cautelosamente. – Fico do lado de quem está em desvantagem, e acho que a Lauren merece isto. – E acrescentou rapidamente: – Ela tem andado a treinar tanto. Tenho-a visto quase todos os dias com o Robert no *court*.

Robert teve um pressentimento repentino de que Micah sabia mais do que deveria.

– E o Robert? – questionou Micah, de modo inocente.

– Oh, eu sou parte neutra – respondeu, fingendo a pergunta. Robert estava provavelmente a imaginar coisas. Estava de bom humor. Depois do jogo da manhã, tinha dado algumas aulas, incluindo a Larry Higgins. Quando a aula terminou, sentaram-se a beber água e a falar sobre a vida, que era o tema preferido de Larry.

– Então, rapaz, o verão está quase a acabar. Quais são os teus planos para o outono? – perguntara Larry, que tinha um interesse paternal por Robert. Ele gostava disso; havia sempre um tipo mais velho e simpático no clube que queria que ele tivesse sucesso.

– Sinceramente, não sei – respondera Robert. – Quero ficar em Nova Iorque até ao ano que vem e procurar um trabalho a sério. Mas, além disso, não tenho mais nada.

Larry bebeu um longo gole da sua garrafa. Robert apercebeu-se de que não sabia quase nada sobre ele, apenas que a sua mulher, Henrietta, não jogava ténis e que tinha dois filhos adultos. Onde é que eles viviam? Porque é que não passavam tempo com o pai enquanto ainda era vivo?

– Tenho uma ideia – disse Larry, a olhar para ele de rosto sério, as sobrancelhas brancas grossas unidas. – Quero que venhas trabalhar para mim.

– Pensava que estava reformado – comentara Robert.

– Estou semirreformado – respondera Larry. – Ainda me mantenho em atividade. Preciso de alguém que procure ideias de investimento e me ajude com os registos contabilísticos. Sei que não tens essa formação, mas és um tipo esperto, muito mais esperto do que muita gente com quem trabalhei ao longo da minha vida profissional, e acho que te posso ensinar. Posso fazer com que sejas contratado por uma empresa daqui a poucos anos.

Era isto exatamente, palavra por palavra, aquilo que Robert esperava que alguém lhe dissesse. Finalmente, um benfeitor.

– Adoraria. Iria esforçar-me muito; já sabe que sou assim. E poderia manter-me com as economias que acumulei durante o verão – dissera Robert, pensando nos dezasseis mil dólares livres de impostos que tinha desviado do

clube.

– Oh, eu pago-te um salário, meu filho – afirmara Larry. – Nunca contrataria ninguém se não lhe pagasse; isso chama-se escravatura. Começarei com cento e cinquenta mil por ano. O que te parece?

Robert quase caiu do banco.

– É muito. Como saberá se vai correr bem? Estava a pensar que pudesse ser uma oportunidade do tipo estágio. Para mim estaria bem assim.

– Oh, rapaz, vai por mim, quando te oferecem uma boa proposta, aceita-a. Esta é a regra número um – dissera Larry. – Os meus filhos estão na Europa a gastar a herança. Vai ser bom ter um jovem que queira aprender o ofício. A única contrapartida é que vais ter de me dar aulas de ténis gratuitas.

– Sim, claro que sim! Perfeito. Agradeço muito – dissera Robert, quase a vibrar de felicidade.

– Começamos depois do Dia do Trabalhador – referira Larry. – Só tens de encontrar um apartamento para morar, mas com certeza que tratas disso.

– Tratarei, sim – respondera Robert. Larry estendeu-lhe a mão e Robert apertou-lha vigorosamente. – Não o vou desiludir – dissera-lhe, enquanto saíam do *court*.

– É melhor que não o faças, sim – respondera Larry, a rir.

Esta conversa decorrera há algumas horas, e Robert ainda estava a flutuar com a ideia de ficar em Nova Iorque até ao ano seguinte e a trabalhar para Larry, mesmo que fosse uma proposta caridosa. De qualquer modo, em tudo o que Larry precisasse, ele ia dar o litro.

Micah tinha ido para dentro, por isso Robert foi varrer o *court* principal com uma grande vassoura para que ficasse em perfeitas condições para a final. Não tinha visto Lauren depois da meia-final e esperava vê-la novamente a jogar.

O público começava a chegar para o jogo, que era a deixa de Robert para se ir fechar na cabana e descansar um pouco à secretária enquanto a bancada se ia enchendo. Não gostava de falar com outros membros durante os torneios, uma vez que o abordavam constantemente para lhe perguntar a sua opinião sobre o confronto. Ele não podia opinar seriamente como se estivesse em Wimbledon. Vicky Mulder estava nos cinquenta anos.

Robert folheou o caderno de registos, observando as horas vazias durante as quais dava aulas realmente. Estava a ficar um pouco audacioso, escondendo duas aulas por dia durante nas últimas semanas, mas agora que tinha um trabalho no horizonte, ia abrandar. Talvez parasse completamente. Se usasse o salário semanal para saldar as contas do cartão de crédito, ainda ficaria com dezasseis mil dólares. Além disso, teria 20% do conjunto de aulas do clube – esperando que fossem pelo menos mais 10 mil dólares. Seria mais do que suficiente para lhe garantir um pequeno espaço para viver e pagar a caução. Se fosse apanhado agora, tudo seria em vão.

Ouviu-se uma grande pancada na porta, que se abriu antes de Robert responder. Era Susan Steinhagen, toda embonecada na sua saia de ténis

preferida, como uma criança na sua festa de aniversário. Aquele era o momento de Susan. Robert nem conseguia imaginar como seria ela no tempo em que não só organizava o torneio, como o ganhava. Agora jogava com outros seniores, com relutância. Sempre que usava a palavra «sénior» encolhia o nariz como se cheirasse algo podre.

– Chegou a hora – disse ela, ameaçadoramente. Robert sabia que ela se referia à final, mas ainda assim soava a ameaça. Ela olhou para o caderno de registos, ainda aberto na data daquele dia. – Está a fazer os registos contabilísticos?

Robert fechou o caderno de registos com uma batida, mais forte do que queria.

– Estou só a dar os últimos retoques – respondeu ele, com um sorriso forçado. O seu charme era inútil perante Susan Steinhagen; era a única pessoa na vila que não estava apaixonada por ele.

– Então vamos a isso – afirmou ele, acompanhando-a até à porta.

O espaço estava repleto de gente. Havia provavelmente cinquenta pessoas na bancada à volta do *court*, além de cerca de quarenta em pé, atrás. Reinava uma atmosfera de feira, com o cheiro das pipocas misturado com o da cerveja e um burburinho que atravessava o ar do fim do verão. As duas equipas já estavam a fazer o aquecimento no *court*, fazendo golpes de solo para um lado e para o outro na linha.

Lauren estava fantástica, tinha um ar fresco e trazia um vestido azul da Adidas e o cabelo a brilhar ao sol vespertino. Jen estava menos radiante do que o habitual, mas Robert não sabia porquê. Também vinha vestida de azul, com saia e *top*, mas o rosto estava tenso. *Talvez esteja nervosa*, pensou Robert. Era a que tinha menos experiência de torneios.

Robert inspecionou a multidão. Não encontrou nem Sam, nem Jason, o que era estranho. Os amigos de Lauren e Sam encontravam-se todos juntos num pequeno grupo. Lisa, Emily, Brian, Paul – onde estava Rachel? Robert não acreditava que ela perdesse aquilo, mesmo depois do desgosto que tivera de manhã. Do lado oposto do *court*, encontrava-se o gangue rival – Beth Ledger, Jessica Leavitt, Jeanette Oberman. Todas vinham de vermelho em solidariedade (Vicky e Janet usavam todos os anos saias de ténis vermelhas a combinar), a beber *vodka* com água gaseificada em copos de plástico. As lealdades da vila dividiam-se equitativamente.

Robert, envergando o polo de ténis oficial do Clube Naval de Salcombe, sentou-se perto do *court*. Ele era o juiz de linha nominal, embora o seu papel fosse apenas garantir que não havia erros flagrantes; não fazia chamadas de bolas que entravam e saíam. Também acompanhava a pontuação para garantir que ninguém roubava pontos. Ao longo do seu percurso profissional, percebeu que as mulheres eram, em geral, umas grandes batoteiras. Robert admirava-se por, neste aspeto, serem piores do que os homens, mas se calhar os homens faziam-no na sua vida fora do ténis. Em Salcombe, acontecia o mesmo.

O jogo começou e a multidão calou-se. Mais ou menos. Ainda se

conseguia ouvir Beth Ledbetter a cacarejar.

– Silêncio, por favor! – gritou Susan do seu banco, pondo as mãos em concha à volta da boca para o efeito dramático. Jason e Sam continuavam ausentes. Robert sabia que as pessoas iam reparar e começar a comentar. Toda a vila estava ali, e faltavam os maridos das jogadoras que partiram em desvantagem? Estava preocupado com a possibilidade de algo não estar bem. Rachel também não aparecera.

Jen e Lauren começaram vacilantes. Estavam sem agilidade e não batiam a bola nos seus ritmos normais. Jen interrompia as batidas a meio caminho sem fazer o acompanhamento e Lauren só devolvia as bolas em vez de as atacar. Vicky e Janet lançaram-se, subindo rapidamente para 3-0, quebrando o serviço de Lauren. Na troca de campo, Robert viu Jen e Lauren a olhar para os espectadores, possivelmente à procura dos respetivos maridos. Cruzou o olhar com Lauren, mas ela não lhe sorriu e evitou olhar para ele, sussurrando algo a Jen antes de ambas regressarem ao *court*.

Quando o jogo recomeçou, Lauren e Jen descontraíram-se. Lauren começou a bater a bola com o seu vigor habitual e Jen encontrava ângulos, colocando a bola atrás de Janet quando esta subia à rede. Empataram 3-3 e depois saltaram logo para 5-4. Robert não tinha precisado de intervir na pontuação ou fazer chamadas, e ainda esperava que elas concluíssem o *set* antes de ele o fazer.

Não teve sorte. Vicky estava a servir a 40-30; se ela ganhasse o jogo, ficariam empatadas 5-5 e, provavelmente, iriam para um *tie-break*. Se perdessem, Jen e Lauren ganhariam o *set* e a surpresa estaria bem encaminhada. O seu primeiro serviço para Jen foi para fora. O seu segundo serviço, uma jogada confusa com muito efeito e *slice*, foi em direção à linha de fundo.

– Fora – disse Jen, levantando o dedo indicador.

Houve um burburinho na assistência.

– Entrou. – Robert ouviu Beth dizer em voz alta.

A cara de Lauren ficou vermelha. Sabia que a sua parceira estava a mentir.

– Tens a certeza? – perguntou Vicky do fundo do *court*.

– A Jen está a ser batoteira – Robert ouviu alguém gritar atrás dele.

– Tenho a *certeza*. Foi fora – afirmou Jen, na defensiva. – Está empatado, agora.

Vicky e Janet estavam paradas, em silêncio, sem trocar de lados. Vicky tinha a mão na boca. Mesmo sendo mais velha, era durona. Robert ouvira dizer que tinha crescido em Jersey Shore e que tinha parentes distantes na Máfia.

– Verifiquem a marca, por favor – disse Vicky categoricamente.

– É a vez delas! A bola entrou! – gritou Jerry Braun, marido de Janet, vestido com uma camisa verde floral Tommy Bahama.

Toda a gente estava agitada. Os homens começaram a gritar uns para os

outros («dentro!», «fora!»), a deixarem cair pipocas e a entornarem cerveja. As jogadoras ficaram estáticas no *court* a olhar para a confusão, juntamente com Robert, que não sabia o que fazer.

Alguém se aproximou por trás dele.

– Está na altura de intervir! – disse-lhe Susan ao ouvido, quase a empurrá-lo para fora do banco. Robert sentiu o seu hálito no pescoço.

– Susan, se dizem que foi fora, foi fora. Não há olho de falcão em Salcombe. Isto é ridículo – disse ele, olhando de modo suplicante para Susan, mas ela não reagiu, apenas lhe puxou com força a manga curta.

Ele abriu a porta verde e saiu do *court*, indo na direção onde a bola de serviço tinha aterrado. Lauren e Jen correram atrás dele.

– Robert, foi fora. Tenho a certeza – disse Jen, suavemente. Ele viu a marca, clara como a luz do dia, bem atrás da linha branca. Lauren olhou para o chão e depois para Jen. Ela encolheu os ombros.

– OK. Vamos entregá-lo àquelas cabras – disse Lauren a Jen, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

Jen acenou com a cabeça, envergonhada. Robert voltou para o seu banco e pôs o boné baixo na cabeça. Larry acenou-lhe de um banco que estava perto, dizendo entre dentes «esta merda é inacreditável».

– Entrou. Peço desculpa – disse Jen em voz alta para todos ouvirem.

Ouviram-se ovações do grupo de Beth Ledbetter.

Agora o empate era 5-5 e já não havia nada a fazer no resto do jogo. Vicky e Janet venceram o *set* num *tie-break* e depois ganharam o segundo *set* por 6-3. Nem sequer estavam perto. Robert observava, escondendo ligeiramente a cara. No último ponto, Vicky e Janet atiraram as raquetas ao ar e deram um berro. As campeãs tinham ganhado novamente. Robert queria morrer; era tudo embaraçoso.

Os pares deram um passou-bem, toda a gente a trocar as suas falsas cordialidades. Lauren e Jen foram as primeiras a sair do *court* para receber os abraços de Lisa e Emily. Ainda não tinha sido resolvido o mistério do paradeiro de Sam, Jason e Rachel.

Robert foi ter com Vicky e Janet para as felicitar. Naquele momento, o público já tinha ido embora, ficando apenas a família e os amigos próximos a conversar com as jogadoras.

– Jogaram lindamente, meninas – comentou Robert, no seu sorriso mais luminoso.

– Obrigada, Robert – respondeu Vicky. Ela tinha uma voz rouca, com um sotaque acentuado de Nova Jérсия. Tinha uma constituição muscular impressionante e bem definida, com os dorsais a projetarem-se no sentido do pescoço como duas pequenas montanhas.

– Simplesmente não conseguia acreditar naquela chamada – disse Janet, o elemento menos forte do par.

– Eu já tinha jogado com a Jen antes – comentou Vicky. – E ela faz batota. Já vi isso a acontecer.

Robert não tinha dúvidas disso, tendo em conta o que ele sabia da vida dela. Só preferia que não o tivesse feito durante a final do torneio de pares femininos.

– É sempre difícil fazer uma chamada no calor do momento – disse Robert, diplomaticamente. – O mais importante foi não se terem deixado abalar por isso. Mantiveram-se calmas – aqui, Robert estava a mentir, porque foi óbvio que Vicky não estava calma – e firmes, ganhando o torneio.

Elas pareciam contentes consigo mesmas. Robert saiu de perto delas e foi ao encontro das perdedoras, que estavam juntas numa lateral do *court*. Olharam para ele quando se aproximou, e ele ficou com a impressão de que não lhe queriam falar, o que era estranho. Ele hesitou, mas depois achou que seria ainda mais estranho se se fosse embora.

– Grande jogo, pessoal. Deram tudo – disse ele. Tentou trocar olhares com Lauren, mas ela estava a olhar para a zona do estacionamento das bicicletas, como se estivesse à espera de alguém.

– Obrigada – disse Jen, depois de uma invulgar e longa pausa. – Peço desculpa por aquela chamada desnecessária. Realmente pensei que estava fora. Preciso de ir ao oftalmologista – disse ela, num risinho.

– Acontece aos melhores – respondeu Robert. – Eu próprio já o fiz – acrescentou. Só que não o fizera. Pelo menos, com consciência disso. Ele não fazia batota no ténis. Pensou no caderno de registos das aulas. Tê-lo-ia guardado na gaveta quando saíra da cabana para ir ver o jogo?

Ninguém disse nada.

– Os vossos maridos estavam demasiado nervosos para assistir ao jogo? – perguntou.

Lauren e Jen olharam uma para a outra.

– Sim – respondeu Lauren. – O Jason e o Sam não conseguiram aguentar. Era demasiado para eles.

Robert sentiu uma náusea. Estaria relacionado com ele? Se Jen se fosse embora, perguntaria a Lauren, mas ela ficou ali.

– Estou orgulhoso por terem conseguido chegar à final – disse Robert, por fim. – Aperfeiçoaram muito o vosso jogo durante o verão. Foi divertido ensinar-vos.

Naquele momento, viu Rachel sair do alpendre da frente de sua casa, ainda com a indumentária de ténis que usara de manhã, e a olhar para um lado e para o outro como se estivesse a ser vigiada. Jen e Lauren perceberam que ela estava ali e desataram subitamente a correr na sua direção. Rachel reparou que elas estavam a ir ao seu encontro. Durante um segundo, Robert achou que ela ia saltar do passadiço, entrar por entre os caniços e desaparecer na floresta, mas pegou na bicicleta e começou a pedalar o mais depressa possível, deixando Lauren e Jen a poucos metros de sua casa. Robert estava a ter um dia tão bom – um novo emprego, um futuro palpável. Agora tudo o que sentia era desassossego.

Lauren e Jen foram até às suas bicicletas, que estavam estacionadas uma

ao lado da outra e, para surpresa de Robert, foram-se embora sem se despedirem dele. Tinham deixado as raquetas num banco próximo de onde ele estava. Ele pegou nelas para as guardar na cabana até elas regressarem. Esperava que, mais tarde, Lauren lhe explicasse o que acontecera.

Não havia quase ninguém nos *courts*. Eram quase 18h00 e já corria um ar fresco, como que a relembrar de que o verão estava a terminar e que não duraria para sempre. Robert sentia-se exausto e planeava deitar-se cedo. A ideia de ficar esgotado por um torneio de pares femininos seria absurda há uns meses. Mas a verdade é que era assim que se sentia.

A situação de Lauren estava a incomodá-lo. Levou as raquetas dela e de Jen para a cabana e ficou surpreendido por ver Susan sentada à sua secretária com aquele perfil indistinguível. Teria estado ali o tempo todo?

Ela virou-se quando o ouviu chegar. Reconheceu aquele olhar. Tinha sido apanhado.

– Robert Heyworth, tenho uma pergunta para si – disse ela, com a sua voz profunda, agora trémula.

Robert sentiu uma mosca-verde a pousar-lhe na perna e a picá-la, devagar. A dor disparou da perna para o tronco.

Susan levantou-se, e Robert viu que ela segurava com as suas mãos artríticas o caderno de registos das aulas. Não tinha qualquer prova, pensou ele. Ela era esperta, mas ele também.

– Claro, Susan – respondeu, descontraidamente, encostando as raquetas na parede de madeira. – O que posso fazer por si? – perguntou, fitando-a para que se sentisse desconfortável.

– Parece que faltam algumas aulas do seu horário diário – disse ela. Abriu o caderno de registos, folheou-o e deixou aberta a página do alinhamento do dia anterior. Ele podia ver claramente a sua letra manuscrita:

22 de agosto – Horário de aulas

Larry Higgins – 9h00-10h00

Jerry Braun – 10h00-11h00

Prática de crianças – 11h30-13h00

Almoço

Beth Ledbetter – 14h00-15h00

Lisa e Brian Metzner, pares – 15h30-16h30

Apontou com o dedo comprido para a página.

– Aqui, onde diz «Almoço», às 13h00. Vi-o a dar uma aula à Claire Laurell. Eu estava a jogar na *court* principal com o meu jogo normal. Porque é que isso não está escrito?

Robert encolheu os ombros.

– Devo ter-me distraído. Vou confirmar com a Claire – disse ele, a sorrir, mostrando-lhe propositadamente os dentes brancos, perfeitos. – Nem sequer sei se tem razão.

– Oh, tenho razão – ripostou Susan imediatamente, estreitando as sobrancelhas. – Se eu inspecionar este caderno... – disse ela, folheando-o. – O que é que irei descobrir?

– Acho que vai descobrir que sou bom a fazer registos – disse Robert, rindo-se. Ele sentia gotas de suor a juntarem-se por baixo das axilas, prestes a revelarem-se.

– Não tenho a certeza disso – comentou Susan. Ela começou a mover-se para sair, mas Robert colocou-se à frente da porta para a impedir. Não planeava aquela posição ameaçadora, mas precisava de recuperar o seu caderno de registos. Susan, com as pupilas dilatadas como se fosse um animal encurralado, pegou na raqueta de Lauren e, simulando um arco dramático, bateu com ela na cabeça de Robert, fazendo com que ele fosse a cambalear em direção à secretária. Ela sempre tivera um excelente *overhead*; Robert viu-o com os seus próprios olhos.

Susan escapuliu-se pela porta com o caderno de registos antes de ele recuperar da pancada. Quando conseguiu ir lá fora, já não a viu. Os *courts* estavam vazios. Era hora de jantar. Robert conseguia ouvir a algazarra de pessoas a jantar e beber copos no terraço do clube naval. Estava sozinho, em pânico. Deveria segui-la? Se ela o denunciasse, perderia tudo. O trabalho, as boas graças de Larry e a reputação.

Iria à procura de Susan, tinha de ir buscar o caderno de registos. Caminhou em direção à sua bicicleta. Sentiu gotas grossas a caírem-lhe na cabeça, e uma rajada de vento forte vinha da baía, abanando as árvores e levantando-lhe o cabelo. O céu tinha ficado cinzento e estava a escurecer. Avistou um veado à sua frente, em Marine, a olhar para ele. Arrancou de bicicleta, lavrando a tempestade à procura de Susan.

Larry Higgins

Larry Higgins reconhecia um ladrão quando via um. E o jovem e garboso Robert Heyworth era um ladrão. Será que Robert não pensava realmente que Larry, o supervisor da contabilidade do ténis, não repararia que o extrato bancário tinha cobranças de aulas em falta? *Larry Higgins*? Que gerira durante quarenta e quatro anos uma empresa de investimento de sucesso? Ele lidava com vigaristas e fraudes. E era amigo de Bernie Madoff, pelo amor de Deus.

Era culpa sua, na verdade. Fora ele quem falara de Dave a Robert, que colocara naquela cabeça falida e gananciosa a semente de que era possível – de forma fácil, até – enganar quem estava acima dele. Robert estava preparado para a corrupção; Larry deveria ter pressentido isso. Era um miúdo que lutava num nível que estava abaixo daquele para o qual nascera. Era mais esperto e mais talentoso do que muitos dos filhos da mãe de quem era escravo e isso deveria deixá-lo louco.

Larry não queria saber, mas queria que ele parasse. Porque não ia faltar muito até a bruxa Susan Steinhagen o apanhar e seria o fim do charmoso Robert Heyworth. Por isso, tinha decidido oferecer-lhe um emprego. De facto, Larry precisava de ajuda e sabia que Robert conseguia desempenhar a tarefa. Não iria estragar uma tão boa oferta. Ele seguiria o caminho dele, e todos podiam continuar com as suas vidas sem ninguém saber de nada. Historicamente, alguns dos seus melhores empregados eram também os mais desonestos. Desde que não afetasse diretamente Larry, que não afetaria, pois ele certificava-se disso.

Larry estava a tomar uma bebida no clube naval depois da final de pares femininos. Vicky e Janet tinham esmagado Lauren e Jen, o que fora um dissabor para Larry. Ele adorava torcer por quem partia em desvantagem. Sempre pensara que ele próprio também estava em desvantagem. Tinha origens humildes, crescera em Brooklyn, o pai trabalhava na indústria do

vestuário especializada em venda por atacado de roupas para mulheres, e Larry tinha sido a primeira pessoa da família a ir para a universidade. Era inteligente e aguerrido, e conseguira entrar na área do investimento bancário quando tudo corria de feição nesse campo. Ele e Henrietta tinham dois filhos, Peter e Lee, e eram ambos uma decepção. Peter vivia em Paris, a «trabalhar» como *freelancer* para uma qualquer agência publicitária, e Lee vivia em Londres, e nem sequer fingia que mantinha um emprego. Os dois tinham quase quarenta anos, não eram casados, e Larry só queria gritar e chorar quando pensava neles. O que é que ele tinha feito de mal? Tinha-lhes dado tudo.

Acenou a Micah Holt para lhe reabastecer o *whiskey*.

Micah apareceu.

– Aqui tem, Larry – disse ele, vertendo-lhe uma dose generosa no copo.

– Obrigado, miúdo – agradeceu, com um suspiro. Aquele sim, era um bom rapaz. Um trabalhador esforçado. *Gay*, claro, mas hoje em dia os miúdos não eram todos *gays*? Os pais deveriam ter orgulho nele.

Larry pegou na bebida e saiu pelo fundo da sala em direção aos *courts*. O ar estava húmido e pesado, e a sua perna, que tinha partido aos quarenta anos a esquiar, em Zermatt, estava a doer-lhe. Isso significava que se aproximava uma tempestade, teria de pegar na bicicleta entretanto e ir para casa; Henrietta estava a fazer o jantar e não se queria atrasar por causa da chuva. Os *courts* estavam vazios. Pensou no que é que Robert andaria a fazer. Provavelmente estaria a celebrar a sua nova função como seu aprendiz. Larry sentou-se num banco e descansou os olhos. Nos últimos tempos, sentia-se invulgarmente cansado, agora a idade já se fazia notar. Completaria setenta e dois anos na primavera. Era tão estranho, pois sentia-se com trinta e cinco.

O seu silêncio foi interrompido por um estrondo sonoro proveniente da cabana de ténis de Robert. Larry abriu os olhos e viu Susan sair com a sua saia de ténis a esvoaçar para todos os lados, segurando o caderno de registos de Robert. Ela corria no sentido oposto, em direção à bicicleta e por ir desviada num passo apressado, não reparou em Larry. Ele tinha a certeza do que tinha acontecido. Levantou-se e dirigiu-se imediatamente para o clube, esperando que Robert não aparecesse nem o visse.

Entrou pela porta dos fundos no momento em que a chuva começou a cair. Pobre Robert, estava lixado. Susan nunca deixaria aquilo impune. Larry achava que ele teria de recusar a sua oferta de trabalho quando aquela situação se tornasse pública. Que pena.

Sentou-se no bar e fez um sinal a Micah pedindo outro copo. Estava contente por ficar ali e conversar com alguém que também estivesse à espera de que a tempestade passasse. Um trovão sonoro e forte sacudiu o banco vermelho onde estava sentado. Ia ser uma longa noite.

A tempestade

Jason Parker

Jason Parker sempre pensara em matar, talvez acidentalmente, o seu melhor amigo, Sam Weinstein. Quando era criança, imaginava que ele tropeçasse no seu no pé e caísse da varanda do oitavo andar diretamente para a Ninety-third Street. Ou um acidente no mar: ele viraria o barco em águas agitadas e Sam afogar-se-ia. Toda a gente ficaria triste, muito triste, mas sobretudo ficaria com muita pena de Jason. Pobre rapaz, que perdera o seu melhor amigo e que agora tinha de lidar com a culpa em tão tenra idade. Tornar-se-ia um objeto de fascínio na escola; as raparigas seriam simpáticas e dar-lhe-iam atenção, e os rapazes queriam que ele se juntasse aos seus grupos.

Conforme iam ficando adultos, os pensamentos de Jason passaram da morte accidental para a ruína. Sam perderia todo o seu dinheiro num mau investimento e recorreria a Jason para que a sua família não fosse parar à rua, sem nada. Ou Sam ficaria viciado em analgésicos e Jason teria de o internar para fazer uma desintoxicação e, para pagar a estadia na clínica, vender-lhe-ia a casa de Fire Island, o seu bem material mais querido.

Jason sabia que estes pensamentos não eram saudáveis e que a maioria das pessoas não queria matar o seu melhor amigo. Mas não conseguia evitar. Sam tinha tudo e ele precisava de fazer sempre um esforço extra para obter sucesso, mulheres e respeito. Porque é que não podia ser ele a estrela?

Agora, perante este volteface, seria Sam quem o poderia matar. Jason pensava no humor negro desta situação. Estava encharcado, gelado, escondido debaixo de um escorrega enferrujado no parque infantil em frente ao campo.

O Sol tinha-se posto há uma hora, e Jason não esperava que estivesse a trovejar tanto. Estava sol e fazia calor quando saíra de casa à tarde, depois de

ler aquela mensagem enigmática de Jen. Estava vestido com calções e uma *T-shirt* onde se lia passeio de golfe de salcombe 2017. A esconder-se de Sam! O Sam gentil que nunca tinha brigado com ninguém. Uma vez, quando tinham nove ou dez anos, Keith Longeran, o arruaceiro ruivo mauzão, dera um murro nas costas de Sam depois de um jogo de *kickball* no acampamento. Jason lembrava-se de o ver na terra batida da linha da base, encolhido, com dores e sem saber o que fazer. Em vez de retaliar, encolhera os ombros e fora-se embora, para desilusão dos outros rapazes. «Maricas!», gritara-lhe Keith. Mas logo depois, Jason dirigira-se a Keith e dera-lhe um murro na cara, deixando-lhe um rasto de sangue a cair do nariz em direção ao queixo.

Será que Sam lhe faria alguma coisa, mesmo se o encontrasse? Àquele que o defendia sempre? O céu iluminou-se com um relâmpago, seguindo-se o ribombo de um trovão. Jason estava desconfortável. Ensopado, a tremer e esfomeado, só queria ir para casa, mas Lauren continuava a enviar-lhe mensagens a dizer para se manter longe, e Jen a escrever-lhe frases desesperadas pelo Signal a dizer que Sam era «perigoso» e que se deveria esconder.

Toda a gente estava a par de tudo. Depois do jogo de ténis, Rachel contara a Sam que ele e Jen tinham um caso, e a seguir Sam contara a Lauren. Durante muito tempo, Jason queria que tudo fosse descoberto, mas esse momento tinha passado. Agora, parecia mais uma crise do que uma oportunidade para mudar de vida. Rachel, aquela cabra dissimulada, devia tê-lo visto com Jen no início do verão. Porém, honestamente, até estava surpreendido por ter mantido o segredo durante tanto tempo.

Se aquela era a tragédia que ele tinha de aguentar – Lauren a enviar-lhe mensagens de raiva, Sam a «caçá-lo» – por causa do seu caso com Jen, ele aceitaria. Acontecera o pior que havia para acontecer; o segredo tinha sido relevado, e ainda assim eles nunca ficariam juntos. Jen era psicóloga – não era algo sobre o qual falavam? Dera-se a catástrofe, e agora poderiam seguir as suas vidas.

Tudo iria amainar, e Sam poderia relaxar. Não voltariam a ser amigos, mas teriam de encontrar algum tipo de tréguas para bem dos seus filhos. Lauren ficaria chateada para sempre, mas ele pagar-lhe-ia uma boa pensão de alimentos e ela poderia continuar a dominar o Upper East Side. Metade das suas amigas eram divorciadas; não era nada de preocupante. Talvez fosse viver sozinho para Miami. Jason riu-se a pensar no quanto Lauren ficaria aborrecida com isso, uma vez que ela sempre quisera morar lá.

Outro relâmpago, outro estrondo de trovão. O vento soprava agora ainda mais e Jason sentia a areia do parque infantil na cara. Isto era ridículo. Iria para casa. Ele nem sequer sabia do que estava a fugir. Não se poderia esconder na sua própria casa? Sam não lhe faria mal à frente dos filhos. Só este pensamento era absurdo. Estava mais preocupado que Lauren o matasse por ele a ter traído.

Deitou-se de barriga para baixo a fim de conseguir sair debaixo do

escorrega, tendo sido imediatamente atingido pela chuva. Isto não estava previsto no boletim meteorológico. De vez em quando, Fire Island tinha tempestades violentas que passavam completamente ao lado do continente, daquelas que acumulam velocidade sobre a baía antes de assolarem a ilha-barreira estreita. O vento empurrava Jason para trás no seu percurso entre o parque infantil e Neptune Walk. Não estava com a bicicleta, tinha de ir a pé para casa no meio daquele pesadelo, esperando não encontrar Sam pelo caminho.

Sam Weinstein

Sam Weinstein nunca se considerara um assassino. De facto, sempre tivera um estilo *paz e amor*. Quase não gritava com os filhos, muito menos bater-lhes, deixava o trabalho sujo de imposição de disciplina a cargo de Jen. No entanto, ali estava ele, no meio da tempestade, com uma grande faca de cozinha, à procura do seu melhor e mais antigo amigo, Jason Parker.

Cabrão do Jason, que andava a comer a Jen. Foda-se, era inacreditável. Na verdade, recapitulando: nos *courts*, quando Rachel, com a respiração húmida no seu ouvido, lhe dissera «é o Jason», tornara-se óbvio. Quem mais poderia ser se *não* Jason? Era por isso que ele o andava a evitar. Mas como é que ele fora capaz de lhe fazer aquilo? Como é que Jen fora capaz de lhe fazer aquilo?

Quando pensava nisso, e pensava nisso a cada segundo depois de saber, só lhe apetecia vomitar. Só tinha vontade de morrer. Só tinha vontade de matar alguém. Sam nunca tinha experimentado tal sensação. Uma fúria insana. Era quase divertido. Até àquele verão, era o tipo mais porreiro, mais tranquilo de sempre. Não andava atrás de pessoas com uma faca japonesa, uma Shun Premier, que tinha comprado em promoção por cento e cinquenta dólares na Williams-Sonoma, na esquina da Madison com a Eighty-sixth.

O tempo estava frio, chuvoso e escuro, e ele ainda trazia vestida a roupa que usara durante o dia, a sua camisa de linho cor de laranja preferida, que estava agora colada ao corpo. Pensou no quão ridículo deveria parecer. O assassino mais burguês de todos os tempos. Há várias horas que andava por todo o lado, às voltas na vila à procura de Jason.

Assim que soube, primeiro corra até casa dele para o confrontar. A sua bicicleta Black Cruiser estava à frente de casa e ele pensara que o iria encontrar. Irrompera rapidamente pelas divisões, indo do quarto de Lauren e Jason no piso de baixo, até à cozinha imaculada no piso de cima, com aquela vista fantástica para o mar. Mas não estava ninguém. Jason devia ter fugido a pé. Por isso, Sam pegara na sua bicicleta e fora da baía para sua casa, entrando nela normalmente, a cumprimentar a ama e os filhos. Depois, fora à cozinha buscar a Shum Premier e enfiara-a debaixo da camisa, indo depois embora.

Não tinha voltado a casa desde então.

Inicialmente, tinha ido para a praia e andado cerca de um quilómetro para oeste, deixando-se cair na areia, praticamente em frente do farol de Fire Island. Estivera sentado lá durante um bocado – horas, talvez, não sabia quanto tempo – só a olhar para o mar, que começava a ficar agreste a cada minuto. As ondas, a avançarem e a recuarem agitadas, tinham metro e meio de altura. Imaginara-se a dar um murro na cara estúpida de Jason. Imaginara ele e Jen a fazerem sexo. Imaginara apunhalar lentamente a faca nas costas de Jason, tal como ele lho tinha feito.

As nuvens que vinham do lado da baía tinham passado velozmente por cima da cabeça dele e tinham-se espalhado no céu, por cima do mar. Logo a seguir, começara a cair uma carga forte de água e Sam levantara-se de modo relutante e voltara para trás, sem qualquer coberta, com o vento a atirar-lhe areia húmida para a cara e cabelo. Era a única pessoa na praia. Perguntara-se se as pessoas que tinham casas viradas para o mar o estariam a ver. O louco e perturbado Sam, que há poucos dias saltara para a baía com toda a gente de Salcombe a assistir, a arrastar-se por entre uma grande chuvada. Se as pessoas vissem que tinha uma faca enfiada nas calças...

Não sabia para onde ir a seguir, por isso havia ido pelo passadiço de Broadway em direção à loja. As ripas de madeira estavam molhadas e escorregadias e ele estava de chinelos. Ficara subitamente com medo de cair e espetar a faca em si próprio sem querer.

Passara a hora seguinte a percorrer cada passeio para cima e para baixo, com o objetivo de encontrar Jason, e depois... não sabia. A vila estava deserta; toda a gente estava abrigada daquela tempestade violenta. Sam não via quase nada à frente e o tempo passava de uma forma estranha. Parecia estar a delirar. Será que as árvores que rodeavam os passadiços estavam a cercá-lo? Tinha saudades dos filhos. Tinha saudades de Jen. Odiava Jen.

Naquele momento, estava perto do parque infantil, em frente ao campo, e foi para o alpendre da casinha de arte do acampamento, onde as crianças faziam peixes de papel machê e pulseiras de tecido da amizade. As luzes estavam apagadas e as portas deslizantes trancadas, mas havia o abrigo do telhado. Tirou o telemóvel do bolso, surpreendido por estar a funcionar apesar da água que já apanhara. Tinha vinte e sete mensagens, a maior parte de Jen, a perguntar-lhe onde estava e a dizer-lhe que não era verdade. *Agora não, Jen.* Não o podia enganar para sempre. Algumas das mensagens eram de Rachel, com apelos desesperados para ir ter com ela a Kismet. Porque é que ela estava em Kismet? Até Lauren lhe tinha escrito a dizer para «matar a porra do Jason», se o encontrasse. Também tinha uma mensagem de voz de um número de Nova Iorque. Pôs o telefone junto à orelha o mais próximo possível para a conseguir ouvir por entre o ruído do vento e da chuva.

«Viva, Sam. É a Mary.» Mary Martin, diretora do departamento de recursos humanos da firma.

Sam sentiu um aperto na barriga. Era o telefonema pelo qual esperara

todo o verão.

«Tenho notícias para ti.»

Pôs a mensagem em pausa e pressionou ainda mais o telefone contra a orelha. Viu-se um clarão e ouviu-se logo a seguir o estrondo de trovões. Voltou a reproduzi-la.

«O comité concluiu a investigação. Ficarás feliz por saber que não encontrámos nada pelo qual possas ser acusado. Surpreendentemente, depois de meses de intensa procura, encontrámos oculto um caso de abuso de uma pessoa da direção: o Henry Boro. Na verdade, assediava jovens sócias e depois pressionava-as para fazerem falsas acusações contra os outros. A Lydia vai continuar na firma, mas não no teu departamento. Vamos manter-nos discretos sobre este assunto – digamos que o Henry se vai reformar, fazendo-se os acordos necessários. Pedimos desculpa pelo tempo que isto levou a resolver-se e pelo impacto que teve em ti e na tua família, mas estamos felizes por te informar de que podes regressar já à Sullivan & Cromwell. Por favor, liga-me amanhã para falarmos melhor, só queria dar-te esta notícia assim que soube. Tem uma boa noite, Sam.»

Sam ouviu novamente a mensagem para ter a certeza de que não lhe tinha escapado nada. Encostou-se à casinha e escorregou pela parede de madeira, esquecendo-se da faca, que se espetou na coxa enquanto deslizava.

– Ai! Foda-se – gritou, mas ninguém ouviu.

De seguida, tirou a Shun do bolso e segurou-a com as mãos engelhadas pela chuva. Henry Boro! Haveria alguém na sua vida – o seu melhor amigo, a sua mulher, o seu patrão – que não fosse um cretino mentiroso? Começava a pensar que ninguém era o que dizia ser. Ressoavam relâmpagos e ribombavam trovões. No milissegundo em que o céu estava iluminado, ele viu uma sombra a mover-se debaixo do escorrega do parque infantil. Deixou-se deslizar ainda mais do sítio onde estava, rebaixando totalmente o corpo no alpendre, ficando na horizontal e muito quieto. Viu Jason sair debaixo do escorrega, um rato molhado de quase dois metros. Jason olhou para a esquerda e para a direita para verificar se Sam estava a vê-lo, e depois seguiu por Neptune em direção a sua casa. Dez segundos depois, Sam levantou-se, ainda com a faca nas mãos, e foi atrás dele.

Lauren Parker e Jen Weinstein

Lauren Parker e Jen Weinstein nunca tinham sido tão próximas. Era uma relação forjada pela proximidade, como amigas que partilhavam o quarto numa residência universitária. Tinham uma boa conversa num jantar ou numa festa, e até se toleravam em férias de uma semana com as suas famílias – iam fazer esqui com os filhos em Snowmass, arrendavam grandes casas no Maine antes de se casarem e passavam fins de semana prolongados de invernos

interminavelmente frios em celeiros luxuosamente convertidos, no norte do estado de Nova Iorque. Mas era uma relação meramente superficial. Como estão os miúdos, como estão os sogros, andas a praticar ténis/pilates? Simplesmente não tinham sintonia uma com a outra. Às vezes não existe sintonia entre as mulheres, ao contrário do que os homens pensam. Mas nesse verão alguma coisa mudara na relação de Lauren e Jen, a começar pelo seu sucesso improvável nos *courts* de ténis.

Lá fora estava um tempo horrível: o vento soprava, a chuva era incessante e o passadiço via-se mal. Lauren e Jen caminhavam por Broadway, sozinhas na escuridão de Salcombe, à procura dos seus maridos. Os filhos delas estavam todos juntos em casa de Jen e Sam, a ver um filme e a comer pipocas feitas no micro-ondas, sem saberem que o casamento dos pais estava prestes a implodir.

Uma hora antes, tinha-se tornado óbvio que Sam e Jason estavam desaparecidos, pois nenhum deles respondia às mensagens desesperadas que as mulheres lhes enviavam durante a noite. Por isso, Silvia vestira os filhos de Lauren com capas para a chuva, e ela e Lauren tinham levado Amelie ao colo, à vez, pelo meio da tempestade enquanto caminhavam em direção à baía. Como o percurso não tinha iluminação, Arlo tinha ido à frente com uma lanterna. O casamento de Lauren teria acabado? Seria agora mãe solteira? Não sabia se ia tolerar a falsa preocupação das amigas de Nova Iorque; Mimi e companhia a perguntarem-lhe na cara «como é que *estás?*», enquanto bisbilhotavam nas suas costas. Ficaria com o apartamento, de certeza. Mas... e Fire Island? Pelo menos teria toda a liberdade de ação. Robert ainda era um segredo e ela iria garantir que se mantivesse assim.

Quando chegaram, Jen estava pronta para sair, usando um impermeável amarelo dois tamanhos acima, com o logótipo do Clube Naval de Salcombe, e os olhos cor de avelã a espreitar do capuz. Lauren tivera vontade de rir quando a viu. Jen pegara noutra lanterna do armário *vintage* das geleias. Ao passar pela ilha da cozinha, parara junto do suporte das facas. A Shun Premiere não estava lá. Abrira a gaveta dos utensílios – talvez a Luana a tivesse posto lá por engano? Mas não se encontrava lá também.

– Lauren, acho que o Sam tem uma faca.

Lauren olhara para ela.

– Que raio é que ele pensa que vai fazer com isso? – respondera.

Jen encolhera os ombros.

– Não sei. Temos de encontrar esses idiotas.

Tinham-se dirigido para leste, na Bay Promenade, não dizendo nada depois de terem saído de casa de Jen. A água enrolava-se em carneirinhos e não havia barcos no horizonte. Apenas o constante rodopiar da luz do farol que piscava a cada segundo.

Jen sentia-se terrivelmente mal. Sempre pensara nos seus casos como assuntos privados apenas *dela* que serviam para satisfazer as suas necessidades. Sabia que não se deveria ter envolvido com Jason. Tinha sido

um erro, embora, como terapeuta, tivesse a noção de que «erro» era uma designação errada – o seu subconsciente levava-a para o caminho da autodestruição. Que raio de alma corrompida dorme com o melhor amigo do marido? Agora que tudo fora revelado, as suas ações tinham desencadeado uma torrente de sofrimento. Jason, Sam, Lauren e possivelmente os seus filhos e os filhos dele.

Viraram para cima, em Marine Walk, passando pelo clube naval, que estava aberto, mas, pelo que conseguiram ver, só estavam Micah Holt, Willa Thomas e Larry Higgins. Toda a gente estava nas suas casas.

– Vamos ver os *courts* – disse Lauren.

Entraram lá dentro, varrendo com as lanternas a terra batida com relva sintética. Estava tudo em silêncio, só se ouviam pingos a cair nos charcos que se tinham formado nas linhas da base. De repente, as luzes do clube naval apagaram-se, fazendo com que a noite ficasse mergulhada na escuridão total.

– Deve ser alguma quebra de eletricidade – comentou Jen, continuando a movimentar a lanterna para um lado e para o outro.

Fora nessa manhã que tinham ganhado a meia-final contra Emily e Rachel. Parecia que tinha passado um ano.

– Ainda não acredito que chegámos às finais – disse Lauren.

– Pois foi – disse Jen. – Foi uma surpresa. Não sei se a Rachel irá recuperar. Ou se nós vamos recuperar – afirmou, rindo-se de modo sinistro.

Lauren foi até à cabana de ténis de Robert e empurrou a porta, mas estava trancada. Não soube mais nada de Robert depois de o jogo acabar, quando ela e Jen foram atrás de Rachel. Não chegaram a encontrá-la.

– Eu vi-te sair dali no 4 de Julho, lembras-te? – disse Jen, sem rodeios. Ela caminhava perto de Lauren. O ruído do vento sobrepunha-se.

– Lembro – respondeu Lauren. Nenhuma delas abordara o facto de Jen ter andado a dormir com Jason, e nenhuma queria fazê-lo.

– Vamos até à Broadway – acabando por sugerir Lauren. Começaram em Marin e depois passaram pela casa de Rachel. A luz do alpendre estava desligada e a sua bicicleta não estava lá fora.

– Onde é que achas que ela foi? – questionou Jen. – Nós não íamos magoá-la, nem nada que se pareça – continuou.

Lauren deu um risinho.

– Quer dizer, eu gostaria – disse ela. – Basicamente, arruinou as nossas vidas.

Viraram em Harbour, desviando-se de juncos molhados e tombados. Ouviam-se trovões a retumbar fortemente.

– Quem arruinou as nossas vidas fui eu – disse Jen. Ela tremeu por baixo do seu impermeável gigante. Caía-lhe água do capuz para os olhos.

– Sinceramente, Jen, não quero saber – disse Lauren, aliviada por dizê-lo em voz alta. – Há meses que ando a dormir com o Robert – continuou.

– Imaginei – comentou Jen.

– A única coisa que me preocupa sobre ti e o Jason é que eu vou ficar

mal. Serei a mulher triste que o marido trocou pela mulher do seu melhor amigo. É muito embaraçoso. Toda a gente vai falar de mim na Braeburn.

– Ah, estamos a ser honestas, não é? – disse Jen, a sorrir. – Acho que é ótimo andares a foder com o Robert. Ele é lindíssimo.

– É uma brasa – disse Lauren. – Acho que ele está apaixonado por mim. Pena ser apenas um professor de ténis – comentou, expirando profundamente. A seguir fez uma pausa. – Tu e o Jason vão fugir? Não me interessa, só gostava de saber.

Então foi a vez de Jen expirar profundamente.

– Não, acabei com ele. É todo teu.

– Também não o quero. É um cretino.

Riram-se. Uma forte rajada empurrou-as, fazendo com que tivessem de apoiar bem os pés no chão. Viraram à esquerda em Broadway, voltaram em direção à baía, perto do campo.

– Vou dizer-te a verdade – afirmou Jen, apertando o capuz na cabeça. – Eu ando a trair o Sam desde que nos conhecemos. Estou sempre com outra pessoa; este ano, foi o Jason. Ele não significa nada para mim. Mas lamento ter-te feito isto. Não mereces.

– Isso é de doidos – comentou Lauren, genuinamente interessada. – Sinceramente, nunca desconfiei de ti. Pareces tão... *boa*.

– Sou boa a ter uma vida dupla – disse Jen. – Eu amo o Sam, verdadeiramente... como é que se pode não amar o Sam?... mas ele não me conhece de todo.

– Os homens não fazem ideia de nada – comentou Lauren. – Sempre soube, lá no fundo, que o Jason estava apaixonado por ti. Mas simplesmente não me importava. Importar-me para quê? Tenho a minha vida, temos os miúdos, temos coisas boas. O que é que hei de querer mais?

– Nem sempre a felicidade é aquilo que imaginámos – disse Jen. – Pelo menos é o que eu digo aos meus clientes.

– Eu sei que te devia odiar – afirmou Lauren. – Mas não odeio. Sinto-me mal por ti: és tu que vais ter de lidar com o Sam. O que é que vais fazer?

– Não te preocupes. Nós ficamos bem – asseverou Jen. – Ele precisa de mim, e não quereria nunca que fôssemos como os pais dele. Nunca. Ele vai perdoar-me, sei que sim.

Estavam em frente do campo, a apontar as lanternas através da vedação alta e verde. As luzes passavam sobre o diamante de beisebol e as arquibancadas, tudo vazio. Os raios eletrificavam o céu.

– Lauren, Lauren – sussurrou Jen, puxando-a para perto de si e enlaçando o seu braço no dela. – Vi qualquer coisa a mexer-se no parque infantil.

O parque infantil estava mesmo do outro lado de Neptune, visível na extremidade mais afastada do campo.

Elas agacharam-se na borda do passadiço, com cuidado para não caírem para o lado dos arbustos. Através da vedação, em frente ao campo,

conseguiram ver Jason sair de baixo do escorrega e continuar a andar em direção à praia. Menos de um minuto depois, viram outro homem de camisa cor de laranja a sair do alpendre da casinha da arte e seguir Jason.

– É o Sam – sussurrou Jen.

– Caramba – disse Lauren. – Vamos segui-los.

Micah Holt

Micah Holt estava aborrecido. Estava há eternidades à espera de que a tempestade passasse. Queria sair do clube, ir para casa e deitar-se. Mas ainda estava muito agreste lá fora – os pais tinham-lhe enviado uma mensagem a dizer para ele se manter recolhido, preocupados com a queda de ramos e cabos elétricos. Ele e Willa continuavam no bar, bebendo *vodka* lentamente em silêncio, tendo já esgotado a conversa há muito tempo. A outra pessoa que ainda lá estava era Larry Higgins, caído numa mesa pequena, a olhar para o vazio e bêbedo, bêbedo, bêbedo. Micah tinha-lhe servido cerca de oito generosos copos de *whiskey* durante essa noite (noite essa que continuava) e Larry era um caso perdido. Quando a chuva e o vento parassem, Micah e Willa iriam garantir que Larry voltava a casa inteiro. Eram apenas empregados de bar, mas de vez em quando tinham de acompanhar adultos particularmente alcoolizados a casa.

Willa, vestida com o uniforme do Clube Naval de Salcombe, um polo e calções de ganga, pousou a cabeça em cima do bar. Ela e Micah eram amigos desde muito pequenos; tinham passado todos os verões da sua curta vida em Salcombe. Willa entrara na Universidade do Michigan. Era uma rapariga que gostava de festas, era gira e efusiva; os rapazes gostavam das suas gargalhadas e energia. Micah dissera-lhe aos doze anos que era *gay*, uma afirmação que era muito importante para ele na altura, mas ela simplesmente rira-se e dissera: «Dah.» Seria Micah tão próximo dela para conviverem fora dali? Provavelmente, não. Os amigos dela da faculdade eram heterossexuais e gostavam de beber cerveja e ir a jogos de futebol. Mas, ainda assim, ele adorava Willa. Salcombe fazia isso às pessoas.

– Micahhhhhh – proferiu ela, levantando a cabeça. – Podemos ir embora? De certeza que não nos vai cair nenhuma vaca voadora em cima da cabeça. Não estamos n’*O Feiticeiro de Oz*.

– Vamos esperar mais uns minutos – respondeu Micah.

Willa deitou-lhe a língua de fora. As luzes começaram a piscar durante uns segundos, desligando-se.

– Ficámos sem energia – disse Willa. Ele não conseguia ver a cara dela no escuro.

– Pois, eu sei – disse Micah. Ele ligou a lanterna do telemóvel e foi à caixa do quadro elétrico, perto da mesa de Larry Higgins, que estava meio a

dormir, meio desmaiado e a dizer qualquer coisa para si que Micah não conseguia perceber. Bateu na porta enferrujada da caixa, que abriu num tinido (tinha de se lembrar de falar com Steve Pond, o comodoro do clube naval, para mandar arranjar as instalações elétricas para o próximo verão). Levantou uns interruptores para baixo e para cima, mas não aconteceu nada.

– Não está a funcionar – gritou a Willa.

– Estou a ver – gritou-lhe ela de volta, a rir-se.

– Vou à outra sala à procura de velas – disse Micah. Dirigiu-se às traseiras, com cuidado para não tropeçar nas mesas ou cadeiras, e foi até ao armário dos materiais do clube, perto das portas. Olhou para as grandes janelas que estavam viradas para os *courts* de ténis e reparou em dois feixes de luz que varriam a terra batida com relva sintética.

Aproximou-se mais para ver melhor, escondido pela escuridão, e quase deitou um copo ao chão. Viu Jen Weinstein e Lauren Parker vestidas com impermeáveis amarelos ridiculamente grandes e os capuzes postos. Levavam lanternas nas mãos e andavam à procura de... algo. Ou de alguém. Nos *courts* de ténis? Micah recuou para a sala escura, para que elas não o vissem pela janela. E ainda bem que o fez, porque em menos de um segundo apontaram as lanternas para o clube, iluminando as paredes de madeira desgastada e o chão, com a luz brilhante do pano verde da mesa de bilhar a atingir os olhos de Micah. Voltou-se e fugiu rapidamente para a área do bar. O que é que Jen e Lauren estavam a fazer juntas no meio da tempestade? De que é que andavam à procura?

Willa ainda estava sentada, a fazer *scroll* no seu telemóvel.

– Podemos sair daqui agora? *Por favor?* – disse ela, sem olhar para cima.

– Está bem, está bem – respondeu Micah, nervoso e um pouco assustado. – Mas tens de me ajudar aqui com o Mr. Higgins.

Willa suspirou e acenou com a cabeça, e os dois amigos puseram o plano em ação, acordando Larry. Micah pôs os braços à volta dele e levantou-o, pondo-o de pé. Tinham uma grande e húmida caminhada pela frente.

Rachel Woolf

Desde o início daquela tarde que Rachel Woolf tinha estado a beber no Anchor Inn, o bar de mergulho, em Kismet, a vila ao lado de Salcombe. Quando viu Lauren e Jen a irem na sua direção para a confrontar, fugira sem destino, virando à direita em Lighthouse e pedalando durante quinze minutos até Kismet, pela estrada arenosa que liga as duas vilas.

Estava há muito tempo em Anchor Inn, sabe-se lá há quantas horas, e já era de noite, chovia e ela não sabia para onde ir ou a quem telefonar. Estava bêbeda. Não tinha guarda-chuva. O empregado do bar, um morador

intemporal de Fire Island, grisalho e com uma cara de marinheiro curtida, deitava-lhe continuamente olhares que diziam «desanda daqui». Mas Rachel não se mexia. Olhou para o telemóvel: 20h38. Nem mensagens, nem chamadas. Era a única pessoa no bar.

A porta abriu-se, e Rachel voltou-se nessa direção cheia de medo. Esperava que não fosse Lauren, ou Jen, ou Jason – tinha deixado cair uma bomba e não queria sofrer as consequências. Suspirou de alívio quando viu que era Robert, totalmente encharcado, ainda com o equipamento de ténis vestido. Ele viu imediatamente que ela estava ali e foi-se sentar num banco junto dela. O empregado do bar aproximou-se em silêncio e entregou-lhe um pano da louça para Robert enxugar a cara e o cabelo.

– *Whiskey* com gelo, por favor – disse Robert, devolvendo-lhe o pano.

– Cá está, o homem do momento – disse Rachel, dando-lhe uma palmadinha nas costas, intencionalmente de modo fraterno. – O que está a fazer em Kismet? A Lauren não atende o telemóvel? – Rachel sentia que as palavras lhe saíam arrastadas. Não queria ser desagradável para ele. Apenas estava naquele estado.

– Muito engraçada. Já lhe tinha dito que não existe nada entre nós – comentou Robert. Parecia nervoso, e a sua testa bronzada estava franzida. – Porque é que *está* aqui? Esteve aqui o dia todo?

Rachel achou que lhe podia contar. De qualquer modo, quem era ele no meio de todo aquele esquema? Ele não voltaria para o ano e, além disso, sentia-se muito, muito bêbeda.

– Lembra-se de lhe ter dito que sabia com quem a Jen andava a ter um caso? – Robert acenou com a cabeça, desconfiado. – Bem, era com o Jason. Isto é, o melhor amigo do Sam, o Jason. Dá para acreditar? Vi-os juntos na praia no começo do verão, e guardei esse segredo durante este tempo todo. O verão inteiro! Ainda não acredito que ela fez isso ao Sam. É o *Sam*.

Ela sentia que merecia ser congratulada por aquilo. Robert acenava com a cabeça, mas não dizia nada. Rachel continuava.

– Portanto, quando perdi o jogo contra a Jen, esta manhã... – Ela deixou a frase a meio, sabendo como o resto soaria.

– Quer dizer-me que, como estava muito chateada por ter perdido contra a Jen e a Lauren, foi contar ao Sam sobre a Jen e o Jason – disse Robert, soltando a seguir uma grande gargalhada. – Vocês são todos malucos – continuou, bebendo um longo gole da sua bebida. – Cambada de lunáticos. Todos.

Rachel olhou para as suas próprias mãos. Estavam iguais às da mãe. Como é que ficara tão velha, de repente? Fez um sinal ao empregado para lhe trazer outra *vodka* com água gaseificada, mas ele abanou a cabeça desgrenhada. Ele que se lixasse.

– Não me disse porque é que está aqui – disse Rachel. – Lá fora, sozinho, no meio da tempestade. É estranho, Robert, tenho de admitir.

– Oh, só estou à procura de uma pessoa, mais nada – respondeu.

Rachel pensou que se estivesse a referir a Lauren. Perguntava-se onde estariam Lauren e Jen. E Sam e Jason; já agora. Tinha medo de que Sam cometesse alguma loucura, andava tão imprevisível, ultimamente. O que é que ele poderia fazer a Jason? Robert bebeu o resto do *whiskey* de uma vez e pôs vinte dólares em cima da mesa.

– Vamos embora. Precisa de ir para casa, e eu também. Acha que se pode esconder dos seus amigos para sempre?

De facto, queria ficar escondida para sempre. Não fora ela a criar a confusão, mas tinha-a tornado maior. O que lhes aconteceria depois de o verão acabar? Salcombe voltaria a ser o mesmo para ela? Ficava com dores de barriga só de pensar em regressar a Nova Iorque. Ter de voltar para a sua vida solitária e triste.

Ela levantou-se do banco e os dois saíram para o meio do vendaval. Estava tanto vento e chuva que ela tinha dificuldades em pedalar – Robert ia à frente, por um passadiço estreito e mal-arranjado que desembocava na estrada de terra que ia dar a casa.

Rachel pedalava periclitante; andar de bicicleta bêbeda no meio de uma tempestade era uma tarefa difícil. Foi parar, por duas vezes, aos arbustos que contornavam o passeio, tendo uma das vezes arranhado a cara e pedido a Robert, aos gritos, para a ir ajudar. Não via um palmo à frente. Depois de quase trinta minutos de intensa luta, avistaram um candeeiro em West Walk, que marcava o início de Salcombe.

Robert continuou à frente dela, com o contorno das suas costas fortes visíveis através da *T-shirt*. Ela seguiu-o até Lighthouse. Em Marine, no passeio dela, ele parou. Ela também, e ele apontou-lhe o passeio à direita, dizendo-lhe adeus. Depois, arrancou novamente. Ela sabia que deveria ir direta para casa, mas ainda não estava preparada. O que é que estava a fazer? Esperou alguns segundos e depois foi atrás dele, passando por Broadway e continuando em direção a Neptune. Rachel passou pela casa dos Mulder e, logo depois, pela dos Braun. Fazia parte de alguns grupos nos quais recebera mensagens a felicitar Vicky e Janet pela vitória, incluindo algumas observações sarcásticas acerca das terríveis chamadas de linha de Jen. Rachel *quase* desejava não ter perdido a final. *Quase*. Porque sabia que ver Jen e Lauren a perder dar-lhe-ia muito gozo. Onde estariam Vicky e Janet a celebrar a vitória?

Robert parou em Neptune, mesmo à frente da casa de Susan Steinhagen. Saiu de cima da bicicleta e foi até à entrada lateral. Não tinha visto Rachel a segui-lo. Ela também saiu de cima da bicicleta, puxou o apoio (que não era de grande utilidade, tendo em conta os ventos fortes) e foi atrás dele. A casa de Susan tinha as luzes desligadas – estaria já a dormir? Com aquele temporal, só podia estar em casa.

– Robert! – chamou-o. Ele estava à porta, a abaná-la. – Robert, o que está a fazer? Porque está aqui? Porque está na casa da Susan?

Ele não a ouviu; o vento era ensurdecedor. Ela viu-o a pontapear a porta

violentamente, uma, duas vezes, com as sapatilhas de ténis contra a madeira húmida. Não aconteceu nada. Rachel estava chocada. Pela primeira vez, nessa noite, sentiu que estava em perigo. Naquele momento, passou uma figura numa bicicleta a cortar o vento – uma mulher mais velha, num fato de treino da Adidas, ia no passadiço em direção à baía, com aquilo que parecia ser um caderno no cesto. Susan. Devia ter saído pela porta da frente. Robert também a viu, e por isso passou por Rachel a correr, finalmente reparando nela com um semblante ameaçador.

– Robert, o que é que se passa? – gritou-lhe Rachel, mas ele já ia a pedalar por Neptune, atrás de Susan. Ela montou rapidamente na sua bicicleta, que miraculosamente, ainda estava de pé, e foi atrás dele.

Ele seguia mais ou menos cinquenta metros adiante. Não conseguia ver Susan à frente de Robert; ela desaparecia no nevoeiro. Não havia luzes em Neptune e a chuva não deixava ver quase nada. Rachel, bêbeda, a andar aos esses, tentando manter-se estável. O passadiço estava levantado mais de um metro em relação ao solo. Se se caísse no ângulo errado, o acidente seria grave.

Mantém-te direita, mantém-te direita, mantém-te direita, dizia Rachel a si mesma enquanto seguia Robert em direção à baía. Ela ia a meio caminho entre Lighthouse e Harbor a cruzar com Neptune, quando viu algo que a fez parar. Um par de homens e um par de mulheres, parados no que parecia ser um confronto.

Viu que Robert parou atrás deles, deixando de pedalar. Onde teria ido Susan? Ela ouviu gritar, mas por causa do vento, não conseguia perceber quem é que falava e o que é que dizia. Pedalou até mais perto, antes de parar, e pôde ver uma camisa cor de laranja clara. Sam. E uma figura alta perto dele. Jason. As outras duas figuras eram mais pequenas, com grandes capuzes enfiados na cabeça. «Jason!», ouviu alguém gritar. Era Lauren. Lauren e Jen.

Rachel estava bêbeda, era evidente, mas não bêbeda o suficiente para querer fazer parte do que estava a acontecer ali. Fez um círculo com a bicicleta e arrancou na direção do mar. Pedalar era difícil; o vento empurrava-a para a zona da confusão. Pôs-se em pé sobre os pedais, como fazia quando era criança, para conseguir dar um impulso. Pensou em como o pai a ensinara a equilibrar-se numa bicicleta de duas rodas nestes mesmos passadiços. Ele segurava-lhe a parte de trás da bicicleta e corria enquanto ela pedalava, pedalava, pedalava. «Estou a segurar-te!», gritara-lhe ele enquanto ela avançava e deixava-a ir quando ela derrapava. «Estou a segurar-te!»

Houve outra grande rajada de vento e ela sentiu uma pancada na cara – tinha sido atingida por um ramo que vinha a voar. Caiu disparada para o lado do passadiço, surpreendida e desequilibrada, tendo a bicicleta ficado a balançar na borda. Ouviu um grito alto ao longe. Depois, tombou de cabeça para a frente, a bicicleta caindo em cima dela com um baque.

PARTE V



Fim de semana
do Dia do Trabalhador

Lauren Parker

Lauren Parker estava cansadíssima. Há dois dias que andava a arrumar a casa, a deitar fora coisas que tinham acumulado durante o verão, a separar roupas, fatos de banho, chinelos e material de ténis, a dividir as coisas de Nova Iorque das coisas de Salcombe. Como habitualmente, Jason não colaborava. Graças a Deus que havia Silvia.

Ela odiava o Dia do Trabalhador. Odiava as arrumações e aquela sensação de fim de verão, de que a festa tinha terminado. Os miúdos começariam o ano letivo na Braeburn na semana seguinte, e partiriam da ilha já amanhã. Não estavam a planear ir passar fins de semana durante o outono. Terem ficado este tempo todo depois do acidente havia sido um milagre, e só o tinham feito por causa de Arlo e Amelie terem protestado bastante contra a ideia de perderem as atividades de fim de verão.

Lauren estava sentada na plateia para assistir ao Espetáculo do Dia do Trabalhador, uma exibição de talentos de crianças que acontecia na grande sala das traseiras do clube naval. Arlo e Amelie iriam participar – Arlo, com o seu amigo Rhenn, filho de Mollie Davidson, iria fazer um número de magia (que Lauren tinha encomendado na Amazon por cem dólares), e Amelie e Myrna Metzner iam cantar «Let It Go». Era uma tradição encantadora de Salcombe, mas nesse ano algo não estava bem. Lauren estava sentada numa cadeira de plástico, a mudar de posição desconfortavelmente, à espera de que Jason lhe trouxesse uma taça com Chardonnay gelado. Os monitores do acampamento tinham montado um pequeno palco para o espetáculo e pendurado uma cortina improvisada com dois barcos à vela. Os outros pais estavam espalhados pela audiência. Lisa e Emily estavam sentadas à frente, ao lado uma da outra e a combinarem vestidos confortáveis castanho-claros. Beth e Jeanette ocupavam lugares perto da porta; Beth vestia uma camisola preta com gola em V e calções de ganga, e Jeanette estava inapropriadamente trajada com uma camisola azul colada à pele que revelava um decote propício

aos homens repararem. Jessica Leavitt estava ausente daquele trio habitual. Os Leavitt tinham-se ido embora para Nova Iorque logo depois de Danny ter sido interrogado pela polícia, sem sequer deixarem a casa organizada. Lauren viria nessa tarde a ir por Broadway a transportar o carrinho para o *ferry*, com Danny e Rose atrás deles com ar aborrecido por perderem as últimas semanas do acampamento.

Jason sentou-se ao pé dela e entregou-lhe o Chardonnay com notas de madeira que trouxera do bar. Não iria sentir falta da seleção enfadonha de vinhos do clube naval, isso era garantido. Jason ficara com a pele ainda mais bronzeada nos últimos dias e cheirava a *aftershave*. Lauren lançou-lhe um olhar rápido e não sentiu repulsa. Progresso.

Lauren viu Jen e Sam entrarem pelas traseiras. Vinham de mãos dadas e Jen trazia o seu vestido sem mangas branco favorito e usava um batom vermelho expressivo, e Sam vestia uma camisa branca de linho. Formavam um par bonito. Lauren acenou-lhes e eles passaram por várias cadeiras até se sentarem à frente deles. Jason e Sam acenaram com a cabeça um para o outro cordialmente.

Jen alcançou Lauren e deu-lhe um pequeno toque no ombro enquanto as luzes piscavam, anunciando o início do espetáculo. Normalmente, começaria com uma música, o hino da vila, mas nesse dia tinha havido um ruído de interferência antes de Steve Pond, o comodoro do clube naval, se levantar e ir para o palco de microfone na mão. Jen virou-se para trás rapidamente franzindo os olhos a Lauren.

– Bem-vindos, bem-vindos – anunciou Steve, mostrando as capas dos dentes cor de pérola que, com as luzes do palco, pareciam néon. – Quero agradecer-vos por terem vindo. As crianças estão nos bastidores muito entusiasmadas por vos oferecerem o espetáculo desta noite. Têm trabalhado muito nas suas atuações adoráveis – afirmou. Alguém na plateia espirrou muito alto. – Ficamos sempre tristes por o verão acabar – continuou Steve, cuja voz parecia arranhada. Lauren pensou que alguém devia ir dar-lhe um copo de água. – Mas, este ano, foi particularmente agradável.

Lauren aguçou os ouvidos e pôs um sorriso estático na cara para o caso de alguém olhar para ela.

– Porque perdemos um dos nossos, alguém próximo que nos era querido e que tinha um papel importantíssimo na comunidade de Salcombe e na família do clube naval.

Lauren reparou que Rachel entrou pela porta lateral. Vestia calças de ganga, uma camisola branca com pregas e usava brincos compridos que Lauren achava que deviam ser baratos.

– Todos sentimos imensamente a falta da Susan – lamentou Steve. O microfone fez ainda mais interferência, levando muita gente do público a tapar os ouvidos. – Ela dedicou a sua vida a tornar a escola de ténis um sucesso sem precedentes em Salcombe, e estamos-lhe muito gratos por todo o seu empenho e o do seu falecido marido, Garry. Ficámos muito perturbados

com o falecimento da Susan. Ela era minha amiga íntima, e também da Mary, e ainda estamos em choque.

As pessoas acenaram com a cabeça. Lauren viu algumas das mulheres mais velhas do círculo de Susan limparem as lágrimas. Rachel foi até perto de Beth e Jeanette e sentou-se junto delas.

– Agora, gostaria de fazer uma interpretação especial da canção de Salcombe, em memória da Susan. Espero que a acompanhem o mais alto possível! São as crianças que a vão cantar. Aí vêm elas – anunciou Steve, gesticulando aos jovens monitores para trazerem os pequenitos.

Cerca de quarenta crianças, dos três aos doze anos, entraram no palco, vestidas com vários trajes. Lauren viu Arlo ao lado de Rhenn, com fatos e cartolas pretas e a usar luvas e lenços de mágicos. Amelie vinha de mãos dadas com Myrna, as duas a combinar com vestidos azuis do *Frozen*.

– Um, dois, três – gritou a monitora principal, Jessie Longeran, uma rapariga de dezasseis anos com uma madeixa cor-de-rosa no cabelo encaracolado ruivo.

– S-A-L-C-O-M-B-E é o lugar onde adoramos es-taaaar – cantaram todos em uníssono.

Lauren olhou para Jason, que estava a cantar. Juntamente com Sam. Este lugar estúpido.

– S-A-L-C-O-M-B-E, a estação terminou, e agora temos de abalar, arrumar as malas e suspirar, deixar a velha Salcombe com uma salva de palmas...

Aqui, toda a gente cantou em conjunto, a gritar, a berrar e a aplaudir. Lauren ficou de pé, mas não se juntou ao delírio.

A canção terminou com um sonoro «Voltaremos para o ano!»

Sentaram-se todos, prontos para o espetáculo começar. Lauren percebeu que precisava de ir buscar mais vinho. Passou pela fila onde estava e dirigiu-se à porta das traseiras que dava para a área do restaurante, a qual estava preenchida com algumas pessoas que chegaram atrasadas e que não tinham filhos nem paciência para ver um grupo de miúdos a cantarem desafinados. Através da porta, Lauren conseguia ver as atuações, por isso decidiu sentar-se até os nomes de Arlo e Amelie serem anunciados. O inferno era ver as atuações sem talento dos filhos dos outros. Micah Holt estava atrás do bar. Era o tipo de rapaz *gay* cheio de estilo de quem ela costumava ser amiga, e por isso sentia afeição por ele.

– Outro Chardonnay, por favor, Micah – pediu Lauren. Ele trouxe a garrafa e serviu-lhe a bebida numa taça larga. – Não deverias estar em Yale? – perguntou.

– Sim, já comecei. Só cá vim passar o fim de semana prolongado, ajudar os meus pais a arrumar a casa – disse ele, passando a mão pelo seu cabelo impressionante.

Lauren esperava que Arlo fosse tão educado e atencioso quanto Micah. Mas, até agora, saía a Jason: acordava de mau humor por muito *Minecraft* que

lhe fosse permitido jogar. Aguardava com ansiedade que os filhos entrassem na rotina da escola e que preenchessem os dias com outras coisas diferentes do mar, do ténis e do acampamento. Salcombe fritava-lhes o cérebro. As candidaturas às universidades não estavam assim *tão* longe, e o dinheiro não podia comprar tudo.

O drama da Braeburn parecia tão distante. Era-lhe difícil acreditar quão obcecada ficara com um escândalo que envolvia um diretor de escola trapaceiro. Que inocente que era. Agora, uma mulher tinha morrido! E ela estava envolvida! Mais ou menos. Tentava não pensar nisso. Mas era impossível, porque entrou Robert vestido de modo *sexy* com umas calças de ganga justas e uma camisola cinzento-clara. Ele reparou logo que Lauren estava no bar e ficou parado durante um segundo, mas depois dirigiu-se a ela. Foi apanhada. Não falava com ele desde aquela noite, e queria evitá-lo até sair da ilha definitivamente. Porém, não teve sorte.

Lauren endireitou-se e ajustou os seios. Usava um *top* branco simples e as suas calças de ganga Frame preferidas, largas na parte de baixo e com cintura subida. Robert sentou-se no banco ao lado do seu e colocou as pernas perto das dela, com os joelhos quase a tocarem-se.

– Então – disse ele, a confrontar os seus olhos azuis com os dela. – Como é que estás?

– Estou bem, obrigada – respondeu, tentando parecer descontraída. – Estamos a arrumar a casa para ir embora amanhã. E tu?

Ela acenou a Micah para ele vir receber o pedido de Robert. Ele hesitou, estranhamente, com uma ligeira expressão de desagrado. Porque é que Micah não gostava de Robert?

– Viva, Robert, quer uma *pilsner*? – acabou por perguntar.

Robert acenou que sim amavelmente.

Micah trouxe-a e a seguir desapareceu.

– Estou bem – respondeu Robert, dando um gole na cerveja. – Vou ficar até ao início da próxima semana e depois vou para Nova Iorque. Arrendei um apartamento em Chelsea, entre a Twenty-First e a Seventh Avenue. Começo o meu novo trabalho para a semana.

Lauren estava surpreendida pelas notícias, mas tentou não o mostrar.

– Oh, ótimo para ti. O que é que vais fazer?

– Vou trabalhar com o Larry Higgins, aprender como é o negócio dele e ajudá-lo no que puder.

– Parece-me excelente – comentou. Ela pôs os joelhos mais próximos dos dele, para que estivessem totalmente em contacto. Cheirava tão bem.

– Se precisares de aulas durante o inverno, é só dizeres – disse ele. A sua mão encostou-se ao braço dela ao pegar na garrafa de cerveja.

Lauren sentiu o corpo quente ao seu toque.

– Estarei ocupado durante a semana, mas arranjo tempo ao fim de semana para bater umas bolas contigo.

Ela acenou com a cabeça.

Lauren sentiu uma mão nas costas e quando se virou para trás, viu que Brian Metzner estava atrás. Não tinha a certeza, mas achava que talvez pudesse ter visto as pernas deles juntas. Num instante, desviou-se para o lado.

– Olá aos dois – cumprimentou Brian. Tinha ganhado peso durante o verão, e estava quase a vibrar com nervosismo. – Estou a ver que também quiseram fugir da gritaria.

– Eu vou para lá quando for a vez da Myrna e da Amelie; acho que o Arlo e o Rhenn são a seguir – disse Lauren, desejando que ele se fosse embora.

Robert não disse nada e Brian não percebeu a dica. Micah entregou-lhe uma *vodka* com gelo.

– Ainda não consigo lidar com o que aconteceu à Susan – disse Brian, quebrando o silêncio.

Lauren e Robert olharam ao mesmo tempo para baixo na direção do bar.

– Nunca teria vendido essa ação. Pensava que aquela mulher ia viver para sempre. Mesmo com cem anos, gritaria connosco nos *courts* de ténis – disse ele.

Lauren acenou com a cabeça simpaticamente. A vantagem de Brian é que ele era tão autocentrado que nunca repararia que alguém estava a fingir.

– Que raio é que ela estava a fazer fora de casa? – indagou Brian. – Sabia bem que não deveria andar de bicicleta no meio daquela tempestade; vivia cá há quarenta anos. Ouvi dizer que os polícias não investigaram praticamente nada. Uns sujeitos do condado de Suffolk. Falaram com o Danny Leavitt e os Cahull, que a encontraram, mas mais nada. – Brian bebeu a *vodka*. – Só espero que não afete o negócio imobiliário – continuou. – Uma morte misteriosa, accidental ou não, é um grande pretexto de venda para os agentes imobiliários. Nunca se deveria ter levantado tanto os passadiços nesta vila.

– É realmente uma pena. Adorava trabalhar com ela nos *courts* – comentou Robert, levantando-se do banco e deixando a cerveja a meio no bar. – Bom, vou andando. Vou sentar-me no sofá a ver televisão. Brian, Lauren, divirtam-se com o resto do espetáculo. – E saiu, deixando Lauren e Brian num silêncio constrangedor.

Lauren não sabia o que dizer mais. Não compreendia como é que estava naquela situação. Era uma mãe honesta que morava no Upper East Side e que não desafiava a lei. Era a representante dos pais de uma turma na escola de Braeburn! Lembrou-se daquela noite, do caos, da confusão. Nem sequer sabia exatamente o que teria acontecido para Susan lá estar, ou porque é que lá estava.

Eis o que sabia: ela e Jen tinham seguido Jason e Sam até Neptune depois de os terem visto no parque infantil. Elas alcançaram-nos logo acima de Harbour. Sam estava a gritar com Jason, acenando-lhe uma faca de um modo ameaçador, quase cómico. Ambos estavam encharcados. Lauren compreendia a raiva de Sam – Jason tinha traído Sam da maneira mais

dolorosa possível. As ações de Jen também podiam ser explicadas. Jen estava aborrecida e infeliz, emoções com as quais se sentia identificada. Mas Jason, ui, que *merda* é que o levou a fazer aquilo? De repente, começara a ficar muito alterada. Ela também tinha um caso, evidentemente, mas não era no círculo dos seus amigos! O que Jason fizera era imperdoável. Como é que poderiam voltar novamente a Salcombe se alguém descobrisse? Jason era um safado egoísta. Ela sentira qualquer coisa a vir ao de cima, o mesmo que tinha sentido quando discutira com Beth Ledbetter. Raiva.

– Jason! – berrara. Os dois homens viraram-se na sua direção. Lauren correrá até ao marido numa fúria cega e depois empurrará-o com todas as suas forças, apertando os abdominais tonificados pelo Pilates. Ele tropeçara para trás, apanhado de surpresa pela sua mulher de cinquenta quilos. Naquele momento desafortunado, surgira uma bicicleta desvairada no local, com a qual Jason colidira, amortecendo-lhe a queda e lançando o ciclista para fora do passadiço, para o solo duro e molhado que estava um metro abaixo. Lauren ouvira algo estalar quando chegou ao chão. Jen dera um grito.

Lauren correrá até à borda do passeio e vira uma mulher idosa deitada num ângulo improvável, com a bicicleta em cima dela. Não se mexia. Sam fora o primeiro a ir para junto de Lauren; ela sentira o calor do seu corpo perto do dela, a sua respiração ofegante.

– É a Susan Steinhagen – dissera ele. – É o fato de treino dela.

Lauren não conseguia olhar. Não era capaz. Então, olhara para cima do passeio e vira, a cerca de sete metros a norte, um homem parado em cima de uma bicicleta, com os pés no chão e imóvel como uma pedra. Robert. O que estava ele a fazer naquele local? Um segundo depois, ele rodara a bicicleta no sentido oposto e começara a pedalar na direção de Lighthouse. Depois, perdera-o de vista e achara que mais ninguém o tinha visto ali.

– Temos de sair daqui – dissera Jen, puxando a manga do impermeável de Lauren.

– Acho que ela está morta – dissera Jason.

Sam descera até ao local onde ela estava e tomou-lhe o pulso, com cuidado para não tocar na bicicleta.

– Nada – dissera ele baixinho, saltando de volta para o passadiço.

– Vamos separar-nos e encontramos-nos em nossa casa – dissera Jen, com firmeza. Lauren imaginou que seria este o tom que ela usava quando falava com os seus pacientes que faziam terapia. – Isto não se pode descobrir. Ficaríamos arruinados. A vida dos nossos filhos ficaria arruinada. Vamos pelos caminhos mais escuros. Sam, vais por West, Jason, vais por Surf, Lauren, vais por Atlantic e eu vou por Netpune. Não podemos chegar perto de Broadway porque tem candeeiros. Andem rápido, mas não corram e mantenham-se na sombra. Não andarás ninguém pelas ruas, mas não queremos que nos vejam das janelas. Se alguém perguntar, a história que vamos contar é que estávamos todos em família a ver um filme na nossa casa. As únicas pessoas que sabem que não é verdade são a Luana e a Silvia, mas elas não vão

dizer nada. Isto nunca aconteceu. Foi um acidente horrível.

Jason e Sam tinham assentido com a cabeça.

– Jason, não há mais nada entre nós – afirmara Jen. Lauren percebera que Jason estremecera. – Sam, eu amo-te. Vejo-te em casa – concluíra.

A seguir, virara-se e começara a andar, deixando Lauren, Sam e Jason hesitantes. Encontraram-se todos em sua casa, conforme tinham sido instruídos. Vestiram roupas secas e viram o final do *Toy Story 2* com os filhos.

No dia seguinte, Lauren escondera-se atrás de batom e óculos de sol, pensando constantemente que a polícia bateria à porta da sua casa de praia de 2,3 milhões de dólares para a prender. Mas ninguém aparecera. Nem no dia a seguir. A vila estava consternada com a notícia trágica da morte de Susan. Os *courts* de ténis estavam com um ambiente estranho, como se ninguém devesse estar a jogar (estavam todos a jogar). Havia rumores de que era depressão; ela ainda estava tão devastada pela morte de Garry que fez a bicicleta cair do passeio de propósito. Por que outro motivo andaria no meio de uma tempestade? Os seus amigos tinham-lhe feito uma homenagem improvisada; numa das noites, alguns deles tinham-se juntado para fazer um percurso com velas acesas entre os *courts* de ténis e o cais dos *ferries*. Lauren tinha um interesse macabro em participar, mas Jason, inteligentemente, desincentivara-a.

– Não é para as pessoas da nossa idade. Pareceria estranho – dissera ele.

– Como aqueles assassinos que vão ao local do crime.

Lauren não era uma assassina, de todo! Mas reconhecera que Jason tinha razão. A relação deles tornara-se menos fria. Há anos que não se mostrava tão interessado como agora, perguntava-lhe como ela tinha passado o dia e fazia perguntas sobre os preparativos para o começo das aulas dos filhos. Lauren não sabia se era porque agora tinha a certeza de que não ia voltar para Jen, ou se era por estarem unidos por uma morte accidental. Ou se era por ter ficado assustado com a sua raiva. De qualquer modo, era bom não ser completamente ignorada. E havia qualquer coisa de excitante em partilharem um segredo daquela dimensão. Já tinham feito sexo duas vezes nessa semana e isso já não acontecia há anos.

– Apresentamos-vos Amelie Parker e Myrna Metzner! – Lauren ouviu o apresentador anunciar ao microfone. Despediu-se de Brian e voltou para o salão, sentando-se junto de Jason. As meninas, adoráveis, entraram em palco e cantaram uma versão extraordinariamente estridente da «Let It Go». Amelie andava à volta de Myrna enquanto esta se sentava, cansada. Todo o público riu e aplaudiu quando terminou.

Jason pousou a sua mão suave e fria na de Lauren. Parecia a mão de um estranho. Ela não tinha mencionado a nenhum deles que tinha visto Robert no local onde Susan morrera; nunca mencionaria. Com que propósito?

Decidiu então que não se encontraria com Robert em Nova Iorque. O que sentira nessa noite fora uma reação do corpo, não da mente. Lauren Parker era muito prática. Nesse verão, comportara-se de maneira inabitual,

mas agora pretendia regressar ao seu verdadeiro eu. O sexo com Robert era bom, mas gostava mais da vida que tinha. De qualquer forma, estaria entretida com as suas amigas mães e as aulas de SoulCycle. Também tinha decidido renovar a cozinha – há muito tempo que precisava de ser remodelada e esse era um projeto ao qual se poderia dedicar.

Arlo e Rhenn entraram em palco a acenar a todos, e Arlo puxou um lenço comprido da manga.

– São tão queridos – disse Jen num suspiro para o ombro de Lauren.

Lauren questionava-se se ela e Jen permaneceriam tão próximas quanto haviam estado no último mês. Comparativamente, as suas outras amizades não eram tão fortes. Talvez precisasse de cometer um assassinio com elas, também. Estes pensamentos retorcidos fizeram-na dar um risinho.

Viu Rachel levantar-se de uma fila mais à frente e encaminhar-se para a porta lateral. Também não tinha falado com ela desde aquele dia. Não sabia para onde é que tinha ido quando fugira dela e de Jen, nem queria saber. Todos mantinham a distância. Rachel podia fazer o que quisesse com as suas ações que ela não se importava. Depois do que fizera, era bem-feito que não tivesse amigos. Porquê estragar propositadamente o casamento de outras pessoas?

Rachel vinha a coxear? Lauren reparou que, quando abriu a porta, favoreceu claramente o pé direito em detrimento do outro. Agora que pensava nisso, não a vira nos *courts* de ténis nas últimas semanas; não que fosse jogar com ela. Ter-se-ia magoado como? Provavelmente, tropeçara enquanto ia sozinha bêbeda a caminho de casa. Mas, enfim. Para ela, Rachel tinha morrido. Acabaram as conversas de apoio em que ela lhe dizia que acabaria por encontrar um marido. Acabaram os convites misericordiosos. Daí em diante, que se juntasse a Beth e a Jeanette e às outras rejeitadas de Salcombe.

– É tudo uma ilusão! – gritou Arlo.

Rhenn atirou um baralho de cartas ao ar, espalhando-as pelo palco. Lauren apertou a mão de Jason e sorriu-lhe. Mais um verão de Salcombe que ficava para a história. Era hora de ir para casa.

Lisa Metzner e Emily Grobel

Lisa Metzner e Emily Grobel estavam em sintonia. Tinham-se conhecido na biblioteca da vila, durante um curso de artes e trabalhos manuais para crianças que ainda não tinham idade para passar o dia no acampamento. Emily e Paul tinham acabado de construir a sua nova casa nesse ano, e Lisa e Brian haviam comprado a deles nesse inverno, por sugestão de um amigo de Brian da área financeira, Matt Hanon, que ia passar férias a Salcombe desde sempre.

Nenhuma delas sabia no que se ia meter e, à chegada, sentiram-se logo assoberbadas pela dinâmica da vila. Ficaram amigas nesse dia por causa da dificuldade que estavam a sentir para fazer a reserva de um *court* de ténis. O sistema era complicado e envolvia pequenas etiquetas redondas, referidas como «fichas», com o apelido dos membros impresso. Todos os finais de dia, às 19h00, a comunidade ia ao clube naval fazer a inscrição para usar os *courts* no dia seguinte. Este processo era organizado por uma mulher intimidante chamada Susan Steinhagen, e consistia em colocar a ficha da família dentro de um boião e, como se fosse no bingo, esperar que Susan a tirasse e gritasse o apelido. (Mesmo a última pessoa a ser chamada conseguia um *court*, mas aí teria de jogar ao meio-dia, à hora de maior calor. Porém, tempos de desespero exigiam jogos de ténis escaldantes.)

Nesse dia, Lisa e Emily combinaram juntarem-se na tentativa de compreender aquele circuito, aliviadas por terem encontrado outra mulher que a) não era residente habitual de Salcombe; b) tinha um estilo admirável. Tornaram-se o par inseparável de todos os verões, de tal modo que as pessoas começaram a brincar dizendo que não sabiam quem era uma e quem era a outra, embora Emily fosse loura e Lisa morena. Tinham um gosto semelhante no modo de vestir e muitas vezes andavam com variações diferentes da mesma combinação de roupas – vestidos extralargos que acentuavam os seus perfis magros, calças de linho confortáveis com *tops* de seda –, o que lhes proporcionava a sensação de conforto de melhores amigas da escola primária.

Juntaram-se a Lauren Parker e a Rachel Woolf pouco tempo depois, felizes por terem um pequeno grupo para conviver, ir à praia e bisbilhotar sobre a vida dos outros.

Nesse preciso momento estavam a bisbilhotar, no bonito terraço nas traseiras da casa de Emily, a beber *Negronis* na última noite do verão. Os miúdos já tinham ido dormir depois de um dia cheio com o Espetáculo do Dia do Trabalhador, e Lisa tinha ido lá ter, pedalando no meio da escuridão enquanto desfrutava do ar fresco. Estava preocupada com o fundo de Brian. Tinha a sensação de que ele não lhe estava a contar tudo.

– Reparaste na Rachel? – perguntou Emily, que era a mais boazinha das duas; Lisa não era má, mas podia ser direta de uma forma desarmante. – Desde que perdemos o torneio de pares que nunca mais a tinha visto. Será que está doente?

– Não sei – respondeu Lisa. – Falei com ela quando a Susan morreu, mas de facto desde essa altura que não sei mais nada dela. Se calhar esteve uns tempos fora da ilha, foi a um casamento, ou assim.

– Mas esta noite esteve sentada ao pé da Beth e da Jeanette, o que é estranho – acrescentou Emily. – Será que está envergonhada por causa do ténis? Ouve, eu também queria ganhar, mas elas derrotaram-nos! Acontece. E jogaram bem.

– Falando da Jen e da Lauren, já reparaste como elas têm andado próximas? Nunca pensei que fossem *realmente* amigas – comentou Lisa.

– Sabe-se lá o que se passa entre elas – disse Emily. – Pelo menos o Sam parece estar melhor. Vi-o de mãos dadas com a Jen.

Paul aproximou-se devagar no terraço segurando um copo de vinho. Lisa nunca entendera a relação de Emily e Paul – ele sempre lhe parecera um pouco gabarolas e Emily era tão adorável. Mas nunca se conhece a dinâmica dos casamentos dos outros, supôs Lisa.

– Querido, arranjas-nos uns queijos e umas frutas? – perguntou Emily, sorrindo-lhe.

Vinha vestido com um *hoodie* Yeezy Gap, que Lisa sabia ter esgotado imediatamente. Ele acenou com a cabeça obedientemente e foi para dentro preparar-lhes os acepipes. A lua ia alta e a baía Great South estava calma e escura. Elas estavam sentadas tranquilamente, agora sem falar, a ouvir o canto dos grilos. O barco a motor de Paul, a que ele dera o nome de *Depth* – uma junção das primeiras letras dos nomes da sua família (**D**ash, **E**mily, **P**aul, **H**ayden), mas também por achar que era profundo – estava a bater suavemente na sua doca privada.

– Durante o inverno, tento não me esquecer de quão especial é este lugar – disse Lisa. Sentia-se nervosa. Talvez precisasse de aumentar um pouco a dose de cogumelos nessa noite. – A outro grande verão – afirmou, segurando o *Negroni* vermelho-alaranjado para brindar com Emily.

– Ainda bem que nos temos uma à outra – comentou Emily, piscando-lhe o olho. – Todos os outros são malucos.

Rachel Woolf

Rachel Woolf não aguentava o tornozelo esquerdo. Estava inchado, ferido e feio, e tinha dificuldade em pousar o pé no chão. Não havia ido ao médico por razões óbvias, mas tinha a certeza de que estava torcido, o que era altamente inconveniente, para não dizer embaraçoso. Nada pior do que uma senhora andar a cambalear e coxear, revelando a sua idade. Nas últimas duas semanas, estivera fechada em casa, a trabalhar e a ver Netflix, furtando-se a toda a gente. De certeza que algumas pessoas nem repararam. Após dois dias a recusar jogos de ténis por mensagem, dizendo que estava com uma dor no ombro, deixara de receber convites. Era o fim do verão, havia todo o tipo de eventos a acontecer – festas, encontros para beber um copo, jantares. Mas ninguém pensava incluí-la.

Sentia-se tão rejeitada. Nunca deveria ter contado nada a Sam sobre Jen e Jason. Pensava nisso constantemente, sentindo a dor física contínua do arrependimento. Raios. Raios, raios, raios. Ficara *tão* chateada por Jen lhe ter ganhado, que a única coisa que tinha à sua disposição era aquela arma. Agora estava sem amigos. Tinha sido tão idiota.

A pior parte é que ambos os casais pareciam estar melhor do que nunca. Tinha-os visto todos amiguinhos no Espetáculo do Dia do Trabalhador, esfregando-lhe a sua felicidade na cara. Não ficara até ao final do evento – o espetáculo tinha-a deixado enjoada – e saíra sem dizer nada, tentando esconder o coxeio o melhor que conseguia.

Estava agora em casa, a tomar um copo de Cabernet no alpendre envidraçado. A sua casa andava muito vazia nos últimos tempos, e isso fazia-a sentir saudades da família. Dever-se-ia mudar para mais perto das irmãs? Nada a prendia a Nova Iorque; e podia trabalhar remotamente a partir de qualquer lugar. Já tinha conhecido todos os homens disponíveis na cidade e não ficara com nenhum.

Uma brisa fria entrou pela janela aberta. O outono estava a chegar.

Embrulhou-se na manta de caxemira. Se ao menos tivesse alguém a quem se aconchegar nas noites frias. Partiria no dia seguinte para Nova Iorque, e regressaria a Salcombe em alguns fins de semana de setembro e outubro, já não regressando depois do Halloween. Ela tinha uma vaga inquietação acerca de, bem, acerca de tudo. Sentia falta de momentos importantes que apenas Jason, Sam, Jen, Lauren e Robert poderiam preencher. (Robert sabia que ela tinha lá estado, mas os outros não, e ela pretendia que se mantivesse assim.) E agora não falava com nenhum deles.

Olhou para o telemóvel. Sem mensagens. Nada. Talvez devesse entrar em contacto com Lauren. Ela tinha razões para estar zangada com Rachel – passara todo o verão a esconder-lhe que Jason a andava a trair. Estava tão preocupada com Sam que nem lhe passara pela cabeça contar a Lauren. Mas deveria ser ela a contar? Procurou o contacto de Lauren para começar a escrever:

Olá!

O ponto de exclamação era demasiado animado. Começou de novo.

Olá, Lauren. Espero que estejas bem.

Não, demasiado formal. Parecia um *e-mail* de trabalho.

Viva, espero que estejas bem. Desculpa o que aconteceu. Devia ter-te contado, mas não sabia como. Espero que me perdoes. Gostava muito de me encontrar contigo na cidade, no outono.

Carregou em «enviar» antes de se arrepender.

Começou a pensar naquela noite. Poderia alguma vez saber o que, de facto, acontecera? Depois de ter caído do passadiço, ficara sem se mexer uns segundos, a tentar perceber onde se tinha magoado e a querer passar despercebida. Passado um pouco, tirara a bicicleta de cima dela e tentara levantar-se, sentindo uma dor terrível no tornozelo. Logo depois, dois braços fortes tinham-na levantado para cima do passadiço. Era Robert. A seguir, ele saltara para o solo e tirara a bicicleta dos arbustos, voltando para cima do passadiço com ela.

– O que é que faz aqui? Está bem? – perguntara-lhe Robert.

– É só o meu tornozelo. Acho que está torcido.

– OK, vamos para casa. Eu vou com a Rachel e depois regresso para lhe vir buscar a bicicleta.

Rachel ficara desconfiada – ainda não sabia porque é que ele estava à procura de Susan, ou onde é que ela estava. Mas não tinha alternativa, não conseguia andar convenientemente porque os passadiços estavam muito escorregadios.

Caminharam depois em silêncio, com Robert a apoiar firmemente o braço na sua cintura enquanto ela ia andando com cuidado. Noutra situação, teria ficado entusiasmadíssima com o seu toque, mas nada parecia estar bem naquela noite. Só quando chegaram perto de sua casa, em Marine, é que ela dissera:

– O que é que aconteceu? Quem é que gritou?

– Não sei – respondera ele. – Não consegui ver.

Rachel recordara-se do início do verão, quando ela e Lauren tinham encontrado Robert no *ferry*, e há umas horas, quando tinham tomado as suas bebidas no bar. Parece que fora há uma eternidade.

– Porque é que foi a casa da Susan? – perguntara ela.

Robert não respondera. Estavam a aproximar-se da casa de Rachel. As luzes estavam desligadas. Robert conseguira ajudá-la a entrar no alpendre ao pé-coxinho. Ela sentara-se no sofá branco, demasiado cansada para se importar em molhá-lo e enchê-lo com lama.

Estava agora sentada nesse mesmo sofá. Tinha-o lavado várias vezes com um produto limpeza de tecidos, mas ainda conservava os vestígios de manchas castanhas onde tinha dormido naquela noite. Acordara com a bicicleta no sítio habitual, à entrada de casa, como se nada tivesse acontecido. A ressaca, o tornozelo e a ferida na cara eram apenas recordações.

Rachel não sabia o que esperar no dia a seguir, mas tinha a sensação desagradável de que as notícias não seriam boas. Teria Jason ou Sam feito mal a Lauren ou Jen? Ter-se-ia alguém magoado? Às 8h00, ouvira a sirene de emergência, um som muito alto e desconcertante que reverberava por toda a vila. Era o *Bat-Signal* de Salcombe que alertava os bombeiros e os profissionais de emergência médica para se apressarem e se dirigirem ao quartel: alguém precisava de socorro. A sirene era ativada quando alguém tinha um acidente ou um ataque cardíaco, ou quando uma criança caía da bicicleta e partia o braço. Soava durante um minuto, deixando os corações das pessoas em sobressalto com medo de que fosse o filho, marido ou amigo que precisasse de ser levado para o hospital mais próximo, em Long Island.

Rachel estava naquele momento sentada no alpendre a ver os voluntários populares passarem de bicicleta, fitando os obstáculos provocados pela tempestade – folhas, pequenos ramos, um sapato perdido e brinquedos de praia que alguém tinha deixado em algum terraço. Brian Metzner, Theo Burch, Jerry Braun e Seth Laurell iam a caminho do quartel dos bombeiros, em Broadway, à espera de instruções. Não inspiravam confiança. Ela não sabia o que fazer com os seus ferimentos, a não ser pôr gelo no tornozelo e esperar. Fazia ansiosamente *scroll* no telemóvel, resistindo a enviar uma mensagem a alguém. Tinha lido um artigo sobre a tempestade horrível da

noite anterior – com o nome de *microburst* – que trouxera chuvas e ventos fortes que haviam chegado a oitenta quilómetros por hora. Sabia que alguém ia entrar em contacto com ela; nada nesta vila permanecia um mistério durante muito tempo. Às 8h30, o telemóvel tocara. Lisa Metzner. Rachel, com as mãos a tremer, atendera.

– Soubeste o que aconteceu?

– Não. O que foi? – perguntara, tentando parecer o mais normal possível.

– A Susan Steinhagen morreu.

– *Morreu?* Oh, meu Deus. Como? – Rachel quase deixara cair o telemóvel.

– Ontem à noite, caiu da bicicleta para fora do passadiço e partiu o pescoço. O Brian está agora com a ambulância. Foi o Danny Leavitt que a encontrou.

– Que horror. Que coisa de doidos! Coitada da Susan.

– É muito bizarro. Quer dizer, por que raio andava ela de bicicleta no meio da tempestade? Enlouqueceu?

– É muito estranho. Presumo que eles venham falar com as pessoas da vila para saber se viram alguma coisa – dissera Rachel, cautelosamente.

– Não sei – comentara Lisa. – Por enquanto, são só os nossos homens que estão a tratar do assunto, mas de certeza que a polícia do condado de Suffolk chegará em breve.

Sentira uma dor lancinante no tornozelo. Não podia deixar que ninguém a visse assim, cheia de ferimentos.

– É muito triste – continuara Lisa. – Eu gostava da Susan, embora fosse dura. E morrer na noite do torneio de pares femininos! Era o ponto alto do verão. Alguém precisa de contar ao Robert. Será que a Lauren já o fez? Ah.

Rachel percebera a piada e rira-se, mas a sua cabeça estava a mil. Será que a polícia ia fazer-lhe perguntas? Se assim fosse, falar-lhe-ia de Robert? Deveria avisar Sam?

Mas nada daquilo acontecera. Desligara o telemóvel e apenas ficara... sentada. Durante dias. Ninguém fora falar com ela, nem a polícia, nem Robert, nem ninguém. Nessa noite havia sido a primeira vez em que se tinha aventurado. Achou que seria ainda mais estranho se *não* aparecesse no Espetáculo do Dia do Trabalhador. Sentara-se ao lado de Beth Ledbetter e Jeanette Oberman e conversara de forma cortês sobre os planos para o outono. O discurso de Steve Pond de homenagem a Susan fora um grande soco no estômago. Tinha-se sentido enjoada quando ele mencionara que ela era uma pessoa maravilhosa.

– É uma pena – dissera-lhe Beth ao ouvido durante a canção s-a-l-c-o-m-b-e. – Ouvi dizer que depois da morte do Garry, andava desanimada. Se calhar foi para o meio da tempestade com o objetivo de cair – comentara Beth, com uma satisfação diabólica.

Rachel aproveitara a deixa. Qualquer coisa que pudesse desviar a culpa e

confundir a história. Agora era a sua oportunidade.

– Ainda não tinha dito a ninguém, mas quando estávamos a trabalhar na preparação dos torneios, ela comentou que se andava a sentir deprimida ultimamente. Como se tudo tivesse deixado de fazer sentido – Rachel inclinara-se para mais perto para atribuir ênfase, baixando a voz –, como se achasse que não valia a pena viver. Ter caído da bicicleta para fora do passadiço não é necessariamente pôr uma corda ao pescoço, mas se calhar foi propositadamente imprudente.

Beth recebera esta informação como se fosse um presente precioso, com os lábios a transformarem-se lentamente num sorriso.

– Oh, que interessante – dissera ela. A canção estava quase a chegar ao refrão: «deixar a velha Salcombe com uma salva de palmas». Todas as pessoas à sua volta estavam entusiasmadas, mas Beth e Rachel permaneceram quietas.

A canção terminara com um remate: «Voltaremos para o ano!»

– A Susan, não – dissera Beth.

Rachel fizera-lhe um meio sorriso.

Horas depois, Rachel, sozinha, embrulhada no cobertor, pensava em como desejava que aquilo que dissera a Beth tivesse sido suficiente para eliminar qualquer suspeita. Queria que tudo voltasse ao normal. Não queria saber como é que Susan tinha morrido. O que é que isso interessava? Também não queria saber por que motivo Robert andara à procura dela. Devia ter tido as suas razões. Susan andava sempre a espiar tudo e só arranjava confusões; provavelmente estava a pedi-las.

Mas Rachel tinha receio de que fosse demasiado tarde para voltar aos velhos tempos. Todos tinham mudado irreparavelmente. Queria tanto que o pai estivesse vivo. Precisava de um homem que a amasse. Deveria mesmo mudar-se para a Costa Oeste. Mas... e Fire Island? Conseguiria deixar aquele lugar para sempre?

O telemóvel vibrou. Talvez fosse Lauren a responder-lhe. Apareceu o nome de Sam. Susteve a respiração e abriu a mensagem.

Viva. Estou a caminho. Precisamos de falar.

Levantou-se em pânico e coxeou até à casa de banho para pôr maquilhagem. Rapidamente aplicou *blush*, rímel e brilho nos lábios. Parecia velha. Tinha rugas na testa e olheiras.

Voltou para o sofá e tentou acalmar-se. O que é que Sam queria? Ele não sabia que ela o tinha visto naquela noite. Talvez tivesse saudades dela? Ou viesse agradecer-lhe por lhe ter contado acerca de Jen?

Uns minutos depois, Sam apareceu, bateu levemente à porta e entrou. Parecia cansado, mais andrajoso do que o habitual, com umas calças de ganga gastas, uma camisa azul-clara, os óculos empoleirados no nariz e a cara tão

bronzeadas que parecia pintadas. Mesmo com todo o ambiente estranho daquele verão – como ele a ser invulgarmente cruel, as ameaças –, ela ainda estava apaixonada por ele. Quão patético era isso?

Sentou-se ao seu lado, fazendo flutuar o seu cheiro característico de Salcombe, um misto de colónia com inseticida.

– Como é que estás? Já não te vejo há algum tempo – disse ele.

– Estou bem. Sem novidades. Fui hoje à festa do Dia do Trabalhador. Os miúdos estavam tão giros – respondeu. De seguida, houve um silêncio estranho. – Queres uma bebida?

– Claro – disse ele. Já depois de se ter levantado, lembrou-se de que Sam ia reparar que ela estava a coxear. Ele reparava em tudo. Fez os possíveis e impossíveis para caminhar normalmente em direção à cozinha. Deitou *vodka* com água gaseificada num grande copo para ele e voltou a encher o dela com Cabernet. Regressou, rangendo os dentes, sentou-se no sofá e deu um grande gole. O tornozelo estava a latejar com o peso que lhe apoiara em cima. Sam não dizia nada e ela não aguentou.

– Que se passa? Porque é que estás aqui?

– Vim porque tinha saudades tuas, Rachel. És minha amiga há muito tempo e sei que posso confiar em ti.

– Obrigada.

– Embora me tenhas estragado completamente o verão.

Rachel olhou para o seu copo, evitando a cara dele.

– Sabias que era o Jason... o Jason!... e não mo disseste. Fizeste um joguinho só para teres a minha atenção. É um bocado doentio, se se pensar bem nisso.

– Eu não sabia o que fazer – disse Rachel. – Acabaria por te dizer quem era.

– Sim, como vingança de um estúpido jogo de ténis. Muito bem. Muito adulto. Como sempre.

Os olhos de Rachel encheram-se de lágrimas, sendo difícil escondê-las. Viera cá para a torturar?

– Parece estar tudo bem – atirou-lhe Rachel, por fim. – Vi-vos esta noite de mão dada. E a Lauren e o Jason também pareceram felizes. Por isso, acabou por ficar tudo bem, menos para mim. Como de costume, já agora.

– Oh, deixa de ter pena de ti própria – disse Sam. – Sempre fizeste questão de chafurdar na merda dos outros. Sempre foste assim.

Rachel estremeceu.

– Está bem, então. Ou me dizes porque estás aqui, ou põe-te a andar daqui para fora.

A cara de Sam descomprimiu. Parecia o antigo Sam. O bom e velho Sam.

– Primeiro, queria dizer-te que vou voltar ao trabalho. A história daquela mulher era uma treta. O meu sócio-gerente, que estava por detrás de tudo, obrigou-a a mentir. Recomeço em setembro, vai voltar tudo à normalidade.

Foste a única pessoa com quem pude falar sobre isto durante todo o verão e agradeço-te muito por isso – disse Sam, pegando-lhe na mão e dando-lhe uma palmadinha leve. – Acho que nem sempre se pode confiar nas mulheres. Ou nos homens – concluiu, rindo-se.

– Isso é bom. Fico feliz por ti.

– Mais uma coisa: tu, que falas com toda a gente na vila, queria saber se sabes o que aconteceu à Susan. Sabes como ela morreu?

– Porque é que te interessa? – perguntou ela, sabendo o motivo do seu interesse.

Ele foi para mais perto dela no sofá, continuando a segurar-lhe a mão. Rachel não sabia bem o que revelar. Deveria contar-lhe que o tinha visto? Deveria contar-lhe acerca de Robert?

Num impulso, ela levantou-se, puxou-o e levou-o para o quarto. Na última vez que lá tinham estado juntos, Susan Steinhagen apanhara-os. Agora Susan estava morta. Rachel sentou-se na cama e Sam também, ao seu lado. Ele aproximou-se e tirou-lhe a camisola, empurrando-a para trás, deixando-a com as pernas inclinadas para o lado. Caíram-lhe os óculos quando se dobrou sobre ela e, como fazia quando eram novos, chupou-lhe os mamilos até ela ter um orgasmo. A seguir, com ela contorcida na cama, despiu-se e fez-lhe descer as calças de ganga Gap. Depois, levantou-a, virou-a e penetrou-a por detrás, dando-lhe umas palmadas ligeiras no rabo enquanto fazia um gemido áspero. Caiu para cima dela após ter terminado.

O peso do seu corpo no dela quase fez Rachel chorar de felicidade; não havia sensação mais prazerosa no mundo. Deixou que a esmagasse com o peito e com as pernas e com a cara enterrada no seu cabelo. Não se mexeram durante alguns minutos.

Por fim, Sam saiu de cima dela, acomodando-se ao seu lado. Parecia o mesmo adolescente que estivera com ela quando eram os dois novos e dormiam no quarto dos pais dele, com Jason ao fundo do corredor.

– Vou contar-te o que sei – disse Rachel, acariciando-lhe as adoráveis maçãs do rosto. Se ao menos ela pudesse convencê-lo a ficar para sempre.

– Nessa noite, fui até ao Anchor Inn. Fui para lá sozinha, para me afastar de vocês. Não conseguia encarar ninguém. Estava demasiado envergonhada.

Sam acenou com a cabeça. Com o dedo, começou a desenhar letras nas costas dela, algo que fazia no verão que passaram juntos.

– Eu estava bêbeda, estava completamente fora de mim, e não queria ir para casa no meio da tempestade. A certa altura, o Robert entrou no bar e estava estranho. Disse-me que estava à procura de alguém, mas não disse quem. Depois, arrastou-me de lá para fora. Voltámos juntos para Salcombe de bicicleta, o que levou uma eternidade, mas em vez de ele virar em Marine, continuou por Lighthouse, e eu segui-o. Ele parou à frente da casa da Susan e foi bater à porta da entrada lateral da casa.

As pupilas de Sam abriram-se.

– Foste a casa da Susan? – perguntou, incrédulo.

Rachel acenou com a cabeça.

– Bom, não fui. Limitei-me a seguir o Robert, e ele não sabia que eu estava no seu encalço. Estava totalmente focado.

– Ele entrou dentro de casa?

– Não, não consegui. Mas depois a Susan saiu a correr pela porta da frente, pegou na bicicleta e arrancou.

Sam sentou-se e apanhou os *boxers*. Subitamente, Rachel sentiu-se demasiado exposta. Pegou no roupão que tinha na cadeira ao lado e vestiu-o, regressando para a cama. Sam observava-a com atenção.

– Magoaste o tornozelo?

Rachel hesitou. Deveria contar-lhe tudo?

– Bom, estava bêbeda, como te disse. E estava muito vento.

– Caíste do passadiço nessa noite?

– Sim. E o Robert ajudou-me.

– O que é que aconteceu mais?

Sam estava agora em pé, apenas de *boxers* e com o cabelo encaracolado espetado. Voltou a pôr os óculos. Parecia nervoso.

– Nada. Não vi mais nada – respondeu Rachel.

– E o Robert não deu nenhuma pista do *motivo* pelo qual andava à procura da Susan?

Rachel lembrou-se de que ele era advogado e, como tal, estava à procura de buracos na história.

– Não, nada – afirmou. Ela não estava a mentir. – Ele foi por Neptune e eu caí do passadiço. Quando dei por mim, ele estava a levantar-me e a levar-me para casa. Não sei o que se passou entretanto.

– Não viste mais ninguém nessa noite? – questionou Sam, deixando a pergunta no ar. Ela abanou a cabeça. Não queria envolver-se. Não queria saber o que tinha acontecido! Susan estava morta, fim da história. Só queria que tudo voltasse ao normal.

Ele sentou-se perto dela, no seu edredão branco fofo acabado de amarrotar pelo sexo que acontecera há minutos. Pegou na fita do roupão dela, deslaçando-a gentilmente, e abriu-o com o cuidado de um médico que observa o paciente. Rachel estava muito quieta. Sam passou as mãos pelas suas coxas, acariciando-as, e enfiou os dedos dentro dela. Ela fechou os olhos. Ele continuou a tocá-la, lentamente, depois rápido e ainda mais rápido, até ela chegar ao clímax violentamente, a tremer. Rachel continuou de olhos fechados.

– Tu – disse ela, um momento depois.

– Eu?

– Sim, vi-te. Vi-te a ti, vi a Jen, o Jason e a Lauren, em Neptune, a discutirem. E depois ouvi alguém gritar. Mas não vi o que aconteceu. Mataste-a?

Sam não disse nada. Ela abriu os olhos e ele estava a abotoar a camisa.

– Amo-te – disse ela. Achou que ia começar a chorar. Tinha saudades do

pai.

– Nunca contes isto a ninguém. Nunca. Sobre nós, mas também sobre o que viste. Será o nosso segredo, para sempre. E podemos fazer isto – disse Sam, apontando para a cama – sempre que quiseres. A Jen não é a única que consegue trair.

Rachel sentiu uma onda de felicidade. Ele era dela.

– Não conto, não te preocupes. E para que saibas, disse à Beth Ledbetter que a Susan andava deprimida e que podia ser suicídio.

– Linda menina – disse ele, beijando-lhe a testa. De seguida, vestiu as calças e saiu. Ela deitou-se, exausta. Pousou o nariz na parte da cama onde ele tinha estado, inalando o seu cheiro a colónia.

Jen Weinstein

Jen Weinstein estava desejosa de voltar a Scarsdale. Estava farta de Salcombe. Das pessoas, do drama, do modo como Sam se estava a comportar. Ele precisava de se acalmar, precisava de esquecer o que acontecera. Mas estava sempre a chateá-la com o mesmo assunto, todos os dias, como se tivesse enlouquecido: «*Temos* de saber porque é que ela estava lá», dizia continuamente. «Isto não vai acabar até sabermos», rematava. Jen só lhe queria bater. A polícia já tinha confirmado que a morte fora um acidente. Ninguém fizera mais perguntas. Ninguém suspeitava de nenhuma outra história que não a de uma senhora sozinha que morreu no meio da tempestade. Porque é que ele estava a insistir? Só ia piorar tudo.

Depois de Susan ter morrido, houve agitação durante uma semana: uma cerimónia de homenagem em seu louvor e uma reunião barulhenta das pessoas da vila com o presidente da Câmara, Don O'Connell, para discutir a segurança dos passadiços. Na tarde de uma quinta-feira chuvosa, praticamente todos os habitantes locais tinham comparecido no centro comunitário, deixando os guarda-chuvas molhados encostados num canto encharcado. Havia mais de cento e cinquenta pessoas, todas a falar umas por cima das outras, com o presidente O'Connell, um senhor de setenta anos com uma mecha de cabelo grisalho, a tentar manter a ordem.

- Pode morrer uma criança! – gritara Beth Ledbetter como uma maníaca.
- Temos de baixar os passadiços! Ficaram muito altos!
- O meu filho encontrou uma *mulher morta*! – gritara Max Leavitt, que tinha vindo de propósito à ilha para participar na reunião. Jen e Sam também foram para salvar as aparências, e Jen saíra ainda mais convicta de que ficariam impunes.

Agora só queria regressar aos subúrbios, voltar às aulas de ténis, deixar os miúdos na escola e esquecer aquele verão. Os últimos meses tinham sido um desastre absoluto. A única coisa que se aproveitara tinha sido o ténis –

jogá-lo, conhecer a faceta de Lauren como parceira, chegar à final do torneio de pares femininos. Se não fosse isso, tinha sido um descabro total. Quando voltassem a casa, Sam regressaria ao escritório – graças a Deus – e ela poderia dedicar-se às suas coisas.

Pelo menos, agora estavam bem. Esse era o lado positivo. Sam fora forçado a perdoá-la pelo que teve com Jason e agora estava a trabalhar com ela para seguir em frente. Sam ultrapassá-lo-ia, eventualmente, mas o que ela estava a fazer acelerava o processo. Conversava com ele sobre remorso, honestidade, atenção, usava todos os chavões da terapia para o ajudar a ultrapassar. Não havia outra hipótese.

Dá em diante, teria de ter muito cuidado. Ele não poderia apanhá-la novamente. Nada de amigos de famílias, pais que ele conhecesse ou colegas de trabalho dele. Jason tinha sido o seu último erro.

Ouviu Sam entrar pela porta lateral, atravessar a cozinha e subir as escadas que rangiam. Ela estava no quarto e, para a ajudar a adormecer, lia no *kindle* um livro de Adam Grant, *Pensar Melhor: O Poder de Saber o Que Não Sabemos*, sobre como se manter curioso. Vestia um pijama roxo e tinha a colcha puxada sobre ela.

Tinham tido um dia longo. Jen estivera a organizar a casa para se irem embora – partiriam da ilha no dia seguinte, de volta para Westchester. Tinha feito máquinas de roupa, malas de viagem, deitado fora alimentos que se poderiam estragar (a equipa de limpeza faria a arrumação final, mas ela não queria que nada apodrecesse entretanto). Os filhos tinham atuado no Espetáculo do Dia do Trabalhador – os três, em conjunto, cantaram *Dó-Ré-Mi*, mudando a letra para ser uma canção sobre Fire Island.

«*Dó, de veado, muitos veados. Ré, de um raio de sol de Salcombe...*», e assim por diante. Fora adorável, e os Cantores da Família Weinstein tiveram uma ovação de pé.

Normalmente, sentia-se triste no dia anterior ao Dia do Trabalhador, mas este ano sentia-se revigorada. Ninguém os fora buscar a meio da noite. Ninguém pensava que eles fossem culpados de nada. O assunto de Jason estava mais do que terminado. Jen estava livre.

Sam entrou no quarto. Parecia estranho. Tinha o cabelo desgrehado e os olhos vidrados. Jen pousou o *kindle*. Ele tinha-lhe dito que ia dar um passeio. O que é que teria andado a fazer? Observou-o enquanto ele se despi para vestir uma *T-shirt* branca e uma camisola. Jen não disse nada, esperava que ele comesse a falar.

– Preciso de que faças uma coisa – disse ele, finalmente. A sua voz parecia forçada, como se estivesse na iminência de uma gripe. Sentou-se no edredão de linho branco da White Company.

– Diz lá – disse ela.

– Preciso de que convides o Robert para ir tomar um copo contigo esta noite. Agora.

– Desculpa? O que é que estás para aí a dizer?

– Quero ir a casa dele procurar uma coisa. Não sei exatamente o quê, mas saberei quando a vir.

– Ui, preciso de mais informações – retorquiu Jen. – Para de esconder coisas, por favor. Já falámos sobre isso. Tens de ser franco comigo. – Os seus truques de psicologia funcionavam sempre.

Sam suspirou.

– Estive com a Rachel.

– O quê?? – exclamou Jen, levantando-se da cama e pondo-se à frente dele com as mãos na anca.

– Fui perguntar-lhe se ela tinha ouvido algum falatório acerca da Susan, qualquer coisa que nos implicasse.

– Nós combinámos que não ias falar com ela!

– Bom, nós combinámos uma série de coisas no nosso casamento, algumas que tu também ignoraste.

Jen franziu o sobrolho.

– O que é que ela disse?

– Disse que esteve com o Robert naquela noite. E que ele andava à procura da Susan, e que ela ia na bicicleta a fugir *dele*.

Jen não ficou muito surpreendida. Reconhecia em Robert um espírito semelhante ao seu – um metamorfo como ela, capaz de se adaptar ao que fosse necessário. Mas o que é que ele queria de Susan?

– A Rachel sabe que estivemos lá? Ela viu o que aconteceu?

– Ela viu-nos, mas não viu como é que a Susan caiu. E eu não lhe contei nada.

Jen, que estivera tão calma até então, sentia agora um pico de ansiedade a atravessar-lhe o peito. Se Rachel os vira, se Robert também... então havia a hipótese de tudo aquilo não ter terminado. Rachel era a maior faladora do mundo. E Robert tinha uma personalidade imprevisível.

– Então, o plano é eu ir beber um copo com o Robert e tu entrares em casa dele para procurares o quê, exatamente?

– Não sei – respondeu Sam, encolhendo os ombros.

– Tu és um advogado empresarial, não um ladrão. Isto é ridículo. Vestes uma camisa que custa quatrocentos dólares – afirmou Jen. Mas depois pegou no telemóvel e procurou o nome de Robert.

Viva! Lembrei-me de repente de o convidar para beber um copo no clube naval.

Consegue ir? Só queria pôr a conversa em dia e despedir-me antes de o verão acabar!

Carregou em enviar.

– Ele vai desconfiar – disse ela.

– Arranja uma desculpa. És boa a mentir.

Jen revirou os olhos e começou a preparar-se, esperando que o telefone vibrasse. Um minuto depois, ouviu-o.

Vestiu uma saia branca e uma camisola de caxemira às riscas.

– Como é que vais entrar em casa dele? – perguntou.

Sam estava pensativo, a roer as unhas já roídas.

– Pela porta da frente, se estiver aberta. Ou posso ir pela janela lateral. Quando éramos miúdos, os nadadores-salvadores ficavam nessa casa, já estive lá milhares de vezes nas festas que eles organizavam. Mantém-no afastado trinta minutos. E não faças sexo com ele.

– Muito engraçadinho. Acho que a Lauren trata dessa última parte.

Sam levantou o sobrolho. Jen pôs batom vermelho e saiu com ele, passando por Luana, que estava no sofá a ver *Bravo*.

– Vamos beber um copo – informou Jen, ao saírem.

Jen foi por Bay Promenade e Sam na direção de Surf. O plano era que Sam fosse pelo caminho mais comprido até casa de Robert e aguardasse que Jen lhe enviasse uma mensagem a dizer que ele já estava no clube naval.

Já passava das 21h00, a noite estava fria e escura. Jen encontrou um sapo no passadiço que teve o infortúnio de morrer esmagado. Enquanto caminhava, enrolou os braços sobre si própria para se proteger da brisa fria da baía. Quando chegou, o clube estava relativamente vazio, apenas com algumas pessoas na casa dos vinte anos a jogar bilhar ao fundo, e um casal mais velho, os Longeran, a tomar uma bebida na sala da frente antes de irem dormir. Micah Holt no seu lugar habitual, atrás do bar. Todos estavam a preparar a viagem do dia seguinte. Estava contente por estar ali pouca gente; não queria que a vissem com Robert. Ele já estava sentado à sua espera, de calças de ganga e camisola cinzenta, a beber *whiskey*. Ela pegou no telemóvel e mandou uma mensagem rápida a Sam.

Está aqui.

Jen lembrou-se da última vez em que estivera com Robert no bar, na festa do 4 de Julho, quando Jason os interrompera. Estava tão feliz por ter acabado com ele.

– Olá, Robert. Tudo bem? Obrigada por ter vindo ter comigo – disse ela, enquanto se sentava ao seu lado.

– Com todo o gosto – respondeu ele. – Não estava a fazer nada. É estranho, o verão estar a acabar, e assim.

Era algo que Salcombe costumava fazer. Seduzir as pessoas de modo a apagar-lhes as memórias dos momentos maus.

– Sim, o fim do verão parece sempre uma morte – disse ela, só se apercebendo do que acabara de dizer depois. – Não me referia a uma morte, *de facto*. Embora este verão... – parou, deixando a frase em suspenso.

Robert bebeu um gole da bebida.

– Tenho andado para lhe perguntar: o que vai fazer este ano? Vai voltar para a Florida para dar aulas de ténis? – continuou.

Robert sorriu.

– Não, felizmente. O Larry Higgins propôs-me um emprego. Vou trabalhar com ele em Nova Iorque. E arrendei um apartamento em Chelsea.

– Fantástico, Robert – comentou ela, pensando logo na hipótese de Lauren se encontrar com ele. Não. Ela era demasiado inteligente para isso. – Tenho a certeza de que vai correr tudo bem com o Larry. É um tipo com experiência e bem-sucedido.

– Sim, estou entusiasmado – afirmou ele.

Pobre Robert. Só tentava prosperar. O que quer que tivesse acontecido a Susan, não tinha sido ele a atirá-la para fora daquele passeio.

– A razão pela qual me quis encontrar com o Robert foi para lhe agradecer por me ter dado força. Acho que realmente fez com que o meu jogo melhorasse muito. Muito obrigada. Jogar ténis foi o ponto alto do meu verão. Eu sei que, por vezes, Salcombe pode ser difícil, mas fez um excelente trabalho a lidar com tudo.

Robert enrubescceu ligeiramente.

– Obrigado, Jen. Foi sempre muito simpática comigo. Fico contente por a ter ajudado com os golpes de solo, mas sobretudo fico feliz por ter estado perto de uma pessoa normal e gentil como a Jen.

Ela sorriu e ergueu o copo.

– Que seja o começo de um grande futuro para o Robert.

E brindaram.

– E realmente a Susan faz pena – continuou Jen, observando-o com atenção.

– Uma coisa horrível – comentou ele. – Tinha estado com ela o dia todo durante o torneio. Fiquei tão chocado quando soube. Era uma mulher maravilhosa. Teimosa, mas boa pessoa – afirmou ele.

Jen olhou para o telefone. Tinham passado vinte minutos desde que deixara Sam. Mais outros vinte antes de ir para casa.

Marie e Steve Pond entraram no clube. Marie vinha vestida com um *top* preto e umas calças *capri* brilhantes, e Steve usava uma camisola amarela e um Rolex que reluzia devido às luzes do teto. Perscrutaram o espaço vazio e depois dirigiram-se a Jen e Robert, os únicos alvos. Jen ficou aliviada com a distração.

– Ora, olá aos dois – cumprimentou Steve. Jen não conseguiu olhar para a boca dele diretamente: os dentes eram tão brancos que cegavam.

– Viva, Steve. Viva, Marie – cumprimentou Jen. Sempre achara que Marie não gostava dela. Era uma das mulheres mais velhas que adulava Sam, tratando-o como o rapazinho encantador que todos adoravam. Jen odiava isso. Nenhuma delas a achava suficientemente boa para ele.

– Olá, Jen. Olá, Robert – disse Marie, que se aproximou de Robert e

pressionou o peito contra a mesa do bar, apertando o decote.

– Como vai o serão? – perguntou Steve.

– Vai bem. Estávamos a falar de ténis – respondeu Jen.

Robert acenou com a cabeça.

– Estava a comentar com a Jen uns últimos detalhes antes do outono. Ela precisa de assimilar tudo o que aprendeu este verão e aplicá-lo no campeonato feminino em Scarsdale.

– Que querido que é – disse Marie. – Pobre Susan, gostava mesmo de trabalhar consigo. Comentei com ela que os membros do clube gostavam muito de si.

– Obrigado, Marie. Fico muito agradecido.

– Ainda não acredito que ela desapareceu – comentou Steve, abanando a cabeça com o seu penteado branco impressionante a mover-se para um lado e para o outro, e com lágrimas a brotarem-lhe do canto dos olhos. – Micah! – gritou Steve de repente, assustando todos.

Jen apercebeu-se de que não tinha pedido nada. Micah trouxe a Steve o habitual gin tónico e foi-se embora em silêncio, o que não era habitual.

– Os passadiços são armadilhas mortíferas – continuou Steve. – Já fui de bicicleta para casa depois de muitos *cocktails* e quase me matei. Tenho a sensação de que alguém vai processar o presidente O’Connell. A Susan não deixou filhos, deve ser a única coisa que o salva, não ter ninguém que intente uma ação de morte por negligência. Outra razão para ter filhos! – disse, com um riso sinistro. – Esteve a trabalhar com a Susan nesse fim de semana – continuou, dirigindo a atenção a Robert. – Reparou em alguma coisa diferente?

– Não – respondeu Robert, demasiado rapidamente. – Parecia estar igual a si mesma. Estava sempre um bocadinho irritadiça, mas isso era o estilo dela.

Marie pôs a mão no ombro de Robert, esfregando-a com agressividade.

– Era, de facto, o seu estilo – afirmou ela. – Presumo que soube o que se passou com o Dave, o professor anterior?

– Oh, esse tipo era um desastre – interveio Steve. – Em primeiro lugar, era um bêbedo. Bebia *vodka* em vez de água enquanto dava aulas. Não sei como é que ele o fazia. Se bebo um *bloody mary* ao final da manhã, fico pronto para ir dormir.

– É verdade – comentou Marie, carinhosamente.

– Em segundo lugar, era um ladrão – continuou Steve. – Não houve investigação oficial, mas todos sabíamos. Andava a cobrar duplamente algumas aulas. A Susan desconfiou dele logo desde o início. Ela tinha um bom faro para coisas desse género.

Jen reparou que Robert estava tenso, embora o casal idoso não o percebesse.

– Se o Dave ainda estivesse na ilha, ia pôr a polícia atrás *dele* por suspeita de crime!

Jen estava divertida com o facto de toda a gente naquela vila, mesmo

não percebendo nada do sistema de justiça criminal, atirar ao ar termos como «crime» e «morte por negligência».

– Mas não está – disse Marie. – As últimas notícias que tive sobre ele era que estava a dar aulas num clube local, na Carolina do Sul.

– Talvez – disse Steve. – Mas ele tinha definitivamente um motivo! A Susan era a única que tinha a certeza de que ele andava a roubar.

Jen teve uma revelação súbita. Olhou para Robert, a ouvir com um ar educado, o seu bonito semblante inclinado de forma inquisitiva. Ela tinha a certeza do que Sam poderia encontrar na sua casa. Ou, pelo menos, do que deveria procurar.

– OK, Columbo, como queiras. A Susan morreu num acidente, caiu daqueles passadiços perigosíssimos. É disso que se deve falar. O Don e os provedores da vila têm um trabalho complicado pela frente – disse Marie.

– Só estou a dizer que não confio na polícia do condado de Suffolk – retorquiu Steve. – Demoraram menos de uma semana a investigar e praticamente não fizeram perguntas. Só acho que se deviam ter esforçado um pouco mais, em consideração ao Garry e à Susan. Estou a pensar arranjar um detetive privado. A ideia de a Susan ter cometido suicídio? Isso é treta. Aquela mulher nunca se mataria. Mais depressa matava ela alguém.

Marie tirou finalmente a mão de cima do ombro de Robert, pousando-a depois no braço de Steve.

– Está bem, pessoal, vamos sentar-nos e comer uma fatia da famosa tarte de lima do clube naval, a última do verão. Preciso de libertar o Steve das suas teorias da conspiração. Divirtam-se!

– Foi bom ver-vos – disse Jen.

– Sim, obrigado pela conversa – despediu-se Robert, parecendo um pouco pálido.

Robert e Jen voltaram às suas bebidas, em silêncio. Jen não o poderia culpar por andar a roubar esta gente. Eles não o mereciam? Steve a esfregar o Rolex na cara dele. Brian Metzner a falar das suas carteiras de investimento. Jeanette Oberman a gabar-se de que ia ficar com os milhões de Greg. Quanto dinheiro teria Robert tirado? Dez mil? Vinte? Isso não era nada para ninguém ali, incluindo Jen.

– Preciso de que venha comigo – disse-lhe Jen, com uma voz calma. Ele olhou para ela, alarmado. – Vou sair agora e vou até à sua casa. Venha atrás de mim cinco minutos depois. Pode confiar em mim, Robert.

Ele acenou com a cabeça. Jen olhou em volta para verificar se alguém estava a ver (ninguém, além de Micah, de certeza). Depois saiu pela porta lateral, passou pelos *courts* de ténis e voltou para trás em direção a Bay Promenade. Passou por Broadway, virou em Neptune, passou pelo coreto, vazio e desolado. Teve um calafrio e olhou para o telemóvel. Sam ainda deveria estar em casa de Robert; ela tinha chegado dez minutos mais cedo.

Chegou à pequena cabana, que precisava desesperadamente de uma demão de tinta. Viu que a janela pela qual Sam disse que ia entrar estava

aberta. Pisou as ervas relativamente altas, deu um impulso a si própria emitindo um pequeno gemido, passou as pernas primeiro e depois deixou cair o resto do corpo no chão com um barulho.

– Jen? – disse Sam, que estava na área da cozinha a segurar uma faca de modo pouco convincente.

– Sam, o Robert está quase a chegar. Encontraste alguma coisa?

Ele segurava um caderno de registos, aquele onde Robert anotava as aulas. Jen acenou com a cabeça, sem surpresa.

– Eu soube sempre que te amava – disse Sam. Ele encostou-se à bancada da cozinha, atafalhada com mercadorias de Robert: uma caixa de Cheerios, um batido de proteína, uma embalagem de Tostitos aberta. Aquela cena lembrava Jen de quando eram novos, viviam em Nova Iorque e Sam era sócio, com o trabalho a correr bem, mas ainda sem ganhar muito dinheiro. Com a promessa das suas vidas ainda por cumprir. – Soube que ia casar contigo desde o primeiro momento em que te vi – continuou ele.

– Já ouvi essa história.

– Eras simplesmente tão bonita, e quando falaste, essa voz tão profunda e suave. Eras tão inteligente, terna e afável.

Jen sabia o que aí vinha.

– Não acredito que me tenhas traído com o Jason. Tenho a certeza de que nunca vou ultrapassar isso. Não sei como vou ser capaz.

Ela não disse nada. Não havia nada para dizer. Ele não a conhecia. De todo.

– Eu acho que vais ultrapassar – sussurrou-lhe, por fim. Sam era mais simples do que ela. Foi até junto dele e deu-lhe gentilmente um beijo nos lábios. Foi estranho, não se beijavam há tanto tempo, nem mesmo quando faziam sexo. Não conseguiu perceber se gostou, ou não. Depois tirou-lhe o caderno de registos da mão e rasgou cada uma das páginas em pequenos bocados que deixou cair na bancada.

A porta destrancou-se, abriu-se e Robert entrou com uma mão no bolso e encolhido pelo frio. Acendeu as luzes e encontrou Sam e Jen na cozinha, e o caderno de registos, o seu caderno de registos, num estado irreconhecível. Ele deixou-se cair no sofá.

– Não fui eu – disse Robert. Jen não sabia se ele falava para eles ou para si mesmo. – Vi-vos a todos lá. Ela estava a fugir de mim, mas foram vocês que a mataram.

– Ninguém a matou – disse Jen. – Foi um acidente infeliz e terrível – continuou. Apercebeu-se de que não sentia culpa absolutamente nenhuma. Que engraçado. – Mas fico preocupada se o Steve Pond contratar um detetive e os sinais apontarem para si, não para nós – disse ela.

– Oh, e não sei eu bem isso? – disse Robert. – É sempre o tipo pobre que fica com as culpas. Vocês vão voltar para o ano, fazer festas no clube, torturar o próximo professor. Eu *roubei*, mas não sou um assassino.

– Eu sei – disse Jen. Sentou-se junto dele, com o sofá a fazer um barulho

desconfortável, e pegou-lhe nas mãos.

Sam observava a sua mulher imprevisível.

– Não se preocupe. Tenho um plano – disse Jen.

Brian Metzner

Se Brian Metzner não estivesse tão enterrado no lodo, ele próprio iria denunciá-los. Mas não poderia colocar-se em risco, não agora. Ele estivera fora de casa naquela noite, na tempestade. Tinha saído para Lisa não o ouvir falar ao telemóvel sobre as suas opções reconhecidamente limitadas com o seu advogado, Simon Ketchum. Mal o conseguia ouvir no meio daquela ventania, mas precisava de privacidade porque ultimamente Lisa lhe fazia muitas perguntas, pairando à sua volta até ele deixar de dizer o que quer que fosse.

Não poderia dizer a Lisa o que estava a acontecer – ela não compreenderia. (E mesmo que compreendesse, seria pior.) O seu superior, Michael Nerrot, recebera uma *pequeníssima* informação privilegiada relacionada com a não aprovação de ensaios clínicos de uma farmacêutica. Nerrot vendera uma parte das ações da empresa logo depois. Pouco ético? Claro. Ilegal? Brian só tivera conhecimento do negócio depois de ter ocorrido, mas a Comissão de Valores Mobiliários não queria saber desses pormenores. Nerrot poderia ir para a prisão e a empresa de Brian entraria em falência se fizesse qualquer acordo com os investidores da farmacêutica. Também seria banido daquele cargo para sempre. O que é que poderia fazer? Tornar-se limpa-chaminés?

Era disso que falava com Simon na noite de 22 de agosto, na noite em que Susan morreu, na noite em que ele a viu morrer.

Os miúdos estavam a dormir e Lisa estava na cama com o *iPad* e auscultadores quando Brian saiu sorrateiramente, vestido com o impermeável do fato de bombeiros voluntários de Salcombe. O casaco estava apertado; tinha ganhado peso durante o verão. Comia de forma compulsiva, sempre com um cachorro-quente numa mão e uma cerveja na outra. Sentia o corpo pesado e tinha calor. Odiava-se.

– Brian, de momento não há nada que possas fazer. A Comissão de

Valores Mobiliários entrará em cena em breve e fará as suas descobertas. Mas deves estar preparado. O Nerrot vai ser apanhado e o que importa é o que eles farão contigo. O Steve Cohen sobreviveu a isto e agora é o dono dos Mets. Não fiques demasiado preocupado. Ainda não foste apanhado – dissera Simon.

Brian atravessara Bay Promenade para procurar abrigo no coreto voltado para a baía, que estava agitada e a fazer remoinhos. Ele lutava para não deixar cair o telemóvel.

– Obrigado, Simon. Vou ficar à espera, por enquanto. Mantém-me informado. O que é que achas que deva contar à Lisa? Vai ficar assim tão mau?

– Por enquanto, mantém a história de que um negócio correu mal. Depois podes contar-lhe a verdade, quando souberes o resultado da Comissão de Valores Mobiliários.

– OK – suspirara Brian. Relâmpagos iluminaram o céu.

– Onde é que estás? No meio de um furacão?

– Basicamente – dissera Brian. – Tenho de ir. Ligo-te amanhã novamente. – Saíra a correr do coreto, com a chuva a bater-lhe na cara, depois virou em Neptune, passando pelo parque infantil e pelo campo. Vira gente mais à frente, mas a escuridão não deixava distinguir as caras. Quem é que poderia estar cá fora no meio da tempestade?

Ouvira pessoas a discutirem e andara mais alguns metros, chegando perto o suficiente para ver o grupo de Jen, Lauren, Sam e Jason. Lauren gritara «Jason!», e Brian vira-a correr a toda a velocidade em direção ao marido. Que raio? Ao mesmo tempo, passara uma bicicleta a zunir. Jason caíra para cima dela, arremessando o ciclista para fora do passadiço com um som terrível de algo a ser esmagado. Jen gritara e Brian arfara. Sabia que os deveria ir ajudar. Era um profissional de emergência médica. Mas, em vez disso, virara-se e atravessara apressado Harbour em direção a Atlantic, onde vivia com Lisa.

Entrara dentro de casa, uma construção compacta, cinzenta e moderna, e sentara-se em frente da mesa branca da cozinha. Não conseguira dormir nessa noite. Deitara-se ao lado de Lisa, que tinha uma máscara de dormir e ressonava suavemente. Ela andava tão relaxada ultimamente, apesar de tudo. Talvez fosse alguma medicação que andasse a tomar sem lhe ter dito. Brian sentira um aperto no peito. Esperava morrer.

Fora conveniente ter sido o primeiro a chegar ao local. Depois de Danny ter encontrado o corpo logo de manhã, a sirene disparara. O som entrara-lhe nos ouvidos como facas afiadas. Sabia exatamente para onde tinha de ir.

O corpo de Susan estava debaixo da bicicleta e o pescoço posicionado de forma estranha. A cara estava amarelada e a boca exibia um esgar, agora permanente. Enquanto, juntamente com outros tipos, esperava que a ambulância chegasse, Brian pensara que ia vomitar, mas engolira o vómito.

Já havia falatório de que tinha sido um acidente, mas Brian sabia que

não. Achava que Sam ou Jason se apresentariam, mas claramente isso não iria acontecer; chamariam a polícia de imediato. Brian não iria contar. Não tinha feito aquilo, mas não se queria envolver. A sua vida já estava uma confusão, não lhe podia juntar isto.

Umas horas antes, tinha metido conversa com Lauren no clube para obter algum comentário da sua parte, mas ela permanecera neutra, mais interessada no tal tipo, Robert, do que na conversa dele sobre a mulher que ela assassinara. Assassínio, homicídio involuntário, esconder um crime, qualquer coisa, Brian não fazia ideia. Estava ansioso para que chegasse o dia seguinte. Estar em Nova Iorque fazia-o sentir que tinha mais controlo. Ia ficar tudo bem. Na área financeira, todos tinham uma segunda oportunidade.

Sam Weinstein e Jason Parker

Sam Weinstein pensava que estava a dar em doido. Será que mais ninguém se importava por ter abandonado uma mulher que podia ainda não ter morrido? Claro que ele lhe tinha o verificado o pulso, mas não era médico – nem sequer conseguia pôr convenientemente um penso rápido nos joelhos dos filhos. Não sentira o coração dela a bater no pescoço, nem no pulso, mas talvez pudesse ter sido salva. Talvez se Jen não os tivesse obrigado a fugir do local do crime, ou se ele tivesse sugerido aguardar uns minutos, mencionando que era um acidente e que deveriam chamar uma ambulância...

Sim, Sam sabia que não iria correr bem. O que é que estavam todos ali a fazer, ainda por cima Sam, com a sua estúpida faca japonesa? Mas não deveriam ter ido simplesmente *embora*. Ela poderia estar viva agora. Era de loucos estarem a viver as suas vidas normalmente, a fazerem as malas para deixar a casa de férias e a jogarem ténis, como se nada se tivesse acontecido. Era culpa deles! Sobretudo, Sam achava que era culpa dele por ter andado a perseguir Jason. Mesmo que o merecesse. Esse cabrão de merda.

Já tinha falado disto com Jen, várias e várias vezes, de tal forma que ela se ia embora quando encetava esta conversa. Mas Sam, em vez de refletir sobre o seu casamento, em vez de tentar perceber porque é que Jen o traía *com o melhor amigo*, estava focado em investigar uma morte. Tinha de saber, mesmo que ninguém se importasse minimamente.

Não falava com Jason, e não sabia se alguma vez voltaria a falar com ele. Jen era Jen. Era a mãe dos seus filhos, vivia na sua casa e dormia na sua cama. Mas não devia nada a Jason. Tinha de o magoar, tinha de se vingar. Mas o que é que poderia fazer? Tinha tentado matá-lo com uma faca, mas fora uma situação anedótica. Estragou de tal forma tudo que quem morrera tinha sido uma senhora idosa, e não ele. Será que conseguia fazer com que o despedissem? Engendrar uma história parecida com aquela que a «Lydia-mamalhuda» inventara sobre ele.

Sam pensava nisto enquanto caminhava em direção à casa de Robert, depois de convencer Jen a tomar um copo com ele. Ainda bem que tinha ido visitar Rachel, sugando-lhe informações como por uma palhinha. Ela ainda estaria deitada na cama, a sonhar com o seu regresso para a pedir em casamento. Nesse verão, Sam tornara-se uma pessoa horrível, pensou, envergonhado. O que é que aconteceu? Rachel era sua amiga.

Sabia que ia encontrar algo na casa de Robert que o incriminaria. Ou, pelo menos, qualquer coisa que o direcionasse para ele. Porque é que Susan fugia de Robert? Ele devia tê-la ameaçado, ou ela ter ficado com qualquer coisa que ele não queria que ninguém soubesse.

Sam chegou à casa, um espaço pequenino onde frequentara festas organizadas pelos nadadores-salvadores quando era adolescente. A porta estava trancada, mas sabia como entrar – a janela lateral abria-se facilmente; costumavam levantá-la para passar o abundante cigarro de marijuana. Colocou um pau na pequena abertura inferior e abanou-o com força. A janela abriu-se com firmeza. Depois, empoleirou-se e entrou para a casa de Robert, com cuidado para aterrar com suavidade. Nunca tinha estado dentro da casa de um estranho, sozinho. Nem sequer sabia do que estava à procura.

Primeiro, foi ao quarto, um recanto afastado da sala. Todo o espaço tinha menos de noventa metros quadrados; lembrava-lhe a suíte da residência universitária. A cama estava desfeita, e havia roupas dele por cima da cómoda. Que idade tinha Robert? Trinta e dois? Era altura de ser adulto.

La abrindo cada uma das gavetas, encolhendo-se quando chegou à da roupa interior. Andou a vasculhar roupas e depois foi até à cozinha, onde procurou nos armários e nas prateleiras, encontrando apenas talheres, pratos, copos e chávenas. O frigorífico estava cheio de produtos soltos – alface, algumas cervejas, carne picada, cenouras, pepinos. Mas nada parecia fora do lugar.

Sam não sabia onde procurar a seguir. Sentou-se no sofá roto e vasculhou debaixo das almofadas, mas só encontrou pó e moedas velhas. Encostou-se e olhou para cima. Reparou em qualquer coisa nas vigas gastas, um caderno ou algo do género, enfiado num dos cantos onde o teto fazia um triângulo. Puxou uma cadeira e colocou-se em cima dela em pontas dos pés, ansiando por agarrar o objeto, quase caindo antes de conseguir. Desceu. Era o caderno de registos de aulas de Robert. Ele tinha-o visto escrever nele, a preencher o horário com o nome das pessoas. Sam tinha sido cobrado por Robert bastantes vezes por causa das aulas que Jen tivera este verão. Ela tinha sido muito generosa, duzentos dólares por cada uma, mas Sam fizera-lhe a vontade. Nos últimos tempos, o ténis era a única coisa que a fazia feliz.

Folheou-o, reparando na letra impecável e bem desenhada de Robert. Tinha o nome de Jen. E novamente o nome dela. E tinha o de Lauren. Tinha o de Lisa. E o de Beth. E o de Larry. E o de Brian. E o de Myrna. E o dos filhos de Sam, e assim sucessivamente. Sam tinha a certeza de que tinha encontrado a prova incriminatória, embora não soubesse exatamente o que isso

significava. Achou que Susan tinha descoberto. Ela teria levado o caderno de registros? Era isto de que Robert estava à procura quando fora a sua casa?

Era bastante atrevido da parte dele fazer a mesma jogada que o tipo do ano anterior, Dave. Levou o caderno para a cozinha e continuou a estudá-lo. Não sabia bem o que haveria de fazer. Se o entregasse à polícia, Robert poderia ter problemas por andar a roubar, mas denunciaria os outros imediatamente. Pelo menos agora Sam sabia o que acontecera.

Ouviu um estrondo, depois um baque. Pegou numa faca de manteiga, sem saber o que faria se precisasse de a usar. Mas de seguida a sua mulher, com quem estava casado há dez anos, levantou-se. Ainda era tão bonita, tão elegante, mesmo depois de três filhos. Ela tinha-o manipulado e mentido durante este tempo todo. Agora ela tinha um plano.

Há muitos anos que Jason Parker não se sentia tão bem. Não sabia se era por ter acabado com Jen de um modo eficaz – já não precisava de se andar a torturar – ou por, batam na madeira, se ter safado literalmente de um assassinio. Sabia que não deveria ficar feliz com a *morte* de uma mulher, isso de facto sabia, mas havia algo sombriamente gratificante que lhe agradava.

Ele e Lauren praticamente não falavam nisso. A sua mulher tinha uma capacidade extraordinária em compartimentar. Começava a pensar que ela era ligeiramente psicótica, com as suas explosões violentas e imprevisíveis. Talvez fossem todos loucos. Ele tinha andado a dormir com a mulher do melhor amigo. O melhor amigo tinha ido atrás dele com uma faca. Não sabia se as pessoas normais faziam aquilo. Havia qualquer coisa em Salcombe que impulsionava essas ações – a intensidade, a proximidade física, o facto de todos estarem a competir uns com os outros no desporto. Desporto! Que ridículo quando pensava nisso.

Jason andava a pensar em Sam, mais do que em Lauren, mais do que em Susan, até mais do que em Jen. Nunca mais tinham falado desde aquela noite, embora se cumprimentassem com um aceno de cabeça em eventos sociais: o Espetáculo do Dia do Trabalhador, uma festa de *cocktails* em casa dos Metzner, um passeio de homens no barco a motor de Paul Grobel (Paul usara uma *T-shirt* do Bob Marley da qual Jason estava deserto por fazer troça, mas sem Sam, a piada não funcionava). Não queriam que ninguém soubesse da quezília deles; todos fingiam que nada tinha acontecido.

Havia um aspeto engraçado: agora que Sam o odiava, era agora que gostava dele. Sam, o perfeito Sam, estava encurralado, como todos eles. Sentia-se mais próximo dele do que nunca.

Não era o género de Jason ser sentimental. Era frio, tinha essa consciência, mesmo relativamente à mulher e aos filhos. Amava Jen, pelo menos achava que sim, mas provavelmente o que mais amava nela era o facto de ser a mulher de Sam. Na primeira vez que dormiram juntos, naquele verão de há muitos anos, era em Sam que ele pensava, em como lhe tinha tirado

algo que lhe pertencia.

Sentia que este era o momento para começar de novo. Tinha quarenta anos. Tinha-se livrado de algo que poderia ter corrido mal. O seu casamento estava intacto, mesmo que eventualmente não devesse estar. Os filhos, enquanto crianças, estavam bem. O seu trabalho era rentável. Passara o último ano focado em Jen, Jen, Jen, mas agora era altura de se dedicar a outra coisa, embora não soubesse bem o quê. Talvez começasse a correr para participar numa maratona, ou voltasse a jogar ténis a sério. Lauren andara felicíssima a jogar ténis nesse verão, a ter aulas com Robert e estivera quase a vencer com Jen aquele maldito torneio de ténis. A nova amizade delas deixava-o perplexo, mas não poderia fazer tal comentário com Lauren, senão ela matava-o.

Sim, eram tempos de mudança. Recomeçar do zero. Quando regressasse a Salcombe, no ano seguinte, seria um homem novo. O assunto Susan teria desvanecido, uma memória trágica de mais outro verão em Fire Island. Fazia parte do ciclo de vida da vila – os idosos, todos juntos, ao fundo da praia, a gabarem os netos, morreriam um a um. Jason já tinha visto aquilo acontecer. Quando era miúdo, os que estavam na casa dos oitenta anos, já tinham morrido. Os que estavam nos sessenta, teriam agora oitenta. Sam e o seu grupo, que neste momento estavam na força dos quarenta, com filhos, em breve ficariam com sessenta. E assim por diante. Susan teria ido na próxima leva, de qualquer forma, juntamente com Marie e Steve Pond, Betsy e Mike Todd, Bonnie e Richie Trimble. Em dez anos, ou estariam mortos, ou estariam em lares, e as suas casas amorosas de Salcombe ocupadas pelos filhos, ou pelos filhos dos filhos, ou por compradores recentes na vila que tivessem a sorte de as adquirir.

Jason estava a arrastar o grande carrinho de madeira – onde se podia ler parker escrito a letras vermelhas na parte de trás – até ao cais. Já era a segunda viagem; havia tanta coisa que iam levar para Nova Iorque: não fazia ideia de como era possível acumular tanto numa vila que não tinha lojas. Iriam apanhar o *ferry* das 13h00, o barco mais atolado do ano. Praticamente toda a gente da vila se ia embora naquele dia. Adeus, Salcombe. Voltaremos para o ano! Eventualmente, Jason sentar-se-ia ao lado de alguém aborrecido a fazer conversa de chacha durante a viagem até Bay Shore («Como foi o verão?», «Excelente! E o vosso?», «Fabuloso! Mas que triste, a Susan...»). Queria ter apanhado o *ferry* das 9h00.

– Levantamo-nos e vamos, assim evitamos aquela gente toda – dissera. Mas Lauren insistira que queria ir num barco que saísse mais tarde.

– Ainda preciso de arrumar coisas que quero levar – lamuriara-se Lauren. – A Jen quer que eu vá no das 13h00 com eles. E não estás propriamente a ajudar – concluía. Bom, ela tinha razão. Não havia nada que ele odiasse tanto como arrumar a casa no fim do verão. Era trabalhoso e deprimente, e por isso ele passava os últimos dias apenas a manter-se longe das arrumações de Lauren.

Era a última carga. A sua família já estava no cais, a socializar. Os

miúdos estariam finalmente calçados com sapatilhas a brincarem um com o outro dentro da pequena casinha do cais. Lauren estaria provavelmente a conversar num grupo que incluía Lisa e Emily, a trocaram comentários de última hora antes de se separarem durante o outono, inverno e primavera. Jason virou em Bay Promenade em direção ao cais, com a transpiração visível na parte da frente da camisa axadrezada. Estava calor para um Dia do Trabalhador; parecia julho, não setembro.

Ergueu os olhos e viu Sam vir na sua direção, também a arrastar o carrinho, claramente na mesma missão que ele. Estava com a sua indumentária de «viagem», isto é, roupa confortável de desporto elegante – uma camisola justa preta e uma *T-shirt* verde Kelly, provavelmente da APC ou de qualquer loja da moda do género. Sam sempre estivera mais na moda do que ele. Sempre fora mais tudo do que ele.

Quando chegaram perto um do outro, pararam, mesmo à frente da entrada do clube naval, com os veleiros alinhados na praia da baía do outro lado. Jason imaginou que pudesse ser um confronto. Desde aquela noite que não tinham estado os dois sozinhos. Sam fez um movimento para continuar, mas ele, por instinto, pôs-se à frente dele. Jason estava triste, lamentava aquilo tudo e não se sentia ele próprio.

– Sam, preciso de te dizer uma coisa – disse.

Sam piscou os olhos debaixo dos óculos.

– O quê? – acabou por dizer.

– Não foi por causa de ti. Foi por causa da Jen. Desculpa – disse Jason, que estava a mentir. Mais ou menos. Mas soube-lhe bem dizê-lo.

– És um sacana. És tão sacana – disse Sam, com uma voz baixa e a tremer.

Havia outras pessoas a caminhar na direção deles. Ninguém conseguia ouvir o que eles diziam.

– Eu sei – afirmou Jason. – Sempre soubeste isso! Tu *conheces-me*. Sou simplesmente assim.

Sam suspirou.

– Nunca mais nada vai ser igual. Estragaste absolutamente tudo. Este sítio nunca mais vai ser o mesmo. E nós os dois também não.

O sol batia na cabeça de Jason. Sentia o cabelo quente.

– Sam, lembras-te de quando éramos miúdos e andávamos os dois de bicicleta pelos passadiços? Eu fechava os olhos e tu guiavas-me: esquerda, direita, esquerda, direita, certificando-te de que eu não caía?

Sam acenou com a cabeça.

– Acho que foi o mais próximo que estive de alguém em toda a minha vida.

Naquele momento apareceu Brian, que vinha sozinho a caminhar pesadamente. Vestia calças caqui e uma camisa azul da Lacoste, a sua indumentária de viagem no *ferry*.

– Boas, rapazes, estou a interromper alguma coisa importante? A carteira

de alguém sofreu uma rutura? – perguntou, numa gargalhada.

– Não. Só a levar a última carga para o cais – disse Jason, recompondo-se. – Até já, rapazes – despediu-se, sem olhar para trás.

Jason levou o carrinho até ao cais, contornando grupos de pessoas que estavam à espera do *ferry*, e colocou as malas em frente da área do carregamento da mercadoria do barco. Quando o *ferry* chegou, teve cuidado para que todas ficassem lá dentro; em mais do que uma ocasião, já tinham chegado a Bay Shore e descoberto que uma das malas havia ficado na ilha, o que irritara bastante Lauren (de alguma maneira, era sempre a mala com as suas roupas que ficava para trás).

Lauren estava exatamente onde ele esperava que estivesse – sentada num banco, junto das amigas, todas com óculos de sol enormes idênticos, uma fila de joaninhas bonitas. Viu Brian Metzner, que conversava com Paul Grobel. Paul usava o que parecia ser umas calças capri para homem, exibindo os tornozelos peludos. Beth Ledbetter acompanhava o marido, Kevin, dando-lhe orientações em voz alta para largar as malas e trancar o carrinho:

– Agora! – gritou.

Erica Todd e Theo Burch ocupavam outro banco, com os filhos sentados à frente deles em cima de uma mala de viagem. E estavam os Pond e os Trimble e Jeanette Oberman, sozinha e a falar ao telemóvel com um motorista:

– Sim, venha ter connosco ao terminal de Salcombe. s-a-l-c-o-m-b-e. Não se pronuncia o «b» – dizia.

Era sempre Greg quem conduzia. Micah encontrava-se junto dos pais, a mexer no telemóvel. Claire Laurell estava com as três filhas, a torrar ao sol. E também estava Rachel, à parte de todos, parecendo perdida. Ela acenou com a cabeça a Jason quando ele passou. Onde é que ela tinha estado escondida?

Jason foi procurar Arlo e Amelie na casinha do cais. Encontrou-os a brincar com Lilly, Ross e Dara, a um jogo qualquer em que batiam à vez nas costas uns dos outros. *Tanto faz. Eles que se divirtam*, pensou. Voltou para junto das malas de viagem, pegou no telemóvel e tentou concentrar-se nas notícias, mas estava muita luz e não conseguia ler nada. Levantou a cabeça e viu Jen e Sam ali perto, Jen com o seu vestido-camisa com riscas azuis e brancas, aquele com que Jason troçara, dizendo-lhe que ela parecia um marinheiro francês. Estavam a conversar sobre qualquer coisa, com Sam a falar-lhe ao ouvido. Jen parecia agitada, puxando a manga de Sam e com a sua única ruga da testa vincada. Jason questionava-se sobre o que é que eles estariam a discutir. Sam saiu apressado de ao pé dela e dirigiu-se a ele, a poucos passos de distância. Agarrou-lhe no braço e puxou-o para o lado, afastando-o da multidão.

– Sai daqui – disse Sam, com um tom de urgência.

Jason ficou confuso. Daqui de onde?

– Vai-te embora do cais. Vai para casa. Alguma coisa está prestes a acontecer, mas eu não quero que aconteça aqui.

Ele não estava a perceber.

– O que é que vai acontecer?

– Vai-te embora agora, já.

– Não posso. O *ferry* está a chegar. Vamos para Nova Iorque.

– Vai! – afirmou Sam, empurrando-o, mas ele não se mexia. Que merda é que estava a acontecer? Sam tinha tirado os óculos de sol, parecia que tinha lágrimas nos olhos. – Não digas nada – disse Sam. – Nega tudo. Não te vai acontecer nada. A questão não é essa.

Jason ouviu uma confusão. Todos no cais estavam a falar ao mesmo tempo, todas as pessoas da vila de Salcombe aos gritos. Vinham três polícias do condado de Suffolk a aproximar-se do grupo, dividindo as pessoas ao meio como se fosse o mar Vermelho. Jason ficou paralisado, como se tivesse pesos nos pés. Estava com tanto calor que achou que ia desmaiar.

– É sobre a Susan! – ouviu alguém gritar. Algumas pessoas arquejaram. Bonnie Trimble caiu nos braços de Richie, e Marie Pond começou a abanar-se com um lenço.

Jason viu Lauren levantar-se e olhar para ele. Arlo e Amelie estavam junto dela.

Um dos polícias, um tipo novo, com sardas e um bigode farfalhudo, aproximou-se dele. Os outros dois ficaram ao seu lado, com as mãos atrás das costas.

– Jason Parker?

Ele acenou com a cabeça. Aquilo não podia estar a acontecer. Toda a vila estava a ver. Os seus filhos estavam a ver.

– Precisamos de que venha connosco. Agora.

Não queria perguntar, mas sabia que o tinha de fazer.

– Porquê?

Depois, apareceu Sam, e colocou-se junto dele.

– Sam! Não! – Jason ouviu Jen gritar.

– Sou o advogado dele – afirmou Sam. – Vou com ele.

O polícia encolheu os ombros.

– Como queira. Vamos. Levamos-vos de carro pela ponte até à esquadra.

Voltaram-se e passaram pelas pessoas da vila, que estavam umas ao lado das outras como se estivessem alinhadas num jogo, todas estupefactas, todas em silêncio. Chocadas. Espantadas. Excitadas. Jason Parker a ser interrogado sobre a morte de Susan Steinhagen? Era demasiado. Lauren ficou lá, pálida, com os filhos. A sua vida tinha acabado. A abelha-rainha tinha sido abatida. Beth Ledbetter sorria maliciosamente.

– Oh, meu Deus – disse Jeanette Oberman. Theo Burch estava abalado. Rachel Woolf pôs a mão na boca, quase a cair, sendo amparada por Brian Metzner. O presidente da Câmara, O’Connell, parecia aliviado: pelo menos agora deixariam de lhe atribuir a culpa.

Jason e Sam caminhavam lado a lado pelo cais, atrás da polícia, como se fossem para o altar. Ou para a força.

Micah Holt

Micah Holt sentia-se enjoado. Ia no banco de trás do Lexus SUV dos seus pais – estavam a levá-lo do terminal do *ferry*, em Bay Shore, para a faculdade em New Haven, a cerca de duas horas de viagem. Mais do que tempo para Micah confessar tudo e desencadear uma cadeia que, com toda a probabilidade, seria a desgraça de Salcombe.

– Nem acredito que o Jason Parker foi preso por ter assassinado a Susan – comentou a mãe de Micah, Judy, abanando a cabeça empaticamente no banco da frente. Judy tinha cinquenta e três anos e nesse verão, pela primeira vez, Micah reparou na sua idade. As linhas do pescoço estavam a ficar mais fundas, e havia uma nova flacidez na área por baixo do queixo. Deixava-o deprimido.

– Mãe, ele não foi «preso», foi levado para interrogatório por causa da morte da Susan, que ninguém ainda confirmou que tenha sido um assassínio – refutou Micah. Também estava a ficar mais estúpida?

Revolveu os factos dentro da sua cabeça, tentando encontrar a melhor maneira de os expor aos pais.

Pensou na noite em que Susan morrera. Primeiro, tinha visto Lauren Parker e Jen Weinstein com lanternas à procura de qualquer coisa nos *courts* de ténis. Um pouco mais tarde, com Willa, levava Harry Higgins por Lighthouse Road, como se fossem dois guarda-costas que o protegiam de uma possível queda para fora dos passadiços. Larry falava consigo mesmo sobre os filhos, Peter e Lee, que eram cerca de quinze anos mais velhos do que Micah.

– O meu Peter e o meu Lee são as minhas desilusões – comentara, com voz arrastada e sem consciência de que ele e Willa ainda estavam junto dele no escuro. Larry continuara: – É engraçado o Robert ter tido a mesma ideia que o Dave.

Willa deu um beliscão a Micah.

– E que a Susan andasse atrás dos dois – rematara, ficando depois em

silêncio. Conseguiram levá-lo para dentro de sua casa com um leve empurrão na porta (pouca gente trancava as portas em Salcombe, mesmo à noite).

Na manhã seguinte, Micah acordara maldispuesto e cansado com a sirene da vila. E depois Susan estava morta. «Um acidente.» Uma tragédia infeliz, diziam as pessoas, um misto de uma má decisão de uma mulher idosa com planeamento urbano de fraca qualidade. Micah sabia que não era bem assim. Talvez Susan se tivesse envolvido, de alguma forma, em todos aqueles casos conjugais. Talvez Robert a tivesse matado quando ela descobriu que ele andava a roubar.

No fim do verão, ainda com calor, Micah voltara para Yale, uma semana depois de Susan ter morrido. Instalara-se na sua casa fora do *campus*, matriculara-se nas aulas e começara a planear o semestre seguinte em Madrid. Mas estava aturdido. Uma mulher tinha sido assassinada? Por pessoas que ele toda a vida conhecera? Sentia-se uma pessoa completamente diferente daquela que terminara as aulas em junho passado. Mais velho e amargurado. Tinha saudades de quando era criança e de pensar que os adultos o protegiam.

Regressara a Salcombe supostamente para ajudar os pais a organizar a casa para o ano seguinte, mas era mais do que isso. Não conseguia parar de pensar em Susan, e estava obcecado com a ideia de quem é que lhe poderia ter feito mal. Passara o fim de semana a observá-los – Robert e Lauren a namoriscarem no bar durante o Espetáculo do Dia do Trabalhador, Jen e Sam a aparentarem estar felizes novamente, Jen e Robert a arquitetarem um qualquer plano, longe dos seus ouvidos. Todos pareciam cúmplices. Talvez até ele próprio.

Nesse dia, no cais, durante toda aquela confusão, trocara olhares com Silvia, a ama dos Parker. Ela estava atrás de Arlo e Amelie, com as mãos pousadas sobre os ombros deles, a protegê-los enquanto viam o pai a ser levado pela polícia. (Micah tinha pena dos miúdos, privilegiados como eram; Salcombe passaria a ser uma desilusão também para eles, graças ao comportamentos dos pais.) Nunca falara com Silvia, mas via-a na vila há alguns anos, com um ar miserável a pedalar o triciclo de adultos. Micah perguntava-se como é que ela se sentiria ali. Quando Jason passou, ela levantara o sobrolho na direção de Micah; claramente ele não era o único a saber mais do que devia.

Seguiam pela Interestadual 95 e o pai tinha posto a tocar Paul Simon. Micah recordou-se dos verões da sua infância, com a «Diamonds on the Soles of Her Shoes» a tocar enquanto os pais dançavam no terraço das traseiras da casa de Salcombe. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. No banco de trás, observou com atenção a cabeça dos pais: os caracóis da mãe e a careca do pai. Ele amava-os tanto. Pegou no telemóvel e viu que tinha uma mensagem não lida de Ronan. Há séculos que não sabia nada dele. Abriu-a.

que convivêssemos no próximo verão em Fire Island. Voltaremos para o ano, certo?
Beijos

Micah leu-a novamente. E de novo. E de novo, ainda. Naquele momento, decidiu que ia esquecer tudo. Não contaria a ninguém. Não poderia fazer isso à vila. À *sua* vila. Aos pais. A si próprio. Teria de viver com o conhecimento dos factos, o que poderia ser o seu castigo. Mas arranjaria maneira de se redimir. Sabia que a Escola de Gestão de Yale era direccionada para temas que causassem impacto social – talvez pudesse assistir a algumas aulas nesse outono e usar o curso para fazer o bem, em vez de ser uma porta de entrada para a Goldman. E estava empolgado com Madrid, mas não era demasiado tarde para trocar de destino – tivera conhecimento de um curso na Jordânia onde podia estudar direitos humanos e ajudar na luta contra a opressão. Era novo, tinha tempo.

Sim, Micah poderia escolher outro caminho. Deu um suspiro profundo enquanto a canção terminava: *Well, that's one way to lose these walking blues, diamonds on the soles of her shoes*. E respondeu a Ronan.

Tudo bem, eu percebo. Não estarei em Salcombe no próximo verão – acho que ambos temos coisas para pensar. Espero que nos encontremos novamente noutra vida.
Beijos, M.

Epílogo



Robert Heyworth andava nas nuvens. Há dois meses que vivia no seu novo apartamento, em Chelsea, e trabalhava no apartamento de Larry, no Upper East Side. Adorava a nova casa, um T1 moderno com uma cozinha Poggenpohl na Twenty-first Street. Adorava viver em Nova Iorque, a energia da cidade, o facto de todos os bares abundarem com mulheres atraentes que olhavam para ele. Mas o que mais adorava era *não* ter de jogar ténis para pagar as contas. Só percebeu o quão saturado estava depois de ter parado. Agora sabia que não voltaria atrás, que não voltaria a ensinar pessoas que faziam serviços da treta, ou de lhes dizer para não fazerem *swing* nos *volleys*, proferindo «de baixo para cima!». Já havia sido demasiado tarde, a última vez que dissera essas palavras.

Gostava de trabalhar com Larry, o resmungão adorável que o estava a ensinar a gerir o fundo de investimento da família. Não era assim tão complicado. Robert tinha andado em Stanford, mas no final do verão quase se esquecera disso.

Não gostava de pensar em Salcombe, mas Larry arranjava sempre maneira de puxar esse assunto. Nunca mais voltaria àquela vila. Àquela pequena casa degradada, àquele clube naval diabólico, àquela gente de má, péssima índole. Aquele trabalho tinha cumprido o seu propósito – agora estava encaminhado para uma nova carreira, e tinha dinheiro suficiente no banco para pagar a renda o ano inteiro. Certamente que aqueles dezasseis mil dólares tinham ajudado, embora com consequências.

O dia estava a meio, e ele ia buscar almoço para ele e para Larry – talvez comprar qualquer coisa no Dig Inn em Lexington. Estava uma temperatura outonal agradável; Robert vestia uma camisola leve de algodão e calças de ganga escuras gastas. Sabia que estava bonito pelo modo como as mulheres do Upper East Side olhavam para ele. Virou na Eighty-ninth Street e esbarrou com alguém que ia apressado.

– Ei! – disse ela com irritação e levantando a cabeça. Era Lauren.

A barriga de Robert encolheu-se.

– Robert! – disse Lauren, a sorrir, tomando depois consciência de si.

– Como estás? – perguntou ele.

O seu cabelo estava liso e brilhante e vestia uma camisola uns tamanhos acima, deixando um dos ombros delicados à mostra. Ele sentiu a habitual atração por ela.

– Estou bem, sabes como é... – respondeu, baixando o tom.

Larry tinha-lhe contado que ela e Jason haviam vendido a casa de Fire Island e comprado uma nova nos Hamptons. Jason tinha sido ilibado da morte de Susan – com a ajuda de Sam: ele não disse nada, e eles não tinham provas. Mas os Parker não voltariam a recuperar da detenção no cais naquele dia. («Eu sabia que aquele Jason Parker era um pulha», dissera Marie Pond certa vez, agora uma frase frequentemente repetida.) Era o que Jen andara a planear. Ela fizera uma chamada anónima para a polícia a dizer que Jason estava em Neptune naquela noite. Dissera-lhes que o encontrariam no cais, às 13h00, hora em que o barco partiria. Depois, tinha pedido a Lauren para esperar por ela para que fizessem a viagem juntas, afirmando que precisaria do seu apoio emocional. No último minuto, Sam tentara estragar o plano, mas já era demasiado tarde. A polícia chegara a horas e Jason tivera de fazer a marcha do criminoso em frente de toda a vila.

– E tu, como estás? – perguntou Lauren. – O trabalho está a correr bem? Gostas do teu apartamento?

– Sim, está a correr tudo bem – respondeu Robert. Era estranho falar com ela assim. Causava-lhe um certo ressentimento.

– Que bom – disse ela. – Sabes que vendemos a nossa casa?

– Sei.

– Comprámos outra em East Hampton. É melhor para mim estar lá. É mais a minha cena – afirmou ela, sem convicção, esquecendo-se de que Robert a conhecia muito bem.

– Fico feliz por ti – disse Robert.

– E eu também fico feliz por ti – respondeu Lauren. Houve uma pausa desconfortável. Ela olhou para o telemóvel, que estava a agarrar com firmeza. – Soubeste do Sam e da Jen?

Robert acenou com a cabeça. Sam e Jen estavam a divorciar-se. Obra de Sam. Um choque para todos. Aparentemente, Jen ficaria com a casa de Salcombe. De todos eles, era a única que regressaria no verão seguinte. Robert também soube que Rachel Woolf aproveitara todas as mudanças para ir para a Califórnia, perto das irmãs. O fim de uma era.

Ficaram os dois ali durante um momento, sem saberem como terminar a conversa.

– Bom, tenho de ir à escola buscar o Arlo e a Amelie. A Braeburn ainda fica a alguns quarteirões de distância e não me quero atrasar. Mas foi bom ver-te – disse Lauren.

– Sim, foi bom ver-te, também – disse Robert. A ideia de continuar em Nova Iorque o caso que tinha com ela dava agora vontade de rir. Aqui, parecia muito mais velha do que ele. Lauren deu-lhe um abraço rápido e desastrado, e

o seu perfume intenso e intoxicante inundou-o. Depois, seguiu para oeste, a caminho da sua vida.

Robert sentiu-se um pouco tonto com aquela interação. Recordou-se daquela viagem de barco, do início do verão, de a ver sentada junto a Rachel e de como ela lhe lembrava Julie. E de ter falado com ela nessa noite, e da excitação que fora tocá-la pela primeira vez.

Desorientado, ficou na fila do Dig Inn, juntamente com outros trabalhadores atarefados. Perguntou-se quão diferente tudo seria se não tivesse conhecido Lauren naquele dia. Se tivesse cumprido o seu trabalho respeitosamente em Salcombe e se não se tivesse envolvido nos dramas da vila.

Pagou o almoço e saiu para o sol brilhante do meio-dia, caminhando pela Park Avenue em direção ao apartamento de Larry, passando por mãos donas de casa a empurrar carrinhos da UPPAbaby e a beber *lattes*, por velhotes sentados nos bancos a ler o *New York Times* e por amas a puxarem pela mão crianças de três anos aos gritos. O ar estava fresco e ele sentia-se livre.

Bem, mais ou menos livre. Porque como as melgas de Salcombe, que se escondiam num canto da sala, não se conseguia livrar daquela noite. Via-a quando fechava os olhos. Vi-a enquanto tomava duche. E vi-a neste momento, neste belo dia em Nova Iorque.

Depois de ter levado Rachel a casa, que estava a coxear e assustada, e ter ido buscar a bicicleta dela, voltara para Neptune para procurar o caderno de registos. Tinha visto Susan cair e ouvira Sam dizer que ela estava morta, por isso esperava que fosse uma operação fácil. Nem queria acreditar na sua sorte. No meio da chuva e do vento, correrá para o local onde Susan tinha caído. E lá estava ela. Tinha a bicicleta em cima e não se mexia. Robert saltou para fora do passadiço e aterrou perto de Susan, ligando depois a lanterna do telemóvel para procurar a prova. Ali, debaixo passadiço e a apenas a uns centímetros dela, estava o caderno de registos, molhado, mas intacto. Pegou rapidamente nele e começou a subir para o passadiço, tendo ouvido naquele momento um barulho. Virou-se e viu-a, ainda debaixo da bicicleta, a mexer com dificuldade um braço. Ele paralisou. Os olhos de Susan estavam abertos e a olhá-lo, embora metade da cara estivesse com uma roda em cima.

Não sabia o que fazer. Deveria ajudá-la? Ela iria denunciá-lo. E a sua vida acabaria. Estava tão perto de ganhar.

Dobrou-se e ajoelhou-se junto dela. Ela estava a tentar dizer qualquer coisa. Robert pensou no seu falecido pai, um polícia. Pensou na sua mãe, que estaria cheia de saudades dele, na Florida. Depois, levantou-se e despiu o polo de ténis do Clube Naval de Salcombe encharcado. Com cuidado para não tocar no resto do corpo de Susan, colocou-lho por cima da boca e nariz, mantendo-o lá gentilmente. Os olhos dela acenderam-se com medo; durante uns momentos, Robert pensou que poderia oferecer resistência. Mas, em vez disso, fechou-os brandamente, como se fosse dormir uma sesta na praia. A

chuva e o vento estavam a cobri-los, e ninguém passara ali. Só alguns minutos depois é que sentiu o corpo dela a relaxar. Estava a fazer-lhe um favor. Como matar um veado ferido.

Voltou a vestir o polo, subiu para o passadiço e pegou na sua bicicleta, que tinha deixado onde Rachel caíra. Escondeu o caderno de registos perto das vigas do teto de sua casa. Tinha pensado destruí-lo, mas depois achou melhor guardá-lo, caso o Comité de Ténis lhe perguntasse por ele quando o verão chegasse ao fim. Não o *ter* consigo seria ainda mais suspeito, e nenhum deles sabia o que Susan tinha descoberto. Depois, cortou o polo aos bocadinhos e deitou-os no lixo.

As semanas seguintes tinham sido uma tortura. Estava convencido de que a polícia o vinha prender a qualquer momento. Porém, a cada dia que passava, sentia-se mais leve e mais esperançoso. Adequadamente fingira que estava triste por Susan, continuara a dar aulas e acertara com Larry os pormenores do trabalho que começaria no outono. Depois, Sam e Jen tinham aparecido com o plano de implicar Jason, e fora aí que percebera que ficaria livre de tudo.

Acenou ao porteiro do edifício onde Larry tinha uma *penthouse* na qual vivia e trabalhava, e apanhou o elevador. A vista do apartamento era fabulosa. Quase se podia ver Salcombe, dissera Larry em jeito de piada, quando Robert lá fora pela primeira vez. Quase, mas não exatamente.

Agradecimentos

Gostaria de expressar os meus mais profundos agradecimentos...

Ao meu marido, Charles, por acreditar em mim e no livro, e por tomar conta dos miúdos enquanto eu o escrevia, antes de «ele» ser mais de um documento Word com o qual me divertia. És o companheiro e pai mais extraordinário de sempre. E, sim, tu tiveste a ideia da tempestade, mas tudo o resto foi ideia minha!

À minha mãe, Barbara, pelo seu amor e apoio permanentes e inabaláveis, e por partilhar connosco todos os verões a sua «casa muito bonita com telhado *shingle* azul». Desculpa-me por ser tão desarrumada. Aos meus leitores: por favor, comprem mais dez exemplares para conseguirmos ter dinheiro para deixar a minha mãe em paz na sua casa (muito arrumada).

Ao meu pai, «o presidente da Câmara», que sempre foi o meu maior fã e que me diz há muito que tenho de «escrever um livro». Por isso, finalmente fi-lo só para o calar (não te deixei ler o primeiro rascunho porque sabia que, se alguém te perguntasse por ele e já tivesses bebido um Martini, ias estragá-lhes o final).

À minha irmã, Casey, a minha melhor amiga e a melhor parceira de ténis que, quando leu a primeira versão, disse entusiasticamente: «Não só *não* é mau, como é fantástico!» Não saberia o que fazer sem ti. E a Jared e Jude, Olive e Sully, também.

Ao meu irmão, Ari, que esteve sempre disponível para mim, e que me disse que seria bom se introduzisse algumas cenas de sexo no livro porque «as mulheres vão gostar». Espero que tenhas razão. Normalmente, tens sempre razão. E a Julie e à bebé Kai, que estou ansiosa por conhecer.

À minha família em Inglaterra – Linda, Marcus, Alice, Lee, Daisy e Olive – que, mesmo de longe, me apoiaram da maneira mais amável possível.

À minha agente fabulosa, Alexandra Machinist, que me enviou um *e-mail* transformador no dia 1 de abril, no qual disse que o meu rascunho era a «leitura de verão perfeita». A 20 de abril, ela tinha vendido o livro. És um génio, e tenho muita sorte em ter-te ao meu lado. Vou guardar esse *e-mail* para sempre.

À minha agente que tratou da parte de o livro ser adaptado à televisão, Josie Freedman, que conhece tudo e toda a gente em Hollywood, a quem agradeço a paciência com que navegámos no processo dos direitos. Estou muito empolgada por continuar, sem parar.

À minha agente de topo do Reino Unido, Cathryn Summerhayes, que, depois de me ter conhecido, me disse que eu era uma «escritora excepcionalmente inteligente», e vou adorá-la para sempre por causa dessa frase.

À minha editora, Megan Lynch, que, desde a nossa primeira conversa, soube que seria a melhor pessoa para dar vida a este livro. O ideal é ter um editor mais inteligente, mais amável e mais calmo do que o escritor, e foi isso que encontrei na Megan. Obrigada pelos comentários incisivos e pelo incentivo contínuo. Tornas tudo melhor.

À restante equipa maravilhosa da Flatiron Books: Kukuwa Ashun, Malati Chavali, Bob Miller, Nancy Trypuc, Marlena Bittner, Keith Hayes, Emily Walters, Claire McLaughlin, Katherine Turro, Jeremy Pink e Jason Reigal. Estou entusiasmadíssima por ter tido a melhor edição possível e muito agradecida pelo empenho que colocaram em *O Verão em que Tudo Correu Mal*.

À Jessica Leeke, a minha talentosa editora na Penguin Michael Joseph, pelas suas edições atentas e entusiasmo contagiante, e à restante equipa dedicada e amorosa da PMJ, incluindo Maxine Hitchcock e Louise Moore.

Ao meu chefe divertido e motivador, Bryan Goldberg, cujo orgulho que tem em mim só é ultrapassado pela inveja de não ter sido ele quem escreveu um romance primeiro (vais escrevê-lo, Bryan, tenho a certeza).

À restante equipa da BDG – Jason Wagenheim, Kimberly Bernhardt, Trisha Dearborn, Tyler Love, Kathy Kaplan e todos os outros –, por me animarem e por fazerem vista grossa mesmo que eu nunca, jamais, nem uma única vez, utilizasse o computador do trabalho para este projeto. E a Lindsay Leaf, cujos filhos têm os melhores nomes.

À Amanda Schweitzer, a minha melhor amiga desde o infantário e a primeira pessoa a quem dei a ler o rascunho. A tua reação positiva deu-me a confiança de que precisava, e o teu *e-mail* mágico pôs isto a andar. Fico-te eternamente agradecida por isso.

À Carole Sirovich, que conheço e admiro desde sempre, e de quem eu jamais, nunca na vida, fugiria pelo passadiço.

Aos residentes de Saltaire, pela vossa tolerância e sentido de humor. Voltaremos todos para o ano!

Contents

1. Ficha Técnica
2. Prólogo
3. PARTE I
 1. 1 Lauren Parker
 2. 2 Robert Heyworth
 3. 3 Rachel Woolf
 4. 4 Micah Holt
 5. 5 Jason Parker
 6. 6 Silvia Mabini
4. PARTE II
 1. 7 Lauren Parker
 2. 8 Beth Ledbetter
 3. 9 Sam Weinstein
 4. 10 Robert Heyworth
 5. 11 Paul Grobel
 6. 12 Jen Weinstein
 7. 13 Micah Holt
5. PARTE III
 1. 14 Rachel Woolf
 2. 15 Jason Parker
 3. 16 Lisa Metzner
 4. 17 Robert Heyworth
 5. 18 Micah Holt
 6. 19 Susan Steinhagen
6. PARTE IV
 1. 20 Jen Weinstein
 2. 21 Robert Heyworth
 3. 22 Larry Higgins
 4. 23 A tempestade
7. PARTE V
 1. 24 Lauren Parker
 2. 25 Lisa Metzner e Emily Grobel
 3. 26 Rachel Woolf
 4. 27 Jen Weinstein
 5. 28 Brian Metzner
 6. 29 Sam Weinstein e Jason Parker
 7. 30 Micah Holt
8. Epílogo
9. Agradecimentos

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Preface](#)
5. [Acknowledgments](#)